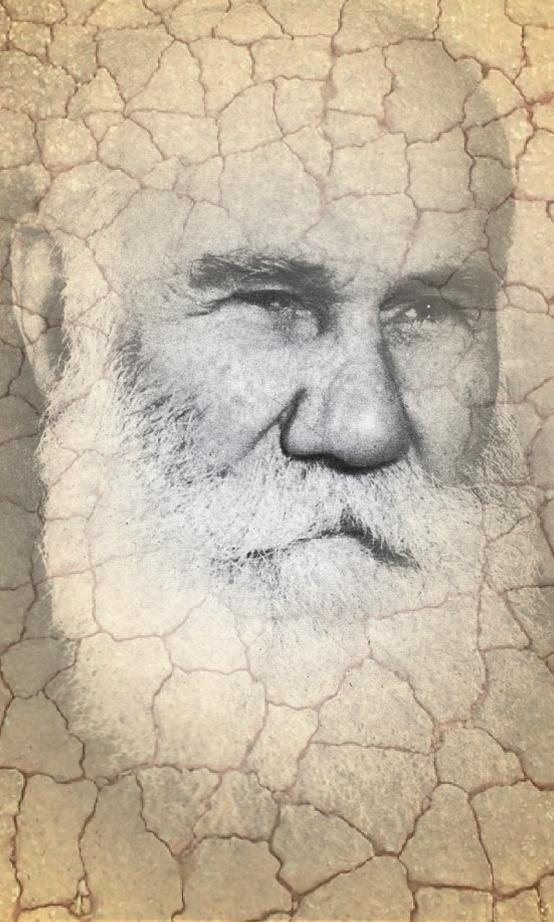


O LIVRO DE LAUZUN

ONDE COMEÇOU A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA



Coleção:

Labor

Laboratório de Estudos do
Trabalho e Qualificação
Profissional

ABBÉ GRANEREAU



Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Educação

Abraham Bragança de Vasconcellos Weintraub

Universidade Federal do Ceará – UFC

Reitor

José Cândido Lustosa Bittencourt de Albuquerque

Vice-Reitor

José Glauco Lobo Filho

Editora UFC

Diretor e Editor

Prof. Antônio Cláudio Lima Guimarães

Conselho Editorial

Presidente

Prof. Antônio Cláudio Lima Guimarães

Conselheiros

Prof^a. Angela Maria R. Mota de Gutiérrez

Prof. José Edmar da Silva Ribeiro

Abbé Granereau
(AUTOR)

Elenilce Gomes de Oliveira
Enéas de Araújo Arrais Neto
(ORGANIZADORES)

Paolo Nosella
João Batista Begnami
Thierry De Burghgrave
(REVISORES TÉCNICOS)

Antonio João Mânfió
José Eustáquio Romão
Atico Fassini
Thierry De Burghgrave
(TRADUTORES)

O LIVRO DE LAUZUN

onde começou a pedagogia da alternância



EDIÇÕES
UFC

Fortaleza
2020

O Livro de Lauzun: onde começou a pedagogia da alternância

© 2020 Copyright by Abbé Granereau

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Todos os Direitos Reservados

Edições UFC

Av. da Universidade, 2932 – Benfica – Fortaleza – Ceará

CEP: 60020-181 – Tel. (85) 3366.7766 (Diretoria)

3366.7499 (Distribuição)

Internet: www.editora.ufc.br – E-mail: editora@ufc.br

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Moacir Ribeiro da Silva

REVISÃO DE TEXTO

Leonora Vale de Albuquerque

NORMALIZAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Perpétua Socorro Tavares Guimarães – CRB 3/801-98

DIAGRAMAÇÃO

Adilton Lima Ribeiro

CAPA

Valdiano Araujo Macedo

Catálogo na Fonte

Biblioteca: Perpétua Socorro T. Guimarães CRB 3/801-98

G756l Granereau, Abbé

O Livro de Lauzun onde começou a pedagogia da alternância / Abbé Granereau; organização de Elenilce Gomes de Oliveira, Enéas de Araújo Arrais Neto; revisão técnica de Paolo Nosella, João Batista Begnami, Thierry De Burghgrave; tradução de Antonio João Mânfió, José Eustáquio Romão, Ático Fassini, Thierry De Burghgrave. – Fortaleza: Edições UFC, 2020.

296 p.

ISBN: 978-65-87371-01-6 (E-book)

1. Educação 2. Ensino 3. Pedagogia da Alternância I. Romão, José Eustáquio II. Mânfió, Antônio João III. Fassini, Ático IV. De Burghgrave, Thierry V. Título

CDU: 37.018.51

Editora Filiada à



Associação Brasileira das
Editoras Universitárias

Para meus irmãos camponeses.
Escrevi este livro
após tê-lo vivido.

SUMÁRIO

AO LEITOR	11
SIGLAS	21
CARTA DE SUA EMINÊNCIA O CARDEAL FELTIN	23
CARTA DE M. JEAN BROGLIE	25
PREFÁCIO	27
CAPÍTULO I – O FUNDADOR	29
A GERAÇÃO DE MEU PAI.....	29
A GERAÇÃO DO MEU IRMÃO.....	35
CAPÍTULO II – SÉRIGNAC PÉBOUDOU: o berço	63
PEYRAT.....	63
A LEI LIBERTADORA.....	67
A “FÓRMULA DE LAUZUN”.....	69
O S.C.I.R. ENTRA EM AÇÃO.....	71
“ALGO QUE VAI MUDAR TUDO ISSO”.....	75
O MÉTODO DE LAUZUN.....	81
O CURSO DO SENHOR PEYRAT.....	82
ELES RETORNARÃO?.....	86
COOPERATIVA DA AMEIXA.....	98
SEGUNDO ANO DE SÉRIGNAC-PÉBOUDOU.....	102
JORNADA FAMILIAR SINDICAL (25 DE ABRIL DE 1937).....	105
CAPÍTULO III – FUNDAÇÃO DA CASA FAMILIAR DE LAUZUN	111
A TRANSFERÊNCIA PARA LAUZUN.....	111
DEVO IR A LAUZUN?.....	118
PARA SALVAR A IDEIA.....	120
A CASA FAMILIAR.....	124
MUDANÇA DE PROFESSOR: SENHOR LAURENT.....	130

CAPÍTULO IV – VIDA DA CASA FAMILIAR (PRIMEIRO ANO 1937-1938)	141
“LOU CACAROT”.....	141
CRIAÇÃO DAS JORNADAS RURAIS FEMININAS	142
O JORNAL	144
A J.A.C.	148
O ACOLHIMENTO DOS LAUZONIANOS	150
A VIDA INTERNA DA CASA FAMILIAR.....	153
OS ALUNOS E SUAS RESPONSABILIDADES	162
PRIMEIRO DIA DE ENCONTRO	177
OS VISITANTES.....	185

CAPÍTULO V – A IRRADIAÇÃO DA CASA FAMILIAR (SEGUNDO ANO 1938-1939)	189
AMPLIAÇÃO DOS QUADROS	191
PRIMEIRA TENTATIVA DE IMITAÇÃO NA GIRONDE	197
PROBLEMA DO “NAMORO”.	197
EXPERIÊNCIAS DE LAUZUN	202
UM ENSAIO DE EDUCAÇÃO CAMPESINA.....	209
NOVA UNIDADE ESCOLAR. O ESPÍRITO NOVO	211
PREMIADO PELA ACADEMIA FRANCESA.....	216

CAPÍTULO VI – APESAR DA GUERRA, A CASA FAMILIAR AGUENTA (1939/40)	217
A GUERRA: IREMOS AGUENTAR	217
PRIMEIRA PROVA DO DIPLOMA DE APRENDIZAGEM AGRÍCOLA	223
PRIMEIRA JORNADA-ENCONTRO COMUM	226
EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS DE COSTURA	229
A VISITA DO MONSENHOR RODIÉ.....	231
A QUEDA DA FRANÇA.....	232
NOVO ASPECTO DA CASA FAMILIAR	233
O ARMISTÍCIO.....	233

CAPÍTULO VII – A CASA FAMILIAR DE LAUZUN, PRIMEIRA ESCOLA CAMPONESA INTEGRAL

(1940-1941)	235
A CASA FAMILIAR DAS MOÇAS	235
O SOCORRO NACIONAL	239
RETORNO DO SENHOR CAMBON	241
OS DA CIDADE.....	243
OS SERÕES COMUNS	247
FÓRMULA DE LAUZUN 1940	249

CAPÍTULO VIII – DE LAUZUN O FUNDADOR LANÇA O MOVIMENTO NACIONAL DAS CASAS

FAMILIARES DA FRANÇA	251
FUNDAÇÃO DA CASA FAMILIAR DE VETRAZ-MONTHOUX	251
O PROPAGANDISTA: FRANCE PIERRE COUVREUR	255
AS APROVAÇÕES OFICIAIS.....	259
OS CASAMENTOS	262
AS SESSÕES DE QUADROS (AGOST-SET.1941)	264
FUNDAÇÃO DA UNIÃO NACIONAL DAS CASAS FAMILIARES DA FRANÇA.....	268
A ALDEIA FAMILIAR	270
A ESCOLA DE QUADROS FEMININOS DE MALAUSE	273
A TEMPESTADE DE LAUZUN	276
“NÓS TAMBÉM SOMOS SEUS FILHOS”	283
A PARTIDA PARA A GRANDE AVENTURA	283

POSFÁCIO	285
-----------------------	-----

AGRADECIMENTOS	293
-----------------------------	-----

AO LEITOR

Abbé Granereau (pronuncia-se **Granerô**), autor deste livro, é um sacerdote francês, Padre Granereau. Seu nome completo é Abbé Pierre-Joseph Granereau.

Nasceu em 02 de janeiro de 1885, em Puysserampion, pequena cidade do sudoeste da França. Filho de agricultores, desde os 15 anos estudou em regime de internato no seminário para ser padre. Foi ordenado em 1909. Militante do sindicalismo com-pônês, criou, em 1935, a primeira Casa Familiar Rural (ou Escola da Família Agrícola) em regime de **alternância**, interligando, orgânica e pedagogicamente, o espaço escolar com o extraescolar. Durante sua longa vida (102 anos), lutou para aperfeiçoar, defender e difundir, na França e no mundo, esse novo sistema, diferente do modelo escolar urbano tradicional. Como pároco, havia compreendido que o homem do campo precisava de uma escola apropriada à sua situação e focada no desenvolvimento de seu território. Escreve:

no contato íntimo com a terra, no trabalho familiar no campo, pouco a pouco, compreendi tudo que havia de poderosamente grande na vida camponesa e também aquilo que lhe faltava (neste, p. 38).

Faleceu em julho de 1987.

O livro de Lauzun (pronuncia-se **Lozã**) é um grande diário que o autor escreveu aos poucos: reuniu e organizou notas, observações, análises, propósitos e projetos, relatos de encontros com agricultores, com autoridades, com técnicos; anexou cartas enviadas e recebidas, atas de reuniões, programas didáticos, legislação; retratou momentos de conquistas e outros de frustrações etc., tudo referenciado à criação e expansão das escolas da Pedagogia da Alternância, as *Maisons Familiales Rurales* (MFR).

Quando publicou o livro, *Le livre de Lauzun*, em 1969, tinha 84 anos.¹

Para o movimento da Pedagogia da Alternância este livro é, metaforicamente, o ‘Evangelho’, isto é, o documento testemunhal do espírito e dos acontecimentos dos anos iniciais de uma longa, rica e complexa história do movimento em favor de um novo sistema escolar. O leitor estará folheando páginas (algumas) aparentemente ingênuas, por exemplo, quando o autor, muito religioso, recorre a motivações espirituais para superar dificuldades materiais, concretas, sociais e políticas. Na verdade, trata-se de um quadro de vivas cores, uma história que retrata o pioneirismo de um grande movimento de educação do fim do século XIX até os anos de 1960 do século XX.

O livro testemunha, em marca d’água, a revolta do mundo camponês europeu dos anos de 1930, considerado atrasado, ultrapassado, que simplesmente devia ser abandonado, esquecido. Só a cidade representava o desenvolvimento, a modernidade, o progresso, a ciência, a tecnologia e a boa escola. Hipocritamente, a sociedade em geral simulava (e simula) simpatia para o homem do campo, mas, no fundo, o subestimava, o desprezava, enquanto se apropriava de seus deliciosos e essenciais produtos em troca de quinquilharias: entre essas, uma pobre escola enaltecida dos valores urbanos.

A maior tristeza para o autor era perceber que a própria sociedade camponesa acreditava nessa falácia continuamente repetida:

teu filho é inteligente; é preciso não deixá-lo atrás das vacas... é preciso pô-lo para estudar... será melhor que tu... Ele terá um belo futuro. E, sempre crentes, os pais confirmavam: - Nosso filho é inteligente, faremos dele um sábio. Infelizmente, ele aprenderá tudo, exceto a ciência da terra. (...). Partindo para estudar no

1 Houve uma segunda edição: *Le livre de Lauzun- Une histoire des premières Maisons familiales rurales*. Prefácio e notas biográficas de Patrick Guès. Ed. L’Harmattan, Paris, 2007. Nossa referência é a 1ª edição de 1969. O subtítulo é acréscimo desta edição brasileira.

grande centro urbano, o jovem camponês tornava-se quase sempre orgulhoso de si próprio e, rapidamente, passava a olhar de cima para baixo aqueles que continuavam muito ‘bestas’ permanecendo no campo. Quantas vezes, ele próprio envergonhou-se de sua origem! Dessa forma, o mundo rural estava sendo usurpado do que tinha de melhor em inteligência e de suas potenciais lideranças! (neste, p.p. 35-36).

Os sindicatos, as escolas, as empresas, os bancos, o comércio, os serviços das modernas cidades industriais preparavam, de diferentes maneiras, seus quadros intelectuais orgânicos, seus administradores, chefes, operadores, enquanto o campo só ‘ensinava’ a labuta de sol a sol, isto é, só ensinava aos jovens camponeses que seu destino era de serem explorados sem reagir, sem projetar para si um moderno desenvolvimento próprio.

Em outras palavras, em 1932, Antonio Gramsci escrevia:

A massa dos camponeses, embora desenvolva uma função essencial no mundo da produção, não elabora seus próprios intelectuais ‘orgânicos’ e nem ‘assimila’ nenhuma camada de intelectuais ‘tradicionais’, enquanto outros grupos sociais retiram da massa dos camponeses muitos de seus intelectuais e grande parte dos tradicionais seja de origem camponesa (Caderno do Cárcere n.12, parágrafo 1º).

Pierre-Joseph Granereau, ciente disso, pretendeu justamente criar uma escola camponesa própria, de elevada qualidade moral e técnica, para formar uma nova cepa de dirigentes, chefes, que liderassem o desenvolvimento do território camponês, quebrando a atávica submissão econômica, política, social e cultural à cidade. Para esse projeto, agarrou-se nas duas maiores instituições da época, a Igreja católica e o Estado. Obviamente, as instituições, quando elogiadas e servidas, oferecem apoio, iden-

tidade social, proteção e, até mesmo, fraternidade; mas quando questionadas, sabem bloquear, marginalizar e castigar. Foi isso que aconteceu com esse Padre fiel à doutrina católica e às leis do Estado, mas também questionador das tradicionais práticas paroquiais e do sistema público de ensino.

Sua vocação social despertou ao ler algumas brochuras da Ação Popular:

Por acaso! Monografia de 25 centavos, de sindicatos, de cooperativas, iniciativas diversas, princípios de ação. (...) A leitura delas me entusiasmou. Tornei-me logo um propagandista voluntário da Ação Social. (neste, p.p. 40-41).

Ousou transformar sua casa paroquial numa escola, onde ministrava, com a ajuda de um professor, aulas em tempo integral durante oito dias seguidos, em regime de internato, reenviando os alunos para casa nos outros dias do mês. Inicialmente, nem possuía autorização legal. Adaptava o calendário escolar ao ritmo da lavoura. Os primeiros jovens eram quatro. Retornando às suas famílias, participavam do trabalho do campo dedicando também duas horas diárias de estudo seguindo orientação e indicações de leituras, exercícios e pesquisas do educador e do professor. No mês seguinte, retornavam à casa paroquial (escola) para a segunda sessão de aulas. Isso foi em Sérignac Péboudou, berço da iniciativa. Sua prática pastoral tinha como base a doutrina social.

O sintético currículo formativo para seus jovens camponeses embasava-se em poucos princípios: disciplina e religião na vida em comum (dimensão ética) e ciência e tecnologia no trato da terra (dimensão intelectual). O minicorpo docente era formado pelo educador (ele próprio) e pelo professor de ciência da terra, funções distintas mas bem integradas.

A religião, mais que uma verdade, era uma necessidade e podia ser pretexto para a conformação ou força para a renovação. Granereau conseguiu traduzir a cultura católica, ritos, missa, sacramentos e obediência à hierarquia em força para renovar a his-

tória da educação do campo, criando e divulgando uma instituição escolar profundamente inovadora.

Na história, as necessidades mudam. Logo, nosso Padre se deu conta disso. A tensão entre a confessionalidade de suas escolas e a laicidade da legislação escolar o forçou a reformular o fundamento filosófico da sua pedagogia: a fidelidade ao catolicismo tornou-se fidelidade à “comunidade espiritual familiar” de cada aluno, restando firme, para todos, o lema evangélico: “Amemo-nos uns aos outros” (neste, p. 288).

O segundo fundamento da escola camponesa era a ciência e técnica no trato da terra. Todavia, às conquistas modernas da ciência e tecnologia, devia-se somar a sabedoria acumulada pelos agricultores ao longo de toda a história. Para isso, o Padre precisava de colaboradores que garantissem isso. Apareceram, entre os primeiros: o Senhor Peyrat, pai de um dos jovens da 1ª turma e futuro Presidente da Secção Regional do S.C.I.R., emérito cultivador de ameixas. Ministrava aulas de ameixeira. Mais tarde, associou-se o Senhor Cambon, jovem camponês, brilhante aluno diplomado na École Supérieure de Purpan, verdadeiro filho de camponês que entendera o valor da nova obra educativa. Havia também assessores para resolver as questões legais.

A casa paroquial tornara-se insuficiente. Precisou mudar para a próxima cidade de Lauzun onde, pouco a pouco, o Projeto Político Pedagógico se refinou, integrando cultura geral, ciência e tecnologia, com o apoio da Associação de pais agricultores. Também aqui, os alunos permaneciam alguns dias na escola, em regime de tempo integral e internato, e outros fora dela. Era a Alternância se consolidando.

Pela região e pela França corriam comentários sobre a original fórmula pedagógica de Lauzun. Agricultores, autoridades civis e religiosas, jornalistas, pedagogos, interessados visitavam essa atípica escola. Numa dessas visitas, apareceu um singular produtor rural, M.A. Vilain: “*Camponês de coração de ouro e vontade de ferro, rocha firme sobre a qual foi construída a França*” - es-

creve Granereau (neste, p. 187). O Senhor Vilain não gostava do confortável ditado popular “sempre se sabe o bastante para ser agricultor” e o substituiu com outro mais instigante “jamais se sabe o suficiente para bem trabalhar a terra” (*idem ibidem*). Seus métodos eram inovadores. Em palestra disse:

A cevada de vocês congela, meu trigo não. O feijão de vocês está cheio de brocas; o meu não tem mais há anos. Na região, os cavalos morrem de tifo, doença considerada contagiosa. Eu curei um cavalo com tifo, posto no mesmo arado com outro sadio. Tudo isso acontece porque, antes de tudo, ponho em minhas terras, por meio de adubos preparados, os elementos minerais necessários à saúde das plantas e animais (neste, p. 188).

O Sacerdote comentou:

Se nas altas esferas tivesse sido ouvido, em vez de ser combatido e até ameaçado de prisão, se prosseguisse em suas pesquisas, a França teria se tornado o país agrícola mais próspero do mundo (neste, p. 187).

A proposta do Senhor Augusto Vilain era restaurar e alimentar as terras mais fracas, sem envenená-las com agrotóxicos.

Motivação espiritual, disciplina, organização, participação das famílias, estudo e pesquisa eram componentes curriculares das *Maisons Familiales Rurales*. Porém, a peça pedagógico-didática original, a estrutura *princeps* que caracterizava essas escolas era a **alternância da formação entre tempo-espço escolar e tempo-espço familiar**.

Entretanto, por que seria original essa alternância, se qualquer sistema escolar funciona com algum tipo de alternância *lato sensu*? “*Seu método - perguntou o Sr. Delmasure - é preferível à Escola de Agricultura comum?*”

É bem superior - respondeu na hora o Sr. Clavier de Trevey - de fato, se meu filho for para a escola de Agricultura, lá permanecerá durante um ano sem voltar. Vai aprender um monte de coisas que eu estou ignorando ou, pelo menos, que não conhecia da mesma maneira. Se ele me fala disso, não posso responder. Portanto, ele se acha superior a mim. Perco sobre ele toda influência. Ao contrário, indo à Casa Familiar uma semana por mês, não terá aprendido tantas coisas que, ao falar comigo sobre elas, não as conheça já ou que, no mínimo, possa aprendê-las ao mesmo tempo do que ele. Jamais ele terá a impressão de saber mais do que eu e guardo sobre ele minha autoridade (neste, p. 260).

Com efeito, na alternância de Lauzun, a dosagem entre os momentos vividos na escola e fora dela era estudada visando à integração pedagógica entre os diferentes espaços. O objetivo era que os tempos escolares e extraescolares constituíssem um único processo formativo, orgânico, uma verdadeira escola de líderes (chefes, como preferia chamá-los Granereau), de dirigentes capazes de criticar amorosamente seu próprio território, questionando também, quando necessário, os conteúdos escolares, às vezes abstratos, inadequados e insuficientes. Mesmo o regime de internato, nesse tipo de alternância, não mostrava os tristes estigmas sócio-psicológicos típicos dos internatos dos seminários ou colégios militares e orfanatos etc.. Ao contrário, os poucos dias mensais de internato tornavam-se importantes momentos de educação coletiva e convivência fraterna. Sobretudo, porém, a alternância da escola de Lauzun, por meio do Plano de Estudo, interligava criticamente conteúdos estudados na escola à realidade e, inversamente, permitia analisar, à luz de leituras feitas nas aulas, as observações e atividades.

Nem todos podiam visitar Lauzun. Muitos escreviam, querendo saber. Era preciso, portanto, responder, escrever, enviar cartas, folhetos, documentar. Um ensaio desses foi apresentado em março de 1939 na Assembleia dos Cardeais e Arcebispos da França. (neste, p. 208). Uma monografia foi apresentada na Semana Social de Bordeaux, encontro de agricultores, intelectuais, docentes, autoridades políticas e religiosas:

A semana social de Bordeaux, por meio de sua sessão documental à qual assistiram mais de trezentos auditores de diversos departamentos, contribuiu grandemente, por meio de uma reunião particular e de numerosas conversas, para a divulgação da 'Fórmula de Lauzun' (neste, p. 209).

A *Maison Familiale Rurale* não podia mais permanecer isolada em Lauzun; outra escola semelhante fora solicitada pela Associação Familiar da região de Vétras-Monthoux, considerando que o pedido da Associação era premissa indispensável para a criação de novas escolas.

A expansão havia começado. Tornava-se necessária uma escola superior de quadros, isto é, um Centro Pedagógico Nacional para a formação de professores, produção de pesquisas e material didático. Sem isso, a inspiração original podia se degradar, burocratizando-se.

Abbé Granereau não desistiu de lutar, brigar, exigir, defender a Fórmula Pedagógica de Lauzun até o final de sua longa vida. Sentia-se investido de uma missão. Comparava-se, talvez, em seu ânimo de fundador, com Joana D'Arc. Pouco importa isso. O fato é que essa fórmula pedagógica difundiu-se e continua a difundir-se em toda França², na Europa, na África, nas Américas e na Ásia.

2 Hoje, na França, existem 430 Associações locais Maisons Familiales Rurales, uma Associação do Centro Pedagógico Nacional, 65 Associações Federais, departamentais ou regionais e a União Nacional das Maisons Familiales Rurales de Educação e Orientação (UNMFREO). As MFRs ofertam 350 qualificações em 18 diferentes setores profissionais, integrados à educação geral, nos níveis da educação básica e superior, com qualificação profissional básica, técnica e tecnológica. Fonte: <https://www.mfr.asso.fr/> Acessado em 28 de mar de 2020.

Em 1968 chegou também ao Brasil para começar aqui uma nova história³ que, entretanto, não poderá esquecer o legado pedagógico espiritual de Pierre-Joseph Granereau, consignado neste precioso diário *Le livre de Lauzun*.

Por que, então, o Brasil demorou tanto para traduzir, publicar e divulgar este livro? Maquiavel diz que a história é feita de virtude (mérito) e fortuna (acaso). A resposta à pergunta, entrelaçando os dois, explica o atraso. Felizmente, porém, hoje, pela “virtude” dos tradutores que, há tempo, fizeram esse trabalho, bem como pela “fortuna” de, num belo dia em Fortaleza (13 de nov. 2019), revisores, líderes sociais, políticos, acadêmicos terem determinado sua publicação, o livro está disponível em nossa bela língua portuguesa, sobretudo para os militantes da Pedagogia da Alternância, mas também para os simpatizantes e interessados.

Paolo Nosella⁴.

3 Atualmente, no Brasil, existem 155 Associações locais Escolas Famílias Agrícolas (EFAs), 19 Escolas Comunitárias Rurais (ECORs) e 75 Associações Casas Familiares Rurais (CFRs). A União Nacional das Escolas Família Agrícola do Brasil (UNEFAB) agrega 11 Associações Estaduais ou Regionais de EFAs. As Associações Regionais de Casas Familiares Rurais (AR-CAFAR) associam CFRs por Estados e se articulam nacionalmente ao Instituto das CFRs do Brasil. As diversas redes ofertam educação geral regular com orientação profissional básica em Agropecuária nos anos finais do Ensino Fundamental e Educação Profissional Técnica de Nível Médio, integrada ao Ensino Médio, com habilitação predominante na área da Agropecuária. Fonte: BENISIO, Joel Duarte. Estudo sobre o custo aluno das escolas do campo com a Pedagogia da Alternância no Brasil. Brasília/DF: SECADI/MEC, Produto - Edital nº 05/18 - Projeto 914BRZ1148, 2018, p. 5-6. A rede dos Centros Educativos Familiares de Formação por Alternância (CEFFA) é um ambiente político criado pelas EFAs, CFRs e ECORs. Fonte: Parecer CNE/CEB/MEC n.º 001/2006.

4 Texto redigido com a colaboração de João Batista Begnami e Thierry De Burghgrave.

SIGLAS

A.P.E.L. – Associação dos Pais de Alunos do Ensino Livre (*Association des Parents d'Élèves de l'Enseignement Libre*).

B.A.A. – Diploma de Aprendizagem Agrícola (*Brevet d'Apprentissage Agricole*).

C.E.P. – Certificado de Estudos Primários (*Certificat d'Études Primaires*).

C.G.T. – a) Companhia Geral Transatlântica (*Compagnie Générale Transatlantique*); b) Confederação Geral do Trabalho (*Confédération Générale du Travail*).

E.A.C. – Escola de Agricultura por Correspondência (*École d'Agriculture par Correspondance*).

I.R.E.O. – Instituto Rural de Educação e de Orientação (*Institut Rural d'Éducation et d'Orientation*).

J.A.C. – Juventude Agrícola Católica (*Jeunesse Agricole Catholique*).

L'Aube – Órgão Regional de Imprensa.

M.F.R. – Casa Familiar Rural (*Maison Familiale Rurale*).

S.F.I.O. – Seção Francesa da Internacional Operária (*Section Française de l'Internationale Ouvrière*).

S.C.I.R. – Secretariado Central de Iniciativa Rural (*Secrétariat Central d'Inicitive Rurale*).

U.N.M.F.R. – União Nacional das Casas Familiares Rurais (*Union Nationale des Maisons Familiales Rurales*).

.....

[CARTA DE SUA EMINÊNCIA O CARDEAL FELTIN]

Caro Senhor Padre,

Acabo de percorrer estas páginas com interesse, nas quais vós expondes, de uma maneira viva, as origens das “Casas Familiares”.

Lembro-me bem do início de Lauzun e sei do mérito que tivestes então, porque, nesse campo, fostes verdadeiramente um pioneiro.

Vossa ideia de preencher vossas escolas camponesas de um quadro educador, tão importante quanto o quadro de ensino, vosso princípio da alternância, apelando para a colaboração ativa das famílias, vosso cuidado em assegurar um clima cristão nas vossas casas, tudo isso teve frutos.

Se a formação humana e cristã da juventude rural dispõe, hoje, de um grande repertório de meios, variados e adaptados, vossa ação, paciente e perseverante, aí contribuiu largamente. Métodos e técnicas puderam se diversificar e evoluir; as instituições fundamentais permanecem vivas e fecundas.

Esta fecundidade é, creio eu, vossa mais bela recompensa.

Receba, caro Senhor Padre, meus sentimentos de reconhecimento e dedicados.

Paris, 3 de janeiro de 1967.
32, Rua Barbet-de-Jouy (7e.)

Maurice Cardeal FELTIN
Antigo Arcebispo de Paris

[**CARTA DE M. JEAN DE BROGLIE**]

Ministério dos Negócios Estrangeiros - Secretário de Estado
CCE/MB/N.º 28121

Paris, 16 de dezembro de 1966.
80, Rua de Lille (7e.)

Senhor Padre P.-J. Granereau
Associação Francesa da Escola Camponesa
11, Rua de Clichy, Paris (9e.).

Senhor Padre,
tomei conhecimento, com um prazer imenso, de vosso Livro de
Lauzun, que apreciei muito, como aprecio toda vossa obra.
Estou feliz de vos enviar, abaixo, o texto do prefácio que me pe-
distes para escrever.

Aceite, Senhor Padre, a expressão dos meus mais sinceros senti-
mentos.

Jean de BROGLIE

PREFÁCIO

Este livro é a história de uma ideia e de uma vida. Como ideia, era uma ideia-força; como vida, é a do Senhor Padre Granereau que permanece como uma luta ardente a serviço desta ideia. Este livro é, enfim, um testamento espiritual.

Seu mérito é o de transmitir uma experiência vivida de maneira simples e direta, narrando os fatos como eles aconteceram, como eles se organizaram e como conseguiram os resultados.

O Senhor Padre Granereau sentiu, muito antes, a mutação agrícola que se preparava. Ele compreendeu a necessidade de preparar os homens para esse acontecimento. Ele percebeu que esta preparação exigia, ao mesmo tempo, a popularização dos conhecimentos e a formação das almas.

Este livro ilustra como, do nada, por um simples ato de vontade e de fé, pode-se chegar a um método, a uma fórmula, a uma realização, e, agora, a algo que vive e se desenvolve por si mesmo.

Este livro é um belo exemplo das qualidades que fazem a honra do homem.

Jean de BROGLIE

CAPÍTULO I

O FUNDADOR⁵

Filho de camponeses, nascido em 1885, na França, no meio dessa terra que gruda nos pés e acelera o coração.

Para sair da casa paterna, simples caminhos enlameados pela chuva e pelo degelo. Eles também são terra e, porque são terra, são amados malgrado sua lama, como se ama estes múltiplos caminhos que atravessam os campos e que fazem avançar em direção ao objetivo sem tirar os pés do solo.

Eu aprendi a falar com esta maravilhosa língua d'Oc⁶ que ajuda a compreender melhor meu país.

Cheguei à idade em que emerge o pensamento pessoal, ao momento de ruptura entre duas gerações de camponeses.

A GERAÇÃO DE MEU PAI

Camponês de velha cepa, robusto, de temperamento sanguíneo, até mesmo violento, mas bom, como o bom pão de outrora, meu pai jamais reclamou de sua vida, jamais esmoreceu diante da fadiga.

Homem de Trabalho

Um dia, aconteceu-lhe um grave acidente. Ele deveria permanecer pelo menos três semanas de repouso. Mas o trabalho era urgente.

5 Este capítulo responde plenamente à questão “Como você teve essa ideia?”.

6 Língua romântica falada ao sul da França, nos vales alpinos italiano e em regiões limitadas da Espanha. O termo “Oc” deriva de Occitania (Aquitânia), região dominada pelo Império Romano e que, posteriormente foi motivo de um prolongado conflito entre França e Inglaterra na Idade Média. (NT).

No dia seguinte, de manhã, apoiando-se nos joelhos, ele deu de comer aos animais, na hora habitual.

Quantas vezes, acordado muito cedo, não podendo dormir por causa da preocupação com o trabalho, levantava-se em plena noite para “alimentar as vacas” e partir para o campo um pouco distante.

Evitava o mais possível fazer barulho para não acordar o vizinho que ainda dormia.

Quando este iniciava seu turno de trabalho normal, papai se orgulhava ao constatar que já havia feito uma boa parte de seu “ligado” (trabalho feito pela manhã, sem soltar seus bois e vacas).

Ele cantava alegremente enquanto trabalhava. Aí, saía de tudo: hinos patrióticos, canções de amor puro, cantos litúrgicos... Pouco importava, ele cantava porque o trabalho é vida, uma vida transbordante de alegria... e a alegria se traduz melhor pelo canto.

Ele cantava.

Quando chegava a época da colheita – estávamos ainda na era da foice, não esqueçamos – os primeiros que haviam terminado chegavam, foice na mão, para ajudar àqueles que tinham uma plantação maior, que era nosso caso. Quando a turma de colhedores e colhedoiras, sob o sol escaldante de julho, cansados, estavam para desanimar, uma voz se elevava: “*N’én podén pu, Granereau canto*” (Não podemos mais; Granereau canta.). Dominando seu próprio cansaço, felizes por alegrar os demais, papai cantava e parecia então que o sol perdia seu calor. As foices cortavam mais rapidamente.

Homem da Economia

Todo seu trabalho se voltava para reunificar, pouco a pouco, uma propriedade esfacelada por divisões sucessivas.

Recuperar as diversas parcelas. Libertar-se de todas as hipotecas.

Tornar-se, verdadeiramente, o dono de sua propriedade, foi a ambição de toda sua vida de trabalho, objetivo de todas as suas economias.

Era necessário não desperdiçar um centavo, para honrar os compromissos que ele pagava escrupulosamente nas datas estabelecidas.

Um dia – eu tinha 9 anos de idade aproximadamente – fui mandado à vila vizinha para pegar o dinheiro e pagar o dono do armazém. Quando paguei, sobrou um centavo – um centavo, então, contava!

O dono do armazém me mostrou potes de doces. Que tentação! Qual você quer, René? A tentação era mais forte que as ordens paternas. Fiz minha escolha. Mas, no retorno, tinha de admitir... A lição fora suficiente. Jamais tive, de novo, a ideia de repetir a façanha.

Fiel à Terra

Homem de trabalho, homem da terra, assim que se tornou impotente por causa da idade, foi obrigado a passar ao primogênito a direção, mas continuou fiel à terra, para ainda trabalhar.

Quando vinha à minha casa, passar algum tempo com mamãe, o jardim do presbitério era pequeno demais para sua capacidade de cuidado. Um ano, para poder participar de uma missão de oito dias que eu desenvolvia na paróquia, ele preparou o jardim duas vezes, na mesma semana.

“Assim, ela estará pronta”, me dizia, partindo.

Certa manhã, indo ao trabalho muito cedo, de acordo com seu hábito, encontramos-lo caído no silo.

Oito dias depois ele doou seu corpo inteiro a esta terra que tanto havia amado.

O Cristão

Ele partiu como verdadeiro cristão, porque o segredo de seu ardor no trabalho era uma fé profunda: “Trabalhar é orar”, repetia frequentemente.

Quantas vezes no trabalho elevava sua alma naturalmente a Deus.

Qualquer que fosse seu cansaço, não dispensava a prece da tarde em família. Ele a recitava como chefe de família.

Quantas vezes o viram, caindo de sono, perder-se nas palavras, retomá-las e ir até o fim.

Ao trabalho apaixonante da semana sucedia o repouso aos domingos, que não se concebia sem a missa dominical, na própria paróquia ou na vizinha.

Nem mesmo a função de “alimentar os animais” jamais justificava a ausência à missa, nem para ele, nem para os seus.

Depois de cumprir todos os deveres, no tempo livre, sua grande alegria era visitar seus campos. Ontem, havia deixado seu sítio preocupado com o trabalho; hoje, vinha ver para contemplá-lo, apreciar e planejar o futuro.

- “Durante o repouso do domingo o agricultor vai ver seu campo.”

Numa época em que os homens pouco comungavam, ele permaneceu fiel à comunhão de Páscoa e de Natal, mesmo que outros a tivessem abandonado.

O apelo ao sacerdócio de um de seus filhos o encontrou pronto a aceitar o sacrifício. Seguramente, ele era grande nesse tipo de vida.

O Cidadão

Ele tampouco hesitava no cumprimento de seus deveres de cidadão. Chegou a ser conselheiro municipal. Entretanto, na Prefeitura, conservou seu jeito franco de falar e de dizer o que pensava, até mesmo ao chefe de seu partido.

O Reverso da Medalha

Contudo, ao mesmo tempo, havia o reverso da medalha.

Para este camponês apaixonado por seu trabalho, para quem somente o trabalho, ou quase, contava, o chamado progresso moderno tinha pouca importância.

Transformar a casa para que se tornasse mais agradável lhe parecia vaidade.

Preferindo os trabalhos grosseiros que demandavam mais força aos que exigiam mais atenção e cuidado, ele gostava mais, para melhorar sua fazenda, “ganhar dois centavos carregando pedra” para construir seus rústicos paióis, do que introduzir uma cultura nova, mais fácil, mais remuneradora.

Falar-lhe de fertilizantes? “Quem os usou, colheu menos que antes...” Infelizmente, isso, às vezes, era verdade!

Há máquinas novas. Com uma ceifadeira mecânica se cansa menos. - “Isso não vale minha foice, que conheço bem e, além disso, custa muito para nós.” E a ceifadeira demorou a figurar no conjunto das ferramentas da fazenda. O sindicato agrícola, do qual começamos a falar, o preocupava muito pouco. Como muitos outros, em uma linguagem pouco respeitosa, não dizia ele, fazendo piada fácil, do “Sindicato dos enganos”?

Além disso, jamais entendeu plenamente o filho que se tornara sindicalista rural militante, ainda que em algumas oportunidades ficasse orgulhoso de ver os camponeses seguindo sua chamada.

O Trabalho da Mulher

Ao lado dele, mamãe, alma delicada, fina, só coração, que teria sido uma maravilhosa educadora se tivesse sido bem preparada, seguia fielmente o destino que o casamento traçara para ela: toda dedicação doméstica aos seus.

Anjo da guarda do lar, ela lutava pela preservação da união de todos em uma época em que a ruptura entre duas gerações acirrava as posições diferentes.

Profundamente cristã, seu sonho era terminar seus dias servindo a seu filho padre. Outros deveres mais urgentes sempre a impediam de realizá-lo.

Destino de semiescravidão também, porque o trabalho da mulher, antigamente, era mais duro do que o do homem, ainda que não fosse reconhecido.

Era preciso garantir todos os cuidados domésticos assim como toda a direção da casa e, ao mesmo tempo, estar no trabalho com seu marido, especialmente nos momentos de aperto.

Quantas vezes vi mamãe deixar o campo ao som de um *Angelus*, às onze e meia, para preparar rapidamente uma refeição que deveria estar pronta assim que chegássemos, após que soasse o *Angelus* do meio-dia na igreja de nossa paróquia.

Durante as refeições, os homens repousam, comendo, mas a mulher, obrigada a servir, deve-se levantar diversas vezes.

Terminada a refeição, papai ia dormir; mamãe lavava a louça, arrumava toda a cozinha, depois, no momento de ir repousar, tinha de se preparar para a acompanhar papai que acabara de se levantar e já dava o sinal de partida. Some-se tudo isso à rentabilidade das colheitas e atribua-se um preço justo...

Mas, naquela época, as colheitas eram pagas a um preço muitas vezes irrisório, sobretudo nos anos de abundância.

Jamais um camponês pôde dizer “isso vale tanto”, mas, levando seus produtos ao mercado, devia, humildemente, perguntar aos compradores:

“Quanto vocês me dão?” - Quantas vezes ouvi papai dizer:

- se o trigo fosse vendido por 20 francos em lugar de 14 (o hectolitro);
- se se vendesse o vinho por 50 francos em lugar de 30 (a barrica de 225 litros);
- se a ameixa chegasse a 20 francos o quintal (quintal gascão de 50 kg), far-se-ia bom negócio!”

No entanto, era necessário aceitar as condições do mercado! E isso durou anos, décadas, séculos talvez...

A surpresa foi que o mercado negro chegou um belo dia e um camponês de 1940, herdeiro de todo um passado de injustiças sociais, que acumulou em sua alma tanto rancor, exclamou com uma má alegria: “É a nossa vez, agora!”.

Entenda-se bem: este camponês está equivocado. Mas, de qualquer modo, se não existe para o homem outro horizonte que esta terra e que é somente a riqueza material que conta e que tudo aqui embaixo é calculado pela medida do dinheiro, podemos dizer-lhe que ele não deveria ter sua revanche e vingar-se dos urba-

nos que tanto mal fizeram a seus ancestrais, esperando que outros urbanos, e talvez os mesmos, vinguem-se dele e de seus filhos?

A GERAÇÃO DE MEU IRMÃO

Cinco anos mais velho que eu. Bem menos forte que papai, submetido, desde muito cedo, ao duro trabalho do campo – era necessário porque o preço deficitário da produção não permitia a contratação de um lavrador⁷ –, sem outra instrução que a escola primária, meu irmão herdara de mamãe o gosto mais refinado. Além disso, eram tempos novos.

É bem verdade que ele amava a terra, mas, a seu modo. Ele queria caminhar com seu tempo, com o progresso, sem conhecer muito bem as consequências desse progresso. Ele queria uma produção que demandasse mais cuidados, que trouxesse vantagens e, finalmente, exigisse menos trabalho e cansaço do que o plantio tradicional.

Entre as duas gerações, vi claramente a ruptura. Choques às vezes bem dolorosos, sem que ninguém pudesse apontar algo para resolver um conflito cada vez mais agudo, nem do lado do Estado, nem da Igreja.

O Estado

O Estado, por seus educadores primários, salvo algumas exceções, não sabe o que dizer aos camponeses, a não ser: “Teu filho é inteligente; é preciso não deixá-lo atrás das vacas... é preciso pô-lo para estudar... será melhor que tu... Ele terá um belo futuro.”

E, sempre crentes, os pais confirmam⁸: “Nosso filho é inteligente e faremos dele um sábio.” Em outras palavras, ele aprenderá tudo, exceto a ciência da terra.

7 Lavrador, aqui, quer dizer o assalariado que trabalha no meio rural, para distinguí-lo do camponês que é o pequeno proprietário rural, que trabalha a própria terra com a família. (NT).

8 Aqui, o autor escreve a fala dos camponeses registrando o sotaque próprio da região, a grafia imitando a fonética, o que seria intraduzível, a não ser por uma adaptação ao modo de falar dos “roceiros” brasileiros. Assim, preferimos traduzir apenas a “tradução” que o próprio autor faz dessa fala em francês gramaticalmente “correto” (NT).

Isso, aliás, não era prestar um serviço aos melhores dotados, uma vez que para subir socialmente, precisava, pelo primário superior ou pelo secundário, orientar-se para funções urbanas?

Partindo para os estudos, o jovem camponês tornava-se frequentemente orgulhoso de si próprio e rapidamente passava a olhar de cima para baixo aqueles que continuavam muito “bestas” permanecendo no campo. Quantas vezes, ele próprio envergonhou-se de sua origem!

Dessa forma, o mundo rural foi usurpado do que tinha de melhor em inteligência e de suas potenciais lideranças!

A Igreja

A Igreja, é verdade, tinha suas escolas livres. Diante do Estado, ela conduzia a luta dentro de suas possibilidades para salvaguardar a educação cristã das crianças.

Mas, na perspectiva do campo, o que ela fez mais do que o Estado? Suas escolas secundárias não tinham também o espírito urbano? Não são numerosos aqueles que aprenderam a desertar da terra nas nossas escolas cristãs?

A Igreja tinha seus padres em todas as nossas paróquias em contato permanente com nossas populações rurais. Havia um cura por paróquia, ou quase isso. Eles recebiam, regularmente seus emolumentos. Era um bom tempo. “Tudo andava nos conformes”, diria mais tarde um velho cura de aldeia. Mas, viram eles o drama doloroso que, no fim do século XIX, foi vivido em suas paróquias pela maioria das famílias camponesas? Como eles o viram? Seus olhos se abriam, nos seminários, para essas “questões sociais” de primeira relevância? E se eles o viram, onde encontraram os remédios que exigiam, em sua aplicação, uma vontade verdadeiramente revolucionária? Estávamos numa época em que a palavra de ordem era: “Não me venha com histórias!”.

Tanto de um lado como de outro, o mundo camponês não recebeu a ajuda que lhe poderia ter evitado uma crise, terrivelmente dolorosa, crise que, aliás, está longe de terminar, porque ela continua na desunião das famílias e na deserção da terra. E

ainda há pessoas que se surpreendem com a crise social em que caiu toda a França!

Quando uma nação se desinteressa pela instrução e pela educação da grande massa de seu povo – um povo não pode ser instruído e educado apenas pela escola primária – como pode prosperar?

De geração em geração, reais valores de que o país todo deve usufruir se perderam. Poderiam ter sido fermentados por escolas integradas em seus respectivos meios.

O desequilíbrio social engendrou fatalmente a ruína que conhecemos!

P.S. Tudo isso, infelizmente, ainda era muito concreto em 1920.

O Apelo de Cristo

Cristo havia-me marcado para o sacerdócio. Mas, como alcançá-lo? Éramos pobres. Que importa o dinheiro quando Deus quer! Vinha nos visitar o Sr. Cônego Pailley, por meio do qual a diocese de Agen fez tantos padres.

Era meio-dia do mês de agosto. Pegávamos a “*soulado*” (feixes de trigo batidos no solo). Como uma pessoa que conhece o camponês, após ter saudado a todos da família, espera terminar o trabalho, assenta-se à mesa conosco para merendar... e conversar. “Ele conversa”.

Partindo, diz simplesmente: “a pensão é de 400 F (francos). Consegui para vocês por 100 F. De minha parte, darei 50.” Papai só pode acrescentar: “Darei o resto.” Mamãe se pôs a preparar meu enxoval⁹.

Fui ligeiramente zombado por uns e por outros: “Então, vais virar padre?” Mantive-me tranquilo.

No dia da partida, eu viajei de trem pela primeira vez: papai acompanhou-me até Marmande, onde me confiou a um

9 Antigamente, mesmo nos seminários brasileiros, cada seminarista tinha de levar seu enxoval, quando ingressava ao seminário. Constava de uma lista de roupas pessoais e alguns apetrechos para a higiene pessoal (NT).

primo, já no final de seu seminário menor¹⁰. Quando vi aquela grande máquina que se alongava à medida que se aproximava de nós, tive medo... Mas, eu não disse nada, porque Papai teria me respondido: “Então terá que voltar comigo.” Ora, eu queria partir logo.

O Contato Contínuo com a Terra

Eu era esperado impacientemente nas férias maiores para ajudar nos trabalhos da colheita: ceifa, debulha e acondicionamento das ameixas, vindimas. Cheguei até mesmo a trabalhar nas sementeiras.

Para não faltar à missa cotidiana, eu manejava as vacas até o tocar do sino da igreja, mas retornava ao trabalho no arado, assim que a cerimônia terminava. É claro que eu gostaria de gastar minhas férias em um *dolce far niente* como a maioria de meus colegas. Mas esta possibilidade não se punha para mim, felizmente. É, com efeito, nesse contato íntimo com a terra, no trabalho familiar no campo que, pouco a pouco, compreendi, por um lado, tudo que havia de poderosamente grande na vida camponesa e, por outro, aquilo que lhe faltava.

É bom viver em plena natureza, muitas vezes em contato apenas com Deus!

Eu tinha 15 anos. No começo da noite, após jornadas fatigantes de debulha sobre o solo, quando todos dormiam na casa, abria docemente a porta de meu quarto e avançava na propriedade sob as estrelas. Na calma da noite, eu deixava minha alma se elevar até Deus; eu pensava em meus irmãos camponeses e já arquitetava projetos para melhorar sua sorte.

Usufruí também dos frutos da terra que o camponês tem em abundância. Comi essas deliciosas ameixas, no momento de seu melhor sabor, ajudando mamãe a secá-las na estufa. E as uvas?

Fielmente, ia toda tarde fazer minha visita ao Santo Sacramento, como era meu dever como seminarista. Mas, isso não

10 Os internatos católicos para a formação de padres se dividiam em “seminários menores” e “seminários maiores”. Os primeiros atendiam os seminaristas com a formação primária e secundárias; os segundos recebiam os seminaristas maiores de idade, para a formação superior (NT).

me impedia de ir à vinha que, por um pequeno desvio, estava no meu caminho. Minha mão direita enchia a esquerda com os mais belos cachos de uvas douradas e, daí, eu partia para a igreja. Aí chegando, com as duas mãos vazias, eu agradecia a Jesus das boas coisas com as quais ele nos supre generosamente.

O Problema da Educação

Meu pequeno seminário foi duro no período da adolescência. Os professores eram bons, é certo. Guardo deles as melhores lembranças. Mas, no momento da vida em que o educador é indispensável, não o encontrei em meu caminho. Aliás, a direção espiritual era proibida. Nossos professores, mesmo que padres, não estavam verdadeiramente preparados para a tarefa, ao julgar do modo como um deles respondia a uma de minhas questões, mesmo que muito comuns. Entre eles, cada seminarista escolhia seu confessor. Em dias fixos, pedia-se, por escrito, a confissão. Chamado pela ordem de marcação, nos enfurnávamos em um destes confessionários escuros, alinhados ao fundo de uma sacristia, quase sempre com o pensamento de dali sair o mais breve possível. Como tratar, então, dos problemas da adolescência, por mais pessoais que pareçam? A alma se fecha sobre si mesma e tritura estupidamente, na escuridão, suas preocupações. Felizmente, a Providência velava. Na época mais crítica da vida, na época do despertar dos sentimentos, pude encontrar um verdadeiro diretor de consciência: o Sr. Padre Laglayse a quem devo a conservação de minha vocação. Formado nos círculos iluminados de Marc Sangnier ele havia compreendido o valor do Evangelho e a necessidade da orientação espiritual. Além disso, por uma chance inesperada, como ele era coxo, ele não precisava descer aos sábados à tarde para as “caixas de confissão”. Ele nos recebia junto de si. Após o sacramento, vinha a orientação. Ele nos convidava para sentar e conversávamos. Como de praxe, tudo ia mal a nosso juízo; contávamos tudo que se passava em nosso coração. Pacientemente, ele escutava. Quando já havia dito tudo e não restava mais nada para falar, ele dizia: “Sim, vocês têm razão,

mas...” Estávamos refeitos por quinze dias... De quinzena em quinzena, os anos difíceis foram passando e a vocação era salva.

A vocação não impedia o sentimento da existência, nem a atração que as jovens exerciam sobre o coração do rapaz. Há alegrias doces quando são puras e quando são vividas saudavelmente em conjunto! Para mim, é certo, a conclusão era sempre a mesma: jamais pude amar uma só jovem, eu precisava de uma imensidão de amor. Entretanto, refletindo, eu compreendo, agora, como as relações entre rapazes e moças podem dar uma forte ajuda a um educador.

Sem Diplomas

No último ano do secundário, apresentei-me no bacharelado, porém, na versão latina. Naquele ano, tive somente um prêmio: o primeiro na versão latina. Zombaria da sorte? Não, certamente, vontade da Providência, porque eu não necessitava de qualquer diploma para realizar a obra que era preparada para me ser confiada um dia e para a qual eu seria obrigado a me desviar dos caminhos tradicionais das leis escolares.

Despertar da Vocação Social

Naquela época, a luta antirreligiosa fazia estragos na França. Quando foi votada a lei de separação entre a Igreja e o Estado eu estava no seminário maior de Agen, de onde fomos expulsos *manu militari*¹¹, em dezembro de 1906. Na tarde da expulsão, vagando pelas ruas de Agen, entrei em uma livraria, onde encontrei algumas brochuras amarelas da Ação Popular, fundada em Reims pelo Padre Leroy, um jesuíta... Por acaso! Monografia de 25 centavos, de sindicatos, de cooperativas, iniciativas diversas, princípios de ação.

Eu já havia sido alertado por um dos nossos padres, um verdadeiro precursor que, como todo precursor, acabou tendo problemas. Ele havia fundado uma cooperativa de padeiros na paróquia. Comprei, então, uma dezena de brochuras. A leitura

11 Pela força das armas. (NT).

delas me entusiasmou. Enfim, eu encontrara, depois de muito tempo, um meio de trabalhar em favor dos meus irmãos campo-neses: a *Organização profissional* seria a salvação deles.

Tornei-me logo um propagandista voluntário da Ação Popular; encontrei vários sacerdotes que se interessaram por minhas brochuras. Minha liderança se tornava importante. No catálogo encontrei um título: Semana Social da França. Encomendei o volume, que li rapidamente, feliz por encontrar nas últimas páginas: “A Semana Social organiza bolsas para estudantes pobres”.

“Que sorte! Pobre eu sou, estudante eu quero ser. Preencho, pois, as condições para ganhar uma bolsa.” Logo que tive essa notícia, não esperei mais. Escrevi logo a Reims para fazer minha inscrição na próxima Semana Social e requerer a bolsa.

Responderam-me de Lyon: “Ainda estamos no mês de março. A Semana Social deverá ocorrer em Amiens no final de julho. Nós o inscreveremos e o informaremos se a bolsa é possível”. Esperei. Para a região do Midi, Amiens fica no Norte, região sem vinho.

Estamos em 1907. Eu havia trabalhado muito a questão sindical para saber se era possível criar um sindicato para a venda do vinho. Era muito mal vendido entre nós. De acordo com um de meus amigos do seminário maior, partimos para a Semana Social levando nossas amostras de vinho para preparar os clientes do futuro sindicato. No retorno, eu elaboraria os estatutos e, apesar das recriminações de meu pai, pus-me em campanha para agrupar os viticultores antes de meu retorno ao seminário maior. Não era necessário arrancar os camponeses de seu isolamento e de seu individualismo? Mas, estavam eles prontos para compreender o movimento? Para saber isso, bastava consultar meu pai que não compreendia nada sobre o que eu queria fazer. Eu tinha que perguntar ao fundador do sindicato da ameixa. Ele havia me dito mais de uma vez: “Os sindicalizados levam suas belas ameixas ao mercado e as más ao sindicato, pensando em obter por elas o mesmo preço.” É que, fundar uma obra sem estar lá

para ajudá-la a dar os primeiros passos! O sindicato da venda de vinho da região Duras-Lauzun-Miramont jamais nasceu.

O Reverendo Padre Boissel

Em 1908, doente, neurastênico, obrigado a permanecer meses inteiros fora do seminário, ao qual eu retornava apenas para as chamadas de final de ano, fui postergado à ordenação do diaconato. Não tendo a ordenação para preparar, que fazer na licença? Estudar minha vocação social. A Providência colocou em meu caminho o homem que, durante 25 anos, deveria me inclinar para a forte disciplina da orientação espiritual, com o exame escrito toda tarde, carta do Diretor toda semana e dois retiros por ano: o Padre Boissel, outro jesuíta!

Encantado com tal encontro, ele cuidou para que não esmorecesse um tal jovem entusiasmo: “Vamos, então, à Semana Social de Marseille, disse-me ele à guisa de conclusão. Pelo menos, inscreva-se”.

A Providência tem seus desígnios. Pude ainda me beneficiar de uma bolsa. Meu pai fez o sacrifício – e isso não foi pouco – de me deixar partir em plena época de trabalho.

Depois, até a guerra de 1914-1918, frequentei regularmente as Semanas Sociais da França. Foi aí que me preparei verdadeiramente para a ação.

Obediência Negativa

No início de meu último ano de seminário maior, meu superior me fez prometer que eu deixaria de lado meus estudos sociais a fim de me consagrar unicamente à teologia, com a qual eu estava atrasado por causa de minhas longas ausências. “A teologia é necessária, respondi, eu o sei; eu vou trabalhá-la ativamente, mas meus estudos sociais são também indispensáveis e eu não os abandonarei.” Daí, viva e longa discussão. Finalmente, propus de não dedicar aos estudos sociais mais do que me permitisse meu diretor, o Sr. Padre Costes. Enfim seja, mas eu não o aprovo. – “Contanto que o Sr. não m’o proíba, isso me é suficiente.”

Revolucionário de Cristo

Veio a ordenação, 18 de dezembro de 1909. Na semana subsequente, voltava da celebração de uma missa na igreja de minha paróquia natal: uma dessas missas ordinariamente plenas de alegria íntima para um jovem padre. Pelo longo caminho de terra, tantas vezes percorrido, eu dizia para mim mesmo: “Por que você não sente fortemente essas alegrias de que falam tanto os jovens sacerdotes?” Então, uma voz interior me disse: “Para ti, é a virtude da força!” Deus sabia como essa virtude me era indispensável para seguir na via que a Providência abria diante de mim. Filho de pequenos camponeses, eu era padre, beneficiaria-me de uma formação intelectual e cristã a que meus irmãos não tiveram acesso. Eu devia, portanto, repartir com eles esses dons que havia recebido tão copiosamente. Como fazê-lo? Seguindo caminhos já percorridos? Certamente que não. Para este vinho novo que eu já sentia fermentar, era preciso criar “odres novos”. Era preciso, sem hesitar, ser revolucionário. E, com certeza, eu o seria! Inclusive, todas as orações que eu recitava com as crianças do patronato terminavam regularmente por esta invocação, quando estávamos sós: “Nossa Senhora da Revolução Social” – “orai por nós”, respondiam eles em coro.

O Despertar do Educador do Campo

Vigário em Nossa Senhora de Nérac, paróquia de um subúrbio meio-urbano meio-rural, experimentei, rapidamente, a experiência de vida desses pequenos jovens dos dois ambientes franceses. Eles chegavam aos 12 anos de idade sem contato com Jesus, sem direção espiritual, sem educação profunda. A experiência criou-me algumas chateações. O primeiro ano foi duro. Eu não conseguia disciplinar os turbulentos que me riam na cara quando eu os exortava a se manterem dignamente na missa. Eu me vejo ainda na tarde do segundo dia de retiro preparatório à primeira comunhão de doze anos: nossa! a verdadeira primeira comunhão deles! Não sabendo mais como fazê-los compreender

o ato tão importante que iriam praticar, chorava diante deles para que, ao menos, parassem de bater uns nos outros com maldade.

No meio de meus dissabores, constatei, no entanto, que as crianças que aceitavam se submeter a um tipo de orientação espiritual eram mais maleáveis e respondiam melhor às minhas tentativas de formação cristã. O caminho estava aberto.

Uma segunda via, pela qual entrei timidamente, segundo a opinião da época, tornou-se clara para mim em uma outra circunstância. Com os garotos do pequeno catecismo – de 7 a 10 anos de idade – estudávamos o mistério da encarnação. O que eu poderia dizer? Eu não sabia, mas, de repente, um deles lança a questão: “Como nascem as crianças?” Imagine-se o embarço do jovem vigário... Ele teve, felizmente, a ideia de devolver a questão: “Ah! E como elas nascem?” Cada um respondia com a ignorância que se acreditava inteligente: “Nasce dentro de um repolho – trouxeram-me de barco – compraram-me no mercado etc.”

No meio desse pequeno mundo em efervescência, um gordinho garoto de 9 anos permanecia imperturbável, com o ar de observar de cima a estupidez de seus colegas. De repente, sem mais nem menos, ele se aproxima do ouvido de seu vizinho... Não era momento para confidências. Eu interrompia a conversa. Eu falava em latim, eu falava em alemão, eu propunha um problema de geometria... Meus estudantes permaneciam calados como carpas.

- “Vocês não compreendem?”
- Não.
- Por quê?
- ???
- Porque vocês não estudaram. Quando estudarem como eu, compreenderão também. É tudo a mesma coisa.”
- Quando dava meio-dia, eu liberava meus jovens indiscretos, segurando, no entanto, o “gordinho”.
- “Você sabe como nascem as crianças?”
- Sim, Senhor Padre.

- Quem te contou?
- Mamãe.
- Quando?
- Quando meu priminho nasceu.”

Eu fiz um cálculo: o garoto deveria ter, naquela época, 7 anos de idade. Ela sabia de fato como nascem as crianças. A questão não se punha mais para ele. Desde esse dia, não hesitei mais. Cada vez que a situação se apresentava e, às vezes, eu mesmo a provocava, eu respondia lealmente, na magnífica beleza do plano de Deus à questão que cada um e cada uma se punha algum dia. Cada vez, era um *obrigado* cheio de reconhecimento que eu ouvia, quando explicava sobre o nascimento das crianças.

Numa outra ocasião, eu chamava a atenção de um desses pequenos camponeses, inteligente, mas preguiçoso. Ele não sabia o catecismo. Os demais colegas vinham em socorro: “Oh, Sr. Padre, na escola, ele também não sabe as lições; o professor disse que ele não passará de um guardador de ovelhas por toda a vida.”

Sob a zombaria severa, eu vi, mais de uma vez, meus pequenos camponeses curvarem-se, incapazes de reação. Então, eu me recompunha e, de toda a altura de minha estatura, eu respondia diante desses estudantes que “não sabiam”: “Que mal há de ser guardador de ovelhas?” Quando eu tinha a sua idade, eu cuidava das vacas e ficava bem orgulhoso da função.” E continuava, no mesmo tom, fazendo o elogio da vida camponesa. Eu vejo, agora, os que antes se curvavam diante do insulto, levantarem a cabeça e respirarem com toda força dos pulmões. E os insultadores começaram a ficar vermelhos.

O Evangelho na Vida

Ao retorno da Semana Social de Rouen, meu Diretor, que já me previnira, segurou-me durante o mês de agosto em Barde para os grandes exercícios de Santo Inácio. Eu não tinha senão 25 dias à minha disposição. Mas, graças ao Padre Paul Jury, que dirigia o retiro, eu aprendi, durante esse tempo, a utilizar o Evan-

gelho e a conhecer Jesus por meio dele, a ponto de ser obrigado a reconhecer: “Eu ainda não conhecia Jesus.” Assim desde esse dia, eu deixei de lado os livros ordinários de meditação e fiquei com o Evangelho. Desde então, não mais o deixei. O Evangelho não deve ser o livro de cabeceira do padre? Não deve ser a mesma coisa para todo cristão? Somente aí encontramos o verdadeiro pensamento do Mestre e chegaremos ao fim de nossas vidas tendo apenas começado a descobrir, na ganga das palavras humanas, o esplendor infinito do diamante que é o pensamento d’Ele.

Militante Sindicalista do Campo

Uma das principais decisões que tomei em meu retiro espiritual foi o de fundar um sindicato agrícola. Enfim, eu poderia me dedicar inteiramente agora a meus irmãos camponeses, trabalhando diretamente com eles no campo profissional.

Meu bom cura, dando-me toda liberdade de ação – com a secreta esperança de que o sindicato fundado conduziria mais gente à missa e mesmo às rezas – empreendi, desde outubro de 1910, minha primeira campanha sindical.

“Fundar sindicatos rurais? – diziam-me os confrades, rindo um pouco de minha ingênua juventude, pela qual... bem, eles não seriam jamais socialistas!

“Criar um sindicato! Diziam-me os burgueses influentes da região, você não conseguirá. Em Nirac, nada pega...”

De fato, um primeiro sindicato conseguiu congregiar uma grande clientela a um comerciante que se dizia sindicalista. O grande obstáculo a minha ação era a memória amarga de uma cooperativa de padeiros que havia falido. Muitos camponeses aí haviam perdido suas economias. Quando eu falava sindicato, eles respondiam: cooperativa... e o trabalho não avançava.

Não importa. No início de fevereiro de 1911, foi fundado meu primeiro sindicato rural, que tinha por título “Sindicato Rural da Paróquia de Nossa Senhora de Nérac” e por emblema “Amemo-nos uns aos outros”. Tinha sete membros: um regente, um arrendatário, um doméstico, um cura (que tinha interesse

em criar um jardim onde as crianças viriam se divertir) e três proprietários cultivadores.

Convencido de meu primeiro sucesso, continuei a campanha nas comunidades vizinhas, na convicção de que encontraria mais camponeses que abraçariam a ideia. Muitas vezes eu fazia a seguinte comparação: “Em um copo cheio de areia, no qual há também limalha de ferro, não é possível vê-la. Passando um forte ímã sobre toda a areia, mexida e revolvida, a limalha agarrar-se-á no ímã. A proposta sindical vai me servir de ímã, para atrair esses que são a verdadeira elite e que aderirão a ela.”

O que eu dizia se realizou. Foram encontrados camponeses de valor, inteiramente conquistados pela proposta e com uma dedicação que nada os impedia. Infelizmente, eles não haviam recebido a instrução necessária para conduzir seus próprios sindicatos. Era um belo tecido, mas ainda não devidamente trabalhado.

Foi nessa época que se pôs para mim o problema da *escola camponesa*. Eu quis mesmo começar aí uma pequena tentativa. O projeto não saiu do papel. Mas, em 1951, um homem com 52 anos de idade, lendo no *Sudoeste* o relatório depois de 1º Congresso Internacional da Escola Camponesa, pôde dizer à própria mãe: “Veja, mamãe, o Padre Granereau não perdeu suas ideias. Você se lembra que ele quis me escolarizar quando eu tinha 12 anos?”

Malgrado tudo, graças a alguns camponeses melhor formados, todo um movimento sindical foi criado na região de Nérac. Este movimento me evidenciava de uma maneira cada vez mais evidente a necessidade de uma escola realmente adaptada ao meio de vida do mundo rural, a tal ponto que cheguei a dizer, em 1914: “*Problema camponês; problema escolar* para o qual é necessário, em primeiro lugar, uma *solução escolar*”.

Léon Harmel

Em 1913, esgotado por uma atividade excessiva, pedi ao bondoso Padre Léon Harmel para me acolher para um repouso indispensável. Aí permaneci por dois meses. O que um jovem dinâmico num contato com esse ser humano pode ganhar de

têmpera é incalculável. Tendo me tornado seu confidente, pude colher dele a razão de seu sucesso: “a ação do operário sobre o operário” é como a ação do semelhante sobre o semelhante. “Durante três anos, disse-me ele, jovem patrão católico, consciente de meus deveres perante meus operários, trabalhei com ardor para convertê-los a Cristo. Quanto mais eu me dedicava a eles mais eles se afastavam de mim. Então eu me disse: uma vez que a ação do patrão sobre os empregados não rende, é necessário tentar a ação dos operários sobre os operários. Escolhi alguns mais compreensivos e os preparei para coordenarem círculos de estudo. E quando eles estavam preparados: “agi por vocês mesmos, disse-lhes, não como enviados do patrão, mas pelo bem de todos. Eu não aparecerei. Se tiverem necessidade de mim, estarei aqui. É suficiente vocês o saberem [...]”

O resultado desse novo método foi esse esplêndido Val de Bois que conhecemos antes da guerra de 1914-1918.

A uma de minhas reflexões de visitante neófito: “é porque era você que estava lá, bom Padre”, ele me respondeu:

Você fala como todos aqueles que passam. Pois saiba que formamos nossos trabalhadores de tal sorte que prescindam de mim e, portanto, veja o que eu significo para eles. Eu fingia querer impor-lhes algo, mesmo que fosse para o bem deles, o que explicava que eles fizessem sempre ao contrário.

A Guerra de 1914-1918

A guerra veio. Eu estava dispensado. Nossos homens que partiam para a Alemanha me disseram: “Já que você fica, prepare tudo para o plantio. Em três meses estaremos de volta!!!”

Que esperança!

A guerra foi o primeiro golpe na minha ação sindical. As máquinas francesas – porque queríamos máquinas francesas – que tínhamos em depósito em Nirac foram devolvidas. Meus

mais ativos colaboradores pagaram com suas vidas o resgate da França. Eu mesmo, acometido por um início de tuberculose pelo esgotamento do trabalho, fui refazer minha saúde abalada em uma paróquia no meio de pinheirais.

O Preço de uma Formação Social

Nesses cinco anos de ação social, entusiasmado tanto pelo mundo operário como pelo mundo camponês, gastei todo o dinheiro que havia ganhado (cerca de 10.000 francos, antes de 1914) e desgastei minha saúde. Tudo isso completamente perdido!

Mas, o que importa? Eu tinha simplesmente pago o preço de minha formação social. Esta formação se concretizou, sobretudo, por experiências vividas, preocupado, permanentemente, com a adaptação ao meio rural da linguagem empregada no universo operário – tão diferente – e isso nos tomava todo o tempo. Obrigado a iniciar tudo totalmente sozinho, a agir malgrado múltiplas incompreensões, cometi inúmeros equívocos. E não foram os últimos. Muitas vezes senti a catástrofe iminente, procurando resolvê-la da melhor maneira possível. Então, quando eu não via senão escuridão, junto ao tabernáculo, eu pedia que somente eu devesse sofrer em consequência do que previa ser uma grande “tolice”. Então o horizonte se iluminava, a luz chegava, as reuniões se realizavam com conforto inesperado.

Nessa época, encontrei também algumas lideranças iluminadas, ardentes, com vontade tenaz de agir, custasse o que custasse... Na hora em que precisava afastar a ameaça de uma mudança administrativa, oito dentre dez dos membros do Sindicato Agrícola e da União Operária estavam presentes na reunião presidida pelo Senhor Bispo. Diante dele, os presidentes desses organismos de Nérac assumiam suas responsabilidades e apoiavam totalmente o jovem vigário que, graças a eles, permanecia em Nossa Senhora de Nérac.

Recuperado

Totalmente recuperado, em 1917, junto com os “bons para nada”, parti para o *front*. Por longas horas de inação nas trinchei-

ras, no fundo das valas, na retaguarda, durante a ocupação da Alemanha, tive muito tempo para pensar, para refletir, para discutir com os camaradas esclarecendo que o problema camponês interessa ao país. No curso dessas reflexões, pude compreender o fundo do problema que me apaixonava:

- a falta de uma instrução adaptada às necessidades das massas camponesas e
- mais ainda, a não preparação de lideranças camponesas saídas do próprio meio rural.

Fazia-se muito na economia e na política. Quase nada na instrução e na educação.

Os sindicatos eram, na realidade, lojas de fertilizantes, duas vezes mais baratos do que no mercado, às vezes, transformados em verdadeiros birôs eleitorais de algum político influente. Não eram verdadeiros instrumentos de ação para a verdadeira organização da profissão agrícola. A conclusão dessas discussões, frequentemente repetidas, era sempre a mesma: era necessário, logo após o fim da guerra, enfrentar a tarefa e formar verdadeiras lideranças camponesas, para se ter uma verdadeira organização profissional agrícola favorável aos homens do campo.

Era necessário. Mas, como?

Uma Luz

Lá eu estava com minhas reflexões, quando me caiu nas mãos um número de *l'Âme française* (a *Alma francesa*) no qual li um artigo de Henri Lhoste, que informava que ele viria fundar o Secretariado Central de Iniciativa Rural com alguns amigos republicanos. Acreditei ter encontrado o que procurava. Escrevi com entusiasmo a *l'Âme française*, esperando com ansiedade o endereço do presidente fundador. Esse endereço chegou de alguma forma ao *front*. Em seguida, ocorreu uma troca de cartas. Algumas vezes, estávamos de acordo; outras, não. O homem urbano, que era o fundador, elaborava a ideia de retorno à terra;

enquanto eu, camponês, procurava uma ação direta em benefício dos que estavam na terra.

Terminada a guerra, a pedido de Lhoste, tornei-me secretário-geral do S.C.I.R. Deveria encontrar-me com o presidente para chegarmos a um acordo... Preocupado com seu casamento, o presidente escreveu um dia ao secretário-geral um pouco embaraçado: “Não posso ir a Lot-et-Garonne, mas vos dou carta branca, aprovando o que fizerdes.”

Eu tinha então uma organização em mãos, embora ainda um pouco frágil. Mas tínhamos um título e era muito.

Durante todo o tempo em que eu só expunha minhas ideias em meu nome pessoal, os que estavam de corpo e alma na ação me prestavam uma atenção relativa. No entanto, desde que passei a apresentá-las acrescentando à minha assinatura o título sempre importante de secretário-geral, os mesmos personagens dignaram-se a tomá-las em consideração, respondendo com mais respeito. Malgrado tudo, eu sentia bem a fraqueza de um organismo cujos membros tinham origem social diversa e dispersos por toda a França. Antes de dar mais força à minha preocupação de formar lideranças camponesas, eu me dirigia a esses que, parecia-me, eram capazes de realizar melhor tal tarefa.

Escrevi à União Nacional dos Sindicatos Rurais, rua Atenas: “Preparai líderes camponeses.” Escrevi, também, à União católica da França Agrícola.

Responderam-me: “Somos uma confraria; não nos ocupamos das questões profissionais.”

Escrevi à Direção das Semanas Sociais da França.

Responderam-me: “Se com suas ideias você conseguir fundar alguns sindicatos, felicidades.”

Como parecia que ninguém compreendia a importância do problema e, por isso, tampouco se importavam com sua solução, então eu concluí: “Nosso dever é de fazer por nós próprios, com nosso pequeno Secretariado Central de Iniciativa Rural (S.C.I.R.).”

Secretariado Central de Iniciativa Rural

Chegamos à época da Semana Social de Caen, em julho de 1920. Desfrutávamos de uma organização definitiva do S.C.I.R., orientado para o objetivo precípua da formação de lideranças rurais. Mas: Arsène Couvreur, o jornalista defensor da ideia e que escrevia no *Democracia* foi detido em Rouen. Daniel Fournier, instrutor público, fundador de sindicatos agrícolas, mais feliz de estar com a família no balneário no litoral de Montalivet, preferia escrever a Pasquier: o S.C.I.R., tal como o apresenta o Padre Granereau, este jovem vigário mal saído do seminário, não vale nada. É tudo.” Ora, esse “é tudo” é o que queria o Padre Granereau. Isodore Pasquier, infatigável líder do sindicalismo rural, em Mayenne, com o qual contávamos para ser ele próprio presidente, contentou-se de enviar seu jovem filho Luis. Um outro jovem, Henri Noilhan, veio à reunião que deveria ser uma Assembleia geral de fundação; assim, éramos três, sendo que dois, na realidade, sem mandato. Era um problema completo: “Já que ninguém se interessa, inútil continuar; tenho muito trabalho!...” Cheguei a abandonar a ideia. Era uma sexta-feira, à tarde.

A Madrinha do S.C.I.R.

Entrando no local da Semana Social, encontrei uma carta da Senhorita C. Leroux:

Eu não pude vir à vossa reunião. Entretanto, este projeto me interessa. Se você puder, voltando pelo Midi, passe por Rennes e diga-me sobre o que hão decidido... Permita-me oferecer-lhe a viagem [...].

Portanto, pelo menos uma pessoa se preocupava com a ideia. Desde então, eu não tinha o direito de abandoná-la. Eu a retomei com alegria.

Renunciando a uma viagem muito interessante ao Monte São Michel, prevista para um domingo, viajei sábado para Rennes.

Precisões foram acrescentadas às primeiras concepções. A Senhora Leroux passou a merecer, assim, o título de “Madrinha do S.C.I.R.”

Arsène Couvreur

De Rennes, tomei um trem para Rouen a fim de conhecer nosso jornalista, Arsène Couvreur e orientar nossa ação comum. Chegando em Rouen, às 5 horas da tarde, iniciamos imediatamente a conversa que terminou, lamentavelmente, a meia-noite, sem ser interrompida para o jantar, num “boteco” vizinho, cujos clientes habituais ficaram, certamente, espantados de verem um padre aí chegar. Deixamo-nos perfeitamente de acordo e no dia seguinte, pela manhã, às 8 horas, tomei o trem para Paris. Eu queria pedir ao diretor do *Âme française* que seu jornal também se tornasse nosso veículo. Estando ausente, deixei-lhe uma carta... que lhe foi entregue dois meses depois. Quando tive a resposta, já havíamos tomado outra direção.

Daniel Forunier

Retornei tendo uma carta de Daniel Fournier. Apressei-me para lhe responder, dizendo-lhe: “Venha me ver; conversaremos.” Acochado por sua mulher (que declarou nitidamente: “Não mais lhe permitirei criticar esse padre diante de mim, enquanto não irá vê-lo. Ele, de qualquer forma, tenta fazer alguma coisa e você não faz nada”), ele decidiu vir.

“– Quando você retornará?”

“– Não sei. Talvez, amanhã, isso dependerá da cabeça do padre.”

Eu o esperei na estação de Casteljaloux, 7 km a serem percorridos de bicicleta com grande esforço. Tivemos tempo de sobra. Chegando a Moncassin, ele não falava mais de retornar logo. No dia seguinte, 8 de setembro, festa da Natividade da Virgem Maria, estudamos longamente todo o problema e as possibilidades de sua realização. Em conclusão, ele me disse: “A Liga Nacional da Democracia foi fundada há pouco tempo. É o grande

Partido Democrático do futuro da França. Tenho confiança. Falta-lhe uma secção rural. Com o S.C.I.R., você será essa secção. Você representa também uma limitação à ação, mas, ao menos, você faz. Afinal, se estou enganado, se não funcionar, mudaremos nossa orientação.” Aliás, esta foi a proposição que me fez Arsène Couvreur oito meses depois. Como diretor, aceitei a proposição, sem me preocupar com as chateações pessoais que poderiam advir-me. Em conjunto, preparamos a Assembleia geral de 10 de novembro de 1920, que deu ao S.C.I.R. a orientação definitiva.

Durante 15 anos trabalhamos.

Numerosos líderes camponeses com nosso espírito, dentre os melhores, juntaram-se a nós, sobretudo a partir do dia em que foi decidido que o S.C.I.R., independentemente de qualquer partido político, deveria voar com suas próprias asas. A história do S.C.I.R. deveria ser escrita um dia. Será necessário um volume. Por enquanto, basta dizer que um dos principais artigos de seu programa foi sempre a adaptação da escola ao modo de vida camponês – eu era encarregado disso com Daniel Fournier - e de dar, no capítulo documental, detalhes úteis para sua organização.

Uma Tentativa de “Retorno à Terra”

Em 1925, no momento em que Pasquier realizava em Mayenne uma iniciativa do S.C.I.R., ocupando-se dos *Petits Biccards*, eu, então pároco de Saint-Aignan, em colaboração com as enfermeiras visitantes do dispensário Laennec de Bordeaux, empreendi um verdadeiro retorno à terra.

Entre o Sindicato Rural de Saint-Aignan, representado por seu Presidente, e o S.C.I.R., representado por seu Secretário-Geral, Daniel Fournier, foi estabelecido um contrato para assegurar a proteção dos pequenos aprendizes agrícolas de Bordeaux estabelecidos nas famílias filiadas ao Sindicato. Em particular, foi estipulado que os patrões deixariam seus aprendizes livres três dias por semana no inverno, por duas horas por dia, para a frequência aos cursos profissionais.

Um jovem diplomado pela escola de Agricultura de La Réole, Georges Vincent, posto como estagiário com o Sr. Sicard, o vice-presidente do Sindicato, dava as aulas teóricas no presbitério.

Essa iniciativa não teve nenhum resultado prático, uma vez que, finalmente, todos esses jovens acabaram indo para a cidade. Como poderia ter sido diferente, uma vez que ir para o campo era o último dos confiscos sociais para um cidadão?

Pois, não se encontrou uma mãe que vivia com sua filha em um porão infecto e preferia ficar naquela insalubridade a pegar sua filha e ir para um bom lugar arejado, com ar puro, nos campos... simplesmente porque ela seria obrigada a morar no meio rural?

Nessa época, eu tentava pensar uma ação voltada para os filhos dos camponeses.

O Pároco

Embora sem saber jamais o que é ser pároco, pelo menos como é de forma ordinária, e sempre tendo vivido na França em função de uma ação de dimensão nacional, foi nessa cara paróquia de Saint-Aignan que pude usufruir de um dos mais doces consolos sacerdotais.

As crianças, que comungavam desde os seis ou sete anos de idade, eram examinadas e submetidas à orientação espiritual e chegavam a ter uma vida cristã intensa. Elas realizaram “A ação de graças com Jesus”, que chegou aos 50.000 exemplares na primeira edição.

Em consequência das Jornadas Femininas e Masculinas, o “Movimento dos Jovens do S.C.I.R.” foi fundado, antes do nascimento da J.A.C., com a palavra de ordem “Oração, Sacrifício, Ação”. Nasceu de três reais valores cristãos e de militantes que ajudaram na fundação da J.A.C., em Lot-et-Garonne.

Durante cinco anos realizamos magníficas festas rurais ao ar livre, para as quais vinha o povo de toda a região: festa de Santa Joana D’Arc para as jovens e festa do Trabalho Rural para os jovens.

Todas as alegrias, mesmo sacerdotais, mesmo as mais puras, se apegam sempre a algumas fibras humanas que atenuam a ação da graça e impedem o “eu”, este fermento humano, de morrer inteiramente. Ora, “se a semente lançada à terra não morre, ela permanece só”, disse um dia o Senhor.

No final de julho de 1929, o meu bispo pediu o sacrifício de deixar minha paróquia e me ofereceu Poudenas, posto muito mais importante. Porém, o que valia para mim essa importância? Após chorar junto ao tabernáculo de Jesus, aceitei o sacrifício.

Senhorita Barré

Em Poudenas permaneci dois anos. O que se pode fazer em dois anos, sobretudo, numa região dominada pela estreita e medíocre política de partido? Contudo, junto com Poudenas, eu tinha também Villeneuve-de-Mézin, onde encontrei aquela que seria, a partir de 1935, minha colaboradora de um devotamento que nada obstaculizava, que resmunga sempre mas avança sempre e sempre melhor do que resmunga. Uma verdadeira francesa, a quem...

Essa foi a recompensa de meu sacrifício, porque o Senhor sabe como é necessário fazer para encontrar aqueles que trabalharão conosco.

Mautors¹²

Em outubro de 1930, recebi uma carta: “Parece que você me procurava; vim lhe ver.”

A Senhorita D. veio a Poudenas informar-me sobre seus projetos. Aluna da senhorita Thome na Escola de Agricultura de Belleville (S.-et-O.), ela constatou que a maior parte dos burgueses trabalham para a cidade, ao passo que “no campo não havia nada.” Decidira dedicar seu tempo, seu dinheiro e a si mesma, inteiramente, a uma obra rural que pudesse ajudar a refazer profissional e cristãmente o meio camponês. Ela procurou por longo

12 Mautors é uma pequena região da França, onde se localiza, hoje, um Castelo e um Centro de formação profissional (NT).

tempo uma propriedade que respondesse às necessidades da obra a ser realizada, além de próxima da igreja para facilitar o trabalho do padre, com o qual contava como colaborador necessário. Finalmente, encontrou uma propriedade de 50 hectares a 1 (um) km da igreja de Sérignac-Péboudou (cantão de Lauzun), numa região muito pitoresca. A casa principal foi mobiliada modernamente, guardando um ar de castelo da região. Iria abrigar crianças órfãs, bem jovens, para melhor poder educá-las. As crianças seriam a razão de sua existência no meio rural, onde se podia agir rapidamente pelas organizações agrícolas. Eu escutava, maravilhado, um plano tão magnífico. Uma vez mais eu me deixei embalar pelo sonho. O bispo havia dito a ela: “Peça-me o que quiser, por meio do pároco, e eu dar-lhe-ei.” Eu concluí sobre esta oferta: “Pode me pedir. Se o bispo me escrever, estudarei a questão com meu Diretor.” O bispo logo me escreveu. Após haver exposto os projetos da Senhorita D., concluiu: “... Veja se não está aí uma indicação da Providência.” Fui logo fazer um retiro com meu Diretor que, logo de início, jogou água fria na fervura de meu entusiasmo para, depois de uma reflexão mais madura, dizer-me: “Aceite.”

No final de dezembro de 1930, instalei-me na velha casa paroquial de Sérignac-Péboudou, aberto a todas as correntes de ar. Isso me importava pouco, uma vez que eu iria poder melhor trabalhar para meus irmãos camponeses.

Do ponto de vista administrativo, ir de Poudenas para Sérignac-Péboudou, deixar uma paróquia de características urbanas para pegar uma pequena rural era realmente privar-me de algo. Mas, o que importava? Os confrades não ficaram surpreendidos por tal decisão: mais uma originalidade do Padre Granereau!

A Senhorita D. dava o melhor de si para aliviar as dificuldades da instalação e do ministério. Rapidamente, tentei orientar sua obra no sentido de uma espécie de escola agrícola, onde os jovens camponeses da região pudessem vir se instruir profissionalmente. Preocupada com a realização de seu plano que, certamente, era muito bom e com o belo futuro – pelo menos, era o

que me parecia – ela não quis, felizmente, tomar o caminho que eu abria para sua ação. Disse ‘felizmente’, porque sua estratégia, mesmo que excelente, vinha de fora. Ora, é do próprio meio rural que deve emergir a obra de vida que o transformará. Aliás, mesmo que tivéssemos sucesso, o que não é absolutamente certo, não havia dinheiro suficiente para poder ser imitado em outros lugares.

Enquanto isso...

A Senhorita D. continuava no caminho que era o seu, sua obra de Mautors.

Chegando em Sérignac-Péboudou, encontrei um jardim abandonado e árvores que necessitavam de poda urgente. Para poder me ocupar das crianças, eu quis, primeiramente, preparar-lhes um campo para jogos. Para isso, precisa de ajudantes. Falei sobre o tema na reunião do Conselho Paroquial. A ideia foi aprovada. Organizamos equipes de trabalhadores. Foi um entusiasmo. Por três vezes, umas quinzenas de paroquianos vieram trabalhar com o pároco que não tinha sequer como alimentá-los. Conseguiu-se duas belas quadras esportivas cuja inauguração oficial foi feita por ocasião da festa votiva da comunidade, em 1931. Meu excelente amigo Arsène Couvreur lá estava com sua família.

O Problema da Adolescência

Malgrado todos os meus esforços, constatei rapidamente que após os 12 anos de idade, minhas crianças, meninos e meninas, mesmo os melhores, sumiam. O que me ocorrera ser maravilhoso em outras paróquias no sentido da perseverança, esvai-se, lamentavelmente. Uma garota, anjo de piedade, com 13 anos de idade, sumiu, como os demais. Na idade fatídica, todos partiam. Qual era, pois, este novo problema para mim? Problema de adolescência, sim. Mas, e a solução? Realizar, enfim, minha “Escola Camponesa” e, nesta escola, introduzir-me como educador ao lado do mestre que ensinasse, em colaboração com ele.

A Casa Paroquial

E o prédio escolar, onde o encontrar? Será que minha casa paroquial serviria? Grande convento cartuxo, com quatro cômodos bem grandes, situados ao norte, um grande corredor cortado por duas peças nas extremidades e dois pavilhões ao centro; o prédio tinha um aspecto antigo. Externamente, estava bem deteriorado e, excetuando os dois cômodos externos, com teto, o restante não era habitável no inverno. Três anos antes, uma cabra, perseguida por um cachorro no paiol, veio a cair na cozinha rompendo o assoalho. No refeitório, onde fizemos, com meu Conselho Paroquial, a vigília de meu primeiro Natal, quase morríamos congelados, a despeito do fogo que ardia na lareira.

Quando a Gente se Entende

Em 1933, a população infantil tendo aumentado significativamente pela chegada de certo número de famílias italianas que não faziam controle da natalidade, a Academia decidiu que uma segunda turma seria criada em Sérignac-Péboundou. O inspetor designou a sede do conselho municipal como segunda sala de aula e pôs a municipalidade a procurar, em oito dias, outro local para ela.

Onde ir? Como pagar?

Era o ano de renovação do contrato da casa paroquial. Muitos membros do Conselho Municipal haviam encontrado a solução mais fácil: alugar um cômodo na vila e determinar o pagamento de um suplemento ao pároco, equivalente ao preço da locação. Prevenido a tempo, aceitei a proposição de um de meus paroquianos, conselheiro municipal, de ceder à municipalidade o pavilhão que me servia de cozinha. Na reunião do Conselho, onde somente ele apresentara uma solução precisa e fácil de realizar, porque não havia mais propostas, Peyrat obteve rapidamente a aprovação. Em compensação, deixar-me-iam a casa paroquial nas mesmas condições e transformariam em cozinha um pequeno cômodo ao fundo do corredor, na outra extremidade da

casa paroquial. Este cômodo, que sem essa iniciativa jamais seria reformado, tornou-se, assim, utilizável. Além disso, a operação obrigou-me, naturalmente, a mudar meu refeitório para o lado da cozinha, num cômodo bem mais amplo. Desse modo, a única dependência capaz de ser um dia dormitório, ficou livre.

Preocupado em assegurar-me de um colaborador que pudesse recuperar os jovens e os proteger, porque eu não poderia fazê-lo só, associei-me a um sobrinho, jardineiro de profissão. Na minha paróquia de Montauriol havia um grande jardim, água à vontade e terra boa. Meu sobrinho veio. Era preciso lhe preparar um quarto. Por economia de combustível, arrumamos um corredor que fazia antecâmara a meu quarto, mudando as portas para a entrada do corredor. Assim, minha lareira aquecia os dois quartos. Compramos, usado, um grande veículo...

A *Lambrissagem*¹³ da Casa Paroquial

A honra de ter sido promovida a prefeitura não impedia à velha cozinha do presbitério de ter seu piso bastante estragado, a despeito de algumas pranchas cobrirem o estrago feito pela cabra. No primeiro inverno, o Secretário era lembrado com mais frequência do que queria. Ele decidiu também obter do Conselho Municipal a *lambrissagem* da prefeitura e, ao mesmo tempo, do refeitório do presbitério. Como eu descobrira madeira compensada em depósito da Gironde, eu me propus, pelo mesmo preço, cobrir de lambris a prefeitura, os cômodos e corredores não assoalhados do presbitério. Encarreguei-me pessoalmente do transporte e da instalação do compensado. O carro foi extremamente útil na ocasião. O presbitério tornou-se totalmente habitável.

O negócio do jardim não andou. Meu sobrinho partiu com o veículo para ajudar um irmão a criar um jardim na região de Bordeaux, deixando livre o que se tornaria sala de estudos.

13 Valemo-nos do neologismo para traduzir *lambrissage*, do texto original, que quer dizer cobrir de lambris. Especialmente nos países frios, forrar os pisos e as paredes com régua de madeira (lambris), além de constituir um elemento de decoração, protege contra o frio (NT).

Não parece que uma inteligência invisível presidia a todos esses arranjos “segundo um plano previamente bem estabelecido”?

A Propósito de uma Herança

Chegamos em 1935. Em fevereiro, os padres do cantão de Lauzun reuniram-se na casa de um confrade para a Conferência Eclesiástica. No almoço tradicional, os irmãos brincaram amavelmente com nosso bom Decano.¹⁴

Ele herdaria logo uma casa em Lauzun... “Oh, isso não é para mim, respondia ele sorrindo, é para as obras do Abade Granereau...”. Intrigado, o Abade Granereau¹⁵ se apressou para fazer uma visita ao Monsenhor: “Do que se tratava?” Após uma visita à excelente Senhora Dumas, proprietária da dita casa, pensando em chegar a um acordo, construí um projeto de um estabelecimento que teria por objetivo, nos cursos de economia doméstica para meninas, prepará-las para se tornarem colaboradoras ativas nas diversas paróquias, sobretudo nas que se celebravam duas missas diárias. Este projeto foi de fato concretizado sob a forma de Conferência Eclesiástica no mês de maio... Ele aumentou nosso entusiasmo, chegando a ser considerado utópico. No entanto, a Senhora Dumas, tentando, sobretudo, levar religiosas para Lauzun, nos fez renunciar definitivamente ao projeto. Eu concluí, então: “Já que não posso me ocupar das meninas, na casa de outrem, ocupar-me-ei dos meninos na minha casa...”

14 No texto original está *archiprêtre*, que corresponde, na hierarquia eclesiástica, ao primeiro entre os presbíteros. *Archi* é um prefixo, em Francês, equivalente ao nosso “arqui” que indica uma hierarquia superior, como em arquidiocese (acima da diocese). Embora a tradução literal seria “Arcipreste”, optamos pela palavra “Decano” por ser mais utilizada em português, sem desvirtuar o sentido. (NT).

15 O próprio autor refere-se a si mesmo, em algumas passagens do texto, na terceira pessoa, realçando a narrativa. (NT)

CAPÍTULO II

SÉRIGNAC-PÉBOUDOU: O BERÇO

Em Sérignac, eu havia encontrado um camponês de verdade.

PEYRAT

Ainda jovem, firme, enraizado em sua terra, Jean Peyrat era, profissionalmente, o melhor: inteligente, cheio de energia e dedicação, ainda por cima, vereador.

Desde o início, entendemo-nos.

Orientei-o para o sindicalismo, e ele mesmo fundou o sindicato profissional agrícola de Sérignac-Péboudou.

Seu filho, que herdou as qualidades de seu pai, seria, um dia, pensava, o líder camponês da região. Muito inteligente, ele não tinha, infelizmente, nenhuma força de vontade.

Suas melhores resoluções, tomadas com maior entusiasmo e seriedade, duravam... três dias! Na manhã do quarto, não havia mais nada. Precisava esperar o próximo fogo de palha.

Foi nele que pensei ao tomar minha resolução.

Há muito tempo, eu pensava: “se eu pudesse cuidar de sua educação, conseguiria talvez lhe dar um pouco de força de vontade?”

Havia um ano que eu rodeava o pai, para convencê-lo a querer confiar-me seu filho. Numa bela tarde de domingo, em junho [1935], conversávamos juntos, em pé, na sombra das tílias do presbitério, olhando as crianças brincando.

De repente, seu rosto ensombrou-se.

“Yves”, disse, “não quer voltar para a escola superior. No entanto, ele está bem lá. Tem um quarto só para ele, sua avó trabalha lá como cozinheira. Ele volta todos os sábados e todas as quartas-feiras à noite. Porém, quando tem que voltar, na segunda ou sexta-feira de manhã, é sempre a mesma comédia. Ele anda de um lado para o outro, lá fora e volta chorando: “Estou com dor de cabeça, estou com dor de barriga...”

Finalmente, ele acabou de me declarar: “Papai, eu te obedecerei em tudo, mas quanto à escola superior, acabou. Não voltarei mais. Quero ser camponês. Lá não se faz camponeses.”

No entanto, com 12 anos, não terminou nossa instrução, mas, para nós camponeses, é sempre a mesma coisa: **não tem nada!**...ou, então, nossos filhos irão às escolas, instruir-se-ão, mas estarão perdidos para a terra; ou, caso queiramos mantê-los na terra, é preciso que permaneçam ignorantes!

- Vocês têm a escola livre de Marmande.
- É escola da cidade, dá os mesmos resultados!
- Vocês têm uma escola de agricultura em Fazanis, a 30 quilômetros de sua casa.
- Sim, mas temos que nos separar de nossos filhos durante os dois ou três anos que duram as aulas. Ora, mesmo nessa idade, precisamos deles. E custa caro. Embora pudéssemos, a rigor, fazer alguns sacrifícios, se estivéssemos certo do sucesso. Mas, veja, quantos camponeses de verdade você já viu sair de uma escola de agricultura?
- Vocês têm os cursos por correspondência?
- É verdade, um excelente paliativo, entretanto, está longe de resolver o problema.
- Mas então? Se eu o fizesse trabalhar junto comigo?
- Sozinho, ele ficará entediado, o remédio será pior que o mal.
- E se eu encontrasse outros meninos?
- Encontre outros, meu filho será o primeiro.

A ideia: a Escola Adaptada ao Meio de Vida do Campo

Eu acabava, finalmente, de plantar em boa terra a ideia que havia, há tanto tempo, germinado na minha mente: uma escola adaptada ao meio de vida do mundo camponês.

Para realizá-la em fórmulas concretas, comecei imediatamente a trabalhar, tomando das fórmulas escolares existentes o que me parecia ser o melhor, sem esquecer que devia, primeiro, fugir das trilhas batidas das leis escolares, a fim de fazer algo realmente novo. Minha escola, de fato, não teria nem direito ao título oficial de escola, já que eu deveria poder ensinar nela sem diploma.

Das escolas primárias, peguei as bases do ensino geral, necessárias apesar do C.E.P.

Dos colégios e do ensino médio, peguei o internato, muito útil para a formação integral dos alunos. Mas não queria um internato muito longo, para evitar inconvenientes para os adolescentes. Preferia-o períodos mais curtos, renovados.

Disso resultou o princípio da alternância, fundamento indispensável da escola do mundo camponês.

Das escolas de agricultura, peguei a alternância do trabalho intelectual com o trabalho manual, pois a instrução, mesmo que de ordem geral, não se faz, para os camponeses, somente nos livros, faz-se muito mais em contato direto com *o grande livro da natureza*.

Por isso quis o trabalho manual na propriedade familiar, em colaboração com os pais. Era necessário, portanto, um período longo o suficiente.

Dos cursos por correspondência, peguei os “estudos em casa”, para acostumar os jovens camponeses a trabalhar intelectualmente em casa.

Das escolas cristãs, peguei a formação religiosa que, para os católicos, não pode ser substituída por nada. Mas eu não quis que ficasse *nas mãos dos professores* que ensinam e que devem dedicar-se integralmente a seu ensino, nem nas mãos de um mero

capelão que só precisa ocupar-se com questões puramente religiosas, pois os problemas da adolescência transbordam, em diversos pontos, e até amplamente, das questões puramente religiosas.

Eu quis essa formação nas mãos de um responsável novo que eu ia criar: *o educador*.

Na minha escola camponesa, haveria, portanto: os mestres ensinantes, para a instrução; os mestres educadores, para a educação.

Eles deviam, é claro, trabalhar em estreita colaboração, para chegar juntos no mesmo objetivo: a preparação de seus alunos para a vida.

Portanto, diante de si, haveria alunos entrando em plena adolescência. Convencido que essa adolescência não é a “idade tola”, mas é, ao contrário, o período de real preparação para a vida, e que, por esse motivo, não se devia mais tratá-los como crianças prolongadas. Era preciso, ao contrário, falar-lhes uma linguagem nova, uma linguagem que estavam prontos para entender. Adotei como princípio geral de educação: confiança, não vigilância, com base no mandamento de amor do Cristo: “Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei.”

Quando meu plano estava suficientemente preciso, comuniquei-o a um confrade, amigo de sempre. Ele demoliu-o peça por peça. É uma utopia, declarou...

Apesar de tudo, terminei de montar meu projeto e fui para Toulouse apresentá-lo ao Padre Barjallé, professor da Escola Superior de Agricultura de Purpan e fundador dos Estudos Agrícolas por correspondência para o Sudoeste.

O Padre Barjallé aprovou plenamente e colocou-se à minha disposição para ajudar-me a aplanar as dificuldades, pois havia dificuldade, algumas importantes.

Quando não se Tem Diplomas

A primeira: a ausência de um diploma oficial.

Como poder, legalmente, abrir minha escola, já que eu não tinha um diploma me dando esse direito?

O Padre Barjallé prometeu-me procurar uma solução. “Existe, eu acho”, disse-me, “uma lei que poderá lhe permitir sair do impasse: a lei sobre a aprendizagem agrícola. É preciso encontrá-la e consultar os advogados.”

Enquanto estava em Toulouse, eu tentava, em vão, encontrar uma história dos camponeses através do tempo e uma geografia agrícola, elementos importantes de meu programa.

Escrevi para o diretor de uma escola de agricultura, que respondeu:

[...] utilizamos os manuais existentes, insistindo na parte que nos interessa. De modo geral, os manuais de ensino agrícola são incompletos porque suas tiragens modestas interessam menos aos livreiros do que os clássicos comuns, e nossos professores são obrigados a redigir apostilas [...].

A LEI LIBERADORA

Nesse meio tempo, a lei de 18 de janeiro de 1929, criando o contrato de aprendizagem agrícola, foi encontrada.

O senhor Boyer-Montégut, advogado no Tribunal de recursos de Toulouse, agricultor, escrevia, dia 24 de agosto: “[...] A questão é muito interessante em todos os aspectos. Mas, do ponto de vista fiscal e escolar, é delicada. Eu lhe pediria que me concedesse alguns dias, para reunir os elementos de resposta [...]”.

Sua solução, que chegou alguns dias depois, confirmava a do Secretário-Geral da União das E.A.C., o senhor Jacques Hibou:

“Sobre uma situação realmente particular de cursos agrícola, parece-me que a maneira mais prática de organizar isso consistiria em pedir a cada um dos pais dos aprendizes agrícolas que façam, junto à Câmara de Agricultura do Departamento, uma declaração de aprendizagem (trâmites e formulários são gratuitos). Os filhos seriam aprendizes na fazenda dos pais, o que é formalmente aprovado pela lei. Os pais declarariam, além disso, que a parte teórica caberia ao Padre Granereau, autorizado pela

Escola de Purpan como monitor de seus E.A.C. na região. Essa fórmula teria a vantagem de liberar o Padre Granereau de toda sujeição ao controle do ensino profissional [...]”.

Restava uma questão, também delicada: a do possível alvará, já que eu teria alunos internos pagantes. Para me liberar disso, era preciso “que o Padre Granereau possa comprovar que não tem lucro [...]”.

No retiro eclesiástico, no início de setembro, eu vi meu bispo e coloquei-o a par de meus projetos. Ele os aprovou, sem perguntar sobre orçamento. Nem teria tido o que responder, pois a questão do orçamento nem estava, por enquanto, sendo considerada.

Organização do Berço

Na casa paroquial de Sérignac, a organização material era preparada com a colaboração da Senhorita Barré que, entendendo a importância da ideia a ser realizada, havia aceitado um acréscimo de trabalho... sem desconfiar, no momento, até onde isso a levaria...

Antes que tudo fosse definitivo, as camas estavam encomendadas, numa largura de 70 cm para que as seis pudessem entrar no meu dormitório.

Fui até obrigado a modificar a abertura da porta e fazer com que abrisse para fora a fim de ganhar o espaço necessário para a mesa da toailete. Isso evitava a instalação, prevista inicialmente, no pequeno quarto vizinho que devia servir, no ano seguinte, para o monitor.

Tendo ido embora meu sobrinho, seu quarto estava pronto para servir de sala de aula e de estudo. Assim, o dormitório seria apenas dormitório.

Recrutamento dos Alunos

Com o Sr. Peyrat, e graças a um confrade sempre prestes a fazer um favor, o Padre Labarreyre, padre de Saint-Colomb e de Ségalas, havíamos finalmente encontrado dois outros chefes de família que, entendendo a ideia, aceitaram entregar, o Sr. Clavier, um de seus filhos e, o Sr. Callewaert, seus dois filhos.

Eu havia esperado preencher meu dormitório com seis alunos, mas os dois outros não chegaram.

A esse respeito, um confrade amigo me escrevia, dia 29 de novembro, uma carta que permite julgar melhor a situação inicial:

“Prezado, não consegui responder antes a sua carta; estava em plena missão e acredito que sua pergunta era urgente.

Você fez, então, uma sucursal de Purpan; acredito que achará muito difícil encontrar alunos. Aqui, não vejo nenhum (jovem) cujos pais deixariam ir, mesmo que seja por apenas oito dias.

Aliás, eles são muito céticos quanto ao valor de uma escola de agricultura sem aulas com conteúdos e, por assim dizer, sem professor.

As simples e primeiras noções, eles pretendem tê-las em casa, sem precisar buscá-las no presbitério de Sérignac.

Quanto ao valor educativo e moral da estadia perto de você, muitos se desinteressariam disso, enquanto outros a julgariam muito curta para ser eficaz.

Fiquei um pouco surpreso, também, com essa duplicação de centro agrícola. Com os Mautors, parece-me que seria bem melhor. Uma única organização para o mesmo objeto, claramente orientada nesse sentido, me pareceria preferível a duas; a segunda, queira ou não, parecerá um tipo de concorrente, mas estou longe demais para julgar...

Afetuosamente em N. S...”

A “FÓRMULA DE LAUZUN”

No domingo 29 de setembro, reunião com os três chefes de família, na casa do Sr. Peyrat, para estudar a organização definitiva do projeto. Conversamos durante duas horas e meia.

Resumo assim o que se convencionou chamar de “Fórmula de Lauzun”, embora estejamos ainda em Sérignac-Péboudou:

- Então: vocês podem deixar comigo seus filhos, uma semana por mês, de novembro a abril?

Longa discussão. Já sabiam o que perdiam. Ainda não sabiam o que iriam ganhar.

Finalmente, encosto-os na parede: “ou vocês querem que eu faça alguma coisa, e me dão os meios de fazê-lo, ou nem vale a pena começar.”

Diante de minha tenacidade, aceitaram e concederam-me a semana. Mas, em seu pensamento, era algo como a escola: ir de manhã e voltar de noite. Ora, eu queria tempo para a formação cristã e para a educação tal como a concebia. Para tê-lo, eu disse:

– Quando voltarão para a casa, de noite, já será tarde, eles não poderão fazer nada. Então, deixem que permaneçam em pensão comigo, recuperarei o tempo perdido nas estradas para a formação cristã. Além do que o próprio dormitório me servirá para formar a vontade.

- É verdade, não terão tempo de fazer muita coisa, chegando em casa. Fique com eles, então, se quiser.
- Três semanas com vocês, sem estudar, é muito tempo. Podem liberá-los uma ou duas horas por dia, para os deveres de casa?
- No inverno, as noites são longas. Depois, tem os dias de chuva. Deixaremos o tempo que precisam...
- Para cortar o grande intervalo dos seis meses de verão, eu lhes pediria liberá-los um dia por mês, de maio a outubro.
- É possível, sobretudo de domingo.

Chegávamos à questão mais delicada: a questão do dinheiro.

Quando disse a um confrade que eu pensava fazer os pais pagarem... “Você está louco, os camponeses nunca te darão dinheiro”, respondeu. Portanto, reduzi ao estrito mínimo.

Levanto, primeiro, a questão alimentar.

“Seus filhos vão estar em pensão; vão precisar comer. Se eu cobro uma pensão, vou estar sujeito a um alvará. Não tenho nada a ganhar com isso!

Vocês têm do que comer, tragam alguma coisa, comermos juntos, haverá o suficiente para todos.

Vocês têm lenha, tragam um pouco, para cozinhar e para aquecer a sala de estudos.”

“A ideia é boa; melhor assim. Combinado.”

A primeira rodada estava ganha; era preciso ganhar a segunda.

“Pensemos no futuro. Tenho seis vagas no dormitório. Tem quatro semanas num mês: $4 \times 6 = 24$.

Com os novos alunos que chegarão, precisarei de um monitor para me ajudar.

Será preciso pagá-lo. Calculei que 300 F por ano e por aluno seria o suficiente.” Não houve hesitação em dizer “sim”.

Estávamos de acordo sobre os principais elementos da nova fórmula, que estabelecia, pela primeira vez, **uma estreita colaboração família-escola**.

Dia 30 de setembro, o Padre Barjallé me escrevia de Purpan: “Prezado Senhor Pároco, estou feliz de poder lhe ajudar na obra que empreendeu: anexo o certificado de constituição da seção local do Sindicato.

Como disse, justamente, o Sr. Hibou, são os pais das crianças que devem constituir a seção local... Diga aos membros da seção que o reconheçam como monitor de seus filhos; cabe a eles apresentar você a Purpan, que o aceita de antemão...”

Dia 4 de outubro, chegam as camas. A gente as instala imediatamente: –“Estamos contentes” escrevi no meu caderno.

O S.C.I.R. ENTRA EM AÇÃO

Embora auxiliados pelas E.A.C de Purpan, ficávamos, na verdade, um pouco sozinhos em nosso canto perdido da terra da França. Já que possuíamos um Sindicato nacional, porque não usar de sua influência para apoiar uma ação, tão frágil em seu início?

Poder dizer, em pleno campo, que temos o apoio de Paris, é algo enorme! Aliás, era muito natural que uma tal iniciativa se tornasse uma ação do S.C.I.R, já que, na realidade, ela fazia parte

de seu programa inicial. Além do que, Arsène Couvreur estava pronto para aprovar, sem restrições, o projeto.

Depois de 1930, minhas viagens para Paris eram bastante frequentes, pois eu havia encontrado lá o médico Dr. Capmas, que salvou minha vida. Ele me deu de volta a forte saúde que me permite levar adiante minha missão.

Como eu ainda devia vê-lo em Paris, aproveitei para convocar uma reunião do Conselho do S.C.I.R.

Aconteceu no dia 14 de outubro, sob o olhar da igreja do Sacré-Coeur, em Montmartre.

Ao longo daquele dia, o projeto de Sérignac-Péboudou foi cuidadosamente estudado. Finalmente, o Conselho cria uma seção de aprendizagem agrícola e adota seus estatutos. Ele define o título da iniciativa nova:

“Seção de aprendizagem agrícola do Secretariado Central de Iniciativa Rural, para a região de cultivo da ameixeira de Ente, dita ameixeira de Agen.”

Os três chefes de família são admitidos no S.C.I.R. e recebem a missão de realizar praticamente a iniciativa. O Padre Granereau é nomeado monitor e educador dos primeiros aprendizes agrícolas.

Primeira Diligência ao Ministério da Agricultura

Apesar de tudo, para evitar qualquer problema, sempre possível, com a questão do diploma, eu quis ter certeza de que nossa interpretação da lei era justa. Então fui ao Ministério da Agricultura. Um amigo me apresenta ao chefe do serviço competente, o Sr. Paon.

Precisei fazer um esforço para dominar minha timidez natural, que nunca me deixou completamente. Ora, estaria diante de um representante oficial do Estado, eu, pequeno pároco de aldeia! Acham!?

Encontrei um homem de aparência um pouco fria, mas realmente preocupado com os interesses do mundo camponês.

Recebeu-me muito amigavelmente e, por um bom tempo, expus nosso projeto.

- Ah!, disse ao longo da conversação, tudo o que se pode fazer para a agricultura, de um lado como do outro, está por um fio. Salvo algumas raras exceções, que realmente têm interesse, como você, todos a abandonam. Tem um sindicato?
- Sim, o S.C.I.R, que nos dá cobertura; é um sindicato nacional.
- Então está bem.

Eu lhe prometo mantê-lo informado, pedir-lhe conselho quando precisar e saio, enfim tranquilizado.

Com a lei do 18 de janeiro de 1929, eu tinha um bom guarda-chuva legal para me cobrir em caso de chuvarada.

O dia de Todos os Santos (1º de nov.), nas duas missas, anunciei oficialmente o que faria, acrescentando que tinha o direito de fazê-lo, conforme disseram no Ministério da Agricultura. Foi só isso. Fui adiante, sem mais me preocupar com o que as pessoas dirão.

Por trás, criticava-se algum tanto. Pensava-se até na política, como mostra essa anedota que me contou, em outubro de 1967, meu amigo Peyrat, recordando velhas lembranças.

“Naquele domingo à noite, a festa estava no auge no lugarejo de Champagne. Fui interpelado por um jovem agricultor do lugar, que eu conhecia bem.

- É uma escola fascista que o senhor está montando com o pároco?
- A política é a última de nossas preocupações! O que nos interessa, sobretudo, é a falta aqui de formação profissional e intelectual oferecida aos nossos filhos que se destinam à profissão de agricultor.

Ele ficou de boca aberta, sem responder.”

A famosa pergunta: “*Qué boou fa lou curé dans soun escolo?*” [O que o padre quer fazer com sua escola?] apareceu frequentemente na boca dos transeuntes intrigados.

A essa pergunta, um dia, um dos alunos respondeu com todo um discurso, numa sessão recreativa.

A Magia das Palavras

Os aprendizes agrícolas deviam voltar assim que terminassem as sementeiras. Aproveitei dos últimos dias livres para trabalhar na minha “História dos camponeses através do tempo”, já que não consegui encontrar nada nas livrarias. Parou no oitavo capítulo.

Digo “os aprendizes agrícolas”, pois trata-se, agora, não de uma escola com alunos comuns, mas de cursos profissionalizantes da aprendizagem agrícola.

- não se irá às salas de aula.
- ir-se-á aos cursos.
- Não haverá deveres de casa de francês, nem problemas, nem história, nem geografia.
- Isso tudo é escola.
- Haverá deveres de casa agrícolas, problemas agrícolas, história e geografia agrícolas.

Com essa terminologia nova, reforçaríamos a solidez de nosso guarda-chuva legal, a Lei do 18 de janeiro de 1929, e o resultado, para nossos jovens, seria o mesmo.

A agricultura não toca a todas as ciências, a todos os conhecimentos humanos?

Cursos Profissionalizantes Agrícolas: havia espaço suficiente para instruir nossos jovens camponeses, e isso me bastava.

O início das aulas foi definitivamente fixado para 21 de novembro. Cada um chega, acompanhado por seus pais, que

trazem as provisões da semana. Meus alunos, desculpe, meus “aprendizes agrícolas” chegaram, perguntando-se o que iam poder fazer durante uma semana inteira na casa do pároco.

Para mim, uma outra questão já havia se colocado várias vezes, a mais angustiante de todas: ia, então, viver uma semana inteira, eu, um velho pároco de 50 anos, com quatro garotos de 12 a 14 anos, chegando à idade mais difícil da vida, como se dizia.

Eu os teria sempre atrás de mim. Entretanto, eu queria submetê-los a uma disciplina formadora da vontade.

Aceitariam essa disciplina?

Caso não a aceitassem, caso precisasse, para que se dobrem a ela, repreender, punir, a tentativa fracassou!

“Não tem jeito, eu tenho que os embalar”, era sempre minha conclusão.

“ALGO QUE VAI MUDAR TUDO ISSO”

As crianças escolheram sua cama, sob o olhar emocionado das mães. Tudo está pronto no dormitório. Os pais vão embora.

Pela primeira vez, estou sozinho com meus jovens “Aprendizes”.

Primeiro, levo-os para uma visita à igreja, onde Jesus os esperava em seu sacrário, e de onde velará amorosamente por eles. Com Ele, as coisas vão sempre melhor.

Indico a meus jovens o que será seu domínio, apontando o fato de que os campos para brincar pareciam ter sido preparados para eles.

Como eu tinha a sorte de possuir uma igreja rachada e uma casa paroquial bastante degradado, eu tinha decidido aproveitar minha sorte.

Levei-os para dar a volta da igreja, da casa paroquial, tendo o cuidado de assinalar tudo que podia dar uma impressão de ruína. Descemos ao porão, entramos no depósito para ver as pedras ameaçando destacar-se, ou já caídas no chão.

Terminada a visita, que, aliás, divertiu muito meus jovens, que não entendiam onde eu queria chegar, voltamos para a sala de estudos.

Depois da oração, começa a conversa.

- O que vocês acham disso?
- A coisa está feia.
- Então, crianças, isso é o símbolo (entenderam mesmo essa palavra?) do mundo camponês. O que se diz dos camponeses?
- Ninguém liga.
- Ah, já perceberam isso?
- Oh, não é difícil.
- E para sua instrução, o que vocês têm depois da escola?
- Absolutamente nada. Na Escola Superior, não se faz camponeses, declara logo aquele que não queria mais ir lá.
- No aspecto religioso, vejam a paróquia de Sérignac: 350 habitantes e 4 homens que fazem a comunhão de Páscoa! E tudo isso vai desmoronar cada vez mais. Será ainda pior quando vocês serão chefes de famílias... a menos que vocês queiram que isso mude. Se vocês quiserem, hoje à noite iniciamos “algo que vai mudar tudo isso”. Querem?

Surpresos com tal pergunta, hesitaram um tempo e depois responderam claramente: “Sim, queremos.”

“Muito bem, mas caso vocês queiram, é preciso ter os meios para isso. Quando querem ir para Lauzun, não pegam o caminho de Castillonès (o exato oposto).

“Caso vocês queiram, é preciso tornar-se líderes. Para ser um chefe, é preciso de força de vontade, portanto, com a sua idade, é preciso formá-la.

O grande formador da vontade é o silêncio. Eu vou lhes pedir o silêncio no dormitório. Vocês deitarão em silêncio, dormirão em silêncio, levantarão em silêncio.

“Vocês querem?”

Desta vez, a realização era mesmo imediata.

Hesitaram ainda, olhando-me bem de frente, para saber se isso era realmente sério.

Eu os olhava também, pedindo instantaneamente ao Mestre, nesse minuto supremo, que lhes desse a coragem de querer.

Chega a resposta, com um sorriso que desabrocha seus rostos: “Sim!”

Acrescentei: “você vão deitar sozinhos no dormitório, sem bedel; aliás, aqui não tem bedel. Vocês estão em toda parte sob o olhar de Deus, que lhes vê, que lhes ama.

É para Ele, para Lhe agradecer, que vocês farão silêncio.

Se fizessem isso para agradecer a mim, estariam errados; não sou eu que lhes colocarei no Céu.”

Agora era fácil fazer com que eles quisessem todo o resto do regulamento preparado. Estávamos – eles entenderam – no plano da colaboração.

O Chefe da Brincadeira

Chegando no recreio, eu lhes digo: “Minhas crianças, não terei tempo de cuidar de vocês durante os recreios. Terei apenas esse tempo para rezar meu breviário. No entanto, será necessário que vocês brinquem para poder trabalhar bem.

Nomearemos, a cada dia, um chefe da brincadeira. Cada um será chefe, sucessivamente. O que o chefe da brincadeira decidirá, vocês brincarão. Mesmo que não gostem, brincarão do mesmo jeito.

Porém, à noite, julgaremos. Se vocês não ficaram felizes, poderão então criticar.

Combinado?

– Sim.”

Eles podiam agora ler os simples cartazes que eu havia colocado para eles aos pés do crucifixo, nas paredes de sua modesta sala de estudos.

Formação Cristã

No programa da formação cristã, introduzi:

1. a página do Evangelho comentada;
2. a missa (lida em voz alta, dando eu menos o sinal do início dos parágrafos na parte secreta);
3. a comunhão facultativa (insistindo no fato de que não se comunga porque está na casa do pároco, mas porque entendeu);
4. a leitura espiritual;
5. a visita ao Santíssimo, com a oração da noite, na igreja;
6. exame particular, por escrito, antes de deitar;
7. entrevista pessoal, uma vez por semana, com o Diretor (cada um trará sua folha de exame).

Para preparar vontades fortes, não hesitei em jogá-los nessa fornalha de amor que o Cristo abre às almas de boa vontade, para martelá-las mais facilmente sobre a bigorna do esforço e da luta contra si.

Era pedir-lhes demais? Todos eram de famílias católicas e praticantes. Eu queria fazer deles líderes completos. Me dotava dos meios para isso.

O caderno das contribuições em espécie

As boas contas fazem os bons amigos. Desde a primeira noite, iniciei o caderno das contribuições em espécie. Eles ditando, eu anoto escrupulosamente tudo que trouxeram.

Primeira Noite

A Srta. Barré, com a ajuda de sua auxiliar de cozinha Constantine, havia preparado uma excelente refeição de boas-vindas – e isso conta para garantir o sucesso!

Pela primeira vez, iniciei o gesto que se tornou ritual, a cada deslocamento, durante dois anos: pego o lampião - nossa eletricidade portátil – e a transporto na sala de jantar.

O jantar foi muito alegre, muito animado. Prolongou-se em uma boa diversão em família, sem respeitar demais os horários do regulamento... e deitaram-se mais tarde do que o previsto, para deixar à Srta. Barré o tempo de preparar os sacos de moletom que mantêm quentes os pés de nossas crianças.

Fechamos o dia com a oração na igreja bem próxima e com o primeiro exame particular [de consciência]. De volta ao estudo, distribuo folhas especiais de exame e ensino a usá-las. A resolução foi, é claro, o silêncio no dormitório.

Depois do exame particular, começa o grande silêncio. Não dou sinal. Espero que o último tenha terminado.

Carregando o lampião, conduzo-os ao dormitório, onde cada um encontra com prazer sua cama, embora muito surpreso de se encontrar lado a lado e de não poder se falar.

Assim que estão deitados, pego de volta o lampião:

– “Boa noite, minhas crianças.

– Boa noite, Sr. Pároco.”

Vou para meu quarto, os deixando sozinhos com uma promessa bem frágil na sua idade, mas, entretanto, sob o olhar de Deus.

Algum tempo depois, ciente da minha responsabilidade, voltava a passo de lobo para escutar na porta e saber o que acontecia. Às vezes escutava vozes bem baixinhas, alguns fragmentos de conversa. Eu me abstinha de entrar. Isso já era, para eles, um real esforço de silêncio.

Antes de me deitar, às 11h25, anoto no meu caderno espiritual: “Chegada dos primeiros aprendizes, noite em família. Algum atraso, mas espírito bom. Tudo começou bem.”

Primeiro Dia

Terça-feira, 22 de novembro, começa o primeiro dia.

6 horas da manhã, o lampião entra no dormitório, seguido por um poderoso *Benedicamus Domino* (Bendigamos ao Senhor) que toca o despertar.

– *Deo gratias* (Graças a Deus), respondem, e, imediatamente, em silêncio, cada um levanta, se lava.

Quando todos estão prontos, vão à sala de estudo para a oração e a página do evangelho. O fogão já aquece.

Com a página do evangelho, os comentários, pedidos de explicações e respostas. Tem-se o direito de falar. Aproveitam. Grande animação, mas, ao mesmo tempo, forte interesse.

6h45, fechamos com o *Angelus*. O grande silêncio termina. A vida de família recomeça com alegria.

- Bom dia, crianças. – Bom dia, Sr. paroco.
- Dormiram bem? As camas não eram duras demais?
- Oh, foi tudo bem.
- Vamos para a igreja.

Na sacristia, onde eu me visto para a missa, minhas quatro crianças estão em minha volta; aprendem, sucessivamente, o nome dos diversos ornamentos, sua origem, seu sentido litúrgico.

7 horas: a missa começa.

Os quatro, ajoelhados em torno do altar, respondem atentamente. Depois, na mesma tradução, eles vão ler, em voz alta, sua missa comigo.

Na parte secreta, pronuncio alto a primeira palavra do parágrafo. Assim, um sincronismo fácil se estabelece, que os ajuda a viver sua missa, ao acompanhá-la bem.

Antes do fim da semana, eles declaravam, com alegria: “Desse jeito é interessante ir à missa.”

A missa terminou. Nenhum comungou. Para eles, a questão da Eucaristia não se coloca. Eles vão arrumar suas camas e pôr ordem em suas coisas.

A Srta. Barré, escrupulosa na limpeza, ia cuidar da faxina do dormitório e da sala de estudo.

Minha Ação de Graças foi um pouco encurtada, para não os deixar muito tempo sozinhos. Chego para o estudo, esperando 8h30.

Com prazer escuta-se tocar a hora do café da manhã. Obedecem sem hesitar.

Terminado o café da manhã, é hora do recreio. O chefe da brincadeira, nomeado ontem a noite, assume seu papel. Sem perder um minuto, ele leva seus companheiros na brincadeira que escolheu. Há muita animação. Será assim a cada recreio. A não ser que haja algum serviço a prestar para a cozinheira, como eu lhes havia recomendado. Rapidamente, vão para a cozinha.

“Srta. Barré, a senhorita precisa de água?” (Tínhamos apenas uma bomba). Ao mesmo tempo, eles tentavam ver o que ela preparava de bom... E a Srta. Barré estava encorajada.

Às nove, chamo os aprendizes para a aula. Até às 6 da noite, serei o monitor. Primeiro contato com essas jovens inteligências.

– “Quem tem o certificado de estudos?” Os quatro levantam a mão.

– “Vocês são mais fortes que eu. Eu não o tenho...”

As primeiras perguntas deixam rapidamente aparecer várias lacunas na gramática e, sobretudo, no vocabulário, que é muito deficiente. Essas constatações são, para mim, a prova evidente que o método escolhido para as aulas corresponde bem a seu estado intelectual.

O MÉTODO DE LAUZUN

Cada um tem seu manual de agricultura. Alternadamente, os aprendizes leem em voz alta, o que torna uma lição de leitura muito útil. A cada palavra não entendida, tem-se o direito de parar a leitura e pedir a explicação.

Muito raramente usam desse direito. Se leram, é porque entenderam, pensam eles.

Eu é que os paro, que faço perguntas, às vezes como para azucrinar, de tão simples que a palavra me parecia. No entanto, era necessário que eu a explicasse.

Tendo o manual debaixo dos olhos, era fácil ir adiante, parar, voltar atrás, sem perigo de se perder.

O professor completará o manual, até amplamente, quando for necessário, com notas ditadas. Ele sempre voltará ao manual, para a maior satisfação dos alunos.

Quando voltarão para a casa, terão, como lição de casa, toda a parte explicada.

Como lição, elaborar perguntas sobre essa mesma parte.

Na volta, na “semana” seguinte, as lições são recitadas, os deveres corrigidos. Assim, de modo natural, os alunos trabalham três vezes as mesmas questões. Esse método ficaria conhecido como “o Método de Lauzun”.

As aulas de agricultura eram, é claro, cortadas por lições de ensino geral, para evitar a monotonia da mesma matéria.

O curso devia interessá-los, pois o final foi acolhido com um “finalmente” eloquente.

Eles haviam aprendido algo novo e enriquecido um pouco seu vocabulário.

Às 6 da noite, eu deixava de ser monitor para retomar meu papel de educador cristão, na forma de uma leitura dita espiritual. É propositalmente que eu me expesso assim, pois havia tantas palavras a serem explicadas que a leitura não andava muito rápido, e era também, ao mesmo tempo, uma aula de francês. No primeiro ano, lemos a vida de Marc-Raymond Caussé, um verdadeiro precursor jacista¹⁶ do cantão de Tournon-d’Agenais, em Lot-et-Garonne.

A refeição da noite, como a do meio-dia, foi muito animada. Piadas, adivinhas, várias perguntas choviam neles. Os risos abundavam a qualquer momento; a refeição prolongou-se na alegria, deixando às cozinheiras o tempo de servir e de comer também. Desde o início, comeram na mesa conosco, para que seja realmente, para todos, vida de família.

O CURSO DO SENHOR PEYRAT

Pouco depois de terminado o jantar, chega o Sr. Peyrat. Tínhamos combinado que ele viria de vez em quando, à noite,

16 Membro da J.A.C. (Jeunesse Agricole Catholique), movimento de ação católica fundado em 1929 para evangelizar o campo (n.d.t.).

ministrar algumas aulas sobre a ameixeira. Estamos, de fato, na região de cultura da ameixeira de Ente, dita ameixeira de Agen. O Sr. Peyrat é um emérito cultivador de ameixas. Se eu não soubesse que podia contar com ele, é muito provável que eu nunca teria ousado me lançar em tal empreendimento.

- “Estou muito feliz de vir dar aulas para seus alunos, disse ao chegar. Assim, vou poder formar meu filho. Quando estamos a podar uma árvore, ele me diz, às vezes: ‘porque cortar esse galho, papai?’
- Corte-o, porque é preciso cortá-lo.
- Não posso gastar uma hora com explicações. Aqui, pelo contrário, terei todo o tempo necessário...”

O profissional dava sua aula. Eu, primeiro aluno, tomava notas e, no dia seguinte, com meus “aprendizes”, eu revisava a lição da véspera. Estudamos assim a ameixeira, o pessegueiro, a videira: plantio, cultivo, poda.

Quando a época da poda chegou, o Sr. Peyrat levou seus alunos para seu pomar e, sob seu olhar, fez com que eles podassem suas ameixeiras.

Mais tarde, um de meus jovens dirá, encantado: “agora sei porque é preciso podar tal galho e não tal outro. Com isso, poderei trabalhar inteligentemente e, às vezes, tentar uma experiência nova. Caso me engano, sei onde é preciso recomeçar.”

Enquanto isso, nossas cozinheiras terminaram seu trabalho da noite. Acompanhamos o Sr. Peyrat de volta para a casa e entramos na igreja para a oração. O primeiro dia foi realmente bom: o impulso estava dado. Iriamos conviver bem juntos. Com muita alegria, dissemos “obrigado a Jesus”.

Só restava avaliar o chefe da brincadeira.

Enquanto ele fica em silêncio, esperando o veredito de seus pares, eu pergunto:

- Estão satisfeitos com seu chefe da brincadeira?
- Sim, estamos, Sr. Pároco.

- Tem alguma coisa a criticar?
- Não, Sr. Pároco.
- E você, o que tem para dizer?
- Nada, Sr. Pároco, funcionou bem.
- Eu também, estou muito satisfeito com vocês, com seu dia. Continuem assim. - E agora, é o grande silêncio que recomeça. Façam, cada um, seu exame de consciência por escrito.

Ao Longo da Semana

O dia 26 de novembro é marcado pela visita ao pomar do Sr. Peyrat, visita que “tem despertado uma concretização do trabalho na árvore”.

Logo no início, acompanhamos, ao mesmo tempo, o programa dos cursos por correspondência e enviamos as lições para Purpan.

Pouco a pouco, foi constatado, de um lado como do outro, que nossa iniciativa deveria funcionar por si só.

Isso será definitivo no segundo ano.

Os dias passaram bem rapidamente. O programa previsto foi seguido. O regulamento, mais ou menos, pois vejo anotado na noite do segundo dia: “está indo. Entretanto, deixo um pouco solto demais com relação à fixidez do regulamento [...]”.

A primeira semana incluía um domingo. Depois das vésperas, os jovens do “patronato” são confiados aos cuidados dos quatro aprendizes. Com sucesso.

À noite, ao redigir meu caderno espiritual, pude escrever com alegria: “Um passo na formação. Yves Peyrat não respondeu à saudação um pouco provocante de uma menina voltando do baile, e isso voluntariamente.”

Liberdade e Verdade

Lá pelo meio da semana, eu quis avaliar se a maneira de fazer os exames de consciência foi bem entendida. Cada um por vez, eles foram me ver, sozinhos, com sua folha. O exame era

feito conscienciosamente. Pudemos, nessa ocasião, começar a responder a diversos problemas da adolescência.

Um deles anotava a cada dia a comunhão espiritual.

Caindo na armadilha e pensando ter encontrado nele um desejo ardente pela Eucaristia não realizado por timidez, eu lhe disse: “Se você deseja comungar, por que não comunga?”

– Eu não me confessei.

– Se você quiser, é fácil.”

Ele se confessou e comungou nas três outras manhãs.

Quando voltou para a segunda semana, ele trouxe sua folha de exame, conscienciosamente preenchida com comunhão espiritual cotidiana. Entretanto, no domingo, apesar da missa, não havia comunhão sacramental:

– Pois então, meu filho, sua comunhão espiritual é realmente um desejo de comunhão? Não era mais um pensamento da comunhão, sem um desejo imediato?

– É por aí.

– Então, por que você comungou, na primeira semana? Foi porque eu disse?

– Sim, um pouco.

– Meu filho, você não é obrigado a comungar mais do que os outros. Continua sua comunhão espiritual do seu jeito e, depois, quando terá realmente a vontade de comungar, então você comungará.

Não comungou a semana toda.

Um pouco mais tarde, ele recomeçou, por conta própria, e foi o primeiro a comungar e continuou.

Com outro, início assim a conversa:

– É verdade que faz algum tempo que você se coloca questões novas e que não sabe como responder?

– Oh! sim. E, às vezes, só penso nisso.

- Acontece com todos, na sua idade, pois você está em plena fase de descoberta da vida. Se você quiser, eu lhe ajudarei a ter todas as respostas a todas suas questões. Para isso, é preciso que você confie em mim, como eu confio em você. Vejamos sua folha de exame. Entendeu bem o método? É verdade mesmo, o que você escreveu?
- Sim, Sr. Pároco, pois se eu posso enganar o senhor, não posso enganar Deus.
- Muito bem, assim você viverá na Verdade. Você colocou até uma pergunta sobre a página do evangelho:
 - Por que Elizabeth era estéril?
- Isso quer dizer que ela não podia ter filhos.
- Você sabe como nascem os bebês?
- Sim, Senhor Pároco.
- Quem lhe ensinou?
- Os colegas, na escola. (Os pais não ousavam dizer nada, naquele tempo.)
- E depois, vocês deram risada?
- Oh! sim.

A conversa continua, tornando-se mais íntima, mais pessoal, e vai retificando tudo, levando meu adolescente a ver, na magnífica beleza do plano divino, a vinda da criança, vínculo definitivo do amor dos pais.

Doravante, ele não rirá mais disso.

ELES RETORNARÃO?

Meus jovens partiriam no dia 28 de novembro. Voltariam? Nova pergunta angustiante.

Caso tivessem chegado em casa dizendo: “O pároco é maçante!” estaríamos perdidos. Lá pelo final da semana, houve uma tendência ao relaxamento em alguns pontos. Na hora da leitura espiritual, eu lhes disse, na última noite:

– Minhas crianças, peguem uma folha de papel. Escrevam:

1. Estou contente ou descontente com minha primeira semana?
2. Dar os motivos da minha resposta à primeira pergunta, tal como veem na mente.
3. Numerar as respostas por ordem de importância.

Com certa emoção, recolhi as quatro folhas e li:

- I. Todos contentes – E eu também, imaginem!
- II. Motivos: de 5 a 11.
- III. Os motivos, eis tais como os anotei no meu diário de classe:
 1. Porque pensamos frequentemente em Jesus. Vamos na missa, eu comunguei, aprendemos a melhor amá-lo, a melhor conhecê-lo.
 2. Porque trabalhamos bem; refletimos bem.
 3. A gente se diverte muito.
 4. A gente não se entedia.
 5. Temos cada um a sua cama, havia escrito o mais novo.
 6. Dormimos bem.
 7. Estamos bem alimentados.
 8. Gostamos uns dos outros.
 9. A gente vive na paz, na tranquilidade.
 10. Está começando a ter disciplina, silêncio.
 11. Trabalhamos à vontade, podemos fazer esforço.

Eu podia ficar tranquilo, minhas crianças eram conquistadas. Voltariam.

Com eles, fiz a revisão da semana, certamente não no tom preparado no caderno de anotações. Suas folhinhas haviam me esclarecido sobre seus verdadeiros pensamentos. Eu queria chegar rápido ao ideal entrevisto. Muito facilmente, estava propenso a considerar o menor capricho um abandono real.

Minhas crianças iniciavam minha verdadeira formação de educador.

Para que pudessem continuar em casa no caminho que acabaram de tomar, eu lhes dei as diretrizes úteis no aspecto: intelectual, familiar, social e religioso.

Indiquei as lições a serem estudadas e os deveres a serem feitos.

Recomendei, sobretudo, de manter o caderno de fazenda, exigido pelos cursos por correspondência de Purpan.

No dia seguinte, deixei-os partir. Partiram com pesar.

Voltaram com alegria.

– Já? É preciso ir? Quando voltamos? diziam no final de cada semana. Passaram assim cinco semanas.

Constatando o sucesso daquilo que considerava, no início, uma utopia, meu excelente amigo, o Padre Lassort, me incentivava a divulgá-lo através de alguns artigos de jornal.

Porém, antes de falar disso publicamente, eu queria estar absolutamente certo do resultado.

Portanto, deixei passar os dias e os meses, apenas preocupado em formar meus jovens e formar a mim mesmo. Eu precisava muito disso.

Professor

Fiel a meus deveres de professor, procurei incessantemente o meio de tornar mais viva a formação intelectual e de lhes dar um método de trabalho que pudessem manter em sua casa depois que terminassem as aulas.

A base do método é, como já mencionado, a leitura comentada do manual.

Com tal método, o programa que eu havia traçado não avançava. Certo dia, comentei isso:

- Minhas crianças, peço desculpas, mas realmente não avançamos com muita rapidez.
- Oh, Senhor Pároco, não se preocupe. Em uma semana com o senhor, fazemos mais trabalho do que em três semanas de pensão! Exclamou imediatamente o ex-aluno da Escola Superior.

Eu queria ajudá-los também a formar seu discernimento.

Perto do meio da semana, havíamos uma saída: íamos ver um pomar, um trator em funcionamento, uma fazenda etc.

De volta, tinham, como lição de francês – perdão, como “lição agrícola” – contar a visita.

Na aula seguinte, cada aprendiz lia sua redação.

Os outros faziam a crítica, tanto do ponto de vista do estilo quanto do ponto de vista técnico.

Eu retificava as observações, se fosse o caso. Acrescentava as minhas. Depois, cada um, em voto secreto, dava a nota que achava justa. Só me restava fazer a média.

Rapidamente, sua avaliação foi formada. Varias vezes aconteceu que dois deles deram exatamente a mesma nota, e a terceira era muito próxima das duas outras.

Guardamos a lembrança da caixinha contendo os minúsculos boletins de voto, preparados de antemão, em série.

Educador

Preocupado com meus deveres de educador, sabendo que as personalidades não se formam a granel, mas que é preciso acompanhá-las individualmente, se quisermos vê-las desabrochar, eu recebia meus jovens individualmente, duas vezes por semana: em sua entrada e em sua saída, para saber em que ponto estavam com seus esforços, seja em casa, seja na casa paroquial, e para tomar a resolução útil em casa ou aqui, já que os meios de vida eram totalmente diferentes.

A cada vez, eu percebia um verdadeiro progresso, andando, ia dizer, naturalmente, à maneira das montanhas-russas, sempre em real ascensão em direção ao objetivo perseguido.

Eles constatavam, com alegria, a grande vantagem, para si próprios, dessa volta para o meio normal de sua vida e para seu novo meio, este servindo de recarga energética de sua vontade.

Entre eles, ajudavam-se mutuamente, às vezes mais do que uns quisessem, a aparar as arestas uns dos outros e corrigir os defeitos.

Um deles, de bom coração mas de temperamento difícil, ganhou maravilhosamente nesse trabalho lento e contínuo de caridosa correição fraternal.

Quantas cenas fez, por uma pequena zombaria, largando seus colegas em plena brincadeira, até o dia em que, entendendo enfim – estávamos chegando na quarta semana – ele deu risada, e acabou.

Tornou-se, talvez, o melhor de todos.

Chegávamos, assim, na quinta semana. Dispondo apenas de um dormitório e de uma sala de estudos, tive a audácia de lhes pedir que se dobrem à disciplina do retiro fechado que meu amigo queria lhes pregar.

Durante todo o tempo, aguentaram bem. Porém, no terceiro dia, foi pouco deixá-los na tarde inteira para relaxar.

Os pais, consultados, estavam satisfeitos em todos os aspectos com suas iniciativas. Um pai me confessou, com certo orgulho: “Eles sustentam a comparação com as outras crianças de sua idade.”

Liberação Progressiva

Eu tinha ainda duas paróquias. Meu estado de saúde ainda devia ser observado.

Para diminuir o cansaço, tive que reduzir o serviço paroquial de Montauriol; daí, reclamação dos paroquianos, talvez mais por parte daqueles que não iam na missa do que daqueles que iam. Sempre fica bem ver passar o pároco, escutar soar os sinos... e levar os clientes para os comércios da aldeia.

Em Montauriol, havia, naquele ano, um grupo interessante de meninas. A casa paroquial ficava vazio. Para elas, tentei algo que correspondesse ao que realizava para os meninos na minha casa paroquial de Sérignac, quando, de repente, uma carta do Senhor Vigário-Geral chegou, dizendo que Monsenhor, considerando meu estado de saúde, me liberava de Montauriol e confiava a paróquia a um pároco vizinho.

No mesmo dia, chegou uma carta, em que dizia-se que a pessoa com a qual eu contava para as meninas dava uma resposta negativa.

Querendo ver, em tudo isso, “uma manifestação da Vontade de Deus”, apressei-me a cortar as pontes, escrevendo ao Senhor Vigário-Geral e ao Pároco que eu aceitava de bom grado as decisões tomadas.

Doravante, Montauriol não contava mais para mim. Doravante, terei mais tempo para meus jovens aprendizes. Quanto às meninas, era prematuro pensar nisso.

Cada coisa em seu tempo.

Exame Público

Os trabalhos do campo encontrando-se, naquele ano, muito atrasados, os pais me pediram para que eu dividisse a sexta semana em “dias espaçados”. Aceitei de bom grado.

Não eram eles os donos, na realidade?

Aliás, a experiência estava feita, tínhamos um bom instrumento nas mãos.

Podíamos, agora, divulgá-lo. Como?

Desde janeiro, eu ruminava o projeto de submeter a um exame público meus jovens aprendizes agrícolas.

Consultado, o Padre Barjallé aprovou inteiramente minha ideia e se pôs a disposição para esse exame. A data foi fixada no 10 de maio de 1936, dia de Santa Joana d’Arc aquele ano.

O Padre Barjallé designou os temas do exame escrito, que aconteceu no dia 5 de maio. As provas foram enviadas para nosso examinador.

Uma circular, assinada pelos dois presidentes, o do S.C.I.R. e o da seção local dos E.A.C., foi tirada em 500 exemplares.

Ela ia alertar a região, convidando a ver se...

Uns trinta chefes de famílias camponesas, uns vinte jovens, mães, crianças, responderam ao chamado.

Um estrado havia sido montado no pátio da casa paroquial. Na hora marcada, examinador e examinados instalaram-se nele.

Começa o exame. Ora individual, ora coletivo, ele dura uma hora. Nossos jovens aguentam bem, respondem de maneira imperturbável, para o espanto dos ouvintes, que não esperavam por isso.

Terminado o exame, o Padre Barjallé parabeniza os jovens aprendizes e, juntando as notas do ano com as do exame, lê a seguinte classificação dos alunos, médias calculadas numa escala de 20 pontos:

Paul Callewaert.....	12,70
Edouard Clavier.....	13,23
Yves Peyrat.....	14,60
Lucien Callewaert.....	17,26

Em seguida, para melhor mostrar a importância que ele atribui ao trabalho empreendido, em nome da Sociedade dos Agricultores da França, da qual é representante para o Sudoeste, atribui uma medalha de bronze a Lucien Callewaert.

O Padre Barjallé os incentiva a continuar no caminho que ingressaram e cita os pais como exemplo para os outros chefes de famílias.

E nós os maiores!

A manifestação deu imediatamente frutos.

Jovens maiores, incentivados por seu pároco, meu excelente amigo, vêm logo me visitar.

- E nós, os maiores, queríamos estudar também.
- Vocês, com 18 anos? Uma semana por mês? Não contem com isso, seus pais não vão concordar.
- Então, o senhor nos abandona?
- Para vocês, poderíamos, talvez, tentar meia semana por mês, durante os quatro meses de inverno. Vamos ver.

Enquanto isso, tomei as inscrições.

Senhor Cambon

Convencido de que 1936 traria semanas cheias, eu havia me informado com o Padre Barjallé sobre a possibilidade de ter

um monitor para me ajudar. Ele me falou de um jovem camponês, diplomado brilhante da École Supérieure de Purpan, corcunda, mas carregando alegremente sua corcunda, a qual não impede que os alunos o respeitem.

Escrevi ao Sr. Cambon para lhe dar a conhecer o que havíamos feito e o que eu esperava dele, pedindo-lhe que viesse me ver. E veio no dia 28 de junho, data fixada para o “dia mensal” daquele mês e para a visita ao pomar do Sr. Laforêt, na Chapelle.

Conversamos um bom tempo.

Um verdadeiro filho de camponês, ele entendia o valor da obra empreendida. Ao longo do dia, viu o ânimo de nossos jovens aprendizes agrícolas. A visita ao pomar do Sr. Achille Laforêt, onde fomos de carro, acabou de convencê-lo.

Além do mais, essa visita foi uma excelente turnê de propaganda.

Pessoalmente, entendi que teria, com o Sr. Laforêt, uma pessoa com quem eu poderia contar, caso precisasse. Sem isso, eu não teria ousado ir mais adiante.

Antes de nos separar, eu propus ao Sr. Cambon as seguintes condições:

- 1) 2.400 Francos durante os seis meses de aulas.
- 2) O alojamento e a alimentação durante todo o ano.
- 3) A possibilidade de voltar para sua casa o tempo que desejasse, durante o período sem aulas.

Talvez, poderíamos, por um acordo a parte, ainda problemático, acrescentar 600 F de suplemento ou seja um total de 3.000 F.

Ora, o Sr. Cambon já ganhava 4.500 F.

Depois de ter conversado com o Diretor da Escola de Agricultura onde ele lecionava, e ter ponderado tudo, ele me escreveu, no dia 7 de julho: “... decidi que vou lhes ajudar. Quanto às condições, será conforme conversamos. Faça o possível. De meu lado, farei tudo o que é de meu dever...”

De acordo com os pais, eu lhe garanti os 3.000 F, mesmo que o projeto previsto não desse certo. Permaneceu um mero projeto.

Comunicação ao Ministério da Agricultura

Eu havia prometido ao Sr. Paon mantê-lo informado do que ia fazer. Portanto, pedi ao Sr. Couvreur que comunicasse ao Diretor do Serviço da Mão de Obra Agrícola os resultados obtidos.

Depois de sua primeira visita, o Sr. Couvreur me escreveu, no dia 16 de maio: “Prezado Senhor Pároco, não consegui ver Sr. Paon hoje de manhã, mas seu assistente me recebeu muito amavelmente.

Deixei-lhe sua carta relativa à sua experiência de aprendizagem agrícola e seu boletim paroquial.

A iniciativa que o senhor tomou pareceu única a meu interlocutor, e ele pensa que ela será útil ao Governo e ao Ministro cuja atenção é particularmente voltada para as questões de aprendizagem.

De fato, disse-me, é algo novo e muito interessante que o senhor realizou. Não é uma escola, nem uma fazenda modelo. É um centro de formação.”

E como eu insistia sobre seu objetivo, notei que ele escutava com simpatia. No dia 1º de junho, depois de uma segunda visita:

“[...] Tive uma longa e benevolente conversa com Sr. Paon. O Diretor da Mão de Obra no Ministério da Agricultura, preocupado com o ensino técnico e com a aprendizagem; achou a iniciativa do S.C.I.R interessante, apoiada na municipalidade e no sindicato. Ele vê nisso algo superior aos cursos por correspondência, na ordem do dia nas Câmaras de Agricultura, e ele prevê mencionar essa iniciativa nos trabalhos que lhe são pedidos sobre a questão. Ele concorda conosco em pensar que a terra precisa manter suas elites e valorizá-las [...]”.

Agora, era preciso preparar o segundo ano.

As jornadas Mensais

A melhor das preparações consistia, primeiro, em manter acesa a chama em nossos jovens aprendizes agrícolas.

As jornadas mensais inscritas no programa da Seção da Aprendizagem Agrícola do S.C.I.R serviram maravilhosamente para isso.

Regularmente, um domingo por mês, nossos quatro adolescentes vieram para sua “jornada” cujo programa era, grosso modo, o seguinte:

1. De manhã, assim que estiverem livres, em torno de 10 horas, reunião de trabalho até o meio-dia.

Cada um chegava com um relatório escolhido por ele, a seu gosto, sobre um trabalho do mês. O relatório era discutido. A nota era atribuída.

Um ou outro chegaram, às vezes, sem relatório, mas nenhum perdeu a “jornada”.

1. Ao meio-dia, almoço familiar.
2. Depois da refeição, recreio e entrevistas particulares em direção espiritual.
3. Vésperas e brincadeira com as crianças do patronato, a menos que haja uma saída prevista para a tarde toda.

Na noite da jornada mensal de outubro (a última), notei o seguinte:

1. Nossos jovens entendem o imenso bem que esse primeiro ano lhes trouxe. Estão decididos a continuar.
2. Eles sabem agora que aos poucos a mola se afrouxa, e que é preciso dar corda. Todos retomaram o exame por escrito.

Anotei também: “... Agradeço a Deus de ter me dado a Srta. Barré, pois na sua função de cozinheira, tomada por ela como um verdadeiro apostolado, ela auxilia maravilhosamente minha ação [...]”.

Nunca, de fato, tive que cuidar da cozinha.

Propaganda

Para preparar bem esse segundo ano, aproveitei de todas as ocasiões para divulgar os Cursos Profissionalizantes ministrados no presbitério de Sérignac-Péboudou.

Dizer que tudo ia muito rápido ao gosto do “Fundador”, que os concursos chegavam de toda parte, que as inscrições se multiplicavam... Não, isso não teria sido o desenvolvimento normal do grão de mostarda que, em seu início, não passa de um germe muito pequeno.

Apesar de tudo, adesões importantes chegavam.

Um rapaz de 27 anos, apesar de morar a 65 km, não hesitou a se inscrever e trouxe com ele um de seus amigos de 20 anos.

Uma turnê no cantão de Seyches com o Sr. Decano e o Sr. Cartier permitiu recrutar seis novos alunos.

As Jornadas dos Seminaristas

Alguns jovens seminaristas me deviam sua vocação. Considerei um meu dever iniciá-los primeiro nas novas fórmulas do apostolado. Eles tinham amigos.

Confiei a meus jovens de Saint-Aignan o cuidado de organizar para todos uma “jornada” em Sérignac. Foi marcada para o dia 17 de setembro de 1936. Seis jovens responderam ao chamado.

Nos anos seguintes, seja em Sérignac, seja em Lauzun, a “Jornada dos Seminaristas” havia se tornado uma tradição. Ela reunia os candidatos ao sacerdócio da região, tanto de Périgueux quanto de Agen.

Nesse meio tempo, meu bispo me escreveu, aprovando o trabalho já realizado.

A imprensa e o Episcopado

Do mesmo modo em que tinha ficado mudo no primeiro ano, porque queria, primeiro, provar a mim mesmo que a iniciativa dava resultados, também estava impaciente de comunicá-la, agora que eu tinha certeza do valor da ideia e da possibilidade de sua realização.

Redigi um longo artigo para nosso Documento Agrícola de outubro de 1936.

Foyer Rural o publicou, assim como *La Croix de Paris*.

Isabelle Sandy, que acompanhava com interesse nosso trabalho, escreveu para a grande imprensa um artigo importante em *Le Journal*.

E, acreditando, ingenuamente, que isso bastasse para que, imediatamente, em todos as dioceses pudesse haver imitadores, envie o “Documento Agrícola” com uma carta pessoal a todos os bispos de França e das colônias.

[...] Recebi bênçãos episcopais e uma promessa de imitação:

“[...] Monsenhor Louis Parisot, Vigário Apostólico do Dao-mé, lhe agradece sinceramente pelo envio do “Documento Agrícola”; lhe apresenta suas felicitações por essa feliz e fecunda iniciativa. Propõe-se inspirar-se nela para lutar, em seu vicariato, contra o abandono do campo.

Ele lhe apresenta seus religiosos e afetosamente devotos sentimentos. Ouidah, dia 22 de fevereiro de 1937.”

Então é assim! Só me restava continuar a trabalhar.

Seção Regional do S.C.I.R.

Sobretudo, era necessário trabalhar ativamente com as famílias e fundar a Seção Regional do S.C.I.R.

Dia 23 de agosto de 1936, uma dezena de chefes de famílias se reúnem na casa paroquial de Sérignac-Péboudou e criam a Seção Regional do Secretariado Central de Iniciativa Rural, para a região de cultivo da ameixeira de Ente, dita ameixeira de Agen.

Sr. Peyrat é nomeado Presidente.

A Seção Regional entra imediatamente em ação.

O Presidente escreve ao Ministro da Agricultura uma carta, assinada por todos os membros do Conselho, para “solicitar que a iniciativa do S.C.I.R sobre a Aprendizagem Agrícola seja considerada escolaridade”.

A Seção Regional decide também a criação de uma Cooperativa da ameixa. Em outra reunião, a data dessa fundação foi fixada ao 22 de janeiro de 1937.

COOPERATIVA DA AMEIXA

Aquele dia, o Sr. Castagné, prefeito S.F.I.O. de Lauzun, veio a título de notário para a assinatura dos estatutos da futura cooperativa. Foi, para ele, a ocasião de conhecer o trabalho iniciado na casa paroquial de Sérignac-Péboudou. Pareceu muito interessado.

A cooperativa, que começou bem, não viveu, porque não encontrou um homem independente o suficiente para comandá-la e fazer com que ela vingasse. Mas teve, pelo menos, o resultado inesperado de nos ajudar a conseguir a casa que se tornaria a primeira Casa Familiar.

Alguns dias depois da “jornada do 22 de fevereiro”, o correspondente do jornal comunista do Lot-et-Garonne “Le Travailleur” censurava o simpático prefeito de Lauzun por “ter presidido uma reunião fascista na casa do pároco de Sérignac- Péboudou”.

Atacado, o pároco de Sérignac quis esclarecer as coisas, e deu a ler sua resposta, em primeiro lugar, ao Prefeito de Lauzun que, sujeito à obrigação de sigilo profissional enquanto notário, não podia se defender.

Com esse pequeno incidente, ganhei definitivamente a simpatia do Sr. Castagné.

Quando se tratou de comprar, em Lauzun, a casa de sua filha para instalar nela nosso curso profissionalizante de aprendizagem agrícola, ele facilitou a operação e ficou firme, apesar das iniciativas de “seus amigos”. Ao contrário do que dizem as fofocas, ele comprovou que, para ele, a palavra de um homem honesto valia um documento escrito.

Organização

O início do segundo ano trazia novos problemas.

O primeiro de todos: a organização das contribuições em espécie.

No primeiro ano, eram quatro alunos. Uma semana por mês, isso funcionava sempre. Quando faltava, a gente encontrava. Quando sobrava, a gente não deixava perder.

Mas, com o aumento do número de aprendizes, era necessária uma organização precisa e indicações claras. Eu estava embaraçado.

Então, fiz uma reunião com minha cozinheira para deliberar “[...] Para uma refeição de sete pessoas, quanto coloca de feijões? Quantas batatas? Quantas porções de frango, de coelho?”

Os números foram alinhados, consultamos a balança, discutimos um tanto. Finalmente, chegamos a um acordo sobre as indicações a fornecer, que permaneciam, apesar de tudo, indicações.

A solução adotada precisou ser colocada em fórmula, fórmula que fazia parte da propaganda, cada um gostando de saber com que se comprometia.

Segundo problema: a organização das semanas.

Finalmente, havia 15 inscritos:

- 8 em semanas inteiras, curso de aprendizagem;
- 7 em meia semana: curso superior.

O oitavo, em meia semana, chegou pouco depois.

Ora, havia apenas seis vagas no dormitório. Era necessário, portanto, criar quatro grupos, levando em conta a distância, os meios de comunicação, a facilidade, para o motorista que trazia um grupo, de levar o outro vindo do mesmo local.

E era necessário levar em conta os desejos familiares.

Tudo isso não era nada cômodo. Trabalhei vários dias para estabelecer “meu Quadro das semanas e dos meses”, aparentemente tão simples.

O próprio programa devia ser revisto e adaptado, ainda mais porque, com nosso professor, não precisaremos mais dos programas nem das correções das E.A.C. E, ainda, nós teríamos um “Curso Superior”. Às vezes, eu pensava, para desculpar esse título pomposo: “pelo menos, será superior no tamanho dos alunos.”

Nosso professor devia chegar no início de outubro. Queria lhe dar um quarto adequado. Mandeí arrumar o quartinho na extremidade norte do grande corredor, entre o pavilhão que se tornou prefeitura e o dormitório.

Foi aumentada a altura da janela, um fogão foi instalado, as paredes foram revestidas de papel de parede.

Já que agora tem um professor do lado do dormitório, rendo-me às observações das pessoas sábias e, para poder vigiar, mando abrir a parede para permitir “olhar sobre os alunos”.

Digamos, imediatamente, para a honra do princípio colocado desde o início, que esse olhar serviu algumas vezes ao professor para brincar com seus alunos em momentos de liberdade e nada mais.

Sr. Cambon, muito modesto, ficou satisfeito com aquilo que podíamos lhe oferecer. Se eu o tivesse conhecido melhor na época, e se eu tivesse conhecido o futuro, nós teríamos ficado no provisório.

De fato, o quarto serviu por sete meses. Sr. Cambon saiu de Sérignac no início de maio e nunca mais voltou.

A instituição deixou a velha casa paroquial de Sérignac-Péboudou, seu berço, para, a partir de novembro de 1937, se instalar, definitivamente, na Casa Familiar de Lauzun.

E o Orçamento!

Um novo ano vai começar. O orçamento está equilibrado, pelo menos desta vez? A questão do orçamento foi de fato seriamente colocada?

Se tivesse sido, a resposta deveria ter levado qualquer homem avisado a parar imediatamente um empreendimento que, do ponto de vista financeiro, não era viável.

Os 15 alunos traziam, teoricamente:

8 x 300	F2.400 F
7 x 150 F.....	1.050 F
	Total 3.450 F

Entretanto, quatro alunos pobres, dois em semana inteira e dois em meia semana, eram dispensados do pagamento em dinheiro, ou seja, no total: 900 francos.

Um salário de 3.000 francos era previsto para o professor. Tinha que pagar a ajudante de cozinha, levar em conta alguns gastos suplementares e os imprevistos.

Só importa o equilíbrio financeiro, quando se trata de trabalhar nesse mundo no terreno das ideias?

O que pensava a Srta. Barré, que se preparava, simplesmente, a trabalhar um pouco mais nesse segundo ano? Trabalhando para mim desde janeiro de 1935, por 100 francos ao mês, ela não tinha sido paga após a chegada de meus primeiros alunos.

Mas, a questão do equilíbrio orçamentário não foi colocada. Fomos adiante, mais uma vez.

No entanto, eu havia tentado obter do Ministério da Agricultura uma subvenção para a aprendizagem agrícola. Me responderam:

“Tenho a honra de confirmar o recebimento das informações que o senhor comunicou a respeito do funcionamento atual da Seção da Aprendizagem Agrícola organizada em Sérignac-Pé-boudou. Acompanho com o maior interesse o desenvolvimento de sua atividade.

No que toca à eventual outorga de uma subvenção para o curso que o senhor dirige, informo-lhe que os créditos para a aprendizagem agrícola foram consideravelmente reduzidos nesses últimos anos. Não é possível considerar, para o ano de 1936, a outorga de tal subvenção...

Queira aceitar etc.”

Era mesmo surpreendente?

O Estado industrial, que gastava 175.000.000 francos para subvencionar a aprendizagem industrial, reservava 500.000 francos para a aprendizagem agrícola.

Mesmo assim, certo ano, o Ministério da Agricultura chegou a suprimir as subvenções. Foram necessários passes de mágica para as reintroduzir no orçamento para o “coletivo”.

SEGUNDO ANO DE SÉRIGNAC-PÉBOUDOU

Terminadas as sementeiras, a primeira começou no dia 22 de novembro, Dia da Ameixa organizado pela Seção Regional do S.C.I.R. !

Nesse segundo ano, o programa para os aprendizes agrícola ficou mais claro. Foi aprovado pela Câmara de Agricultura do Lot-et-Garonne.

O Sr. Cambon ministra os cursos profissionalizantes, para os quais o programa está em fase de teste. O professor vai estudar a ameixeira e os adubos. Comigo, abordaremos a formação social e sindical.

A vida recomeça. O dia guarda, em seu conjunto, a mesma fisionomia do primeiro ano. Dia de trabalho intelectual das 8h30 às 18 horas, interrompido pelos recreios e pelas refeições, enquadrado pelos exercícios de formação cristã, graças ao internato que permitiu, como quiseram os pais, recuperar o tempo perdido nas estradas, nas idas e vindas da manhã e da noite.

Assim, sem diminuir em nada seu horário de aulas, os alunos se beneficiavam da página de evangelho e da missa da manhã, da leitura espiritual à noite e do exame particular escrito no final do dia.

‘Beneficiavam’ - a palavra não é exagerada, pois nossos jovens e adolescentes dobraram-se de bom grado, até com alegria, às disciplinas novas e à direção espiritual, das quais souberam entender o valor.

É claro que tudo não foi perfeito. O que é perfeito, neste mundo? No entanto, um bem real foi realizado.

Primeiros Visitantes

Enquanto perseguíamos nossa experiência das semanas inteiras e começávamos a das meias semanas, começou a haver, de fora, interesse pela iniciativa do S.C.I.R. realizada em Sérignac-Péboudou.

Dois confrades do Tarn-et-Garonne, intrigados pelo artigo da “Croix” quiseram visitar o local e passaram um dia conosco.

Ao verem nossos jovens ir para o dormitório, em silêncio, depois da avaliação do dia e do exame, um deles fez a seguinte reflexão:

- Mas, são monges?
- Não, apenas entenderam e tentam querer...

Pouco depois, eu recebia de um deles a seguinte carta:

Prezado Senhor Pároco, agradeço seus bons desejos e ofereço, por minha vez, os meus, pedindo ao Divino Mestre que abençoe seu apostolado tão interessante e suscite imitadores. Você encontrou a fórmula prática e eu lhe admiro por ter ousado se lançar com tão pouca certeza [...] mas, a confiança em Deus é sempre recompensada [...].

Os Cursos Superiores

No dia 6 de dezembro entrava o primeiro grupo dos cursos superiores, jovens de 18, 20, 27 anos, grandes, fortões, muito superiores, pelo menos em tamanho, àqueles que substituíam. Assim, quando, no dia seguinte, as pessoas passando na estrada os viram brincar no pátio, elas pararam, pasmas, não entendendo como, em uma noite, podia-se crescer tão rápido, nesse presbitério onde aconteciam, realmente, coisas extraordinárias!

Nossos maiores chegaram com uma clara vontade de formação: “Como é bom, diziam, voltar aos estudos. Precisamos rever tudo.”

Sua meia semana passou num relâmpago, numa atmosfera de compreensão verdadeira e de real colaboração entre professores e alunos.

Foi assim, a cada vez. Os deveres de casa que levavam eram sempre feitos conscienciosamente, por cada um dos dois grupos das meia semanas.

A experiência, também nesse ponto, tornava-se conclusiva. Do lado dos jovens, havíamos em mão algo seguro: podíamos ir adiante sem medo.

E as Moças

Mas de que adiantaria ajudar a crescer apenas um dos dois elementos da vida? Se as moças não crescem ao mesmo tempo que os moços, causaríamos mais mal do que bem, o desequilíbrio do lar. Ou, pior, a impossibilidade de criá-lo.

Meus primeiros projetos para as moças haviam, sucessivamente, abortado em Lauzun e em Montauriol. Devia-se abandoná-los?

Havia, em Lauzun, a antiga escola livre, comprada pelo prefeito para sua filha, que não fazia nada com ela. Não se poderia instalar nela cursos domésticos agrícolas para as moças? A casa seria comprada pelo S.C.I.R., sindicato nacional, e assim colocada em segurança no terreno do direito comum. Faltaria encontrar o pessoal.

Seria preciso, em seguida, que as jovens seguissem para Lauzun.

Seria possível? O presbitério de Lauzun é muito vasto. Serviu, antigamente, de escola para os frades. Não se poderia conseguir nele lugar para o Sr. Pároco e para nós? Isso era desejável?

As duas obras seriam o centro do setor. Se completariam realmente. Para tudo isso, seria necessária a ativa colaboração do Sr. Decano de Lauzun. Minha cabeça borbulhava.

Ao mesmo tempo, havia o projeto de uma forte campanha na imprensa.

O que havia de bom nisso tudo? Voz da Providência? Concepções somente pessoais?

Para ter certeza de não descarrilar, vou fazer um retiro com meu Diretor.

Estudamos tudo, ponto por ponto.

“Em tudo isso, estou realmente no caminho que é o meu?

Posso ir adiante de alma tranquila, qualquer que os obstáculos?”

Ao lado de cada pergunta, meu Diretor anotou “sim”. Portanto, eu estava em paz, só restava ir adiante.

É claro que tudo não se realizou exatamente como previsto. A casa paroquial permaneceu uma casa paroquial. A casa destinada, na minha ideia, às moças, tornou-se a casa dos moços.

Entretanto, o essencial do projeto havia tomado corpo antes do fim do ano, de forma até melhor, em certo sentido, do que eu havia ousado imaginar de início.

Então, que importância tem o resto? Que importância têm as concepções pessoais?

As meias semanas terminaram, as semanas estão acabando. Os resultados são totalmente conclusivos. Decisões muito importantes devem ser tomadas.

Além do mais, a ameaça que começava a aparecer no horizonte, em 1936, o prolongamento da escolaridade contínua até os 14 anos, tornava-se cada vez mais preocupante.

Não são eles para mim os verdadeiros reguladores de uma ação por demais rápida?

É urgente retomar o contato com os chefes de famílias. Não são, para mim, os únicos verdadeiros responsáveis de seus filhos e, portanto, da obra empreendida?

JORNADA FAMILIAR SINDICAL (25 de abril de 1937)

O Conselho da Seção Regional do S.C.I.R. marcou para o 25 de abril uma Jornada Familiar Agrícola, com um segundo exame público dos aprendizes e uma Assembleia geral.

O Presidente da Câmara de Agricultura, convidado a presidir essa jornada, pediu desculpas e delegou, em seu lugar, um amigo nosso, Sr. Biraud de Duras.

A jornada era importante demais. Uma circular, sempre útil, não seria o suficiente para anunciá-la corretamente. Eram necessários cartazes, mas, como pagar a gráfica? Não seja por isso.

Faz uns doze anos que eu arrasto – herança volumosa de um confrade falecido – um mimeógrafo muito grande, que nun-

ca usei e quase passei adiante. Enfim, o mimeógrafo ia servir. O Sr. Cambon, boa pena, torna-se impressor.

Assim, uns cinquenta cartazes vão semear a boa nova na região.

Foi esse cartaz que nos deu, mais tarde, a ideia de utilizar o “famoso mimeógrafo” para publicar um jornal de verdade.

Assim preparada, a “Jornada” teve um real sucesso.

O Padre Barjallé, nosso conselheiro e nosso apoio de sempre, estava novamente aí para conduzir o exame diante de um público simpático e vivamente interessado.

Depois do banquete, houve a Assembleia geral, na câmara, organizada pelos jovens da J.A.C.

O Padre Barjallé proclama os resultados dos exames passados na manhã. Obtiveram o diploma de fim de ano:

Para o primeiro ano:

- Clerc Olivier.....com 11,92 de média sobre 20
- Charles Félix.....com 13,15
- Girou Alix.....com 14,70
- Laforêt Marc.....com 16,11

Um aluno faltou.

Para o segundo ano:

- Clavier Edouard.....com 14,97
- Peyrat Yves.....com 15,67
- Callewaert Paul.....com 15,73

Comparando essas notas com o exame do primeiro ano, constatamos que todos aumentaram largamente sua média e Paul Callewaert tomou o primeiro lugar. Seu irmão Lucien, que passou para o curso superior, manteve-se no primeiro lugar.

Para os cursos superiores:

- Pouget Germain..... com 13,25
- Ollic André.....com 14
- Pouget Léon.....com 15,17

- Brolèze Carlo.....com 16
- Bibard Antoine.....com 16,65
- Cartier Georges.....com 17
- Callewaert Lucien.....com 17,25

O examinador distribui as medalhas em nome da Sociedade dos Agricultores da França.

- Medalha de bronze para Paul Callewaert, o primeiro dos aprendizes agrícolas de segundo ano, e para Marc Laforêt, primeiro dos aprendizes agrícolas de primeiro ano.
- Medalha de prata para Antoine Bibard, que, apesar de seus 27 anos e dos 65 quilômetros de distância, acompanhou fielmente os cursos superiores, provando aos jovens, por seu exemplo, como os mais velhos sabem apreciar a utilidade da nova instituição criada em Sérignac-Péboudou.

O Padre Barjallé destaca o bom trabalho dos alunos, conduzidos com mão de mestre por nosso jovem professor. É, sobretudo, a ele que devemos esses resultados.

Em seguida, é a vez do Sr. Cambon falar. Ele fala como um professor profundamente ligado a seus alunos. Mostra aos pais quanto sua obra é frutuosa para seus filhos.

Marc Laforêt nos conta como chegou aos Cursos de Aprendizagem Agrícola. Teve, primeiro, essa ideia ao assistir ao exame público, dia 10 de maio de 1936. Resolveu inscrever-se no dia da visita ao pomar de seu tio, o qual incentivou e apoiou.

É ouvido com interesse pelo público surpreso de ouvir um adolescente tão jovem expressar-se com tanto desembaraço para expressar publicamente o fundo íntimo de seu pensamento.

Numa conversa de coração aberto com os pais, o Padre Granereau retoma, um por um, os princípios que guiaram a organização dos Cursos Profissionalizantes Agrícolas.

Sucessivamente, os chefes de famílias decidem que a aprendizagem agrícola deva começar no ano em que a criança completa 12 anos.

- Eles aprovam as seis semanas mensais durante três anos, para os aprendizes agrícolas.
- Eles aprovam as meia semanas mensais de dezembro a março para os cursos superiores, sem limite de idade.
- Eles aprovam a alimentação em espécie.
- Eles aprovam os pagamentos em dinheiro, de 300 francos para as semanas e de 150 francos para as meia semanas.

Chega, então, a questão principal:

Vamos continuar em Sérignac? Não seria necessário mudar para Lauzun, cidade sede administrativa do cantão?

Vamos continuar percorrendo 8 km. de estradas ruins, enquanto poderíamos dispensar isso tão facilmente? O que se fez de bom grado num ano, fariamos num segundo?

Os outros municípios irão à capital do cantão, não irão a Sérignac.

Na unanimidade, os pais concluem: “é preciso mudar-se para o cantão”. Portanto, para Lauzun.

Enfim, discutimos a prolongação da escolaridade contínua até os 14 anos. “Não queremos isso”, declaram imediatamente, unânimes, os chefes de famílias. “O que queremos é muito mais, queremos poder continuar.”

Para resolver o problema, a seguinte ordem do dia é votada com mão levantada, e eu recebo a missão de transmiti-la à Direção do Secretariado Central de Iniciativa Rural em Paris, para que haja o encaminhamento adequado:

Ordem do Dia

Os membros do S.C.I.R da Seção da Região da Cultura da Ameixeira de Ente, dita “Ameixeira de Agen”, reunidos em Assembleia geral, depois de ter ouvido os diversos relatórios sobre a iniciativa do S.C.I.R. para a utilização da lei de 18 de janeiro de 1929 relativa à aprendizagem agrícola:

Constatam que o uso feito dessa lei ao longo dos anos 1935-1936 e 1936-1937, atende perfeitamente às necessidades do meio camponês para assegurar plenamente a formação intelectual e profissional dos jovens camponeses, tanto para as moças quanto para os moços.

Em consequência, eles conferem mandato ao Conselho Nacional do S.C.I.R. para fazer diligência junto aos Ministérios da Agricultura e da Educação Nacional para obter que a utilização da lei de 18 de janeiro de 1929 substitua, para os filhos e as filhas dos membros do S.C.I.R., a obrigação da escolaridade a partir do ano em que a criança completa 12 anos.

Sob os aplausos de todos, Sr. Biraud encerra, afirmando todo o interesse que a Câmara de Agricultura manifesta à nova iniciativa.

Ele espera que, graças a ela, o Mundo Camponês possa chegar a possuir, um dia, uma escola realmente sua.

Nesse mesmo dia, fortificado pela aprovação completa dos nossos chefes de famílias, eu parti para Paris, levando a preciosa ordem do dia.

Começava a batalha em favor da Escola Camponesa.

Reunida, no dia 27 de abril [1936], a direção do S.C.I.R., decide apoiar sem restrição o desejo expresso por sua seção da região da ameixa.

Uma delegação, composta pelo Presidente, o Sr. Huppe, pelo Vice-Presidente, o Sr. Arsène Couvreur, e pelo Padre Graneau, é recebida pelo Chefe do Serviço da Mão de Obra Agrícola.

Ele fica com ela por uma hora, estudando a fundo a questão, pela qual tem maior interesse. Em conclusão, ele declara:

1. Que as Câmaras de Agricultura, representação oficial da Agricultura, assumam a organização dos cursos profissionalizantes da aprendizagem agrícola, criando um programa e sancionando-o por um exame;

2. que as Câmaras de Agricultura iniciem uma ação para que a escolaridade seja compensada por esses cursos a partir do 12º ano, já que o certificado de estudos ainda pode ser passado com 12 anos.

Nesse meio tempo, ficamos sabendo que, desde que a lei de 18 de janeiro de 1929 sobre a aprendizagem agrícola foi aprovada, serviu apenas para fazer com que as famílias de camponeses recebessem alocações familiares.

Fora da Seine-et-Oise, nada foi feito para organizar cursos profissionalizantes.

Nenhuma Câmara de Agricultura se preocupou com isso.

Quanto ao exame previsto, um só governador convocou 150 inscritos. Três se apresentaram.

Foi, portanto, a iniciativa do S.C.I.R., conduzida por nós, que deu partida a essa lei.

As Câmaras de Agricultura foram alertadas por uma circular emanando do Secretariado Central de Iniciativa Rural.

A uma carta pessoal, o Vice-presidente da Câmara de Agricultura do Lot-et- Garonne respondia, dia 17 de maio de 1927:

“Senhor Padre:

Recebi ontem uma carta de meu colega e amigo Biraud recomendando sua obra; também recebi, ao mesmo tempo, sua apresentação do conjunto de seus trabalhos sobre essa questão.

Tudo isso me interessou vivamente, por ser agrícola, e peço-lhe para acreditar que serei seu defensor junto de meus colegas da Câmara de Agricultura.

Em nossa próxima reunião de Gabinete, no início de junho, eu me empenharei em apresentar sua obra a meus colegas, e acredito que posso seguramente lhe prometer, senão algum subsídio, pelo menos nosso inteiro apoio moral, sobretudo quanto ao prolongamento da escolaridade.

Queira aceitar, Senhor Padre, com toda minha admiração por sua dedicação pela causa da aprendizagem agrícola, a expressão da minha mais alta consideração [...]”.

CAPÍTULO III

FUNDAÇÃO DA CASA FAMILIAR DE LAUZUN

A TRANSFERÊNCIA PARA LAUZUN

No primeiro domingo livre após meu retorno de Paris, houve na casa paroquial de Lauzun, uma reunião sob a presidência do Decano que só tinha um desejo: o sucesso do projeto.

Essa reunião permitiu que se expusesse com clareza, diante de alguns chefes de família da região, a questão da transferência da nova obra para Lauzun.

Ali encontrei M. Clavier, um bretão que se instalou na região após a guerra de 14-18.

Desde muito, dizia-se no Sudoeste: o melhor jeito de enriquecer com rapidez a própria família é o de se ter um só filho. Ele casaria com outro filho, ou filha, único. Terão assim as duas heranças, e o herdeiro, sempre único, que surgir dessa união, será rico...

Eis um belo arrazoado feito nas nuvens...

Na vida real as coisas acontecem de outro modo.

A terra só se torna fonte de riqueza na medida em que for trabalhada.

Aquilo que pode ser feito por quatro pessoas mais dificilmente será feito por duas, e o único que poderá fazer?

Por outro lado, se alguém se torna rico, é por causa de uma vida mais brilhante, mais feliz, à moda do mundo. É preciso, então, instruir-se, deixar a terra, ir para a cidade, fazer com

que outros trabalhem para si e empregar, portanto, funcionários. Eles, por sua vez, imitarão os patrões para se tornarem ricos.

Nisso está todo o problema da redução da natalidade e do êxodo rural, problema ao qual a guerra deu a última e terrível solução, pela morte de um tão grande número de filhos únicos.

Nessa região, onde se quis enriquecer com um só filho, chegou-se no fim a ter-se apenas um deserto.

Para lhe devolver sua verdadeira vida, foi preciso que viessem em massa, numerosas famílias de bretões e de... italianos.

Sr. Clavier, irmão de um dos três primeiros chefes de família fundadoras de Sérignac-Péboudou, ardoroso militante sindicalista, compreendeu imediatamente a importância da transferência dos cursos profissionais agrícolas para a região. Já tinha em mente o “Lar Rural” de que tanto se fala hoje. Entregou-se inteiramente a essa causa. Em colaboração com o Decano, procurou uma casa adequada.

O que complicou a coisa foi meu projeto de se ter logo duas casas:

- uma Casa para rapazes;
- uma Casa para moças.

As queria ambas próximas entre si, para simplificar o orçamento. Dizia, então, com ares de gracejo e uma ponta de seriedade:

- “As moças farão a cozinha...”
- “Os rapazes comerão!”

E o Direito Canônico?

A transferência para Lauzun levantava outro grave problema de Direito Canônico: a residência do Pároco longe de sua Paróquia.

Para resolver o caso, era preciso conquistar o parecer favorável do Bispo da Diocese. Em 26 de maio, o Bispo veio a Sérignac para administrar a Crisma. Era preciso aproveitar essa ocasião única.

Depois da cerimônia, uma reunião congregou, em torno do Bispo, as crianças da Crisma e os primeiros fundadores: os três chefes de família e seus quatro filhos.

Expus a obra e seus frutos. O mais velho dos jovens aprendizes, Lucien Callewaert, descreveu o bem que lhe haviam já feito as “Semanas”, tanto do ponto de vista intelectual quanto do ponto de vista moral e religioso.

O Bispo se mostrou vivamente interessado.

Já falava em colocar o fundador numa posição central da Diocese. Depois, lembrando que as obras de Deus sempre surgem pequenas e se desenvolvem normalmente, reconheceu que era mais útil começar por Lauzun.

Quis dar a nossos jovens a alegria de uma refeição familiar com o Bispo. Eles, então, tomaram lugar à mesa com seus pais.

O Bispo levou consigo a melhor recordação desse dia, e partiu concedendo-me uma entrevista em Lauzun, para o dia 28 de maio, na Reunião do Clero.

Estava radiante de alegria!

No entanto, na tarde do dia 28, escrevi em meu diário espiritual:

“[...] Na Reunião em Lauzun, o Bispo me falou em particular a respeito da obra. Foi uma pressão forte. Ele andava impressionado com uma multidão de dificuldades, mais imaginárias que reais. A principal: a questão do dinheiro”.

O Bispo pensava no dinheiro que seria desperdiçado com o eventual fracasso do projeto.

- “Atender a Sérignac e depois aqui? Não sei se posso lhe permitir isso. Se você empregasse o seu tempo para visitar seus paroquianos em vez de se ocupar com que você faz, sua Paróquia estaria convertida.

“A solução é sua transferência para uma pequena Paróquia próxima a Agen ou Villeneuve, onde você teria muito pouco a fazer. Assim, você poderia se ocupar de seus jovens...”

- Como, então, eles percorreriam 40 ou 50 quilômetros duas vezes por mês?
- Ah! Se eles têm amor à obra, não hesitarão... De fato, a idéia é boa, mas como se pode realizá-la?”

Conclusão: as dificuldades começam. É o sinal de Deus.
Deo gratias!...

A Responsabilidade das Famílias

Depois da reunião do Comitê Regional, conversei com diversas pessoas, particularmente com o Sr. Sterling de Bourgoug-nague e Sr. Clavier de Trévey.

A conclusão foi: é preciso que tudo seja decidido em quinze dias. Quando o Decano chegou, o Sr. Sterling firmou posição ao falar da Escola Família como se fosse um fato concreto.

O Decano retruca: “Mas, e o dinheiro?” “Não é preciso, responde o Sr. Clavier, apoiando-me. A própria instituição se encarrega dos recursos.”

Senti, então, que a causa estava em melhor condição. O Sr. Clavier falaria mais detidamente com o Decano no domingo seguinte. Eu mesmo o veria na quarta-feira...

No dia 29, pedi ao Sr. Peyrat, Presidente da Secção Regional do S. C. I. R., que escrevesse ao Bispo, o que de fato ele fez.

No dia 2 de junho, tornei a ver o Decano de Lauzun. Voltamos a falar do projeto da transferência:

- “Concordo, disse-me ele, mas quando encomendo, eu pago.
- Nós, Padres, não temos necessidade de dinheiro. A obra se mantém por si mesma. Isso é assunto das famílias.
- Com que famílias você pode contar? Eu não as vejo.
- Há o Sr. Clavier e o Sr. Peyrat. Eles podem garantir a coisa. Deixemos que eles o façam. A obra não deve ser realizada nem sob sua responsabilidade nem sob a minha. Deve estar sob a responsabilidade das famílias...”

O Decano, em seu zelo apostólico, acreditava que era dever seu agir por si mesmo. Compreendeu, então, que estava surgindo um fato novo. Deu-me o endereço dos proprietários de duas casas que ele mesmo havia encontrado.

Desde então, tudo nele suscitava o mais vivo interesse e o maior apoio. Permitia, portanto, que a obra seguisse seu próprio caminho sob a direção dos interessados...

Novo Encontro com o Prefeito de Lauzun

Em 9 de junho, tomando o ônibus em Miramont, encontrei o Prefeito de Lauzun a quem não tinha visto desde o caso do artigo no *Travailleur*.

A conversa logo começou.

“Agradeço-lhe, disse-me ele, por sua resposta.”

A seguir, quis saber das novidades a respeito da obra de Sérignac.

Disse-lhe que iríamos transferi-la para Lauzun, que estávamos procurando casas, pois queríamos também criar uma casa para moças.

Seu rosto se iluminou, mas não foi mais longe do que isso.

– O Prefeito me oferece a colaboração gratuita da enfermeira regional. Agradeço-lhe. Chegamos.

Deixo-o com a nítida impressão de que o assunto do *Travailleur* tinha conquistado sua simpatia por mim, e que, na ocasião, diga-se o que se disser, poderia contar com ele.

Imediatamente levei essa boa nova ao Sr. Clavier que se encarregou de ver o Prefeito.

No dia 13 de junho, no correio, duas cartas:

Carta do venerando Cônego: “Deixe de lado seus projetos, permaneça como Pároco de Sérignac... É tudo.”

É a freada.

Carta do Sr. Couvreur: ela anuncia que a ideia avança bem firme, que nossa obra já está concretizada... no Canadá!

Um confrade, que encontrei nesse mesmo dia num congresso de J.A.C., disse-me que um Padre de Lot pretende realizar uma obra semelhante.

Combinamos fazer-lhe uma visita para trabalharmos juntos.

Novamente com meu Bispo

No dia 16, Crisma em Miramont. Encontro novamente o Bispo. Leva-me à parte. Recebera a carta do Sr. Peyrat. Muito claramente, essa carta havia mudado a atmosfera.

Com certeza, as objeções persistem. O Bispo, no entanto, foi definitivamente conquistado. Sente-se que ele fará o possível para resolver da melhor forma as dificuldades:

- “Ah! Se pudesse liberá-lo, mas não vejo como, tendo tão poucos Padres... Sua obra é muito interessante. Mas não sei o que fazer... Peça a Deus que me ilumine.
- Sim, Excelência!

Permite-me que lhe apresente soluções?

–Oh! Quero, sim!”

As Duas Casas

Na verdade, o horizonte clareava. O Sr. Clavier me recebera em sua casa no dia 20 de junho, em Lauzun, para juntos visitarmos as duas casas em vista.

Elas estavam uma ao lado da outra. Poder-se-ia muito facilmente passar de uma para a outra, transportando a comida.

Depois da visita: uma decepção.

Uma era comprida e dava a impressão de uma imensa pra-teleira. A outra deixava sérias dúvidas quanto à sua solidez.

A seguir, caminhamos pelas ruas de Lauzun, sondando tudo que pudesse ser útil. Nada!

Nada mais sobrava a não ser a casa do Prefeito, um antigo convento. Somente no mês de agosto saberíamos se podíamos assumi-la.

Mas, e a segunda casa?

O Sr. Clavier e eu nos separamos com o pensamento de que necessariamente seria preciso construir.

Voltei para casa um pouco desencorajado, procurando persuadir-me de que as dificuldades são um excelente negócio. Os sinais de trânsito estavam no caminho para andar segundo o verdadeiro desígnio de Deus, que é o Único que conta definitivamente.

Era um domingo.

Na terça-feira, o Sr. Clavier me enviou uma carta:

“[...] Ontem, tive a visita da Sra. Castagné. Ela soube que, no domingo, visitamos diversos imóveis. Assim, veja bem o que acontece. Agora, a casa está à venda. Fui vê-la ontem à tarde. É bem melhor do que as outras. A casa não está em mau estado, o telhado parece ter sido reparado há pouco. Há salas grandes, duas das quais não estão acabadas. A capela está em muito mau estado.”

– Perguntei pelo preço: sai por 35000 francos.

– Creio que nunca obterão esse preço em Lauzun, por mais que se queira. Disse-lhe que lhe escreveria.

– Se quiser me avisar quando virá, poderia encontrá-lo, pois gostaria de conversar consigo um pouco, de preferência após o meio dia, menos na quinta-feira.

Passa bem!

Tão logo recebi a carta, corro até o Sr. Peyrat (ele mora a dez minutos longe do presbitério). Combinamos de nos encontrar na sexta-feira depois do almoço.

Na sexta-feira, o Sr. Peyrat não podia vir e eu fui sozinho para encontrar-me com o Sr. Clavier. Visitamos a casa dita “convento”, pois, no momento da expulsão das Congregações, era propriedade das Irmãs meio enclausuradas de La Souterraine, que formaram diversas gerações de meninas e moças da região de Lauzun.

Embora haja duas peças inacabadas, temos duas salas imediatamente utilizáveis, sendo uma para um dormitório com dez lugares no primeiro andar, e uma grande sala de estudos, no subsolo, face ao jardim, tranquila, portanto...

A capela se encontra num estado lamentável. A sacristia em ruínas. Mas isso pouco me preocupa por ora. No conjunto,

a casa nos agrada, e com maior razão nos agrada por ser uma antiga escola livre.

Não está nisso um sinal para o futuro?

Ao voltarmos para casa, fomos ver o Prefeito. Em princípio, concordamos. Quanto ao preço, nada podemos afirmar porque o Sr. Peyrat, o nosso Presidente, não se encontra presente.

Um pouco mais tarde, o Sr. Peyrat quis se encontrar com a Sra. Castagné. Não se encontrava em casa. O Sr. Clavier, morador próximo, foi encarregado de debater o preço e chegar a uma conclusão. O Sr. Peyrat me comunicou o resultado da conversação e acrescentou: “Começa-se a falar do projeto de Lauzun. A opinião é favorável”.

DEVO IR A LAUZUN?

Iríamos, portanto, ter uma casa. O Sr. Clavier esperava obtê-la por 30.000 francos. Tinha recebido carta branca para tratar definitivamente do assunto e, na oportunidade, assinar um documento a título privado.

Era preciso providenciar 20.000 francos a mais para despesas diversas e complementação de instalações.

Portanto, era preciso garantir ao menos 50.000 francos.

Teria direito de permitir que os chefes de família, que se apoiavam em mim, tomassem tal decisão se expondo, talvez, a dar um passo em falso?

Teria o direito eu de abandonar minha Paróquia, onde o dever, previamente definido, era fácil de ser reconhecido e me transferir para Lauzun e lançar-me no desconhecido?

Meu Bispo não tinha se pronunciado ainda. Onde estaria a vontade de Deus?

Como saber dela de outra forma?

Retornar para fazer um retiro...

Parti no dia 11 de julho. No momento da partida recebi uma carta, de certo modo tranquilizadora, de um amigo influente na Diocese, junto a quem imaginava encontrar um encorajamento:

“Atenção para as coisas compradas”.

“Saiba muito bem para onde vai.

Muito bem sei que é mais fácil pregar a prudência para os outros do que realizar as coisas por si próprio...

Dessa forma, não insisto...” Uma razão a mais para partir.

Com meu Diretor Espiritual, no silêncio junto a Deus, veria com maior clareza o caminho a seguir.

A questão era: “Devo ir a Lauzun?”

Meu Diretor me disse: “Vamos analisar o caso como se você devesse ir para lá. No fim do retiro, veremos qual a decisão a ser tomada”.

No dia 16 de julho, ao final do retiro, a resposta bem clara chegava até mim: “É preciso ir a Lauzun”.

Com a aprovação de meu Diretor, escrevi: “Última conclusão de meu retiro: *Ir em frente porque Deus o quer. Fazer o possível e o impossível para remover as montanhas, todas as montanhas, mas sempre com o olhar fixado em Deus, querendo unicamente sua vontade, pronto a aceitar tanto o insucesso quanto o sucesso*”.

Voltei em paz, na alegria profunda por saber qual era a vontade de Deus. Que importância teriam para mim, agora, os acontecimentos e as pessoas?

Ao chegar, a Senhorita Barré me anuncia que o negócio da casa de Lauzun estava fechado e devia ser assinado antes de 2 de agosto.

Por outro lado, uma carta do Diretor dos Padres de São Francisco de Sales, apoiando-se num excelente amigo que lhe suplicava que interviesse antes que acontecesse alguma catástrofe, colocava a primeira montanha, atravessada, e muito grande, no caminho a seguir.

Provação! Tanto melhor! Pois isso me permitia repassar aos chefes de família suas verdadeiras responsabilidades.

No domingo, dia 18, o Presidente da Secção Regional decide convocar a Assembleia Geral para o dia 25 de julho. Era preciso criar o sindicato autônomo para comprar a casa, pois o Presidente

do S. C. I. R. havia escrito afirmando que Lauzun era muito longe para que Paris assumisse responsabilidades financeiras.

Era preciso, então, apressar-se muito.

Em vez de ir ao Sr. Peyrat, que estava impedido, dirigi-me ao Sr. Castagné.

Conversando com ele, demonstrou interesse pela obra. Aproveitei a ocasião para lhe dizer:

- “Agradeço-lhe por ter conservado uma casa que poderia ter-se perdido e que vai prestar serviço à região.”
- “Nem todos pensam assim. Tanto pior para eles!” (E faz um gesto dizendo: Que vão às favas!).

Alguém me diz: “E a casa do povo?”

Quando era o momento propício, não quiseram. Agora é muito tarde... “Deixando-o, fui ao Sr. Clavier para levar-lhe a convocação e o projeto de estatuto, pedindo-lhe o favor de analisar esse mesmo projeto bem como o da compra da casa pelos interessados.

A semana foi longa e curta ao mesmo tempo.

Curta, porque havia muito a se fazer; longa, porque ansiava por saber do resultado...como se fosse um projeto pessoal, meu, e como se a sua concretização dependesse apenas de mim!...

PARA SALVAR A IDEIA

Enfim, eis-me no dia 25 de julho.

Às 15 horas, onze chefes de família chegam à entrada da casa a ser visitada, acompanhados por alguns jovens. O Decano de Lauzun está conosco.

Quatro se desculparam, manifestando, porém, em princípio, sua adesão. Entre eles, o Sr. Peyrat, ausente por causa de uma infeliz dor de dentes.

A casa foi detalhadamente visitada. Observam-se as repartições necessárias. Constata-se também que está em bom estado; é muito ampla e corresponde muito bem ao que se pretende fazer.

Acabada a visita e, para guardar a memória dessa página da história, foi tirada uma fotografia do grupo de visitantes.

A seguir, fomos ao presbitério para a reunião da Assembleia Geral. A pauta da reunião está carregada de pesadas decisões a tomar.

Sem tardança, analisa-se a questão capital: a compra da casa. Era preciso:

- 1º - 30.000 francos para a compra;
- 2º - 20.000 francos para outros gastos, reparações e uma complementação de instalações.

Ou seja, um total de 50.000 francos a serem buscados por empréstimo a 4%, com garantia solidária introduzida no Estatuto, para cobrir os empréstimos.

Vejamos agora o orçamento.

Seu equilíbrio repousa essencialmente sobre o número de alunos. Prevê-se para um grupo de 10:

- 1º - 30 alunos em semana completa;
- 2º - 20 alunos em meia semana.

Ou seja: 50 alunos.

Sem demora, a questão prévia é levantada:

- Onde estão os 50 alunos?
- Do ano passado, sobram 10. Estamos, porém, apenas no mês de julho. Até o mês de outubro temos tempo para encontrar os outros.
- E se não os encontrarmos?
- Estou persuadido que vamos encontrá-los. No entanto, não posso afirmar: lá estão!
- ???

O momento se tornava solene.

Face à hesitação geral, como teria desejado de jogar sobre a mesa os pobres 50.000 francos!

Infelizmente, não tinha dinheiro.

Comigo tinha apenas o poder da Ideia para engajar a adesão deles.

Rompendo o primeiro silêncio, disse-lhes: “Reflitam: ou vocês compram e assim salvam a Ideia, ou vocês deixam de comprar e tudo estará acabado! E eu volto a Sérignac!”

Acrescentei, para pôr claramente essas pessoas face à sua responsabilidade: “Não esqueçam que vocês acabam de votar a garantia solidária para cobrir o empréstimo. Isso quer dizer que, se houver um fracasso, são vocês que pagarão.”

Deixei, então, alguns minutos para a reflexão, depois, dirigindo-me a meu vizinho da direita:

- O Sr. Clavier, o que é que pensa?
- Eu tenho confiança, isso terá sucesso, vou em frente.
- E você, e você?

Sucessivamente, a mesma pergunta foi feita, individualmente, a cada um dos responsáveis.

Sem entusiasmo, friamente, mas, resolutamente, mais oito deram sua adesão, levando consigo os quatro que haviam dado sua adesão em princípio apenas.

Treze deram a partida!

Quantas vezes me haviam dito: “Seus camponeses? Vai contar com eles até bater no bolso deles. Quando for preciso pagar a conta, não contará mais com eles”.

Nossos camponeses responderam de forma excelente a essas calúnias, porque se, no caso, tiverem que abrir o bolso duas ou três vezes, saberão abri-lo por inteiro quando for necessário para salvar seu ideal.

Em 1935, encontrei 3 pessoas que me haviam compreendido. Em 1937, encontrei 9 pessoas para salvar a Ideia.

O essencial estava feito. Só restava legalizar a decisão tomada e fundar definitivamente o sindicato que devia realizar a compra.

Fundar um sindicato é fácil. Como, porém, fundar um sindicato independente que, obrigatoriamente, se mantenha coeso com o S. C. I. R., de quem não se queria afastar?

Duas palavras nos serviram admiravelmente. Fundar-se-á uma secção autônoma. Sendo uma secção, o novo sindicato conserva sua inteira coesão com o S. C. I. R., e assim se desenvolve normalmente. Sendo autônoma, esta secção poderá agir com toda a liberdade.

O nome adotado foi: “Secção Regional Autônoma do Secretariado Central de Iniciativa Rural para a região da cultura de ameixas de Ente, chamada campo de ameixas de Agen”.

O artigo primeiro foi assim concebido:

Entre os membros do S. C. I. R. domiciliados nas regiões de cultura de ameixa de Ente, chamado de campo de ameixas de Agen, é constituída uma Associação Profissional Agrícola Autônoma, que é regida pelas leis a respeito das ditas Associações, pelos estatutos do S. C. I. R. e pelas disposições abaixo [...].

Depois de termos brindado com um excelente vinho branco de nosso amigo Decano, nossos camponeses partiram conscientes do peso pesado das novas responsabilidades que acabavam de assumir, decididos, porém, a se manterem firmes, custasse o que custasse.

A Palavra do Homem Honesto Vale Documento

Juntos, o Sr. Clavier e eu, levamos a resposta esperada pelo o Sr. Castagné. Ele nos recebeu muito amavelmente: “Está certo, nos disse ele, vocês podem contar comigo, prometo por minha filha...”

Partimos sem solicitar um papel assinado privadamente.

A partir do dia seguinte, a Senhora Castagné dizia a todos: “A casa foi vendida para uma escola agrícola”.

As tentativas dos “amigos” foram inúteis. A palavra dada foi mantida. O dia 25 de julho foi, portanto, um verdadeiro sucesso.

E, apesar de tudo, no dia 26 à tarde, escrevi no meu diário espiritual: “A tentação persiste: tentação da dúvida, do temor de entrar de maneira séria num fracasso. No entanto, é preciso avançar para realizar a obra de Deus.”

Oh! Se fosse unicamente minha a vontade, deixaria, sem dúvida, cair tudo por terra! Era a mesma impressão vivida quando, nas trincheiras de fevereiro de 1917, desenterrava com um camarada uma grande “mina” que não havia explodido. Delicadamente, a transportamos da trincheira para além do barranco e a depositamos no descampado. Tinha, porém, a vontade de jogá-la imediatamente para longe, livrando-me assim, do perigo!

“Aqui, é preciso avançar passo a passo, um passo depois do outro, deixar falar e deixar acontecer. E então, ir sempre atrás do plano concebido”.

A CASA FAMILIAR

Tínhamos uma casa. Que nome dar a ela?

Numa de minhas primeiras visitas ao Sr. Clavier, depois do dia 25 de julho, perguntei:

- Que nome vocês darão à casa de vocês?
- É verdade, é preciso dar-lhe um nome. Qual, porém?
- Um nome que bem represente aquilo que ela é. Não é ela a casa de todos? Não é ela como o prolongamento de todas as famílias de vocês?
- É bem isso.
- E então?
- Casa Família?
- É sim, por que não?... É o que pensei. E para distinguí-la de outros tipos de casas familiares, acrescentemos, se quiser: **Fórmula de Lauzun.**
- Perfeitamente de acordo.

As jornadas mensais, as Reuniões do Clero, as visitas a amigos, tudo serve para a propaganda.

As inscrições aumentam paulatinamente...dado que nem todas se mantêm firmemente.

Um panfleto, verdadeiramente moderno em sua forma e expressão, partirá logo mais, para toda a região de Lauzun, até mesmo para a mais distante.

O Decano escreveu ao nosso Bispo para que regularize favoravelmente minha situação canônica e autorize minha partida para Lauzun.

Em 14 de agosto, o Bispo morreu na idade de 80 anos, em La Rochelle, sem ter podido dar a resposta.

Esperei então, em Sérignac.

O trabalho de preparação continua, entretanto, ativamente.

No dia 23 de agosto chegou uma carta do Sr. Huppe, Presidente do S. C. I. R., deixando clara a questão da escolaridade. “Essa montanha está definitivamente superada! Estaremos tranquilos quanto a isso. Continuaremos a receber nossos alunos a partir dos 12 anos de idade.”

Reunião Geral do Dia 29 de Agosto

A 29 de agosto, reunião geral da Secção Autônoma do S. C. I. R.

Objetivo: informar os chefes de família a respeito da situação presente. Dar-lhes uma vez mais a ocasião de assumirem as próprias responsabilidades, de forma tal que a obra seja de fato deles e não minha. Tal é o objetivo dessa reunião. É preciso que lá não estejam como um simples biombo.

A pauta se apresenta com clareza:

- 1º) A prestação de contas da Assembleia Geral constitutiva é aprovada por unanimidade e todas as decisões tomadas têm força de lei.
- 2º) Os primeiros repasses do empréstimo foram recebidos pelo tesoureiro: 11.700 francos. Foram tomadas decisões para que possam entrar rapidamente os 40.000 francos imediatamente necessários.

- 3º) O panfleto, com a fatura da impressora, foi lido e aprovado. Cada um leva uma cota. Foram encomendados 1.000 exemplares.
- 4º) Uma primeira doação de 500 francos acaba de chegar. É um feliz imprevisto que vai cobrir o pagamento do panfleto e dos brinquedos para os alunos, não previstos no orçamento.
- 5º) Para os filhos de famílias pobres, foram instituídas bolsas e meias bolsas. Elas serão entregues pelo Conselho com a apresentação de pessoas que se interessem pela criança e em função dos méritos pessoais do candidato. “É preciso que a questão do dinheiro não impeça às famílias pobres de se beneficiarem de nossa instituição” – declara o Sr. Clavier.
- 6º) Serão criados cursos agrícolas noturnos para jovens da região, que não podem vir nem mesmo por meia semana. Esses cursos, inicialmente, serão gratuitos. “Se os jovens gostarem deles, mais tarde compreenderão que uma retribuição para o professor é legítima”.

Depois de ter escrito no final do relatório a frase ritual: “Esgotados os assuntos a tratar, a sessão foi encerrada às...”, o Secretário acrescentava com certo humor: “Não é difícil, pois ao longo de toda a reunião realizada no terraço da casa, mais ou menos a metade dos presentes se manteve de pé, apoiados contra o muro do imóvel.” A outra metade, um pouco mais numerosa, se apoiava ou se sentava sobre o muro da beirada da casa (muito baixo para tanto). A mesa, com uma toalha verde, era um carrinho de mão, ornado dignamente, lembrando a “barouette” de Plégo Sardos, sobre o qual ou dentro do qual o Padre Granereau desdobrou seus papéis e documentos...

Ele tinha como assento um pequeno aquecedor instalado sobre o ponto mais alto (e sem fogo em seu interior), aquecedor que quase foi promovido à honra de “cadeira presidencial”.

Sendo verdade que as obras de Deus se constroem na pobreza e simplicidade, a nossa é uma delas, necessariamente. O que mais o comprova é a atmosfera de calma e confiança que reinava entre nós, apesar da presente dificuldade quanto ao dinheiro.

O motivo das obras boas não é o dinheiro e, sim, a vontade tenaz de todos aqueles que as realizam!

Quando o Orçamento não está Equilibrado

Os dias passam. É preciso, no entanto, juntar o dinheiro necessário para pagar a casa em 1º de outubro. É preciso esperar o número de alunos previsto para tornar viável a obra... Propaganda, propaganda, portanto, andar...

E eu mesmo impossibilitado.

Não levei em conta as orientações do médico. Ultrapassei largamente minhas possibilidades físicas. É preciso parar...ou encontrar um carro.

A questão do automóvel se coloca seriamente.

Muitas vezes tentei diferentes fórmulas: aluguel, negócio de ocasião.

Uma visita do Padre Mévelec, com seu Simca, preparou a solução do problema, um pouco mais tarde, porém. Na espera, continuo trabalhando.

Ao menos, poder-se-á fazer uso da nossa imprensa. Ingenualmente, esperei que a Semana Católica da Diocese publicasse uma nota para os confrades.

A 7 de setembro, a seguinte nota partia de Agen:

“Meu caro amigo,

depois de entendimentos com o Sr. Pourteau, lamento informar-lhe que não podemos inserir sua nota na Semana Católica. Isso seria prematuro.

Para começar, sua situação não está ainda oficialmente regularizada. É preciso, antes, ver o Decano de Lauzun.

Em seguida, sua empresa é de iniciativa privada e não possui, até o momento presente, o caráter de uma obra diocesana, o que a inserção solicitada poderia indicar.

Por fim, e é o que lhe observo, é preciso, antes de recomendá-la, estar seguro de que sua empresa se apresenta com todas as garantias, tanto do ponto de vista material quanto espiritual. Ora, o orçamento previsto, tal como me foi comunicado, não se encontra perfeitamente equilibrado. Aqui também, antes de prosseguir, é preciso ver as coisas de muito perto.

Prossiga em sua propaganda, é o que desejo; se o sucesso coroar seus esforços, nada mais pediremos que os aplausos.

Creia, meu caro amigo, em meus sentimentos cordialmente devotados em Nossa Senhora.”

A Alegria de Nossos Jovens

No dia 12 de setembro, jornada mensal dos jovens agricultores aprendizes, um só falta à chamada. No programa da tarde constava: primeira visita à “Casa Família”. Impacientemente, esperaram a hora da partida. Os 8 quilômetros que separam Sérignac de Lauzun foram rapidamente percorridos. Enfim, iam poder tomar posse dessa casa de que tanto se falava há dois meses!

Com louca alegria, corriam através dos compartimentos, abrindo portas e janelas... “É nossa!”.

– Sim, é de vocês.

Minha alegria não era menor. Esse “nossa”, para mim, significava muito.

Aos poucos, se formava um espírito, criava-se uma alma. À noite, adormeci expressando um grande “Deo gratias”.

As Dificuldades

Em 14 de setembro, o Sr. Clavier, que se encarregara de angariar os fundos, declarou-me: “Quanto à entrada de dinheiro... ‘não’ se tem confiança em nós”.

Uma montanha a mais para se ultrapassar.

No dia 23 estava eu no Seminário Maior onde se realizava o retiro do Clero, para encontrar-me com o Decano de Lauzun e o Vigário Capitular.

No primeiro dia, achei que a partida estava ganha. Parecia que tudo iria correr bem. No dia seguinte, catástrofe!

O Vigário Capitular recebeu-me desta vez, com ar glacial: “Não quero desencorajá-lo. Mas, meu caro amigo, seu orçamento não está equilibrado. O senhor corre o risco de não conseguir e obrigar o Bispo a pagar em seu lugar...”

– Mas, posso ao menos fazer propaganda para reunir nossos jovens?

– Isso sim, nós o permitimos de bom coração. Aumente seu recrutamento... Sua ida para Lauzun, porém, não é possível...”

As montanhas se acumulavam. Era preciso também equipar a casa. Isso custaria caro, pois os preços acabavam de aumentar fortemente.

No Entanto, uma Pechincha

Passando por Marmande, entro fortuitamente numa loja que liquidava produtos a preços antigos, com 30% de desconto.

Quando havíamos previsto 1.500 francos para um fogão, encontrei um, mais do que suficiente, com seis painéis e uma lavadora por 1.700 francos.

Que boa nova!

No entanto, como não tinha voz no capítulo, para tal aquisição, mandei reservar o conjunto para dar ao responsável do sindicato, o único competente, o tempo de tomar sua decisão.

Uma vez chegado a Lauzun, embora já fosse tarde, vou apressadamente à casa do Sr. Clavier para informá-lo a respeito.

Sem hesitações, ele me dá a ordem de fazer a compra. Logo que desembarquei em Sérignac, a carta prometida foi entregue ao chofer que a levou a Lauzun, para partir no dia seguinte, na primeira hora.

Recrutamento

No fim de setembro, a hora já era chegada para fazer o recrutamento.

No dia 26 estava em Saint-Sernin-de-Duras para uma conferência sobre os cursos profissionais de aprendizagem agrícola.

Três inscrições prováveis.

Uma família já pede os cursos para moças e apresenta a sua filha para iniciar, logo que possível.

No dia 27, em Lauzun, um passeio com o Decano nos propicia cinco inscrições. As famílias acolhem a Ideia com muita simpatia. Nem todas, porém, pois quem promove a Ideia também tem uma batina... Então!...

No dia 29, com o Sr. Clavier, pegamos um carro e fizemos o giro de Agnac e de Saint-Aubin para recolher inscrições em função do empréstimo e alunos para a Casa Familiar.

Excelente giro para a propaganda.

Isso, porém, custa e não se pode circular sempre que se queira. Decididamente, um carro se faz necessário.

No dia 30, tento alugar um, por 15 francos ao dia... Um verdadeiro traste. Era preciso empurrá-lo para que pudesse partir!

Felizmente pude devolvê-lo ao fornecedor no dia seguinte. Nada de outro aluguel. Eis-me de novo por terra.

A Casa Paga

1º de outubro, dia solene entre nós.

M. Clavier vai pagar a casa. Acompanho-o.

Estamos agora, verdadeiramente, em nossa casa. Os camponeses são senhores de sua primeira casa.

Depois do almoço, vou a Marmande para buscar as panelas e o fogão.

Poderemos, assim, fazer a comida e nos aquecermos nesse inverno.

MUDANÇA DE PROFESSOR: SENHOR LAURENT

No dia 28 chega uma carta do Reverendo Padre Barjallé pedindo a ida do Sr. Cambon a Purpan.

Como substituí-lo?

Um projeto já surgia no horizonte, o de organizar um viveiro de ameixas em acordo com um proprietário de grande área.

Mas é preciso a concordância com o granjeiro e o entendimento com o futuro zelador do viveiro que seria, ao mesmo tempo, professor de agricultura.

Vamos estudar o caso mais a fundo.

A hora chegou para parar alguns dias, refletir, bem planejar o ano, e descansar também, pois o cansaço vem com rapidez.

Onde ir e como pagar?

Eis que a Administração diocesana, contra a qual reclamava por me obrigar a permanecer ainda em Sérignac quando tudo reclamava minha presença em Lauzun, veio, apesar de mim mesmo, indiretamente, em meu auxílio.

Prosegui normalmente, durante esse tempo, em meu serviço em Mautors. O contrato de um trimestre suplementar me permitiu viajar para Lourdes e descansar, refletir, rezar aos pés da Virgem que visivelmente me guiou em todo esse empreendimento.

Como é urgente regularizar a questão do substituto de M. Cambon, suspendo tudo na mesma viagem. Em 4 de outubro parto para Lourdes passando por Toulouse onde pensava ter contato com aquele que o Padre Barjallé me havia proposto como novo professor.

O Superior de Purpan me informa que o candidato quer se engajar na Estrada de Ferro e que não tem outro nome para substituí-lo.

Conversamos longamente com o Sr. Cambon. Ele não nos deixará na mão. Entretanto, ele receia ter contratempos, pois no panfleto impresso em 1.000 exemplares e do qual me sentia orgulhoso, ele havia sido bombardeado, um pouco apressadamente, como “Engenheiro da Agricultura”.

No dia 5, na hora de tomar o trem, um amigo se aproxima:

– A questão do professor de Lauzun está resolvida?

– Não.

- Então espere. Dê-me seu endereço em Lourdes, eu lhe enviarei alguém que lhe dará alegria.
- Esperarei.

No dia 6, em Lourdes, chego a meu hotel bem na hora em que a recepcionista dava ao nosso candidato professor, informações a meu respeito: “Não sabemos quem é, nem qual o seu quarto”.

No dia seguinte nos encontramos.

Na tarde do dia 7, anotei em meu diário espiritual:

“Laurent Patrice, Nascido a 17 de março de 1915, em Limoges, filho de Laurent Léonard e de Brousseau Marie. Na Escola Agrícola de Vals, entre 1930 e 1934. Chegou às 10hs. Conversamos até meio-dia. É, na verdade, um apóstolo com um conjunto de qualidades externas muito úteis. Verei o que se dirá a respeito dele em Vals. O Sr. Laurent me escreverá para me dizer se seus pais aceitam: Que mamãe guie tudo!”

De tarde já escrevi para Vals. No dia 12 recebi a seguinte resposta do estimado Irmão Diretor:

Instituto Agrícola, Vals, perto de Le Puy (Haute-Loire), 12/10/1937.

“Senhor Padre de todo coração.

o jovem Patrício nos deu muita alegria durante sua estadia em Vals.

É inteligente e perseverante no trabalho. Espero que lhe dê satisfação, sobretudo nos cursos primários de aprendizagem agrícola. Talvez, tenha sucesso nos cursos superiores, com uma séria preparação.

Quanto a esses mesmos cursos, ele conhece algumas partes estudadas em Vals. Penso que poderá livrá-los dessa dificuldade e prestar um grande serviço, como desejo de todo o coração”.

Como já havia sido autorizado a esse propósito, escrevi imediatamente ao Sr. Laurent para com ele encerrar definitivamente o assunto.

A questão do professor está, pois, resolvida. Uma a menos sobre o tapete.

Em Lourdes encontrei o Cônego Despin, Capelão do Carmelo de Agen.

Conversamos muito.

Quando ele havia compreendido tudo, encorajou-me vivamente a continuar, e me prometeu pedir orações e apoiar meu trabalho junto à Administração.

Outros encontros me permitiram tornar conhecida a nova obra, particularmente a um Padre de Bordeaux que vai preparar o caminho para a primeira imitação de Lauzun, em Gironde, para o ano seguinte.

Ao voltar de Lourdes, 15 de outubro, encontro em Miramont uma “Licorne” de ocasião, por 6.500 francos. Fica pronta no dia 18.

No dia 19, fui procurá-la, mas, inutilmente. No dia 20 não estava pronta ainda. Disse, então, que se ela não me fosse entregue no dia 21 às 4 h da tarde, o negócio estaria rompido...e eu não tive a “Licorne”.

Preparação

No entretempo, conferência de propaganda nos Municípios da região de Lauzun e corridas em bicicleta.

Giro também na região de Seyches, com o estimado Decano e seu devotado paroquiano, o Sr. Cartier. Aos poucos as semanas são preenchidas.

A casa não tem eletricidade. Para evitar gastos consideráveis, se decidiu que o Sr. Laurent, com a ajuda do Sr. Cambon, faria a instalação.

Onde encontrar o material?

O Sr. Cambon se encarrega disso. Ele o trará de Toulouse ao vir de lá a 22 de outubro.

A casa foi limpa e caiada de alto a baixo. O muro da frente, branqueado, toma um belo aspecto. Sente-se que a vida volta a essa casa que, para os habitantes de Lauzun, permanecerá sendo sempre o “convento”, embora as Religiosas tenham saído em 1903 e a casa tenha servido depois para diferentes objetivos.

Apesar das numerosas dificuldades, apesar das hesitações, a Ideia avança aos poucos e conquista simpatias.

Assembleia Geral de 24 de Outubro

Para dar a todos a ocasião de se manifestarem abertamente, foi convocada uma Assembleia Geral para o dia 24 de outubro.

Uns quarenta chefes de família responderam ao apelo e, entre eles, uma boa parte de Bretões.

O Capelão da Bretanha do Midi, o Padre Mévelec, está presente. Apoiava ativamente a iniciativa do Sr. Clavier.

No final da sessão, doze novos chefes de família aderem à obra e entregam sua cotização.

– “Nós também, diz um deles, queremos assumir nossas responsabilidades. Quanto mais numerosos formos, menos pesada será a carga para cada um.” Uma ordem do dia livra o Padre Granereau da responsabilidade financeira. Para acalmar as inquietações do Bispado, o Sr. Peyrat, o Presidente, comunica essa mesma ordem do dia ao Vigário Capitular.

Por sua vez, o Decano decide escrever ao Bispado, depois de estudar nossos três orçamentos:

- 1º) Fundação: 50.000 francos para a casa e 15.000 francos para o automóvel.
- 2º) Alimentação e aquecimento.
- 3º) Reparações e gastos gerais cobertos por um pagamento de 300 francos por aluno em semana inteira, e 150 francos em meia semana.

Desde o dia 25, começou um primeiro transporte de leitos e móveis em Lauzun. Oh! Sem barulho, pois não tenho ainda o direito de fazer mudança. Que direi aos que me falarem a respeito?

De tarde, deve chegar o Sr. Laurent.

A hora prevista já havia passado. Na meia obscuridade do presbitério, sem eletricidade, esperamos um tanto inquietos.

A comida atrasa no fogão. Uma refeição sem graça para uma cozinheira que queria tanto acertar, cria um ar desagradável...

Enfim! Recebo de braços abertos aquele que vai me ajudar a pôr de pé Lauzun.

Lauzun é o futuro da Ideia.

No dia seguinte, com o Sr. Cambon, começa a instalação da eletricidade. Dois jovens espanhóis, Joseph e Xavier Cirera, acolhidos juntamente com seu pai em meu presbitério, virão ajudar.

Nova dificuldade. Como alimentá-los?

Continuo em Sérignac, com minha cozinheira. É preciso, pois, encontrar uma pensão, pagar mais caro... Quanto a mim, estarei condenado a fazer muitas idas e vindas. Tanto pior! Alegrementemente, ponho-me a trabalhar.

No dia 26, o Sr. Clavier traz lenha e vinho. Aproveita para verificar comigo algumas questões práticas e dar-me suas orientações: gastar o menos possível. Quanto ao automóvel? Pode haver imprevistos... Seremos os proprietários. É necessário..., mas? Apesar de sua boa vontade em querer tudo fazer, sente-se amarrado pelas dificuldades quanto ao dinheiro que nem sempre entra logo. Ele sofre com o problema. É normal.

Por outro lado, depois de pagar a casa, foi preciso pagar também as restaurações e a arrumação indispensável. Foi preciso comprar as camas que faltavam.

Felizmente, um amigo de Marselha me permitiu comprar na Transat um conjunto de cobertores de segunda mão, muito úteis ainda. A marca: C. G. T., o que sempre intrigou nossos visitantes.

Onde Começam os S.O.S.

De volta a Sérignac, cansado, o estômago enfraquecido, não pude jantar... longa insônia. Preocupações de todo o tipo me assaltam.

Como encontrar algum dinheiro suplementar que poderia facilitar o trabalho? Há pessoas que poderiam ajudar. Elas compreenderão? Trabalhar pela causa da Ideia não traz benefícios.

Pouco importa, decidi enviar no dia seguinte algumas cartas S.O.S.

Silêncio, belas palavras! Foi preciso continuar trabalhando com os mesmos meios deficitários.

No dia 29, o pensamento obsessivo é o de minha transferência para Lauzun.

O que fazer se a autorização não vem? É preciso encontrar um jeito de ir até lá sem desobedecer. Como?

No dia 30, levanto com duas grandes preocupações:

- meu estômago piorou;
- faturas a serem pagas pela sociedade.

Com um pouco de água de Lourdes, em meio a três Ave Maria, meu estômago me deixa em paz naquele dia.

Quanto às temidas faturas, à noite, constatei que nenhuma tinha chegado.

Decidi, com o Sr. Clavier, fazer uma subscrição na Bretonha, por intermédio do “Ouest-Eclair”, graças a meu amigo Saucourt-Harmel que é seu administrador.

Esse pensamento basta para me tranquilizar.

O Decano ainda não recebeu a resposta do Bispado a respeito de minha transferência para Lauzun.

Entretanto, seria muito útil anunciar oficialmente a abertura da casa. Isso daria confiança às famílias.

- Eles têm tudo que querem. Não podem recusar”, declara o Decano. O anúncio, então, será dado de toda forma, no dia de Todos os Santos.

A casa se organiza. As famílias fazem a inscrição de seus filhos. O professor lá está.

E a Legalidade?

Teremos problemas com a Inspeção da Academia, pois continuamos a receber jovens a partir de 12 anos, logo, em idade escolar?

É mais do que tempo de se fazer junto ao Ministério um derradeiro encaminhamento para estarmos definitivamente em condições legais.

Eis, precisamente, que no começo de novembro acontece um Congresso de “L’Aube”. Excelente ocasião para ir a Paris, pois as questões agrícolas estão na ordem do dia do Congresso.

Onde encontrar o dinheiro? Uma vez mais, minha caixa está vazia. Muito simplesmente, como sempre, minha colaboradora me oferece um empréstimo tirado de suas economias. Posso, então, partir.

A 5 de novembro, fomos, com uma delegação do Conselho do S. C. I. R., amavelmente recebidos pelo Diretor do Serviço da Mão de Obra Agrícola.

Foi feita uma longa e atenta análise da questão de Lauzun e da situação de nossa Casa Familiar por causa do problema da escolaridade prolongada.

A respeito desse prolongar-se, o Diretor nos declara:

- Que querem que eu faça? Os camponeses recusam simplesmente tudo e nada propõem.
- Nós, por nossa vez, apresentamos um projeto que é sólido. É preciso que o analisemos a fundo.
- Sim, muito bem. Veja com o Inspetor do Primário como desenvolver os programas para os que ainda estão em idade escolar.
- Posso transmitir-lhe o conteúdo de nossa conversa?
- Veja-o com meu aval.

Voltando de Paris, passei por Marmande, mas não pude encontrar o Inspetor.

Escrevi-lhe, solicitando-lhe uma entrevista.

Ele me respondeu com uma carta muito educada que assim terminava:

“... É inútil encontrá-lo, porque não nos entenderemos sobre a interpretação da lei...”

Depois da consulta ao Conselho de Pais, enviei a carta ao Sr. Paon e acrescentava: “... Os pais decidiram continuar do jeito que começaram. Nós prosseguimos”.

A questão, para nós, estava encerrada. Quanto a mim, pouco importa a prisão se ela vier.

Os pais que quiseram, continuaram a enviar seus filhos a partir de 12 anos, e ninguém jamais os incomodou.

Num Município, no entanto, a professora moveu processo contra um pai cujo filho não tinha 13 anos. Posto ao par, o Diretor da Casa Familiar de Lauzun forneceu um certificado de presença regular às “Semanas” de Cursos Agrícolas e o assunto foi encerrado.

Subvenção

Tendo sido resolvida a questão da escolaridade, falei mais uma vez das possíveis subvenções. Com um sorriso matreiro ele me respondeu: “Faça seu pedido, verei o que poderemos fazer no ano próximo”.

Que poderia ele fazer? Lembremos o que fizemos constar no capítulo anterior. Compreendi, então, o sorriso matreiro.

Aproveitei de minha viagem a Paris para tratar com São Cristóvão, da questão do automóvel.

É preciso 12.800 francos para comprar um Simca 5. Onde encontrá-los?

No dia 6, no Congresso de “L’AUBE”, obtivemos a aprovação unânime quando pedimos um espaço no jornal, para tratar ali de questões que interessam ao problema rural e à escola agrícola.

No dia 7, Assembleia Geral do Secretariado Central de Iniciativas Rurais, cujos estatutos foram adaptados em função da organização de Lauzun.

Legalmente, tudo está consolidado.

Passando novamente por Bordeaux, obtive do “Comptoir des Stocks” americano, um crédito até o fim de janeiro, para pagar as camas que completam a instalação do dormitório.

Durante esse tempo, chegaram diferentes cartas, novas inscrições, irradiações.

Apesar de tudo, pus-me a redigir nosso calendário para 1937-1938.

A Utilidade do Direito Canônico

A Casa Familiar deve abrir no dia 17 de novembro e ainda estou em Sérignac, pois a autorização de minha transferência para Lauzun ainda não chegou.

A 3 de novembro, o Sr. Peyrat recebeu a seguinte carta:

“Senhor, agradeço a declaração que me enviou a respeito da Casa Familiar de Lauzun, e da função do Padre Granereau nessa obra de iniciativa camponesa. A decisão adotada é prudente e sábia, perfeitamente em harmonia com as prescrições canônicas. Infelizmente não pude ainda comunicá-la ao Vigário Capitular. Seu estado de saúde, embora não seja inquietante, não lhe permite, por ora, ocupar-se da administração diocesana. Espero poder, dentro de alguns dias, informá-lo quanto à situação. No entanto, para adotar uma solução, não seria bom esperar a nomeação do novo Bispo? Peço-lhe, Senhor, que aceite a expressão de meus devotados sentimentos”.

Fazer o que?

Partir por minha própria autoridade? E a obediência? Felizmente, o Direito Canônico ali está para pôr tudo em dia.

Todo Padre tem o direito de dois meses de férias por ano, desde que o atendimento paroquial esteja garantido.

– Novembro-dezembro de 1937: 2 meses.

– Janeiro-fevereiro de 1938: 2 meses.

Assim, sem nenhuma desobediência, tenho praticamente quatro meses diante de mim, enquanto espero o futuro Bispo.

Transfiro-me então, para Lauzun, de onde garanto meu trabalho paroquial. Esperando, tudo se arruma...

No dia 12, a primeira mudança.

À tarde, pela primeira vez, dormi na “Maison Familiale”, donde não devia sair antes de fevereiro de 1942..., definitivamente lançado à Grande Aventura...

E o Automóvel?

Depois do jantar, analisando com a Senhorita Barré, a organização interna e a questão do automóvel, ela decidiu comprá-lo.

“Dessa forma, o senhor terá sua inteira independência”, disse-me ela, e imediatamente me entrega o dinheiro necessário, fruto de suas pacientes economias.

Quando chegou o carro, assinei um documento testemunhando que o carro pertencia a ela.

E foi tudo. Ninguém, em Lauzun, desconfiou que o carro não fosse meu.

Somente em julho de 1941, graças ao “Secours National”, obtive os meios para reembolsar o preço do carro...“se o dinheiro não tivesse sido útil para outro item”..., me dizia ela, sorrindo, a 9 de agosto de 1967.

CAPÍTULO IV

VIDA DA CASA FAMILIAR PRIMEIRO ANO DE LAUZUN (1937-1938)

Primeira Semana

No dia 16 de novembro, retornamos, às 7 horas da tarde, trazendo os últimos componentes do mobiliário que ficara em Sérignac. No dia seguinte, desde a primeira hora livre, enquanto a Senhora Barré instalava sua cozinha e sala de jantar, pusemo-nos, com o Senhor Laurent, a organizar os cômodos, um a um.

Ao meio-dia e meia, os primeiros alunos chegaram com seus pais... Nos corredores, ainda os traços da desarrumação:

– “Minhas crianças, se não houver outra coisa, pelo menos terão um lugar para comer esta tarde.”

Quando todos chegaram, somamos 9. Entrando numa casa cheia de vida, todos foram logo conquistados. Um pai propôs 7000 francos para o fim de janeiro. Perfeito, para pagar as contas dos estoques americanos. Ainda que vá funcionar normalmente na primeira semana, como veremos mais adiante, a organização geral continuava.

No dia 20, meu antigo aluno de férias desde 1922 chegou de Paris com sua esposa, conduzindo o Simca em bom estado.

“LOU CACAROT”

Como pôde ele chegar aqui? O Simca 5 é modesto. Ninguém terá motivo para criticar.

Com dois faróis enfiados nas laterais, toma ares de caracol andando. Por isso, na área, foi apelidado de “LOU CACAROT” (O caracol).

No dia 21, apresso-me em experimentar o carro, indo a Sérignac; anda bem.

Ele me prestará muito serviço! Transporte de pessoas, caminhonete para mercadorias. Tem papel importante para o sucesso da Casa Familiar.

– “Ele se comporta bem no serviço”, é o que se diz.

Logo mais, o telefone completará a feição moderna da velha casa. No dia 23, final da primeira semana: “Já?”

À tarde, início da segunda semana.

São os mais adultos. Que alegria tomar posse de “sua” casa! São precisamente eles os que a conquistaram, por causa de sua tenacidade.

No dia 24, abertura das aulas de agricultura noturnos, solicitadas pelas famílias para os que não estão mais em idade de vir, mesmo para meia semana, à Casa Familiar.

Há muito trabalho em perspectiva, e o jovem professor, que não tem medo do serviço, a ele se entrega de todo o coração.

Ao longo da semana, conversando com nossa cozinheira ecônoma, achamos que as cotizações previstas são um tanto insuficientes, chegam atrasadas, e que os 5 ou 6000 francos adiantados facilitariam muito as coisas.

Como encontrá-los?

Procuraremos nos arranjar. Não se pode, assim depressa, incomodar as famílias por questões de detalhes. É preciso, antes, conquistar sua confiança.

CRIAÇÃO DAS JORNADAS RURAIS FEMININAS

Não pudemos ter as duas Casas Familiares... Felizmente!

Temos, ao menos, “nossa Casa”. É possível, agora, ocupar-se também das meninas.

Construir nem que seja um anexo para a casa, não significaria desequilibrá-la?

E, no fim, causar, socialmente, mais mal que bem?

No dia 30 de novembro, na Casa Familiar vazia de meninos, as moças da região foram convocadas para uma primeira *Jornada Rural Feminina*.

Essa Jornada e as que se seguiram, foram possíveis graças ao devotamento da senhorita Marie-Thérèse Duranthon, de Seyches, professora de corte e costura, e da senhorita De Maignas, professora de higiene em Marmande.

Vinte moças responderam à chamada, perguntando-se sobre o que poderiam fazer numa casa destinada a meninos. Assim mesmo vieram...para ver!

A jornada estava assim organizada:

- 1º) Na Igreja, missa e instrução;
- 2º) Na Casa Familiar, depois do primeiro contato, formação de dois grupos de moças:
 - um grupo com menos de 16 anos,
 - um grupo com mais de 16 anos.

Pela manhã, um grupo trabalhou com a professora de corte e costura para a primeira lição de confecção de saias. O outro grupo segue o curso da professora de higiene e o do professor de agricultura, que dividem entre si o tempo de trabalho.

À tarde, os grupos mudam de professor. Assim, cada menina aproveita de três aulas muito interessantes.

Como é preciso se distrair, o almoço é seguido de uma recreação empregada, sobretudo, para a aprendizagem de cantos. “A Rosa na lama” terá, a seguir, grande sucesso.

O dia foi muito curto. As moças compreenderam o que se pretendia fazer por elas. Decidiram voltar todos os meses, até maio de 1938.

Umhas vinte moças seguiram fielmente esses cursos.

As jornadas das meninas, na Casa Familiar de meninos, tiveram sobre eles um excelente influxo. Fizeram com que eles compreendessem a seriedade profunda da formação empreendi-

da. Assim, desde que as circunstâncias levaram meninos e meninas a se encontrarem em “sua Casa”, logo se criou entre eles uma atmosfera verdadeiramente familiar de alegria sadia, de respeito e também de dignidade, o que bem fazia prever o futuro.

Primeira Meia Semana

A 1º de dezembro começa a meia semana.

Cinco alunos, entre 16 e 18 anos. Sem hesitar lhes peço que aceitem o regime comunitário da Casa. Aceitaram de boa vontade.

Percebi, porém, que era preciso andar devagar.

Eu continuava em meu aprendizado. Começar com 12, 13 anos ou com 16, 17 anos não é a mesma coisa.

Conversando com um deles, abriram-se novos horizontes diante de mim. Ele já tinha feito estudos e nossos cursos não eram mais para ele. Que é que se poderia fazer? A solução virá no ano de 1939.

O JORNAL

Numa vigília com os maiores, uma questão séria foi levantada: a criação de um jornal.

- Será ele necessário?
- Com certeza, sim. Nós exerceríamos influência sobre outras regiões. Há alunos que vêm de 25 quilômetros de distância. É preciso manter contato.

Além disso, é evidente que alguns princípios adotados em Sérignac não são mais válidos em Lauzun. O calendário deverá mudar.

Depois, é preciso, às vezes, se comunicar com os pais, enviar convocações, levar a vida da Casa Familiar ao conhecimento de todos.

Quanto à propaganda, ficará ela esquecida? Sim, o jornal se impõe.

– Como financiá-lo? Onde buscar o dinheiro? Por que não o organizamos nós mesmos? E a gráfica?

O Padre Granereau, então, retira triunfalmente de um canto sua velha máquina de policopiar, que tinha servido para “imprimir” o grande cartaz do segundo exame público de Sérignac-Péboudou.

Aqui está nossa “impressora”.

A máquina foi medida. Tem como dimensões: 26 X 42 cm de superfície útil, tamanho de um verdadeiro jornal.

Diretor, professor, alunos, todo o mundo se colocará a serviço e teremos uma verdadeira “rotativa” viva que, mensalmente, será instalada na sala de estudos para imprimir os números de “*La Maison Familiale*”.

Tempos heroicos que tinham seu charme e trouxeram muito ânimo e alegria para nossos jovens.

A 19 de dezembro, o primeiro número impresso, perdão, “policopiado”, partia por toda parte, falando da Casa Familiar.

Vejam seu primeiro artigo: “*Nossa Casa – Nosso Jornal*”:

“Há algumas semanas, todos juntos, fizemos prodígios para organizar e povoar a “Casa Familiar” de Lauzun.

Sua “Casa”. A “Casa”, sobretudo, de seus filhos.

“Não tenham medo, sua Casa está solidamente fundada, pois, em torno da antiga casa de pedra da Rua Taillefer, em Lauzun, se formou, desde o dia 25 de julho último, uma cálida atmosfera de devotamento, de atividades, de vontades férreas para atingir o objetivo e, igualmente, de orações muito fervorosas.

Assim, de todas as partes de nossa região, através da França e até mesmo no Ministério da Agricultura, o povo se volta para ela com simpática atenção, pois, nossa Casa Familiar carrega o germe e a certeza de uma renovação no campo. Eis que agora, novo prodígio, a Casa Familiar chega até vocês.

É, sim! Agora temos também um jornal, *nosso jornal*.

Com pouco gasto chegará até vocês para dizer-lhes periodicamente como é a vida na Casa Familiar. Era necessário con-

versar de maneira prática e rápida entre nós. Nosso jornal nos permitirá fazê-lo.

Ei-lo, pequeno, simples, mas, carregado de futuro.

Tal como é, estamos certos, lhes dará alegria, pois, é isso mesmo que nós desejamos.”

Padre P. J. Granereau
Diretor da Casa Familiar

Dezembro, janeiro, fevereiro: os três primeiros números do jornal desse período verdadeiramente heroico.

Chega o mês de março e traz um primeiro progresso.

Graças à “Pommade de Sargels” temos, agora, realmente impresso um título bonito.

O trabalho continua paciente, obstinado e igualmente fecundo.

Os números saem com 250, 300, 400 e até mesmo 500 exemplares. É preciso propaganda.

Estamos no mês de agosto. É possível fazer um esforço maior.

Juntamos três meses. O “La Maison Familiale” aparece impresso com quatro páginas e 3000 exemplares porque, acertadamente, retoma seu pequeno tamanho de “patinho”.

Esse “patinho” tornar-se-á, com o tempo, um verdadeiro “pato”, bem empenado, com asas possantes? O futuro o dirá.

Quais os resultados do primeiro número impresso? O número de novembro de 1936 assinala:

- 1º) Chegaram assinaturas de Lot-et-Garonne, de Vosges, da Haute-Savoie, de Deux-Sèvres;
- 2º) Numerosos exemplares partiram para Lot-et-Garonne e além, preparando o terreno para futuras Casas Familiares.
- 3º) Cartas entusiasmadas vieram de diferentes regiões, dando prova evidente de que o jovem “Patinho” estava se portando bem.

Desde 1941, com tiragem trimestral, o *Maison Familiale* se tornou o órgão da União Nacional das Casas Familiares da França, fórmula de Lauzun, dando uma grande contribuição para a multiplicação delas.

Seu último número é de janeiro-fevereiro de 1944. Mais uma vez o recrutamento. Finda a primeira semana, era preciso continuar o recrutamento.

“Lou Cacarot” corria sem parar, com muito sucesso, aliás, uma vez que, de seu giro, trouxe seis alunos para a segunda meia semana que iniciou a 8 de dezembro, com a nova fórmula: “Externato”. Os jovens chegavam de manhã, às 8h30. Voltavam às 6h da tarde.

No caderno espiritual anotei: “Primeira meia semana externa; ela também é produtiva”.

Não estávamos, porém, no fim de nossas preocupações porque a terceira semana se anunciava como fraca.

No domingo pela manhã, passo na casa de um italiano nos arredores.

O filho dele, como todos os colegas de sua escola, queria abandonar a terra para tornar-se mecânico ou marceneiro. Falei-lhe da Casa Familiar.

– “Vem passar uma semana conosco; depois você fará o que quiser”.

O pai está meio indeciso; a mãe, porém, se deixa convencer. Levo comigo o jovem José. Fará a quarta série. A partir da segunda-feira ele se mostra conquistado.

Desde então, ele não fala mais em deixar a terra. Graças à Casa Familiar se tornou um forte apoio para a sua família.

Na segunda-feira, Padre Mévelec passa por Lauzun. Ele me diz que uma família de bretões me aguarda do outro lado de Castillonès.

Parto sem tardança e trago mais um aluno.

A 17 de dezembro nosso “jornal” podia publicar os primeiros resultados oficiais:

- de 17 a 23 de novembro, 1ª semana: 9 alunos;
- de 23 a 29 de novembro, 2ª semana: 9 alunos;
- de 1º a 5 de dezembro, 1ª meia semana: 5 alunos;
- de 8 a 11 de dezembro, 2ª meia semana: 7 alunos;
- de 12 a 19 de dezembro, 3ª meia semana em andamento: 6 alunos.

Outros inscritos vieram completar os grupos. Na terça-feira, 14 de dezembro, temos 38 alunos, quando, há dois anos, tínhamos começado com apenas 4, em Sérignac.

No total, o primeiro ano de Lauzun contou com 40 alunos.

E tivemos entre 20 e 25 meninas em nossas jornadas femininas.

A J.A.C.

A irradiação da Casa Familiar começava a se fazer sentir.

A 10 de dezembro, nossos jovens jacistas de Sérignac-Pé-boudou, que já vêm a Lauzun para seus cursos, pedem para vi-rem também para as reuniões da J.A.C., convidando os jovens de Lauzun para tanto.

Aceito de bom grado.

Graças a eles, graças à Casa Familiar, o grupo jacista inter-paroquial de Lauzun pode se organizar. Logo contaria com cerca de vinte membros.

Primeiro resultado: uma Festa de Natal muito animada. Vigília na Casa Familiar.

- Missa da meia-noite, com cantos e comunhão na igreja.
- Confraternização na Casa Familiar.

A Sala Paroquial

No conjunto dos imóveis comprados, havia uma capela fora de uso e em estado lamentável.

Que fazer com ela?

Por que não transformá-la em sala paroquial, uma vez que, em Lauzun, não havia nenhuma?

De acordo com o Decano, o problema foi inserido na ordem do dia, tanto no Sindicato dos Pais, quanto na Liga Feminina da Ação Católica Francesa.

Depois de análise atenta, foram tomadas as seguintes decisões:

- 1^a) A Liga assumiria a transformação da capela em sala paroquial, abrindo uma subscrição para tanto;
- 2^a) O Sindicato permaneceria como proprietário da sala e poderia servir-se dela para suas reuniões e sessões.
- 3^a) Ele a colocaria gratuitamente à disposição do Decano e das obras paroquiais. Bastava pôr-se de acordo para estabelecer os dias respectivos.
- 4^a) Uma parte da renda das sessões serviria para completar o pagamento da restauração e assegurar sua manutenção.

Nada mais havia, senão pôr mãos à obra.

Nossos jovens não esperaram as decisões, pois, os primeiros a chegar tinham encontrado a casa com restos de feno, um pátio em péssimo estado, um jardim a ser nivelado, empedrado, arrumado.

Os escombros tirados da antiga capela e de sua sacristia, cujo teto havia caído, serviram muito bem. Serviram tanto, que foi preciso levar embora carroças cheias deles.

Depois, foi preciso instalar grades no pátio para impedir que a bola fosse amassar o alface ou as plantinhas do jardim... para desespero da senhora Barré. Ou, então, cair sobre a cabeça dos passantes na rua.

Durante mais ou menos quatro meses, os grupos que se sucederam na Casa Familiar, tiveram que reservar uma boa parte de suas recreações para a limpeza da futura sala e para a arrumação do pátio. Fizeram isso, normalmente, com muito boa vontade e muito empenho.

Seria preciso dizer que jamais alguém ficou de fora, como certas pessoas que, muitas vezes, são boas de conversa, mas, fogem diante de um compromisso pessoal a assumir?

Essa foi uma excelente ocasião para se verificar o real valor dos homens de amanhã, e saber com quem se pode contar de fato, para “reconstruir a cidade”.

O professor, que não poupava esforços, os teria logo percebido e os teria imediatamente feito andar no ritmo dos outros.

De resto, se assim fosse, teria sido uma ínfima exceção, pois, foi de fato com alegria que nossos jovens se prestaram a todos os esforços, até mesmo a todos os sacrifícios que se lhes fosse pedido.

Mais tarde, com legítimo orgulho, poderiam dizer aos próprios filhos como “nasceu” sua Casa Familiar, pois, ela é deles também, por seu trabalho e pelos bons suadouros que ali tiveram.

O ACOLHIMENTO DOS LAUZONIANOS

É tempo de dizer qual foi a acolhida que os moradores de Lauzun reservaram a essa instituição que pouco tem de semelhante com outras que já conheciam até então.

Durante cerca de três meses, observavam como a casa ia sendo arrumada.

Sabiam que um grupo de camponeses tinha comprado o antigo convento para nele instalar uma escola de agricultura, como se dizia.

Tal projeto lhes parecia, à primeira vista, muito extraordinário... Onde meter as vacas? Não se via lugar para isso. Onde havia terra para se trabalhar? E os campos?... Além disso, um Padre metido no meio disso tudo...

Curiosamente, as conversas corriam. Por certo, não eram maldosas porque os camponeses que tocavam a obra eram bons clientes para os comerciantes da região.

Eis que, numa bela manhã, sem tambor nem trombetas, sem nenhum cartaz, o povo de Lauzun, que tinha levantado

cedo, viu uma dezena de garotos saírem da casa para irem à igreja e, ali, participarem da missa.

Depois disso, não foram mais vistos durante o dia, embora, na hora do recreio, se ouvisse facilmente o ruído deles.

Isso durou uma semana.

No começo da segunda semana, os curiosos constataram que os garotos não eram mais os mesmos. O grupo havia mudado.

Assim, de semana em semana, houve mudança para grande surpresa do povo que nada entendia.

Dessa forma, cada vez que o povo podia se aproximar de algum de nossos alunos, logo o interrogava.

Assim aos poucos, os moradores de Lauzun ficaram sabendo que, entre eles, havia uma “verdadeira Escola de Agricultura”, mas, de um tipo novo.

Uma escola que não precisa de vacas, nem de cavalos, nem de animais de espécie alguma, uma vez que os há de sobra nas estrebarias dos pais dos alunos.

Uma escola que não precisa de terra, nem de campos, nem de videiras, nem de árvores frutíferas para aprender a trabalhar, pois, os alunos trabalham com isso na própria casa, sob a orientação dos pais.

Além disso, a cada vez que for preciso para as aulas práticas, podas e outras atividades, o professor pode utilizar à vontade terras, campos, parreiras, árvores, nas granjas das famílias que nele confiam, enviando-lhe os próprios filhos. Basta combinar tudo com os pais.

Na “Maison Familiale” (já se começa a conhecer o nome), o professor de agricultura simplesmente ministra as aulas teóricas, e prepara as aulas práticas.

Eis que, num belo dia, houve um grito de surpresa: “Ah! Já vimos esses garotos!”

- Então, vocês estão voltando?
- Sim, estamos começando nossa segunda semana.
- Por que sua segunda semana?

- Porque temos mais cinco para seguir: uma por mês até abril.
- Então, vocês estavam de férias?
- Não, estávamos trabalhando com nossos pais. Além disso, tínhamos nossos deveres de escola e lições para estudar.
- Mas, e esse sistema de aula não enjoa vocês, na idade de vocês?
- Nada disso! O recomeço de nossa semana já estava demorando...
- ???...
- Pouco a pouco, os moradores de Lauzun se acostumaram com essa nova forma de ensino.

Acabaram achando que isso era bom!... Que o Padre não era tão besta!... Que ele tinha tido uma bela ideia!...

As felicitações começaram a chegar.

Uma atmosfera de cálida simpatia envolveu aos poucos a “Casa Familiar”. Não estaria ela trazendo para a região uma vida nova e uma atividade apreciável?

Por ocasião do primeiro dia do ano, levei meus votos a uma família muito dedicada.

- Você deu férias a seus alunos?, perguntaram com amabilidade.
- Não, nós mesmos é que tiramos férias.
- Como assim?
- Nossos alunos partem por três semanas a cada mês. Nós, porém, a cozinheira, o professor, o diretor, nós permanecemos em serviço para preparar a semana seguinte. Hoje, então, somos nós que tiramos férias.

Para nossos numerosos amigos, agora interessados com a nova obra, a Casa abriu suas portas a 23 de janeiro de 1938, para conhecerem a vida interna de nossos alunos.

Três alunos assumiram a tarefa de explicar:

- 1º) O que era a Casa Familiar:
- 2º) A formação profissional e intelectual dos alunos;
- 3º) Sua formação moral e religiosa.

A reunião se encerrou com uma avaliação, à noite, feita por nossos jovens, com a mesma simplicidade que nos outros dias.

Todos os nossos visitantes partiram orgulhosos com o que viram e ouviram.

A VIDA INTERNA DA CASA FAMILIAR

Para melhor compreendermos a transformação definitiva do tímido ensaio de Sérignac-Péboudou, entremos também nós e vejamos.

Eis-nos aqui:

- o educador-diretor,
- o professor de agricultura e de ensino geral,
- a cozinheira-ecônoma,
- um número suficiente de alunos para as diferentes responsabilidades.

O Educador-Diretor

Aquele que, em 1935, assumia todas as funções, especializou-se definitivamente em seu papel de educador. Teve, porém, que assumir também a direção da Casa. Poderia ele fazer de outra forma?

Como fundador da obra, não era preciso que tivesse em mãos o comando? A questão de confiá-lo a outrem, nem mesmo foi levantada. O Sindicato dos Pais não o teria permitido.

Sobre ele recai a responsabilidade do bom andamento dessa obra que agora pode se expandir plenamente.

Eis, portanto, uma nova função que a evolução normal da Ideia acabava de criar.

- *Educador-Diretor* ou simplesmente: diretor. Ora, esse diretor é Padre. É um fato. Assim o quis a vida.

Diretor de almas, diretor também desse ente social novo: a “Casa Familiar”. É encarregado do recrutamento dos jovens e, então, antes de tudo, de dar uma educação aos pais, de convencê-los de que eles têm o dever de continuarem a dar instrução a seus filhos, mesmo depois da escola primária.

Teoricamente, todos os membros do sindicato são propagandistas e alguns desempenham maravilhosamente esse papel.

No entanto, mesmo quando parece que a causa está ganha, ainda sobram muitas questões a se resolver para se chegar à vitória, se é que se pode chegar à vitória!

O diretor recebe os pais, os visitantes, assume todos os encaminhamentos que são do interesse da vida da Casa e que não sejam diretamente do responsável legal: o presidente da Secção Regional do S. C. I. R. que sempre põe sua assinatura em todos os documentos oficiais.

Além disso, assiste a todas as reuniões do Conselho de Pais, apresenta os relatórios e mantém em dia a contabilidade, esperando que o secretário e o tesoureiro sejam aptos para desempenharem sua função.

Terá por missão, sobretudo, a de ser *educador*.

- Dar a esses jovens cristãos um conhecimento verdadeiro a respeito de Cristo, abrir-lhes as maravilhosas páginas do Evangelho.
- Compreender a missa. Levá-los a compreender o sentido profundo da missa, ato essencial de nossa vida, ponto de partida para a nossa intimidade com Deus.

Chegando a Lauzun, coloquei a meus antigos alunos essa questão séria:

- Muitos colegas de vocês vão chegar e não sabem tanto quanto vocês a respeito disso. Podemos continuar indo à missa diariamente?
- Sim, é muito importante. É preciso continuar, responderam unanimemente. Meu dever era, pois, o de explicar quanto antes o que era a missa.

Na hora da primeira entrada de cada uma das novas semanas, já na primeira tarde, lançava a questão: “O que é a missa?”

Deixo que cada um comente como pode a resposta do catecismo. Depois, com toda a seriedade, olhando-os de frente: “A missa?” Aqui a gente se atrapalha, esperando uma luz.

Eles me olham um tanto aturdidos. Alguns segundos após, mostro um sorriso. Sem demora, explode uma risada geral. - “Vejam, meus filhos, não é verdade?”

Recuperando a confiança, cada um conta suas pequenas aventuras para encher o tempo. Ajudei-os, aliás, claramente, para tanto.

Quando tudo foi dito, quando sinto que nada mais carregam em seu coração, que o abscesso furado está vazio: - “Agora, meus filhos, vamos explicar o que é a missa...”

A iniciação começa, então. Ela penetra docemente até o mais íntimo da alma.

Esse conhecimento pleno do que é a missa me ajudava consideravelmente a despertar neles a vontade de viverem entre si o mandamento do Mestre: - “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”.

Entretanto, não basta contentar-se com essa formação geral. Sobre essa base possante é preciso construir individualidades fortes. Levar cada personalidade a tomar consciência de si e se desenvolver com plena liberdade.

Isto supõe encontros pessoais conduzidos com tato, quando o jovem adolescente pode se abrir à vontade, sem preconceitos, porque se sente compreendido.

Nesses encontros, não deixar nenhuma pergunta sem resposta. Provocar, até mesmo, as perguntas e mostrar que aquilo que se remói como segredo pessoal, é assunto geral. Basta saber como atravessar a crise do momento sem soçobrar moralmente.

Enfim, permitir a todos a possibilidade de temperar fortemente a própria vontade e dominar o próprio coração.

Instrução – Educação

A tarefa do educador assim compreendida, não basta?

Como impor também a tarefa de garantir o ensino a esses jovens que vão se suceder num ritmo rápido, uma vez que, a cada semana, virá um novo grupo?

Ou então, como querer que o professor tenha um espírito muito livre para se afastar das preocupações do ensino e acompanhar individualmente a cada um de seus alunos e, tomando o próprio tempo para ouvi-los, contar coisas que o mesmo professor facilmente poderia chamar de historietas sem sentido?

Diga o que disser a teoria, mas, a falta de diploma, longe de qualquer teoria, me obrigou a estabelecer uma separação entre Educação e Instrução.

E muito bem aproveitamos disso.

É preciso dizer que conservei, acumulando, o encargo de minha paróquia. Tinha, assim, um conjunto de ocupações bem mais que suficientes!

Cada nova entrada de alunos era uma nova tomada de contato. Era preciso, primeiramente, quebrar o gelo, porque, apesar de tudo, em todos havia certa inquietação: - “Que é que vão fazer de nós durante uma semana?” pensavam mais ou menos vagamente.

No primeiro número do jornal *La Maison Familiale*, resumi a primeira entrevista que ecoava o primeiro e verdadeiro encontro com meus quatro primeiros alunos de Sérignac-Pébou-dou, a 21 de novembro de 1935:

– “Meus filhos, *vocês vêm aqui para formar a vontade e o coração de vocês, bem como para formar sua inteligência.* Aqui, o grande vigilante é Deus.

É por causa Dele que vocês observarão o silêncio no dormitório, que trabalharão com dedicação nos estudos, que se divertirão muito nas recreações.

Punir a vocês? Para quê?

É por vontade pessoal que vocês seguirão a disciplina familiar da “Casa”. Essas jovens almas se abriam com alegria. - “Não, não estamos fechados num caixote. Estamos de fato, numa família. Faremos o melhor que pudermos!”

Assim são recebidas sucessivamente as seguidas semanas ou meia-semanas.

O Professor

O professor, na realidade, é a peça central da obra. É para instruir os filhos que, antes de tudo, os pais aceitaram me seguir e fundaram sua Casa Familiar.

O professor tem, assim, à sua disposição o dia inteiro de aulas. Sucessivamente, será professor, sobretudo, de agricultura e também professor de ensino geral.

Desde o começo, com o Sr. Laurent, definimos bem nossas duas funções e trabalhamos cada um em seu lugar.

Embora eu fosse “o diretor”, deixei-lhe plena liberdade para organizar seu programa e ensino.

Nenhuma vez sequer quis assistir suas aulas para não dar a entender que o vigiava, pois, ele era professor das famílias tanto quanto eu era o educador das famílias. Essa mútua confiança nos permitiu estabelecer entre nós uma estreita colaboração e formar uma equipe muito unida para o maior bem de todos.

Aconteceu a mesma coisa com o Sr. Cambon, quando voltou a Lauzun.

Com alma de apóstolo, o Sr. Laurent, que há pouco havia deixado de lado o uniforme azul-celeste, se entregou inteiramente ao novo ofício. Tarefa pesada, às vezes, com jornadas de aulas das 8h30 da manhã até as 6 horas da tarde..., prolongadas, às vezes, até 7 horas quando as múltiplas funções do diretor o obrigavam a se ausentar.

Tarefa, no entanto, muito interessante porque o número de alunos não é superior a 10 - a seguir será elevado a 12 - e

esse número nos parecia bem o limite. Isso permite ao professor acompanhar a todos, fazê-los avançar no mesmo passo, chegar aos poucos a formar “semanas”, na medida do possível homogêneas.

Lauzun logo teve uma “semana de fortes” e uma “semana de fracos”. Era indispensável e se as notas, inicialmente, eram baixas, às vezes, isto se deve à falta de princípios elementares que deviam ter sido ensinados na escola primária.

– “O desconhecimento desses princípios atrasa fatalmente as aulas de agricultura. Deve-se explicar o sentido das palavras mais usuais e ensinar, às vezes, o que é inacreditável, mas, verdadeiro, o que é um verbo, um adjetivo etc. A leitura é muitas vezes deficiente, mesmo em alguns que já possuem o certificado de estudos. Quanto aos problemas agrícolas, acontecem as mesmas constatações penosas que obrigam um retorno incessante às primeiras noções de aritmética.

Os pais são os únicos que devem avaliar esse estado de coisas.

A.P.Laurent Professor de Agricultura
“*La Maison Familiale*”, janeiro de 1938.

O Sr. Laurent ficou feliz por encontrar introduzido o “Método de Lauzun”. Fez amplo uso dele e o fez dar seu pleno rendimento. Assim, com ele, nossos jovens gostam de estudar. Quantas vezes saiam das aulas dele orgulhosos por tudo o que acabavam de aprender, depois de constatarem que ignoravam aquilo que acreditavam bem conhecer.

A vaca – O exemplo mais típico foi o do estudo a respeito da vaca.

Sim, a vaca, eles sabiam muito bem o que era. Eles a viam diariamente. Não havia necessidade de quebrar a cabeça por causa disso.

O professor começa. As horas passam. Um dia só, não é suficiente. São necessários dois dias. Ah! Agora, sim! Conhecem suas qualidades, bem como seus defeitos. De agora em diante, não se poderá mais “enrolá-los”. Enquanto que, antes...

Sim, agora que refletem, é com profunda gratidão que deixam transparecer sua alegria. Finalmente, sabemos.

E os outros, então?, os que, depois da idade de 13 anos, não querem mais estudar porque dizem: “Já sabemos o suficiente para sermos agricultores”.

A feira - Para tornar mais vivo ainda o curso, o Sr. Laurent decide fazer uso das feiras. Acompanhar seus alunos à feira para ensinar-lhes o “saber ir à feira”. Era preciso, antes, preparar o espírito dos alunos para essa nova modalidade de ensino.

É a semana dos antigos. Na véspera, à tarde, de acordo comigo, ele apresenta três perguntas para os alunos responderem por escrito:

- Que é uma feira?
- Para que ir à feira?
- Que é que vão fazer na feira?

“Isso é idiotice”, afirma um deles a meia-voz.

Findo o trabalho e registrado o fato, chego para a formação cristã da noite.

– “Essa história da feira lhes parece idiotice? Pois bem, ela é tão importante que dela farei objeto de uma aula de formação cristã”.

Tomo, então, as respostas; comento-as, levo-os a falarem francamente sobre todas as questões. Os espíritos estavam atentos!

No dia seguinte, o café da manhã foi mais cedo e o grupo parte feliz em bicicleta, sob os olhares curiosos e simpáticos do povo pouco habituado a ver aquilo, pois, o grupo sempre continua sendo “os alunos do convento”.

Chegados à feira, o professor diz a seus alunos: “Temos duas horas. Uma de trabalho, outra de distração”.

Primeiramente, a feira como um todo... Interessados, nossos jovens seguem as explicações, fazem suas observações pessoais, felizes por tomarem conhecimento dessa realidade. Os agricultores se reúnem em volta deles.

- Quem são esses jovens?
- São da Casa Familiar de Lauzun!
- Ah!

A seguir, visitam as máquinas agrícolas.

- “Agora o trabalho acabou. Descansem. Dentro de uma hora, reunião junto às bicicletas”.

À tarde, o barulhento grupo me encontra: “Ah! Uma feira assim vale a pena! É interessante! É muito divertido! Estudamos muito!”

Colaboração Professor-Educador

O que acabo de dizer a respeito do professor mostra muito bem que entre nós há uma verdadeira colaboração, cada um permanecendo na própria função. Colaboração tanto mais profunda entre nós e mais eficaz para nossos adolescentes e jovens, quanto cada um de nós permanecia verdadeiramente em sua função própria.

Eis outro exemplo:

Quantas vezes os professores se queixam de que seus alunos andam distraídos e não se esforçam. Então, eles reclamam ou punem os alunos, esquecidos do essencial: esses alunos estão em plena adolescência.

Em Lauzun acontece a mesma coisa. Que é que o professor fazia? Em vez de se queixar e punir, vinha à minha procura depois da aula.

- Marcel está no mundo da lua...é hora de falar com ele.
- Muito bem, entendi.

Antes que o dia acabe, o jovem “sonhador” estava em meu escritório. Era normal, uma vez que, semanalmente, conversava com todos.

Depois de uma primeira conversa sobre um assunto qualquer para despertar confiança, chego ao ponto central.

- Qual é sua idade?
- Quinze anos.
- Quinze anos! Você é quase um moço, e está pensando nas meninas.
- Ah, não!...
- Não? Em sua idade todos pensam nisso!...
- Ah!... Sim!
- Vejamos de que forma você pensa nisso?

A conversa continua durante uma hora. Em conclusão, lhe digo:

- Veja, assim é mau, rebaixa a gente... Assim, porém, é bom, eleva a gente.

A questão “menina” está resolvida por ora e, no dia seguinte, Marcel, voltando da lua, trabalhava tão bem quanto nos dias anteriores, pois era um dos melhores alunos.

O professor não tinha mais motivo para se queixar ou punir.

Em outras ocasiões, havia outras preocupações que impediam o aluno de trabalhar. A cada vez, a intervenção do educador produzia efeito.

Assim pudemos levar à frente, e juntos, nossa “Casa Familiar”, quase sem sanções punitivas.

A Cozinheira-Ecônoma

A senhorita Barré, que bem merece o título de fundadora, acompanhava a instituição de Lauzun, tanto quanto o fundador.

De ora em diante, um novo título vai designá-la: cozinheira-ecônoma. Palavra composta, cheia de sentido e que bem corresponde à função criada.

Formação intelectual, profissional, num quadro de vida cristã, isso é muito bonito. Nossos jovens, porém, bem como nossos ancestrais gauleses, diriam algo mais: “Nós não somos anjos e, sim, homens”. Preocupar-se com esses jovens famintos quando chega a hora da refeição, tal é a função da cozinheira-ecônoma.

O diretor não tem mais tempo de se preocupar com questões materiais.

Receber os produtos, anotar cada um, guardá-los no lugar, fazer uso deles conforme a necessidade, vendo que nada se estrague, tal é agora o papel exclusivo da cozinheira que também se torna a ecônoma da casa.

A cada entrada mais ou menos numerosa de alunos, chegam as provisões. O princípio do “comunismo integral” aqui reina, nesse particular, tudo vai para a panela e, na hora da refeição, cada um se serve segundo as próprias necessidades.

Tudo preparar para a melhor consumação possível, saber variar os pratos, preparar de vez em quando alguma iguaria com um aprovisionamento sempre sensivelmente idêntico e, no entanto, vigiar para que a cozinha não sobrearregue o orçamento, tudo isso supõe da parte da cozinheira uma habilidade incomum e um instinto maternal que a torna a verdadeira “mamãe” da Casa Familiar. Nessa tarefa, é auxiliada por uma cozinheira ajudante, diarista ou permanente.

OS ALUNOS E SUAS RESPONSABILIDADES

Em princípio, os alunos são recrutados num perímetro de 10 a 15 km. Em alguns casos, a 25 km. Excepcionalmente, a 50.

Em Lauzun, temos uma casa organizada com atribuições bem definidas. Com um número razoável de alunos, é possível, então, se fixar um conjunto de funções que permita a todos assumirem alguma responsabilidade. Graças a isso, os próprios alunos garantem o bom andamento da Casa. Eles o fazem tão bem que o próprio termo punição é quase desconhecido na Casa Familiar. No entanto, Deus sabe quantas chamadas de atenção, quantas correções são dadas em relação ao comportamento deles. O caderno de avisos dá conta disso.

Quanto mais a direção se dispensa de intervir, melhor é. Nada irrita mais os jovens do que as frequentes admoestações do diretor.

Todas as famílias da região, sem distinção de origem, têm o direito de se filiar ao Sindicato e de enviar os próprios filhos e filhas à Casa Familiar.

Franceses da Gascogne, da Bretanha ou de outros lugares, italianos, espanhóis e outros mais se congregam com bom entendimento.

Praticamente, todos eram católicos, alguns muito fervorosos, outros indiferentes. Era preciso levar em conta caso a caso. A idade dos alunos variava entre 12 e 20 anos, raramente acima.

Para se conservar uma característica mais familiar, se decidiu que cada aluno seria chamado pelo nome. Quando vários tinham o mesmo nome, se fazia a distinção com o acréscimo de um número ordinal: João I, João II, João III...

Tinha reservado dois momentos do dia para observações, quando me pareciam necessárias:

- à hora da formação cristã;
- no momento da avaliação ao final do dia.

Quanto ao restante do tempo, cabia ao “chefe da semana” chamar à ordem. Lista das funções:

- 1º chefe da semana;
- 2º chefe de jogos;
- 3º chefe do dormitório e seu ajudante;
- 4º chefe de estudos e seu ajudante;
- 5º chefe dos banheiros;
- 6º fornecedor de lenha para a cozinha;
- 7º sacristão.

Todas as funções são de um dia, menos a do chefe da semana que exerce o cargo por três dias, para que todos possam, ao menos uma vez, exercer esse encargo.

À noite, as funções são atribuídas a cada um pelo chefe da semana, segundo um rodízio estabelecido uma vez por todas, e registradas no caderno de funções.

- 1.º O chefe da semana tem a responsabilidade geral do bom andamento do grupo: bom comportamento no dormitório, cumprimento regular das diferentes funções, observância do regulamento.
- 2.º O chefe de jogos deve dar vivacidade às recreações.
- 3.º O chefe do dormitório é encarregado de jogar fora a água suja, varrer o dormitório e a escadaria, enxugar as mesinhas que servem para a toaleta, encher os potes de água para o dia seguinte. É auxiliado por seu adjunto. Abre e fecha as janelas na hora conveniente.
- 4.º O chefe de estudos acende a lareira no inverno e a mantém acesa, abre e fecha as janelas, varre a sala de estudos, limpa a poeira. Não deve se esquecer de levantar a cabeça para retirar as teias de aranha, tudo como seu colega, o chefe do dormitório. Também ele é auxiliado por seu adjunto.
- 5.º O chefe dos banheiros é o guardião da limpeza do lugar que todos gostam de encontrar sempre limpo ao chegar.

Limpeza das caixas para o papel, lavagem diária.

Até o grande êxodo de 1940, os muros brancos de nossos banheiros permaneceram imaculados.

Tornaram-se limpos de novo desde a retomada de nossos cursos.

Quando os grupos não eram tão numerosos, as funções eram divididas entre todos, sempre segundo o rodízio e, então, o chefe da semana também entrava no jogo.

Uma Jornada

Nada mais precioso do que ver a vida da casa. Sigamos nossos jovens numa de suas jornadas.

Despertar

6 horas da manhã: o despertador toca no quarto do diretor.

Sem demora, já vestido, ele abre a porta do dormitório pois seu quarto fica ao lado. Dá o sinal e com o tradicional “Benedicamus Domino” acorda os jovens adormecidos. “Deo gratias”, respondem eles, a menos que seja necessário sacudir alguns ombros com força.

A seguir, cada um faz sua toalete.

Desse momento em diante, o chefe da semana assume seu papel, uma vez que os alunos estão sozinhos no dormitório.

O Evangelho

6h25: todos estão prontos.

A roupa de cama está estendida para seu arejamento. O chefe do dormitório abre a janela. O diretor passa e todos descem para a sala de estudos.

O chefe de estudos já tomou providência para que a estufa esteja aquecida.

Juntos, uma oração da manhã mais curta e a meditação sobre um texto do Evangelho, mais longa.

– Isso não é muito enjoado? você pergunta. Veja, esses jovens, quer tenham 13 ou 18 anos, seguem com avidez a narrativa da vida de Jesus, desde sua eternidade segundo São João, até os detalhes de sua infância, de trabalhador, até seus milagres, sua Paixão...ouça-os se imiscuírem pessoalmente na meditação, através de uma conversa permitida, querida, provocada.

6h50: É preciso se preparar para ir à missa.

– Já!

– Está certo, é tão atraente...

A Missa

Por sua vez, a missa, participada por todos em alta voz, prolonga o texto do Evangelho.

Acabada a meditação, rompe-se o silêncio. Todos se saúdam com gentileza. Antes de sair, um jovem procura o Diretor: “Gostaria de me confessar”. Muito bem.

Alguém mais comungará nessa manhã. Quem lhe disse isto? Jesus lhe falou ao coração. Ele ouviu.

E agora, talvez, comungue todas as manhãs, até o fim da semana. Não é o único, aliás. Outros já fizeram isso. Outros mais o seguirão. Cada um com plena liberdade.

É tão bom sentir-se livre, sentir a própria alma abrir-se aos raios cálidos do amor de Jesus na Eucaristia!

Na Casa Familiar, ao longo das “semanas”, nunca se disse e nunca se dirá: “Tal dia, meus filhos, seria bom que comungassem”. Nem mesmo isso. Sim, por vezes é duro para o coração do diretor, ver tal ou tal jovem passando uma, duas, três semanas, às vezes até todas as semanas - o que é raro, mas, por vezes acontece - sem mostrar o desejo de comungar. Mas, por dois ou três que não compreendem, que consolo ver, pouco a pouco, os outros se achegarem, mais ou menos sem demora, achegarem-se, *por vontade própria*, à comunhão.

“Agora compreendo”, declara um deles, um dia, no decorrer de seu segundo ano! Que vida cristã profunda começa, então, a se construir!

Depois da missa, um momento de silêncio permite aos que comungaram, completarem sua ação de graças. Um método simples de dialogar com Jesus lhes foi dado.

Os alunos voltam, então, sob a direção do professor, para arrumarem a cama.

Devem arrumá-la muito bem, como no quartel.

Café da Manhã

8 horas: A sineta toca para o café da manhã.

“Não é muito cedo?” Enquanto se conversa, as xícaras chegam. Mais dez minutos de conversa animada, se o chefe de jogos se deixa envolver.

Primeira Aula

8h30: o Sr. Laurent, que estava brincando com seus alunos como se fosse um deles, está em seu escritório de professor. Basta vê-lo para dar-se conta de que o recreio acabou e que, se alguém quisesse prolongá-lo, não insistiria no caso.

“Tomem seu manual, página... Maurício leia.”

O aluno chamado começa a leitura. Os outros o acompanham com atenção.

De repente, o professor para e faz perguntas para saber se todos compreenderam o assunto.

Quantas explicações devem ser dadas, muitas vezes!

De repente, uma simples explicação não basta. O manual é sem dúvida, incompleto.

“Tomem o caderno de anotações, escrevam a referência... Vou ditar...”

Dessa forma, anotações e manual se completam de fato e o aluno poderá facilmente se situar.

Uma hora e meia se passa, sem que a gente se aperceba.

Funções

10 horas: Cada um entrega-se com presteza, à tarefa que lhe foi atribuída na tarde anterior. Os que nada têm a fazer, aproveitam o tempo para se distrair, na espera que os outros venham se juntar a eles.

Quando tudo estiver pronto, o chefe da semana dá um giro para ver se tudo está em ordem.

De repente, uma cabeça aparece na janela do dormitório

- Carlos!
- Que é que há?
- Venha aqui! Você deixou lixo em cima de uma cama.
- Você me irrita. Deixe-me brincar.
- Venha logo limpar.

E Carlos deixa o brinquedo e atende ao chamado do chefe da semana.

“Eu quis lhe aplicar um golpe, para ver a reação, explica ele aos colegas. Ele se deu conta...”

O dormitório está perfeitamente limpo nesse dia.

Segunda Aula

10h30: Durante uma hora e meia, ainda, o manual de Agricultura será lido, comentado, completado.

De tempos em tempos, uma palavra boa, um fato interessante que ilustre a lição, chega para aliviar a cabeça.

Acontece, às vezes, uma verdadeira conversa dirigida na qual cada um introduz o fruto de sua pequena experiência, que conta de fato para ele.

Trabalho em equipe?

Não importa a palavra, desde que o aluno trabalhe de fato, se interesse, assimile.

Ora, aqui, o centro de interesse não está incessantemente em ação, uma vez que é a vida quotidiana deles que está em jogo?

Almoço

Meio-dia! Não muito cedo, o trabalho intelectual cansa mais do que se pensa.

Às pressas, cada um lava as mãos - é preciso estar limpo - e toma seu lugar ao redor da mesa de família para o “Benedicite”.

Naturalmente, quem preside é o diretor. Diante dele, o professor.

Do lado da porta, para facilitar o serviço, a cozinheira-ecônoma e sua ajudante. É preciso fazer depressa, além de terem pratos cheios a servir. Somos doze, quinze convivas, cheios de apetite a quem não se pode frustrar.

Assim, aconteça o que acontecer, dia após dia, frangos, patos, coelhos, batatinhas e tudo o mais, muito bem preparado!

Durante a refeição, a conversa rola, se dá risada, se brinca sem grosserias. A vivacidade do Sr. Laurent, brilhante, toma livre curso, permitindo ao diretor que se distraia também.

Algumas vezes surgem perguntas insidiosas que chegam com jeito de problema para avaliar a capacidade de reflexão de cada um. Por exemplo, um problema de área: “Três monges tomam um vinho delicioso, à meia-noite, num campo. Encontrar a superfície desse campo e o preço por hectare...”

Cada um pensa para ser o primeiro a encontrar a resposta.

“Tiago, uma moeda para a Santa Infância!” Tiago acaba de levar a faca de mesa à boca. Marca-se logo um ponto no caderno do diretor.

Queremos que nossos jovens camponeses sejam bem educados e saibam se portar bem à mesa. Dessa forma, um código de boas maneiras foi aos poucos estabelecido, à medida das circunstâncias, para corrigir qualquer atitude inaceitável, todo gesto incorreto.

A 6 de janeiro de 1938, os primeiros elementos do código foram lidos, comentados, na hora da formação moral e cristã da noite:

- 1º Não ir ao prato para pegar alimentos com a boca.
- 2º Manter o corpo ereto, sem dureza.
- 3.º Não segurar inutilmente a faca e o garfo na mão, sobretudo quando se gesticula.
- 4º Não levar a faca à boca.
- 5º Não apoiar os cotovelos sobre a mesa.
- 6º Nada de palavras grosseiras.

Regulamento Aplicativo

- 1º Sanção: uma moeda de multa para a Santa Infância.
- 2º Proibição, sob pena de multa, de denunciar um colega.
- 3º Somente o diretor pode aplicar as multas. O professor o substitui em casos de ausência.
- 4º Todos os alunos têm o direito de chamar à ordem o presidente da mesa em caso de esquecimento. Ele também paga a multa.

Tudo isso é feito na alegria.

No fim da “semana”, cada um paga sua conta.

Resultado: Santa Infância com isso ganhou alguns francos e nossos jovens aprenderam as boas maneiras à mesa.

A solução para o problema, no entanto, não foi encontrada ainda.

Contudo, é muito simples, se a gente souber transcrever a ortografia fonética (*Obs.: O jogo de palavras em francês não tem tradução equivalente em português*):

- Um vinho delicioso é um néctar (1 hectare).
- Meia-noite é tarde (7 ares).
- Três monges, não papas, então sem tiara (3 centiares).
- O preço do are? Oh! Não é caro. O preço desses monges que são verdadeiros beberrões: então (3 moedas ao are!)

Risada geral!

Durante esse tempo, um creme de chocolate passou pela mesa. Todos se serviram à vontade.

O que fazer com o que sobrou? Guardar para a janta?

- Oh! Não. Enquanto a gente está aqui...declara Estêvão, com a aprovação dos colegas... E a travessa é esvaziada na segunda rodada!

Recreio

O chefe de jogos não teve dificuldade em organizar uma partida de basquete.

Professor e alunos se entregam a ela com satisfação.

Terceira Aula

13h30: Com o corpo sadiamente cansado e a digestão em dia, o trabalho da tarde será mais fácil. É preciso, porém, distrair o espírito, dando-lhe outra ocupação. O professor de agricultura se torna professor de ensino geral.

Correção dos problemas feitos em casa:

“Pedro, venha ao quadro-negro...”

- 15 horas: um quarto de hora de recreio.
- 15h15: quarta aula.
- 16h45: merenda.

Nesse momento, atravesso o jardim e percebo uma verdadeira desordem lá fora, num canto distante. Vou imediatamente para acabar com aquilo mas, de repente, suspendo meu ímpulso pois não se trata de minha função. Chamo então:

- Chefe da semana!
- Aqui estou!

Ele chega. Um tanto distraído, nada percebe.

- Você não vê o que se passa?...e desapareço.

O chefe da semana compreendeu qual era seu dever: apressa-se em fazer cessar a desordem.

- Deixe-nos em paz. Você nos irrita.
- E o regulamento?

É um colega. Discutiram com ele. Mas ele é o chefe da semana, representa o diretor. Acaba por obedecer.

A ordem voltou. A autoridade não precisou intervir, nem aplicar alguma sanção.

Estudo

17 horas: Embora, a princípio, os deveres e lições sejam reservados para as horas de estudo em casa, é preciso que, a cada dia, se passe aos alunos um tema de estudo para que reflitam pessoalmente sobre o trabalho do dia.

Formação Cristã da Noite

18 horas: o diretor retoma seu papel de educador. Depois de um dia cansativo de trabalho intelectual, o es-

pírito estará pronto ainda a receber aquilo que muitos jovens são levados a chamar de “sermão”, com tudo que essa palavra carrega de enjoado para eles?

No entanto, quantos conselhos para lhes dar, correções práticas, observações, e até mesmo reprimendas a lhes fazer aceitar!

Percorrendo meus cadernos de avisos, revejo as múltiplas dificuldades que foi preciso superar para se construir nesses jovens, indisciplinados e por isso mesmo egoístas, personalidades fortes, capazes de se tornarem mais tarde, talvez, verdadeiros líderes camponeses.

Essa ideia sempre me voltava: formar líderes!

Eis um fato bem preciso:

A 23 de fevereiro de 1938, quatro maiores, de 16 a 18 anos, chegaram para a meia semana. Estavam à espera, com frio, em torno da estufa apagada. Há uma lição a ser tirada daqui. Como?

Encontro em meu caderno de avisos, na segunda linha, as seguintes anotações: “Avaliar o caso da manhã. Necessidade de estufa. Quatro estão presentes. Ninguém a acende. Por quê?”

Quatro Motivos:

Falta de iniciativa?

Medo de zelar pelas coisas?

Egoísmo, não querer trabalhar para os outros? Ou falta de organização?

Conclusão a ser tirada:

1ª Para a vida cotidiana, os chefes sabem tomar iniciativas, responsabilizar-se, dedicar-se aos outros. A massa espera, conta com aqueles que quiserem assumir a tarefa e se prestam a segui-los;

2ª Para a casa, procure-se fazer o melhor possível!

De hoje em diante, o primeiro que chegar, acenderá a lareira.

No começo de Lauzun, aquilo que constituía propriamente o fundamental dessa hora de formação cristã, sempre era uma leitura especialmente escolhida. Dei-me conta que os princípios

de religião dados no catecismo eram muito distantes e que era preciso retomar tudo desde a base. Na idade deles, aliás, quando tudo é questionado, não se pode mais contentar-se com uma formação religiosa simplesmente por perguntas e respostas.

Desde 1938, comecei um curso de religião à minha maneira, levando meus alunos, com uma conversa bem animada, para que tirassem eles mesmos as conclusões que podiam-lhes servir como regra para sua vida cristã.

Jantar

19 horas: há tempo que a hora passou. Retornemos à realidade para concluir nossa jornada.

Como no almoço, cada um se põe à mesa com muito apetite. A vida familiar prossegue.

Quando o jantar acaba, vem a oração da tarde em comum, em torno da mesa de família.

Uma boa recreação vem depois, para concluir a jornada. Jogos calmos ou barulhentos. Às vezes, a gente se diverte no meio de uma nuvem de pó que obriga a abrir as janelas..., apesar do inverno. O essencial é se divertir...

É nessa recreação da noite, sobretudo, que se percebe o valor do chefe de jogos bem como o empenho dos que organizam as “semanas”.

A Avaliação

Às 8h30, quando uma partida se torna envolvente, é preciso, assim mesmo, concluí-la com uma *avaliação*.

Pela terceira vez o educador entra em ação. Toma seu lugar à mesa da sala. O chefe da semana apanha o caderno das funções e faz a chamada:

– *Chefe de jogos*: Maurício.

Então pergunto: “Vocês brincaram bastante hoje?” Cada um responde por si.

Maurício, sem dizer palavra, acolhe as críticas se houver.

Quando todos tiverem apresentado seu parecer, o chefe de jogos toma a palavra para a própria defesa ou para as necessárias observações.

Concluo e passa-se ao seguinte.

- *Chefe do dormitório*: João II e Marcel. Diriço-me, então, ao chefe da semana:
- O trabalho foi bem feito?
- Sim, senhor Padre.
- Você acha? A mesa da toaete não estava enxuta...
- ... !!!

Com efeito, nesse dia, quando o diretor fazia o giro, pôde constatar que o chefe da semana esquecera de limpar sua mesa ou, se a limpou, foi superficialmente.

- *Chefe de estudos*: João I e Tiago.
- Um bom trabalho também?
- Dessa vez, sim, senhor Padre.

Era verdade quanto ao assoalho, mas levantando a cabeça:

- E essa teia de aranha, lá em cima?
- ...
- Chefe dos banheiros:

A avaliação dele, por vezes, entrou em detalhes práticos que não são escritos, mas, que tiveram excelentes resultados para a limpeza de todos esses locais “que devem ser deixados tão limpos na saída, quanto se deseja encontrá-los na entrada”.

E não tínhamos caixa d’água!...apenas, vasos ordinários. Para essa noite, a avaliação tinha acabado.

O chefe da semana assinala, então, as funções para o dia seguinte.

Quando seus três dias terminarem, também ele é avaliado por seus colegas. Essa avaliação é muito mais completa e impor-

tante que a dos outros, mesmo que a do chefe de jogos pois é do chefe da semana que depende a verdadeira formação dos chefes.

Cada um diz o que observou de bom ou não, no chefe da semana. Isso, não por “maldade”, mas, para formar nos jovens o sentimento de responsabilidade e despertar neles a consciência do dever a ser cumprido.

Quando todos acabarem de falar, o chefe da semana tem o direito de fazer os próprios comentários. Depois, tiro as conclusões úteis e tudo termina.

Essa avaliação permite eliminar todas as pequenas animosidades que se infiltram em certas circunstâncias. Muitas vezes permite que se dê um conjunto de conselhos úteis. Também permite que se tome conhecimento de tudo que se passa na casa e, se for preciso, chamar à ordem.

Numa noite, na hora da avaliação, o chefe da semana foi criticado por ter deixado acontecer uma brincadeira no dormitório e, até mesmo, por ter ajudado a que ela acontecesse.

Falei, então, ao chefe da semana: “Veja, ontem à noite, também você achou que podia aproveitar da brincadeira generalizada. Você, porém, era o “chefe”. Veja, portanto, o que seus colegas podem lhe dizer. Não terão eles, razão?”

Depois, voltando-me para todos os culpados:

“E vocês, o que têm mais, agora? Se vocês não sabem resistir hoje a uma pequena brincadeira, o que vocês vão fazer diante de uma tentação mais forte, quando tiverem 18 ou 20 anos? Vocês querem ou não formar sua vontade? Deus está ou não presente em toda parte?”

E depois de tê-los bem sacudido, vendo a emoção deles, concluo:

“Percebo que vocês me compreenderam. Confio em vocês. Nessa noite não acompanho vocês ao dormitório. Vocês vão deitar sob a direção do chefe da semana”.

O silêncio foi perfeito.

Rezando meu breviário, na sala de estudos, abaixo do dormitório, não ouvia nem mesmo a “cantilena dos roncos”.

O valor educativo dessa avaliação é incalculável. Ela permite que se entre numa multidão de detalhes, indispensáveis para essa idade, sem que isso pareça uma reprimenda individual irritante.

Graças a isso, em grande parte, pudemos criar esse “espírito” da Casa Familiar que entusiasma nossos visitantes.

Exame Pessoal

Acabada a avaliação, começa o grande silêncio para o exame de consciência particular, redigido segundo um método muito simples mas, segundo a experiência, muito eficaz.

Mais tarde, chego para os mais velhos, o caderno espiritual.

Esse exame era, além do mais, a ocasião propícia para acionar a direção espiritual e a educação individual.

Quando o último terminava – cada um tinha o tempo que precisasse - eu dava o sinal e conduzia todos ao dormitório.

Normalmente, às 21 horas. A hora da “cantilena dos roncos”. Não se devia falar. Tinha-se, porém, o direito de se achar o bom jeito de estar deitado, o que causava o ruído das molas da cama muito estiradas... Quando uma dezena de gaiatos se põem a fazer ruído, você entenderá! A calma logo retornava.

Boa noite, meus filhos.

Boa noite, senhor Padre.

Partia para encerrar minha jornada, conversar com nosso professor e, mais tarde, com meus professores desses queridos jovens que, às vezes, eram meio endiabrados mas, tudo somado, não eram diabos maus.

22h30, 23 horas no mais tardar, conforme os dias, eu andava calmamente pelo dormitório, acendendo apenas a velinha para não acordar ninguém e ia, por minha vez, dormir em meu pequeno quarto que parecia ter sido arrumado expressamente para mim.

PRIMEIRO DIA DE ENCONTRO

Nossos alunos, felizes por se encontrarem entre si a cada “semana”, não gostariam também de se encontrar numa grande jornada, todas as “semanas” reunidas? Não são eles irmãos, filhos da mesma Casa Familiar?

A proposta foi recebida com entusiasmo. A “jornada-encontro” ficou marcada para o domingo, 6 de fevereiro de 1938.

O seguinte programa foi estabelecido de comum acordo com a semana dos mais antigos:

- nada de decoração externa;
- guirlandas de papel colorido, arranjos em madeira no interior;
- retirar os cartazes dos muros;
- cartaz com a vaca desenhada por Xavier;
- reunião pela manhã, no Centro Camponês.

Ordem do Dia:

1. 7h30: Missa e comunhão com cantos.
2. Café da manhã rápido e sem engarrafamentos.
3. 9h15: sessão de estudos.
 - a) Relatórios (um por semana)
 - b) Palavra do Professor
 - c) Orientação do Diretor
 - d) Criação do Comitê da festa.
4. 10h15: Saída da procissão para a missa solene. 10h30: Missa solene e sermão. Fotografia.
5. 12h : Almoço de confraternização. Cantos e brindes: um por “semana”.
6. 15h: Cinema.
7. 16h: Bênção do Santíssimo Sacramento.

O “almoço de confraternização”, por mais fraterno que fosse, daria um trabalho enorme à cozinheira, pois estavam previstos mais de cinquenta participantes.

Precisaria ela, de ajuda? Quem? As meninas do Curso de Serviços Domésticos gostariam de vir?

À pergunta posta em sua “jornada” de janeiro, todas levantaram a mão, com entusiasmo. Eram demais. Como escolher?

Decidiu-se que o grupo das mais velhas prestaria o serviço...

Essa jornada deu a ocasião para inaugurar a Casa, de maneira simples. Uma inauguração depois do sucesso não é melhor?

Em cima da porta principal se pode agora ler: “MAISON FAMILIALE” e em cima da porta da sala destinada às reuniões agrícolas foi inscrita sua razão de ser: “CENTRO CAMPONÊS”.

Na sala de estudos, o Cristo, agora rodeado pelo texto de São João, diz constantemente aos alunos: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”, para que Ele mesmo deixe claro qual é o espírito da Casa Familiar. Muito Ele me ajudou na função de educador! Quantas vezes, tendo que controlar algumas manifestações de egoísmo ou maldade, era-me simplesmente suficiente indicar a inscrição, que falava por si mesma.

A 6 de fevereiro, o dia surge com um sol magnífico.

Quarenta alunos da “Casa Familiar” lá estão para se conhecerem, trabalhar, rezar juntos e viver uma verdadeira jornada de família, muito reconfortante.

Na véspera, as irmãs dos alunos chegaram para matar, de penar, limpar... Houve trabalho para o dia todo.

No dia marcado, elas vieram sorridentes, felizes por servir, gozando da alegria de seus irmãos. Os primeiros a chegar foram à missa para cantar, rezar, comungar.

Pontualmente, segundo o programa estabelecido, o café da manhã foi servido “com rapidez” e nossos jovens arrumaram depressa as mesas para não ouvirem “reclamações” da senhorita Barré que teria muito trabalho sem eles.

Aos poucos, mesmo os mais distantes chegavam. Estacionavam as bicicletas. Os grupos, no pátio, se formavam com naturalidade, por “semana”.

9h30: Sessão de estudos ou, antes, reunião interna.

Por sua vez, o delegado de cada grupo apresenta seus membros, em chamada individual, e exprime sua opinião a respeito da Casa Familiar, seus cursos, sua vida semanal.

É tudo muito simples, amável, com certa falta de jeito, mas formador.

Depois, o Sr. Laurent, com emoção, fala a seus alunos. Se nem todos já estivessem ligados a ele, ele os teria certamente conquistado nessa hora.

Chegou minha vez.

Ia, enfim, pela primeira vez, expressar todo meu modo de pensar a esses adolescentes, a esses jovens que já, bem o sabia, tinham-me dado sua inteira confiança.

- Alegria por ver todos os meus filhos reunidos.
- Alegria pelos quatro primeiros que se engajaram e que agora são 40! Temos nossa Casa. Temos nosso professor de agricultura. Para todos se trata de uma orientação para uma nova vida, pela Casa Familiar. Graças a ela, vocês terão uma formação intelectual, nada de ignorância; a vontade de continuarem sendo camponeses, então, nada de êxodo rural; a formação cristã, a juventude será outra coisa que um simples tempo de “diversão”.

Assim, amanhã, vocês poderão ser verdadeiros líderes camponeses. Em conclusão, dou minhas orientações:

- Em toda parte, honrem o bom nome da Casa Familiar.
- Respeito profundo para com as meninas. Ter um verdadeiro culto por elas; para ajudá-las, desde agora, a formar, mesmo sem o saber, aquela que será a mãe dos filhos de vocês.
- Deem alegria a nosso espírito, pois só se destrói o que se substitui.
- Tragam seus colegas à Casa Familiar!

É hora de partir para a missa solene.

Pela primeira vez, os jovens vão juntos à igreja. Com os jacistas, eles são 50!

As meninas, vindas para o encontro, sentem-se felizes por acompanhá-los. É uma procissão magnífica de 80 jovens.

Lauzun está encantada. Quem poderia imaginar semelhante resultado, depois de ver, a cada semana, apenas um pequeno grupo de alunos nessa nova escola?

Os cantos ecoam fortemente. Só param na hora de meditar a palavra do Mestre: “Vós sois o sal da terra, vós sois a luz do mundo...”

No pátio, a fotografia “abocanha” nosso grupo, enquanto se aguarda que, na sala de estudos, muito bem decorada, todos “abocanhem” o succulento “almoço fraterno”, preparado pela senhorita Barré e suas ajudantes voluntárias.

À mesa de honra, ocupavam seu lugar nosso tão simpático Decano e o Sr. Peyrat, nosso devotado Presidente da Secção Regional do S. C. I. R.

Com os cantos e brindes ouvidos por nossas amáveis serventes, a refeição fraterna acaba com franca alegria, animada, além disso, por uma interessante sessão de cinema.

São 5 horas. Na igreja, a última bênção do Mestre e, depois, todos partem com a alma ensolarada e cheia de confiança no futuro.

Assim, a “Casa Familiar” de Lauzun foi fundada de fato.

Os ecos dessa esplêndida jornada chegaram aos ouvidos da Administração diocesana.

Assim, quando, no final de fevereiro, findos os dois primeiros meses de 1938, escrevi ao Vigário Capitular para lhe pedir o que eu tinha a fazer, respondeu-me:

“Meu caro amigo, nós o autorizamos a ir para Lauzun. Agora que o sucesso chegou, jamais lhe diremos de partir...”

Que Pensam nossos Jovens?

No final de fevereiro de 1938, quisemos saber o que é que pensavam nossos jovens a respeito da Casa Familiar, dos cursos, da formação recebida...

Apresentamos a eles uma série de perguntas, pedindo-lhes que respondessem com simplicidade, expressando bem suas ideias. A cada assinatura, se devia acrescentar a própria idade. Garantindo-lhes o anonimato, quisemos deixar-lhes a plena liberdade para a expressão do próprio pensamento.

Suas respostas, muito francas, formam um verdadeiro documento. Apresentemos aqui, simplesmente, um resumo do conjunto:

1. Todos estão contentes com as respectivas “semanas”. Afirmam até, que são indispensáveis.
2. Tudo o que aqui aprendem, prepara-os de fato, para serem verdadeiros camponeses instruídos, graças ao professor que muito bem sabe explicar tudo.
3. A formação cristã muito ajudou a trabalhar. Sem ela, não teriam trabalhado tão bem.

Inauguração do Salão de Festas: 8 de Maio de 1938

Para executar a decisão tomada em dezembro último, a Liga Feminina da Ação Católica Francesa tinha aberto subscrições para cobrir os gastos com a transformação e manutenção da antiga capela em Salão de Festas.

Uma vez feita a limpeza pelos alunos, foram estabelecidos os planos de restauração, estudados os orçamentos, dadas as ordens.

A torre, que perdeu a flecha, será coberta com uma laje de cimento armado. De lá se terá um belo panorama sobre a região. O telhado deve ser consertado, o assoalho deve ser inteiramente refeito. O coro será transformado em palco, a sacristia em sala de vestuário. Uma tribuna permitirá mais ou menos duplicar a sala, sem o que ela seria muito pequena.

Os operários põem ativamente mãos à obra. A inauguração foi fixada para o dia 8 de maio, festa de Santa Joana D’Arc, padroeira da Casa Familiar, pois os jovens que aqui chegam se preparam para reconstruir a França camponesa, como Joana, a pequena pastora, se preparou para salvar seu país, obedecendo a vozes.

O Cônego Olgiwoski, Diretor diocesano das Obras Sociais, aceitou presidir a festa. Prepara-se uma sessão: as meninas apresentarão “A vida de Joana D’Arc”, os jovens “uma comédia militar”.

O dia 8 de maio será, portanto, uma festa triunfal. Encontramos um relato em nosso jornal.

Todos igualmente se lançaram à tarefa com ardor. A sala estava pronta no dia e hora marcados.

Graças a nossos operários, que trabalharam sem descansar ao longo dos dias, graças ao devotamento precioso que se multiplicou, prolongando-se até mesmo noite adentro, graças ao nosso jovem e hábil electricista, irmão de nosso professor. Na manhã de 8 de maio, nossos jovens e seus pais chegam numerosos. São mais de uma centena, irradiando alegria, prontos a se dirigirem à igreja numa bela procissão, simples, porém, magnífica por sua animação, cordialidade e séria participação.

É verdadeiramente a “Casa Familiar” que passa.

O povo cantou com coração nessa missa paroquial das 10 horas e meia, ao longo da qual o nosso venerável Decano lembrou em grandes linhas a tocante figura de Joana D’Arc.

Depois da missa, é abençoado e inaugurado o Salão de Festas.

A procissão recomeça, seguida de uma multidão sempre mais simpática.

A rua principal não é suficientemente grande. O alto-falante de nosso amigo Martin Kurtz foi instalado no alto da torre. Dessa forma, Lauzun inteira acompanhará a festa.

Depois da bênção da sala pelo Decano, o Sr. Peyrat, presidente da Secção Regional do S. C. I. R., num discurso com ideias profundas e cheias de esperança, nos explica, com convicção, a razão de ser da Casa Familiar.

Depois, o Cônego Olgiwoski toma a palavra. O Diretor diocesano das Obras Sociais quis presidir nossa festa de família, apesar do trabalho de seu incessante apostolado.

Que alegria ouvi-lo. A gente não se cansa de escutar. Ele encoraja, anima, desperta sem cessar a vontade de agir. O Cônego Olgiwoski felicita todo o devotamento que envolveu a Casa Familiar: devotamento total, que dá tudo de si e também a ajuda

financeira; devotamento que a Liga Feminina da Ação Católica Francesa soube manifestar a Lauzun e que não cessará jamais. Pede aos jovens que continuem vivendo dessa atmosfera cálida e reconfortante criada por eles e para eles.

A Igreja se volta para eles, ajudando-os a preparar seu futuro, sendo um exemplo disso o nosso novo Bispo.

Os aplausos explodem como expressão da vibração do coração diante disso tudo. O piquenique familiar não foi a parte menos útil nem menos alegre da festa.

3 horas! É hora das vésperas; a igreja cheia; os cantos carregados de entusiasmo.

O Cônego Olgiewski está no púlpito para enaltecer Joana D'Arc, modelo de fé, de esperança, de caridade. Verdadeira camponesa, em seus passos as jovens camponesas, os jovens camponeses marcharão mais uma vez para salvar o país.

4h30! O Salão de Festas se enche para a primeira sessão. Os balcões são tomados de assalto. A cortina se abre e a vida de Joana D'Arc se desdobra sob o olhar dos espectadores maravilhados.

Um tanto novatos, às vezes, mas, interpretando o próprio papel com convicção, os artistas atraem vivamente a atenção da plateia, ganha pela emoção, pelas lágrimas.

O vestuário estava tão bonito! Os jogos de luz, a decoração, davam um tal brilho!

Que dizer de nossos jovens?

Poderiam eles dar uma conotação mais festiva? Atenção, porém, porque não se faz tal confusão num quartel militar!

Os entreatos faziam esquecer o tempo de mudança da decoração, graças à antecena que torna o nosso salão, de fato, um teatro moderno. Aliás, como se aborrecer vendo o Sire de Framboisy, ou escutando o "Grand-Mamans"?

Para garantir mais facilmente a sessão da noite, será inaugurada uma tradição: o jantar dos jovens na Casa Familiar.

Depois do jantar, o salão se enche pela segunda vez, para a maior alegria dos novos espectadores.

Um detalhe divertido: o mesmo número de bilhetes foi vendido em cada sessão.

Todos partiram orgulhosos, felicitando a “Maison Familiale” por ter um tão belo e completo Salão. Voltaremos! (Nota: Infelizmente, 25 anos depois, cupins tomaram conta da torre e das abóbodas da antiga capela, o que levou a derrubar tudo para evitar acidentes.)

A Quermesse

Tinha prometido equilibrar o orçamento com 50 alunos. Só houve 40. Para preencher o que faltava, foi necessário apelar para a tradicional quermesse.

Uma quermesse no pequeno espaço da Casa Familiar, com um pátio cercado por alguns postes de ferro e grades... É coisa de doido!... Não vai haver ninguém!

Mas era em benefício da Casa Familiar. Ora, o que é que não se faria em Lauzun em benefício da Casa Familiar, a primeira da França? Ela carrega em si um futuro magnífico de revitalização cristã e social do mundo camponês.

A quermesse era necessária, a quermesse acontecerá.

No dia 25 de julho de 1937, com o objetivo de “salvar a Ideia”, alguns camponeses da região de Lauzun, não duvidaram de se unir solidariamente a fim de adquirir de forma sindical o imóvel que já era da Casa Familiar.

“A 24 de julho de 1938”, a simpática multidão que invadiu o Salão de Festas da Casa Familiar encheu o jardim, tomou conta da área da quermesse; essa multidão proclama em alta voz aos corajosos chefes de família do dia 25 de julho de 1937:

“Vocês fizeram um gesto que merece todo o nosso reconhecimento. Nós viemos para confirmá-lo! Ah! Quando todos os camponeses da França souberem imitar o gesto dos poucos camponeses de Lauzun, pondo seu dinheiro a serviço de nosso ideal, não por razões mesquinhas de partido mas para realizar obras de vida como a da Casa Familiar, então, sim, haverá um grande progresso em função do bem e da felicidade de todos!” (“*La Maison Familiale*”, junho-julho de 1938).

O orçamento foi equilibrado!

A Imprensa

O “*Document Agricole*”, “*Mon Village*”, “*La Croix*”, “*L’Aube*”, “*Foyer Rural*”, “*La Liberté du S.O.*”, “*La Petite Gironde*”, “*La Jeune République*” e outros mais, já tinham publicado diversos artigos a respeito de nossa iniciativa, atraindo visitantes para Lauzun e preparando imitações.

A 14 de maio, recebi de “*Action Populaire*” um pedido muito preciso:

“Li, com grande interesse, as poucas informações dadas aqui e ali, a respeito de vossa Escola de Agricultura de Lauzun e ouvi, com prazer, da boca de vosso simpático refugiado o Sr. Círrera, a notícia do sucesso que vai se firmando e muito promete. Disse-me a mim mesmo que seria muito proveitoso, ao menos para alguns dos leitores de ‘*Nos Dossiers*’, que fossem informados a respeito dessa iniciativa original, surgida de vosso zelo engenhoso e devotado.

Poderíeis, vós mesmo, apresentá-lo a nossos assinantes num dos artigos de ‘*Nos Dossiers*’, artigo bastante curto, mas substancioso e prático: origem, motivo, método, programa, condições de realização, primeiros resultados etc.”

Pus mãos à obra. O artigo solicitado apareceu a 10 de julho de 1938. Ele está nas origens da fundação de diversas Casas Familiares.

OS VISITANTES

Dois Padres de Tarn-et-Garonne tinham aberto o caminho para os que queriam conhecer a iniciativa original do Padre Granereau, fundada solidamente sobre um conjunto de famílias da região de Lauzun.

Quando transferimos a instituição para Lauzun, numerosos foram os que vieram de Lot-et-Garonne, inicialmente, e depois, de diferentes pontos da França, até mesmo do exterior, para analisar diretamente o valor dessa nova fórmula de Escola camponesa.

Esses visitantes tinham para nós tão grande importância, que inserimos em nosso jornal uma rubrica especial intitulada: “*Nossos visitantes*”.

“O Sr. Cirera, um dos grandes líderes da Ação Católica Catalá, refugiado na França, quis que seus dois filhos se beneficiassem de nossa instituição cujo valor ele apreciava. Para tanto veio morar em Sérignac-Péboudou.”

“A 28 de janeiro, o Cônego Laboulbenne, Diretor diocesano das Obras da Juventude, em missão em Bourgoynague, veio visitar a Casa, acompanhado pelo Pároco, apesar da intensa chuva.”

“A 13 de fevereiro, a “Union Bretonne” realizou na Casa Familiar sua Assembleia Anual.”

A 14 de fevereiro, o Cônego Olgowski, Diretor diocesano das Obras Sociais, participou de nossa Terceira Jornada Rural Feminina. Ele escreveu no “*La Liberté du Sud-Ouest*”, no “*La Croix du Lot-et Garonne*”, no “*La Liberté de l’Agenais*” a profunda impressão que a organização lhe suscitou.

Acrescentemos que nossas jovens estavam contentes por conhecer e pôr em prática seus sábios conselhos. Foi esta sua recompensa, muito agradável, por ter enfrentado o frio mais uma vez.

A 20 de fevereiro, a senhora e as senhoritas Bonnel, do Castelo de Cadelet, depois da visita feita, tomaram interesse por nossa sessão de cinema.

A Casa abre suas portas, de boa vontade, a todos os visitantes”.

(“La Maison Familiale”, fevereiro de 1938)

Infelizmente, não tendo podido vir a 9 de março, o Cônego Martin, Diretor diocesano das Obras da Juventude em Bordeaux, veio visitar a Casa Familiar na quarta feira, 16 de março. (O Cônego Martin foi nomeado Cardeal Arcebispo de Rouen, atualmente emérito).

Na carta em que propunha essa visita, escrevia ele: “Dom Feltin, Arcebispo de Bordeaux (nomeado Cardeal-Arcebispo de

Paris, atualmente emérito) tem interesse, como bem o sabeis, em vosso empreendimento, e faz questão de manter-se informado quanto à nossa visita”.

O Cônego Martin aqui encontrou dez de nossos alunos antigos e novatos, dos cursos de aprendizagem e dos cursos superiores.

No café familiar, ao visitar a casa, e na reunião que presidiu durante uma hora, analisou nossa instituição, entrando em detalhes, conversando particularmente com os alunos. Ao partir, o Cônego disse: “A primeira impressão que levo de vossa casa, e que permanece em mim, é uma irradiação de confiança”.

O Sr. Vilain

Em junho de 1939, o Sr. Vilain veio visitar Lauzun. De pequeno porte, com um físico que bem corresponde a seu nome, o Sr. Vilain é um desses camponeses de coração de ouro e vontade de ferro, que ainda permanecem como rocha firme sobre a qual foi construída a França.

Como jovem, teve a sorte de receber sólida instrução. Felizmente, o amor à terra nele foi mais forte. Abandonando uma carreira urbana que seu pai havia sonhado para ele, se lançou na agricultura.

Contrariamente ao velho ditado popular: “sempre se sabe o bastante para ser agricultor”, em toda sua vida deu mostras de que jamais se sabe o suficiente para bem trabalhar a terra e que, para ser um bom agricultor, é preciso ser um verdadeiro sábio.

Originário do Norte, tinha adquirido umas quarenta propriedades em cerca de vinte regiões, para comprovar a eficácia de seus métodos.

Por toda a parte comprava as terras mais fracas e, graças ao fruto de suas experiências passadas, fazia com que as terras se valorizassem rapidamente. Se nas altas esferas tivesse sido ouvido em vez de ser combatido e até ameaçado de prisão, se prosseguisse em suas pesquisas, a França teria se tornado o país agrícola mais próspero do mundo.

Um artigo de “*La Croix*” o levou a conhecer um Padre muito original que, em Lot-et-Garonne, tinha criado algo de

novo que prosperava: “Aquele, ao menos, me compreenderá”, dizia a si mesmo o Sr. Vilain.

Sem tambor nem trombetas, um dia ele desembarca em Lauzun com um de seus filhos Padre. Por acaso, eu não estava em casa. Não pudemos conversar.

No entanto, o Sr. Vilain me deixou o “*Bulletin Paroissial de La Chapelle*” (*Haute-Marne*) que publicava uma palestra feita por ele aos agricultores, que há quinze anos o viam trabalhando. Dizia, sobretudo:

“A cevada de vocês congela; meu trigo não. O feijão de vocês está cheio de brocas; o meu não tem mais há anos. Na região, os cavalos morrem de tifo, doença considerada contagiosa. Eu curei um cavalo com tifo, posto no mesmo arado com outro sadio. Tudo isso acontece porque, antes de tudo, ponho em minhas terras, por meio de adubos apropriados, os elementos minerais necessários à saúde das plantas e animais. O que faço, todos podem fazer”.

Depois de ter lido o texto, cheguei à seguinte conclusão: “Se o Sr. Vilain pôde assim falar a agricultores que o veem vivendo e trabalhando todos os dias, é porque é verdade”. Dei-lhe minha confiança. Desde então, ela só aumentou. M. Vilain voltou muitas vezes para me visitar. Ele abriu um caminho novo para a “*Maison Familiale*”: *o das experiências*.

CAPÍTULO V

A IRRADIAÇÃO DA CASA FAMILIAR SEGUNDO ANO DE LAUZUN (1938-1939)

A vida não cabe em fórmulas. Para cada fato novo que se apresenta, é preciso necessariamente desenvolver bastante a narrativa para dar-lhe um sentido. Mas, precisa também voltar sempre atrás para abordar o fato desde o seu início.

Isto explica que a organização do segundo ano de Lauzun sobrepõe-se fatalmente ao fim do primeiro ano.

Tinha encontrado uma lei para me cobrir legalmente em relação ao lançamento da ideia. Tínhamos conseguido nos liberar das dificuldades do prolongamento da escolaridade.

Mas surge o decreto-lei de 19 de junho 1938, tornando obrigatório o ensino agrícola e do lar de 14 a 17 anos, com o mínimo de 120 horas por ano.

Seríamos capazes de assimilar mais uma vez os regulamentos oficiais e permanecermos fieis a nós mesmos?

Confesso que o famoso decreto-lei não me preocupava tanto.

Vários amigos nossos o tomaram muito mais a sério e se movimentaram para se cobrir e nos cobrir. Foi o caso do Padre Barjallé que me escrevia:

“No vagão, neste 17 de julho 1938.

Prezado Senhor Vigário,

Eis me indo a Paris, de onde sairei em algumas horas, para ver até onde o decreto-lei da formação profissional obrigatória vai conseguir nos paralisar.

Encontrei-me com o Sr. Cambon ontem à noite: falamos a respeito da Casa Familiar e de seu futuro. Fizemos votos para o sucesso de suas ações tão desinteressadas.

Com todo respeito.

P. Barjallé.”

P.S. Para não deixar suas diligências inúteis, mandei inscrever a questão na pauta da reunião do Conselho neste grande dia 28 de agosto 1938.

Este dia tem uma importância tal a ponto de transcrevermos aqui o relatório publicado no número impresso agosto-setembro-outubro de 1938 do “*La Maison Familiale*”.

O Dia 28 de Agosto de 1938

No domingo 28 de agosto de 1938, às 11h30, o Conselho da Seção Regional do S.C.I.R. reuniu-se na Casa Familiar, sob a presidência do Sr. Peyrat, assistido do Sr. Couvreur.

O Sr. Couvreur nos fala da visita ao Monsenhor Rodié, bispo de Agen. Este expressa todo o interesse que tem para esta Casa Familiar de Lauzun. Ele quer que tenha sucesso e se torne a **casa tipo** podendo ser imitada em todo lugar. Por isto, promete manter aí o Pe. Granereau como Educador-Diretor.

O decreto-lei do 17 de junho de 1938 torna obrigatório o ensino agrícola e do lar para rapazes e moças entre 14 e 17 anos e deverá ser de 120 horas por ano no mínimo.

Primeiro a ser informado da nossa iniciativa, o Ministério da Agricultura, será o primeiro a imitá-lo.

O Ministério da Educação Nacional seguirá, em 1941, ano da primeira multiplicação das nossas Casas Familiares.

Para nossos rapazes, o número de horas imposto é bastante ultrapassado, mas não para nossas moças. O Conselho toma então a decisão de aumentar as Jornadas Rurais de uma para duas por mês, de outubro a abril, e uma por mês no restante do tempo.

Precisaremos criar outras Maisons em Lot-et-Garonne?

Não, antes de fundar novas Casas, precisa fortalecer a Casa Familiar de Lauzun, superando o número de 50 alunos previstos e, se for preciso, acrescentarmos nela um segundo professor.

O Pe. Granereau, tendo cumprido com o seu ministério, nos comunica o estado orçamentário da Casa. O orçamento de 1937 atingiu o equilíbrio e o déficit de 1936-1937 encontra-se regularizado.

A reunião termina às 13 horas.

Na reunião geral da tarde, o Sr. Vilain, que já conhecemos, entra em contato pela primeira vez com os nossos camponeses da região de Lauzun dispostos a escutá-lo, mas decididos em não se deixar ludibriar.

Pelo que sabemos, ele acrescenta fatos novos, provando que, através da alimentação, pode-se chegar a regenerar o sangue. Inútil dizer que isto não se faz de um dia para o outro.

Em particular, ele nos conta que, em uma de suas granjas (em Montaut, perto de Issigeac, Dordogne), é possuidor de um cavalo de oito anos sofrendo de uma doença generalizada de pele. Deste mal, subsistem apenas algumas equimoses visíveis nas ancas, nas nádegas, na cabeça e nas pernas. Ainda: este cavalo, mesmo estando em contato contínuo com os outros cavalos no estábulo e no trabalho, nenhum outro foi contaminado.

O Sr. Couvreur nos diz, ainda, com que interesse, no Ministério da Agricultura, está sendo seguido o desenvolvimento desta iniciativa iniciada em Sérignac-Péboudou, há três anos, porque percebe muito bem que, em altas esferas, vislumbra-se nela um alcance nacional.

AMPLIAÇÃO DOS QUADROS

A carta do Pe. Barjallé, citada antes, faz alusão ao Sr. Cambon. Este ia estar novamente livre em outubro de 1938.

Ele desejava, eu sabia disto, voltar para Lauzun. E eu que já pensava na multiplicação das Casas Familiares, poderia abandoná-lo?

Encontro, nas minhas anotações, que havia não somente o projeto de Bazas na Gironde, mas também o de Duras em Lot-

-et-Garonne, de Potmain na Mayenne. Estes dois últimos, aliás, não se realizaram.

Assumir novamente o Sr. Cambon mesmo com o Sr. Laurent? Vão querer as famílias aceitar uma carga suplementar enquanto o primeiro ano tinha equilibrado precariamente seu orçamento, graças a uma quermesse?

Todavia, a multiplicação das Casas Familiares coloca nitidamente o problema dos quadros. Como fazer?

Não teria chegado a hora de fazer um passo a mais e de criar, agora e em Lauzun, uma seção de preparação para futuros professores? Projeto audacioso, sem dúvidas. Para implantar a Casa Familiar não tinha precisado de audácia?

Com o Sr. Laurent, estudamos a questão. Já tem, aliás, dois alunos que querem se dedicar ao ensino agrícola. Na primeira vez, a necessidade de dois professores já havia sido pensada no dia 28 de agosto. Um plano inteiramente novo está sendo montado. O orçamento 1938-1939 é estabelecido, com equilíbrio mais ou menos estável, com o pagamento de dois professores.

Assim preparado, apresento-me na Assembleia Geral de 16 de outubro de 1938.

Proponho:

- 1º a criação de uma seção para a preparação de futuros professores e de cursos prolongados, pedida por algumas famílias;
- 2º a nomeação do Sr. Cambon na chefia desta seção.

Minhas propostas foram longamente discutidas. Pedaço por pedaço precisei conquistar o terreno. Por fim, a Assembleia Geral deferiu o que fora solicitado, sem nenhum entusiasmo, porém.

Este dia, sem sabê-lo, salvei a Casa Familiar de Lauzun. Um ano depois, o Sr. Laurent era mobilizado. Não voltou. O Sr. Cambon permaneceu conosco.

Tinha conseguido uma vitória que se tornou mais difícil ainda porque cometi a imprudência de mostrar um segundo projeto que já fervia na minha cabeça.

Já que íamos oferecer dois dias por mês para nossas moças, por que não organizar definitivamente a seção feminina? Na expectativa de ter a Casa Familiar feminina, não seria possível ter um professor de modo estável em Lauzun, que assumiria a direção desta seção? Deste modo, estaria liberado de uma responsabilidade que não era minha.

Estudei este projeto com uma pessoa que, segundo todas as aparências, tinha qualidades suficientes para desempenhar esta tarefa.

Nesta mesma Assembleia Geral, a Srt^a. Cornu foi nomeada colaboradora da Srt^a Barré como diretora das moças. Ela se dedicou de coração a esta tarefa, mas dois dias por mês eram insuficientes para suas atividades. Tive que reconhecer, mais uma vez, que tinha-me precipitado. Deixei-a partir e retomei sozinho a responsabilidade de toda a direção feminina. Precisou esperar até 1940 para ver a ideia chegar ao pleno amadurecimento.

Apesar de tudo, tais decisões demonstram a confiança das famílias no valor da obra empreendida. Por isto, não hesitaram em aumentar o seu empréstimo de 50.000 para 60.000 francos.

Isto permitiu a construção de fossas necessárias e pôr em devidas condições, para as moças, a sala que servia até então de adega.

Recrutamento dos Alunos no Período de Recesso

Ter professores era bom. Mas, e os alunos? Não tínhamos ainda o número completo e alguns não voltavam.

Cartas deste tipo chegavam de vez em quando:

“Saint-Quentin, 13 de outubro 1938,

Padre Granereau,

... tenho que lhe dizer que vai ser difícil Albert voltar para a escola neste ano, isto se torna impossível porque minhas forças começam a diminuir bastante e na ideia de Borderia (um vizi-nho) ele vai para a escola em Castillonès...”.

Felizmente, os primeiros aderentes tornavam-se excelentes propagandistas. Além de que, o “Cacarot” andava bem. Tor-

nou-se mais fácil organizar giros de visitas em domicílio e utilizar a ajuda de confrades para conseguir convencer seus paroquianos. Cada nova inscrição trazia naturalmente a adesão da família ao sindicato da Casa Familiar.

Em fim de outubro, acabávamos tendo alunos demais. Precisou elevar o limite máximo de nossos grupos de 10 para 12. O dormitório, felizmente, comportou este aumento.

Começava a me sentir orgulhoso de mim mesmo!

Precisou cair na realidade. De última hora, surgiram razões diversas, algumas até válidas, para não honrar a palavra dada.

Tinha parado a propaganda porque tudo estava cheio.

No fim, houve vagas não preenchidas. O número de adolescentes e de jovens chegou a 42. As moças chegaram a 27.

Para Manter o Espírito

Recrutar novos alunos era necessário; conservar nos antigos o espírito novo não era menos indispensável para garantir a perenidade da Casa Familiar. Com este objetivo, tinham sido instituídas as jornadas mensais de verão. Tinha constatado seu maior benefício durante o primeiro ano e ainda no decorrer do segundo ano de Sérignac.

Neste primeiro ano de Lauzun, não me foi possível manter estas jornadas mensais. Qual teria sido seu valor sem o professor? Pois, por razões financeiras, de bom grado, o tínhamos deixado voltar para casa durante o período de recesso. De outro lado, minha responsabilidade paroquial obrigava-me, pelo menos aos domingos, priorizar meus deveres de pároco sobre os de diretor da Casa Familiar. Só retornava a Lauzun ao meio-dia e, às vezes, somente à noite.

E então?

Tentei remediar a esta situação de ruptura, prejudicial para a educação, principalmente neste período da vida, indo visitar nossos jovens nas suas famílias. Remendo bastante insuficiente! Vários alunos, antes bem encaminhados, deixados demasiadamente por conta própria, não conseguiram recuperar-se plenamente.

Agrupamento das Paróquias

Compreendi então que existem responsabilidades que não podem se acumular. E eu que, há tempos, reclamava a unificação das paróquias para facilitar o agrupamento dos padres, para tornar seu ministério mais fecundo, cheguei a entender daí que a minha iniciativa ia exigir isto de maneira imperiosa.

Devia escrever ao meu bispo, em 4 de julho de 1938, para entregar-lhe as contas exatas da Casa Familiar. Aproveitei a oportunidade para solicitar-lhe liberação de minha paróquia de Sérignac-Péboudou:

- “Durante um tempo ainda posso prestar aos confrades serviços paroquiais. Mas todas as minhas preocupações devem obrigatoriamente se direcionar para outros objetivos além da vida religiosa numa paróquia”.

A resposta definitiva só deveria chegar em fevereiro de 1942!

Monsenhor Rodié

No momento, Monsenhor Rodié, chegado de Ajaccio desde o mês de abril, tinha outras preocupações a meu respeito:

- Parece que tem dívidas, perguntou-me na primeira audiência que teve a bondade de me conceder. É verdade?
- A Casa Familiar não tem dívidas. - Foi a minha única resposta. Era verdade, e para a administração diocesana, era o essencial.

Na minha carta de 4 de julho, mandava contas detalhadas mostrando que a Casa Familiar tinha um orçamento equilibrado. Acrescentava: “Precisa prever a criação de novas Casas”.

Apesar de tudo, como sentia que Monsenhor não estava plenamente convencido, aproveitei a visita em Lauzun do meu excelente amigo Arsène Couvreur, vice-presidente do S.C.I.R., para pedir-lhe entrasse em contato com o meu bispo com quem ele já tinha correspondido numa outra circunstância em Ajaccio.

Sua Excelência respondeu: “Venha, mas venha só”.

Como conclusão desta audiência, ficou acordado que o Sr. Peyrat, Presidente do Sindicato da Seção Regional do S.C.I.R., mandaria um relatório detalhado, livrando inteiramente a responsabilidade financeira do Pe. Granereau. O que foi feito.

Desde então, a Administração diocesana não tendo mais preocupações neste ponto, pude trabalhar em paz. Mas, Monseñor ainda ficou dois anos sem comparecer em Lauzun. Estava, todavia, conquistado, como o comprova a comunicação do Sr. Couvreur ao Conselho da Casa Familiar, em 28 de agosto de 1938.

Sua Excelência teve até o projeto de fazer de Lauzun um negócio quase oficial, já que, em 11 de outubro, o Senhor Cônego Olgivoski, Diretor diocesano das obras sociais, me escrevia:

“... Caro Senhor Vigário,

Monsenhor me comunicou o projeto do S.C.I.R. em relação à criação de seções de aprendizagem agrícola. Estou sabendo através dos documentos que ele me entregou que o Sr. tem o pensamento de fazer uma tentativa no seu próprio presbitério. Reconheço bem aí seu espírito de iniciativa rural, apostólica e lhe ofereço todos os meus votos. Seria lhe grato de me manter informado sobre todas as fases de seu empreendimento afim de que eu pudesse conseguir o interesse da seção das Obras Sociais do Comité diocesano a seu respeito...

Queira acreditar, Senhor Vigário,
nos meus mais devotados sentimentos”.

Enfim, meu bispo quis me dizer isto, ele mesmo, numa carta, em 29 de outubro: “... Sei o quanto a Casa Familiar promove o bem e me lembra da palavra do Sr. Couvreur: precisa absolutamente que Lauzun tenha êxito, porque é o protótipo de todas as nossas Casas e, se esta fracassar, o Movimento inteiro seria perdido. Portanto, faço votos e orações para que ela possa ter o êxito completo”.

PRIMEIRA TENTATIVA DE IMITAÇÃO NA GIRONDE

A visita do Senhor Cônego Martin tinha dado seus frutos. Convencido do valor da nova iniciativa, Sua Excelência Monseñor Feltin desejou ter uma Casa Familiar em sua arquidiocese.

O Senhor Cônego Martin voltou em Lauzun acompanhado pelo Pe. Rappin, vigário de Bazas, de atividade incansável e sempre pronto para todas as iniciativas generosas.

Foi combinado que iria, em 8 de julho de 1938, participar na jornada sacerdotal eucarística de Bazas, para explicar aos confrades da região o que é a Casa Familiar.

Sua Excelência em pessoa me apresentou muito calorosamente aos seus padres. Após estudo do projeto, uma realização foi imaginada primeiro perto de Bazas, depois, definitivamente, em Ganz, sob a direção do Pe. Lamarque.

Tudo começava bem. Mas, por mais que eu insistisse que preliminarmente fosse criado um sindicato de pais, como em Lauzun, não adiantou nada:

– A maioria das famílias são de posseiros. São pobres. Se a gente disser que tem dinheiro no meio, elas não toparão. Pediremos somente gêneros alimentícios. Para os gastos gerais, faremos quermesses e isto será suficiente.

A Casa de Ganz abriu. Teve 14 alunos no primeiro ano. Funcionou muito bem.

Mas, estava erigida na “areia” (dinheiro), em vez de ser erigida no “rochedo” (família).

Veio a guerra. Teve de fechar as portas. Não reabriu.

PROBLEMA DO “NAMORO”.

Em junho de 1938, assisti a uma grande festa típica da Bretanha. Na tarde, várias sociedades executaram maravilhosamente as danças tão variadas e interessantes da Bretanha que podem ser dançadas sem perigo moral.

Entre a enumeração das sociedades, escuto o nome “Bugale Breis” de Marmande.

Ao dirigir meu carro Simca na volta, pensava na questão que me preocupava de maneira insistente, já que um casamento de jovens da Casa Familiar estava sendo preparado.

Como encontrar uma solução ao problema do encontrar-se?

- Fatalmente, este problema se colocaria logo para mim. Tinha eu o direito, como educador, de passar por cima?
- Já que um dia vai ser preciso pensar no casamento, não seria indispensável prepará-lo desde já?

Onde está o justo equilíbrio para uma séria educação dos jovens? Estará na formação em compartimentos estanques? Estará na coeducação?

Entre estes dois extremos não haveria espaço para um justo meio que todo educador consciencioso precisa encontrar?

- A fim de garantir uma preparação sólida dos rapazes, não é necessário conhecer suas reações diante das moças e vice-versa?
- Pode-se admitir que um jovem de vinte e cinco anos possa fazer a seguinte confidência: “Não conheço ainda a mentalidade feminina”?
- Aliás, as moças já começavam a vir à direção espiritual como os rapazes.

Sentia que eu gozava da confiança de uns como dos outros. Podia então avançar e passar para a última etapa da educação: a educação através do encontrar-se.

- Onde estava a solução?
- Uma vez a solução encontrada, como adotá-la?
- As danças da Bretanha podiam servir? Mas como?
- O que poderia fazer esta Bugale Breis de Marmande?

.....

Fiquei todo surpreso ao encontrar-me tão rapidamente em Lauzun! Logo, no dia seguinte, me informei.

O pai de um dos nossos jovens, o Sr. Le Bourdonnec, era presidente desta sociedade de dança. Ele me daria todo o seu apoio no caso de querer que o diretor, seu amigo, o Sr. Lopez, viesse ensinar as danças da Bretanha na Casa Familiar.

Quando reuni todos os elementos da solução, coloquei claramente o problema do encontrar-se numa reunião do Conselho da Casa Familiar no final de setembro de 1938.

- Seus filhos frequentam a mesma Casa. Acabarão por namorar. Vão deixar o encontrar-se ao acaso ou preferem que seja orientado?
- Ah! É melhor que seja orientado.
- Então, precisa promover festas comuns.

O princípio de uma jornada regionalista foi logo vislumbrado. Enquanto isto, o Sr. Lopez seria convidado a dar aulas de danças típicas da Bretanha na Casa Familiar.

As Danças da Bretanha no nosso Meio

Ele as ensinou primeiro para as moças durante suas horas de recreio. Elas ficaram mais encantadas ainda, porque sabiam que sem isto, algumas delas nunca teriam dançado!

Quando veio a vez dos rapazes, começaram por fazer birra. O fato tinha tido má repercussão em alguns cantos...

Deixei-os na sua birra durante dois meses.

Mais tarde, numa noite, convoquei todos aqueles que queriam aprender a dançar.

Ninguém faltou ao chamado! Após uma leve hesitação, entraram com vontade.

Quando chegou o dia de formar os quartetos, o professor de dança passou por um momento de preocupação, ao se lembrar de dificuldades passadas anteriormente na organização de outra sociedade.

- O Sr. é o Diretor, disse-me, cabe-lhe formar os quartetos.
- Oh! Eu não interfiro nos direitos dos meus professores!

Então, reunindo toda a sua coragem, ele organiza os rapazes e depois as moças, quatro por quatro. Em seguida, os coloca dois a dois, enfim um a uma.

Tudo aconteceu tão facilmente quanto postar uma carta no correio!

Todo surpreso de ter conseguido êxito com tamanha facilidade numa operação tão delicada, ele não deixou de me dizer ao partir: “São legais, seus jovens!”

- “É um dos resultados do espírito da Casa Familiar em processo de formação.”

A Jornada Regionalista

Enfim, o dia 30 de abril de 1939!

Nossos rapazes e moças nos seus autênticos trajes da Bretanha, “Os vinhateiros Marmandenses” e os “Jovens Basadenses” com trajes tradicionais destes dois cantos de Gascogne, “a Bugale Breis” realizam a mais bela festa regionalista que Lauzun, de memória de gente, jamais conheceu.

Precedidos da bombardarda bretã e do pífaro de Gascogne, lá vão eles em cortejo para a Igreja assistir à missa, na praça pública, para dar a todos um gostinho do que será a representação da tarde, ao monumento aos mortos na guerra, para a colocação de um ramo de flores e observar um minuto de silêncio.

Precisava prever para a tarde um público que não caberia na nossa sala. Um palanque tinha sido montado no pátio. Em matinê, no pátio; à noite na sala de festas, diante de uma multidão simpática vinda de todos os recantos da região, danças da Bretanha, danças marmandensas, danças bazadensas, peça teatral, alternam-se, saudadas pelos aplausos mais calorosos.

Fieis à tradição, todos os que participaram ficam para jantar.

Mas, aí, os rapazes aparecem com certa preocupação para me fazer uma grave pergunta:

- Como vamos nos sentar à mesa esta noite?
- Como de costume, as moças na sua mesa, rapazes também.
- Não podemos estar com a nossa cavalheira?
- Isso lhes agradaria?
- Oh, sim!
- Bem. Vão então...

Na representação da noite, na sala de festas, nossos jovens, por grupos sucessivos, dançavam para os espectadores. Depois, esperando novamente sua vez, dançavam por conta própria no palanque do pátio.

O outro dia de noite, uma moça escrevia no seu caderno espiritual:

“As jornadas como a de ontem, onde a gente se diverte sem segundas intenções, como fazem bem!”.

Entrada dos Lazeres Comuns na Casa Familiar

Em seguida, cada vez que as circunstâncias traziam na Casa Familiar rapazes e moças – pelo menos uma vez por mês para as reuniões jacistas –, quando tudo terminava, se dançava.

Eu me encontrava aí, não como “vigilante”, mas porque eu era o pai de família.

Se algum detalhe não me agradava – e eu era bastante rígido – eu fazia uma observação, sempre a sós, nunca em público.

- É assim que você responde a um rapaz? Disse um dia para uma moça antes dela sair.
- Oh! Bem que eu me dei conta.
- Bem.

Três ou quatro observações deste tipo e isto acabou. Um dia, uma moça declarou-me:

- Estamos bem contentes que esteja aí quando nos divertimos.
- Por quê?
- Porque se tiver algo que não procede, o Senhor fala!
- E então?
- Enquanto o Senhor não fala nada, podemos mandar brasa!

Mais tarde, um rapaz me disse, por sua vez:

Quando vou ao baile, todas as moças parecem iguais. Isto é ruim.

- Quando venho na Casa Familiar encontro moças que possuem cada uma sua personalidade distinta, isto é bem mais interessante! Pode-se estudá-las melhor...

Em junho de 1939, de passagem em Lauzun pela segunda vez, o Sr. Couvreur proferiu uma conferência aos jovens da Casa Familiar. Todos e todas o escutaram com grande interesse.

- “Meus filhos, para agradecer o nosso palestrante, mostrem-lhe agora como dançam bem”.
- Ao que ele, indagando: “E a música?”
- Eles não precisam dela. Ajeitem a sala e comecem”.

Neste momento, alguém me chamou no escritório. Convinco de que nossos jovens se divertiam, não tive pressa em voltar.

Chegando depois de uns quinze minutos: paradeiro total.

- Por que não começaram?
- A gente lhe esperava...

EXPERIÊNCIAS DE LAUZUN

Como nos tinha prometido em nossa grande jornada agrícola do 28 de agosto de 1938, o Sr. Vilain estava novamente conosco em 16 de outubro. Neste dia, aceitou ficar conosco um dia inteiro após a sementeira, a fim de que cada um possa lhe fazer individualmente todo tipo de perguntas, às quais ele, de antemão, fazia questão de dar uma resposta prática.

Era tão revolucionário o que dizia o Sr. Vilain! E se fosse verdade?

Por que não tentar algumas experiências, após explicações complementares?

Tudo isto mostra que os nossos camponeses não se embalaram, não se deixaram enrolar. Antes de agir, queriam ter certeza que tratavam com um homem sério e não com um simples vendedor de adubos que tinha interesse em se desfazer de sua “bugiganga”.

Com paciência, o Sr. Vilain respondeu a tudo o que eles quiseram. Sabendo, por experiência, que tinha em mãos os meios seguros de prestar serviço a todos os camponeses da França, ele queria colocar estes mesmos meios à sua disposição.

Numa carta de 25 de novembro de 1938, escrevia-me:

“[...] Estou partindo de viagem em 10 de dezembro para estar com o Sr. no dia 19, como lhe tinha prometido.”

“Farei, passando em Giffaumont (Marne), onde, segundo o serviço agrícola, há vários casos de tifo-anemia nos cavalos, uma conferência sobre os meios para evitar esta epidemia; e, para tranquilizar os camponeses, me comprometerei, por escrito, para reembolsar àqueles que seguiriam meu método as perdas que poderiam sofrer.

“Esta maneira de agir acordará talvez aqueles que dormem e não fazem nada, enquanto estão encarregados (e quem não está, mais ou menos!) do bem-estar de nossos camponeses [...]”.

Em seguida à jornada do 19 de dezembro, diversos adubos recomendados pelo Sr. Vilain foram comprados a título de experiência a ser feita em colaboração com a Casa Familiar.

Na Assembleia Geral de 17 de setembro de 1939, cada um trouxe sua apreciação.

Numa plantação de alfafa um pouco antiga, o Sr. Le Bourdonnec utilizou o supertriplo em dose proporcional ao superfosfato. Resultados: primeiro corte, gramíneas abundantes; segundo corte, alfafa superabundante e três ilhotas de cuscuta¹⁷ desaparecidos.

17 Planta desprovida da família das convolvuláceas, de clorofila, nociva, pois é parasita do trevo, da luzerna, dos cereais, que ela envolve nas suas hastes volúveis providas de sugadouros. No Brasil é conhecido como Cipó-chumbo.

Nas batatinhas, o Sr. Le Bourdonnec não encontrou nenhum resultado com o nitro-vilain, enquanto os Srs. Callewaert e Clavier estão satisfeitos.

No trigo, o nitro-vilain não aguenta, dizem vários. Portanto, o Sr. Jaffrès salvou um campo de trigo com este adubo. Lá onde não esperava nada, teve a sua melhor colheita.

A conclusão seria que este adubo deveria ser utilizado em última instância.

O Sr. Pouliquen faz a seguinte observação:

“Numa noite de primavera, tinha armazenado o trevo necessário para dar ao gado na manhã seguinte. Durante a noite, uma vaca, tendo se soltado, encontrei-a cheia a ponto de estourar. Temendo a meteorização, preparei-me para intervir; não houve nenhum acidente. Lembrei-me então, que tendo seguido os conselhos do Sr. Vilain, tinha feito um experimento com supertríplo em vez do superfosfato ordinário na parcela onde tinha cortado o trevo. Fico então convencido que podemos, através de adubação correta, evitar a meteorização”.

A conclusão geral é de que as primeiras experiências são animadoras a ponto de prosseguir com elas de maneira mais completa.

O Pe Granereau observa que o Sr. Vilain não somente se preocupa com o resultado no que diz respeito à *quantidade*, mas bem mais em relação à *qualidade*.

No final da reunião, tivemos por acaso notícias do cavalo da propriedade de Montaut perto de Issigeac (Dordogne) assinalado no primeiro número impresso da “Casa Familiar” (ver jornada de 28 de agosto de 1938).

Comprado há cerca de dois anos, este cavalo pelado, sarmento, coberto de feridas, colocado logo pelo Sr. Vilain no meio dos seus três outros cavalos e trabalhando junto com eles, sem cuidados especiais, simplesmente alimentado como os outros, se encontra agora tão robusto quanto eles. Não apresenta mais

quase nenhum sinal da sua doença - nos conta um vizinho da propriedade do Sr. Vilain, que tinha passado por ali e assistiu à nossa reunião.

Esta constatação confirma a observação do Pe. Granereau.

Para concluir, alguns extratos de uma carta vinda dos Baixos-Pireneus, em 13 de novembro de 1939:

“[...] O Sr. Vilain lhes deu então meu endereço. Isto me honra bastante porque estimo este homem de ciências e apóstolo pelo que vale. A leitura de sua brochura “Declínio” e de duas de suas conferências me abriu um horizonte cheio de luz sobre o futuro. Fui conquistado e gostaria, por minha vez, conquistar-lhe admiradores e, principalmente, discípulos. Encontro-me em boa posição para isto, penso em aproveitar bem disto [...]”.

Lar Rural – Centro Camponês

O nosso segundo ano começou em 13 de novembro para nossos rapazes, em 21 de novembro para as moças.

A vida recomeçou como no primeiro ano, trazendo, todavia, um alívio na tarefa do Sr. Laurent. Com dois professores, o trabalho das “semanas” consegui organizar-se melhor, com carga menor para cada um. Por isso, a irradiação [divulgação] da Casa Familiar aumentou sobre os jovens da região.

As reuniões jacistas, os círculos de estudos agrícolas, a preparação das sessões que eram dirigidas com tanta habilidade pelo Sr. Laurent, verdadeiro sócia de Carlinhos quando lhe dava na veia, fizeram da Casa Familiar um “Lar Rural” antes do tempo.

Decidido em não me contentar com palavras, mas em realizar concretamente ideias, tinha desejado que o Centro Camponês, enxertado na Casa Familiar, estivesse a serviço de todos. Com este objetivo, criei um Ofício de Informações e de Emprego que prestou serviços muito grandes.

Um só fato: “Uma família suíça de onze filhos ignorava por completo nossa norma sobre as remunerações familiares. Encaminhei os trâmites necessários. Teve assim o direito de receber 11.000 francos”.

O escritório estava aberto no Centro Campesino todos os sábados, dia de feira em Lauzun. Estava indistintamente à disposição de todos, que fossem ou não membros do sindicato.

Nossos Visitantes

O Sr. Biquet, de Nancy, abre a série dos visitantes do segundo ano. Existe um magnífico projeto de realização num pequeno vilarejo dos Vosges, em Saint-Julien par Isches, onde as famílias já trabalharam bem. Duas noites de viagem para poder passar em Lauzun nos dias 16 e 17 de novembro, a fim de estudar aí mesmo esta instituição nova, que parece, de longe, de tão grande valor.

Durante estes dois dias, o Sr. Biquet não parou de se documentar sobre a obra, sobre seu funcionamento, interrogando por sua vez diretor, professores, cozinheiras, alunos, pais de família encontrados no decorrer das visitas.

Ele questiona, escreve também 16 páginas de anotações bem cheias. Melhor do que isto: roda um longo filme, o primeiro da Casa Familiar.

Em sua honra, na noite do dia 16, um serão é organizado no qual nos conta como, jovens e chefes de família em Saint-Julien, construíram eles mesmos sua sala de festas sob a direção de operários especializados.

Na manhã do dia 17, visita ao “Berço” e ao Sr. Peyrat, o primeiro a compreender e seguir o Pe. Granereau.

Na tarde, reunião geral dos nossos jovens, rapazes e moças. Conversas, cantos, danças.

Finalmente, brinda-se antes da saída. A gente se despede com alegria no coração e um aluno não se contém em dizer bem alto o que os outros pensam baixinho: “Não acreditava que a Casa Familiar fosse tão importante. Agora estou sabendo”.

O Padre Verney

Ainda falava-se sobre a visita do Sr. Biquet, quando chega, de outro canto da França, a carta de um Padre que vem nos

acompanhando há tempos: o Pe. Verney, vigário de Barru-le-Bas (Hautes Alpes).

Barru-le Bas, 2 de janeiro de 1939

“Padre,

se nenhuma dificuldade aparecer, tenciono visitá-lo na quinta ou na sexta-feira 19 ou 20 de novembro para presenciar aí o encerramento da primeira semana, a jornada das moças do dia 23 e o início da segunda semana [...]”.

A passagem do Pe. Verney foi cheia de lições para nós. Ele nos informou, de fato, que o departamento de Hautes-Alpes se despovoava de maneira lamentável.

Certo município não possui nem mais o número de eleitores requeridos para eleger um Conselho municipal completo.

Outro município só tem mais um habitante! [...]

No período de verão, foi o Pe. Thureau que nos chegou da Sarthe.

A Correspondência – as Conferências

Nem todos podiam vir em Lauzun. Era mais fácil escrever. Deste jeito, as cartas chegaram numerosas, de quase todos os recantos da França e até mesmo do exterior, para se documentar sobre a iniciativa de Lauzun, como atesta a carta seguinte:

Arquidiocese de Toulouse.

Toulouse, 1 de janeiro de 1939

“Padre,

soube que o Senhor tem um interesse particular na organização de cursos sazonais para as crianças do campo tendo passado da idade escolar e ainda obrigados a uma frequência pós-escolar até 17 anos. Encontra-se aí um problema pedagógico muito importante e ao mesmo tempo um problema de recrutamento. Como conceber a organização deste ensino que deve completar, senão aperfeiçoar, a formação da escola primária, tão

pouco rural? Pode-se esperar manter em vida instituições que seriam criadas especialmente para os rapazes e moças desta idade?

A questão muito interessante por si só nos preocupa especialmente, porque estamos estudando uma proposta que nos é feita neste sentido.

Seria indiscreto, Padre, solicitar-lhe de participar de sua experiência ou documentação sobre estes pontos? Uma e outra nos seriam muito benéficas.

Queira receber, por obséquio, a expressão dos meus sentimentos muito respeitosos e devotados em N.S.

Monsenhor de Courrèges,
Bispo auxiliar de Toulouse.”

Estes múltiplos pedidos obrigavam-me a preparar relatórios documentados a fim de dar, o mais rápido possível, satisfação a todos.

Um deles foi enviado, sob seu pedido, ao Monsenhor Courbe, Secretário-Geral da Ação Católica Francesa, que o apresentou em março de 1939 na Assembleia dos Cardeais e Arcebispos da França.

Outras cartas solicitavam, não somente informações, mas conferências.

Foi assim que tive de aceitar ir falar em Agen em 5 de março diante da Assembleia Geral da Associação dos Pais de Alunos do Ensino Livre, sob a presidência de Sua Excelência Monsenhor Rodié.

Em seguida, houve um intercâmbio de documentação muito ativo com as A.P.E.L. do Sudoeste onde, alguns de seus membros mais influentes, deploravam “a tendência das A.P.E.L. em se preocupar tão somente com o ensino secundário”. Parece, escreviam-me de Agen, em 15 de março, que o redator de “Escola e Liberdade” não entende nada do mundo agrícola, o que é lamentável. Apesar da documentação enviada, ainda não publicou nada sobre Lauzun...

UM ENSAIO DE EDUCAÇÃO CAMPESINA

Primeira Edição: a Semana Social de Bordeaux

Cartas, relatórios, conferências, acabavam sendo insuficientes para atender a todas as demandas. Uma verdadeira monografia de Lauzun se impunha.

Sob as instâncias dos nossos amigos de Paris, pus-me ao trabalho.

Em junho, aparecia na coleção “Terre de France” a primeira edição de: “Um Ensaio de Educação Campesina. A Casa Familiar de Lauzun”, pelo Pe Granereau, vigário no campo.

Dando seguimento ao artigo publicado no “Documento Agrícola” de outubro, esta primeira edição narrava o segundo ano de Sérignac-Péboudou e o primeiro ano de Lauzun, dando uma visão da vida íntima da Casa Familiar.

Uma documentação precisa ensinava como criar novas Casas Familiares.

“Um Ensaio...” terminava ilustrando as condições de êxito da iniciativa do S.C.I.R. A edição estava pronta para ampliar o lastro documental que precisava apresentar em 24 de julho na Semana Social de Bordeaux sobre a Casa Familiar de Lauzun.

Apesar de seus ares por demais universitários, a Semana Social é, todavia, o verdadeiro encontro dos homens de ação na França; encruzilhada maravilhosa onde encontros mais felizes podem acontecer.

A Semana Social de Bordeaux, através de sua sessão documental, à qual assistiram mais de trezentos ouvintes de diversos departamentos, contribuiu grandemente, por meio de uma reunião particular e de numerosas conversas, para a divulgação da “Fórmula de Lauzun”.

O Canadá

No decorrer do ano de 1939, por intermédio do S.C.I.R., entrei em contato com o Sr. M. J. Ch. Magnan, Diretor do Serviço do Ensino Agrícola no Ministério da Agricultura da Província do Québec (Canadá).

Rapidamente, estabeleceu-se entre nós uma correspondência muito frutuosa pela documentação que me trouxe.

Sua última carta é de 2 de agosto.

“Caro Padre,

acuso recepção com agradecimento do seu volume intitulado “Um ensaio de Educação Camponesa”.

Tomei conhecimento do mesmo e faço questão de parabenizá-lo por este magnífico trabalho.

Ao agradecer-lhe mais uma vez, subscrevo-me:

Vosso amigo dedicado:

J. Ch. Magnan

Chefe do Ensino Agrícola”¹⁸.

Famílias e Professores

Toda esta irradiação externa da Casa Familiar não impedia um trabalho em profundidade, tão mais fácil que as famílias se interessavam diretamente, cada vez mais, à caminhada da casa.

Antes de dar sua inteira confiança aos seus professores, nossos camponeses os colocaram muitas vezes à prova.

Indo visitar um dia um dos nossos alunos do cantão de Duras, o pai me confidenciou no meio da conversa:

– O Sr. tem um excelente professor na pessoa do Sr. Cambon; ele conhece bem a questão. Eu solicitei meu filho pedir uma informação. Ele respondeu muito bem...

Todo empolgado com este elogio, apressei-me em transmití-lo ao Sr. Cambon logo na minha volta.

– Oh! Não é a primeira questão difícil que os pais nos colocam, respondeu-me sorridente. Mas a gente os espera. Ao menos, isto comprova de que aquilo que ensinamos os interessa.

18 Após a guerra retomamos nossos contatos e estes me levaram a fazer, em 1955, uma viagem de grande interesse no Canadá e aos Estados Unidos.

Começava-se a apreciar nossos professores pelas suas qualidades particulares.

As experiências propostas pelo Sr. Vilain, que os interessavam particularmente, faziam com que estivessem mais ligados às famílias e aos alunos.

NOVA UNIDADE ESCOLAR. O ESPÍRITO NOVO

O bloco escolar: famílias, terras, professores, educadores, alunos estava pouco a pouco se criando.

A solução ao problema do “namoro”, adotada pelas famílias, ligava, como um verdadeiro cimento, todo esse bloco numa unidade poderosa que só podia ser animada de espírito próprio: *o espírito da Casa Familiar*.

Preparar o desabrochar desse espírito novo era minha grande preocupação. Precisava primeiro despertar em todos uma grande confiança na Providência, que conduz cada um, segundo seu plano, para o objetivo que é o seu.

Precisava principalmente trazê-los todos e todas a viverem sua religião e a não se contentar com gestos externos mais ou menos compreendidos.

A Providência

A Providência toma conta de nós até nos detalhes da nossa vida?

A esta pergunta, o que puderam responder as moças de Lauzun? Oh, simplesmente o seguinte:

Durante o ano de 1938/1939 ficaram regularmente encharcadas duas vezes por mês, ou seja, em cada uma de suas jornadas, na ida e na volta, de 21 de novembro a 13 de fevereiro. Mas, a partir de 28 de fevereiro, acabou. Tiveram tempo bonito. Por quê?

Em 13 de fevereiro digo para elas: “É sua culpa se chove cada vez que vocês vêm. Vocês não conseguem combinar com o bom Deus. Se vocês querem, não vai chover no dia 28. Está no Evangelho, e o provarei para vocês”.

No dia 28 não choveu. Apenas duas somente tinham se esquecido de falar com Deus a respeito. Desde então, nossas moças souberam o que é a Providência.

A Missa

Conversando numa noite com nossos professores, me declararam de vez: “O Senhor está errado em manter a missa diária. Vai ser a mesma coisa do que nas escolas livres. Quando terão saído da Casa Familiar, eles estarão cheios da missa e não irão mais.

- Oh, isto não é verdade. Se eles frequentam a missa, é que na realidade eles entenderam e querem.
- O Senhor tem tanta certeza disto assim?
- Eu chegarei a saber, sim...”

Era fácil dizer isto. Mas como conhecer o fundo do pensamento dos nossos jovens? Questioná-los diretamente? Será que não vão responder para me agradar, sem expressar o fundo de seu pensamento? Sim, como fazer uma pergunta que lhes permita responder em plena liberdade?

Refletindo, acabei encontrando.

Após a instituição da jornada bimensal das moças, nossos professores, para ganhar tempo para as aulas, tinham suprimido a saída semanal que, desde o início, fazia parte do método de Lauzun. Todavia, os nossos alunos gostavam realmente delas. Propor restabelecê-la seria para mim a oportunidade de fazê-los expressar em plena liberdade seu pensamento exato a respeito da missa.

No dia 8 de fevereiro tinha na minha frente uma turma de doze alunos, dez do segundo ou terceiro ano e dois do primeiro. Começo a falar:

- Meus filhos, o que acham de suas excursões?
- Eram muito interessantes. E isto nos ensinava bastante.
- Querem que sejam restabelecidas?
- Oh, sim!

- Mas seus professores vão protestar. Três horas perdidas! Impossível. E eles têm razão. Para chegar a um acordo de todo mundo, precisaria, durante a semana, recuperar três horas. Vocês têm seis dias, isto daria meia-hora por dia. Vocês querem?
- Sim, sim!
- Vou listar os momentos do dia em que poderíamos recuperar uma meia-hora. Em silêncio, cada um refletirá e anotará o momento do dia em que prefere aproveitar esta meia-hora. Depois vocês assinarão em baixo. Posso acreditar que vocês são grandes o bastante para serem capazes de tomar suas responsabilidades?
- Sim, sim.
- Vamos ver, vocês me entenderam direito? Não precisam de outras explicações?
- ...
- Bem, agora silêncio absoluto. Podemos pegar a meia-hora ao suprimir:
 - 1º de 6h30 às 7h00, a meditação;
 - 2º de 7h00 às 7h30, a missa.

Neste momento, aparecem dois “Oh!”.

- Eu disse: silêncio! Ainda ficariam quinze minutos de tempo livre para quem quisesse comungar.
- 3º Meia-hora de leitura espiritual. Ficaria meia-hora em vez de uma hora.
- 4º Meia-hora de sono. Ficariam apenas oito horas e meia em vez de nove horas...

Neste momento, um grande suspiro de alívio. Dez minutos de reflexão.

Então, recolho os pedaços de papel que acabo de encontrar fixados na página de meu caderno de avisos de 1939. Encontro:

- 1 tira a meditação;
- 1 tira a meditação e a missa;
- 2 a leitura espiritual;
- 1 quinze minutos de missa e quinze de leitura espiritual;
- 7 uma meia-hora de sono.

Após explicações, concluo para alegria de todos:

“Tiraremos uma meia-hora de leitura espiritual, o que dará aos seus professores uma aula completa de uma hora e meia em vez de uma hora. Prolongaremos a avaliação de meia-hora para colocar todos os meus avisos e observações úteis e iremos dormir meia-hora mais tarde”.

Quanto àquele que tinha tirado a missa, lealmente permiti-lhe de não ir.

Preferiu seguir seus colegas.

Quando tudo foi acertado, disse-lhes com uma ponta de malícia:

- Querem saber por que lhes fiz esta pergunta?
- Sim, sim. O que está acontecendo?
- Olhem. Disseram-me que eu enchia a paciência com a missa todos os dias. Quis saber se era verdade.

Protestos.

Continuando esta conversa íntima, digo em dado momento:

- Há pouco, os dois “oh!” que surgiram me agradaram.

Um terceiro diz: -Eu também teria dito “Oh!”, mas o Sr. proibiu falar.

Finalmente, um deles conclui: “Temos tão poucas oportunidades de assistir à missa. Estamos felizes em aproveitar isto aqui!...”.

Continuamos indo a missa.

Oração na Aula e Rotina.

No que diz respeito à oração, antes e depois das aulas, dava-me conta de que havia muita rotina. Fazer o quê?

Comecei por reduzi-la a um simples sinal da cruz bem feito; não é esse, afinal, uma excelente oração?

Como ele também virava muito maquinal, uma espécie de caça-moscas, suprimi-o.

– E então?

– Então, passei a insistir sobre a vida pessoal individual.

A cada um cabe viver o seu dia em união com Deus. Jesus, Maria, segundo o seu estado do coração. A cada um cabe oferecer o seu trabalho.

Para facilitar esta oferenda, o tradicional minuto de silêncio observado no início de cada aula se tornará um excelente meio de formação humana e cristã ao mesmo tempo.

GEORGES GOYAU E A CASA FAMILIAR

O trabalho realizado em Lauzun tinha chamado a atenção do Sr. Georges Goyau, Secretário Perpétuo da Academia Francesa.

Em agosto de 1938, Georges Goyau, sempre à espreita de algum esforço novo para apoiar, incentivar, encontra no “*L’Aube*” um artigo divulgando a Casa Familiar de Lauzun. Percebendo todo o futuro que continha esta iniciativa, escreve na hora ao Paul Archambault a seguinte carta:

“Caro Senhor,

Poderia aconselhar o Pe. Granereau de enviar um dossiê para o Instituto (Academia Francesa) em dezembro próximo com vistas na obtenção de um prêmio em 1939, para a Casa Familiar de Lauzun, que o Sr. divulga no *L’Aube*.

Queira acreditar, caro Senhor, em meus devotados sentimentos.

G. Goyau”.

Paul Archambault tem pressa em me comunicar a carta tão distinta para a Casa Familiar:

“Tomara que tivesse realmente conseguido lhe servir em alguma coisa.”

Em 16 de dezembro, tendo recebido o dossiê, Georges Goyau confirma sua recepção nos seguintes termos: “Recebi o excelente dossiê; espero lhe dar uma boa notícia em junho...”.

Em junho de 1939, mandei, a título de homenagem, nosso “Ensaio de Educação Camponesa” para Georges Goyau que me respondeu: “Meus agradecimentos mais vivos, Padre, pela preciosa brochura. Recebereis, em algumas semanas, a boa notícia de um prêmio.”

Georges Goyau morreu no mês de setembro e o Pe. Grane-reau não recebeu prêmio da Academia Francesa. (*Jornal “A Casa Familiar”*, dezembro de 1939).

PREMIADO PELA ACADEMIA FRANCESA

Mas, em outubro de 1956, ao voltar de uma viagem a Lauzun, encontro na minha mesa uma pequena comunicação informando-me que tinha um prêmio vindo do “Institut de France”.

Como não tinha feito nenhum pedido ao Instituto, vou pessoalmente me informar.

A secretária do Senhor Secretário Perpétuo da Academia Francesa me mostra logo o documento que resumia rapidamente o conjunto inteiro da minha ação. É este documento que fez entender ao Secretário Perpétuo da Academia Francesa a importância desta ação e atribuiu logo o prêmio Théodore Viette ao fundador da Escola Camponesa.

Cada vez mais surpreendido, perguntei:

- Posso fazer valer isto?
- Mas, o Senhor está sendo premiado pela Academia Francesa!

CAPÍTULO VI

APESAR DA GUERRA A CASA FAMILIAR AGUENTA (1939 – 1940)

A organização que tinha tentado planejar em 1938 para equilibrar o orçamento com dois professores só tinha funcionado pela metade. Assim, chegávamos ao fim do ano escolar com um déficit de 3.000 francos. Como tapá-lo?

Não teria sido justo que todo o prejuízo recaísse sobre os camponeses da região de Lauzun, mesmo que se tratasse de uma experiência de alcance nacional conduzida aí.

Muito simplesmente, através de uma circular, mostrei a situação aos nossos numerosos amigos espalhados através da França! Em seguida, acrescentei:

“Eis o que proponho:

No dia 23 de julho, é o dia da loteria da Casa Familiar. Cada série de 20 bilhetes de um franco ganha um prêmio. O nome do ganhador sai por sorteio. Preencheis o cheque postal anexo. Os camponeses, vendo chegar em sua ajuda amigos de muitos recantos da França, se sentirão muito incentivados [...]”

O chamado foi atendido em parte e, no dia 6 de agosto, nova circular ia enviar um agradecimento feliz a mais de 50 subscritores.

Claro que os lotes ganhadores nunca foram mandados. Mas, a lista dos numerosos distritos inscritos desta maneira na lista de premiados, fez excelente impressão sobre os assistentes.

A GUERRA: IREMOS AGUENTAR

Este gesto tão simples demonstrava que a iniciativa dos camponeses da região de Lauzun realmente tinha peso na França.

Nosso jornal “A Casa Familiar”, impresso às vezes em até 3.000 exemplares, “*Um Ensaio de Educação Camponesa*”, “*A Lição Documental na Semana Social de Bordeaux*”, tudo isto tinha possibilitado, na França e até mesmo no exterior, um magnífico trabalho de propaganda cujo resultado logo iria aparecer.

Uma estadia de uns vinte dias de repouso na Savoie tinha sido suficiente para lançar aí as bases de uma Seção Regional do S.C.I.R. e preparar nela a fundação de duas Casas Familiares.

Em outros distritos, umas dez Casas Familiares estavam sendo projetadas. A partir da iniciativa de Gabriel Roux, Notário rural da Saône-et-Loire, ia ser fundada uma seção do S.C.I.R. para os Notários rurais da França que desejavam apoiar o movimento.

Uma colaboração das mais interessantes começava a se estabelecer com as Escolas de Agricultura. Vários ex-alunos aceitavam entrar a serviço das Casas Familiares. O jornal “*A Casa Familiar*” preparava um número de propaganda com 25 a 30.000 exemplares. As encomendas afluíam.

Infelizmente, então, de vez, a catástrofe! A guerra estava declarada!

Todo este magnífico movimento estaria sendo interrompido brutalmente.

Felizmente, porém, Lauzun estava erigido no rochedo das famílias. Lauzun resistiu à tempestade.

Na Assembleia Geral do dia 17 de setembro de 1939, todas as disposições são previstas para assegurar a todos os nossos alunos, a possibilidade de seguir suas aulas.

”Para os alunos que permanecem livres, o reinício das sessões/aulas se dará normalmente e por semanas inteiras como vinha acontecendo.

Para os alunos retidos em casa pela saída do pai ou de outro membro da família, iremos organizar jornadas de estudo adaptadas às possibilidades de cada um.

De qualquer maneira, a “Casa Familiar” aguentará. “A obra empreendida é por demais importante para ser interrompida”.

Em 15 de outubro, reunião do Conselho a fim de tomar as decisões definitivas. Questão preliminar: há poucos alunos.

- É preciso aguentar?
- É preciso fechar?

“Pagaremos mais, mas aguentaremos”, foi a resposta unânime. Então, passa-se o pente-fino no orçamento.

O Diretor renuncia à sua remuneração para o ano. Outras reduções são efetivadas. Só temos ainda um professor, já que o Sr. Laurent foi mobilizado pelo exército. Todavia, permanece ainda um montante de 11.000 francos para ser encontrado.

O Conselho decide o seguinte:

- 1º para os alunos com aulas na semana inteira, os pais pagarão a título de gastos gerais a soma de 400 francos ao invés de 300;
- 2º para os alunos que seguirão apenas as aulas menos numerosas, os pais pagarão neste ano a soma de 200 francos;
- 3º para as moças que, na realidade, irão beneficiar da terça parte das aulas dos rapazes, os pais vão pagar 100 francos.

Nota – Todavia, o Conselho deixou a entender que aqueles que estariam por demais incomodados pelas circunstâncias, poderão entender-se com o Diretor da “Casa Familiar”.

(Jornal “A Casa Familiar”, outubro de 1939).

Diligências Oficiais para os Camponeses da Região

Bretões e normandos vindo instalar-se na região de Lauzun trabalham com cavalos. A requisição não levava isto em consideração, já que Dordogne e Lot-et-Garonne são conhecidos por trabalhar com bois ou vacas.

Avisados por um deles, diligências foram imediatamente efetuadas no Ministério da Guerra por intermédio da Direção do S.C.I.R. parisiense.

Infelizmente, a correspondência oficial funcionava muito lentamente! Mas, pelo menos nas altas esferas houve bastante boa vontade, como o demonstra a carta seguinte:

República Francesa. Paris, 16 de setembro de 1939.
O Presidente do Conselho,
Ministro da Defesa Nacional e da Guerra
Ao Senhor Presidente do Secretariado Geral de Inicia-
tiva Rural.

Por carta de 31 de agosto de 1939, o Sr. apontou-me a situação dos agricultores normandos e bretões de alguns cantões da Dordogne e do Lot-et-Garonne em consequência da requisição dos cavalos que lhe servem para efetuar seus trabalhos agrícolas.

Tenho a honra de levar ao seu conhecimento que as suas observações foram transmitidas, para todos os fins úteis, às autoridades militares interessadas.

Pelo Ministro e pela sua ordem,
O general Diretor:
Coronel Adjunto: Meyer”

Infelizmente, aqueles que interpretaram a vontade do Senhor Daladier não se davam plenamente conta da real situação dos nossos camponeses. Hoje, podemos levar ao conhecimento dos interessados que encontrarão em Marmande cavalos emprestados gratuitamente. Só haverá a pagar o seguro mortalidade. Endereçar-se ao escritório da Guarnição de Marmande.

(Jornal “A Casa Familiar”, outubro de 1939).

Em reunião de 15 de outubro, após ter tomado conhecimento da carta acima e dos resultados obtidos, o Conselho decidiu que a Casa Familiar continuaria a receber todas as queixas dos camponeses e que todas as diligências úteis seriam empreendidas para tentar obter satisfação.

Em particular, as encomendas de adubos foram logo solicitadas pela voz do jornal, já que no verão seria tarde demais. Assim nos avisou o Sr. Vilain.

Novas Provações

Todas as disposições estavam tomadas para aguentar, quando, no início de novembro, recebia do caro Sr. Cambon a seguinte carta.

Gaillac-de-Sylvanes, 30 de outubro 1939,

“Caro Padre,

uma má notícia: não posso voltar à Casa Familiar neste inverno e lamento isto muito. Infelizmente! Eis porque: minha mãe e meu irmão estão doentes e acamados... minha cunhada tem bastante trabalho para zelar os doentes que não podem se mover e para tomar conta dos pequenos. Além disto, precisa alguém para cuidar da propriedade e do gado...

O jeito foi ficar aqui e renunciar a estes queridos jovens da Casa Familiar.”

Fazer o quê?

Procurar outro professor?

Onde encontrá-lo nesta guerra e quase na véspera da volta dos alunos? Só sobrava eu mesmo.

Estaria à altura de minha nova tarefa?

Desde a saída de Sérignac, em 1935, o nível do ensino profissional tinha subido bastante, graças à competência de nossos professores. O manual precisava ser complementado.

Antes de tomar uma decisão, entrei no quarto do Sr. Cambon que, felizmente, tinha aí deixado seus cadernos de aula.

Li-os demoradamente, comparando-os com o manual.

Em seguida, uma vez mais, me joguei na água... retomei o ensino.

Fiz-me ajudar por dois egressos que as famílias aceitaram me confiar. Dei uma tarefa para cada um, em conformidade com suas possibilidades.

Havia 18 alunos, divididos em vários grupos.

E Agora Vão Deitar-se.

Se é verdade que grupos numerosos demais representam um excesso para o professor, constatei neste ano que grupos reduzidos demais possuem também seus inconvenientes.

Tínhamos um grupo de três novatos, dos quais duas crianças muito boas, mas particularmente indisciplinadas.

Uma noite, após terem-se recolhido, estava lendo o meu breviário, no calor da sala de estudos. No dormitório, acima, um barulho persistente.

Após me ter dado conta que são os dois meus gaiatos que acham excelente tomar um aperitivo de sono com uma boa agitação e, como ainda tinha bastante breviário para ser lido, subo no dormitório.

Silêncio imediato!

O terceiro me olha com um ar de protesto, porque tinha ficado quieto.

“Você pode ficar deitado”, digo-lhe, ficando ele muito satisfeito. “Vocês dois, levantam e venham trabalhar, já que não conseguem dormir”.

Quando terminei de ler o breviário, disse-lhes; “Espero que vocês agora tenham entendido. Vão deitar-se”. “E eu também” continuei no meu pensamento.

Foi a segunda punição que eu dava desde o início. Foi a última.

Os Jovens se Organizam

Já dissemos que os nossos jovens se reuniam em sessões de formação jacista, um domingo por mês. Após a sessão de trabalho, dançavam.

Com a guerra, as danças pararam. Mas as reuniões continuaram.

Encontramos no jornal de outubro de 1939 o relatório da Assembleia Geral dos jovens da Casa Familiar:

“... Em 15 de outubro de 1939, os jovens da Casa Familiar, rapazes e moças, reuniram-se em Assembleia Geral para organizar definitivamente sua ação irradiadora na área de influência da mesma Casa. Antes de tudo, cada grupo teve sua reunião particular de estudo a fim de preparar melhor a Assembleia Geral”.

“Nossas moças, cujo grupo já está formado, reúnem-se no Centro Camponês sob a presidência de Marie Pouliquen que, sozinha, dirige a reunião. Animada, viva, a reunião se encerra com resoluções generosas”.

“Nossos rapazes, sob a presidência do Senhor Diretor, vão para a sala de festas para eleger o seu Conselho.”

“Aparecem tensões, oposições, discussões. Finalmente, o Conselho é eleito: Yves Peyrat, Presidente; François Brochec, Vice-presidente; Pierre Hervé, Secretário; Jean Pouliquen, Tesoureiro”.

Depois, segue-se a Assembleia Geral dos dois grupos reunidos onde saudamos com alegria os representantes da Alsace e o futuro grupo de Monbahus, sem esquecer nosso caro professor Laurent, um futuro ás da aviação. Fica decidido que a cada segundo domingo do mês haverá uma reunião de formação semelhante. Depois, brindamos à saúde de nossos novos e velhos amigos.”

PRIMEIRA PROVA DO DIPLOMA DE APRENDIZAGEM AGRÍCOLA

A iniciativa do S.C.I.R. tinha tido a sua lei para se cobrir. Esta lei previa uma prova com diploma oficial no final do curso.

Provas e diplomas eram desejados para os nossos alunos a fim de oficializar nossa iniciativa de ordem privada. Mas, chegaríamos a fazer aplicar a lei do 18 de janeiro de 1929?

Não tinha tanta certeza. Por isto, desde o mês de janeiro de 1939, fiz claramente a pergunta a respeito da prova do final de curso no serviço competente do Ministério da Agricultura.

Recebi a resposta em 15 de fevereiro:

“... No que tange às sessões de prova mencionadas na sua carta, não vejo exatamente de que se trata. Talvez seria a prova de aptidão ao ensino pós-escolar agrícola para os professores primários?...”.

Respondi: “Não, estou falando da prova que consta de sua lei”.

Onde éramos seguidos com tanto interesse, ignoravam a lei, tão poucas tinham sido as oportunidades de aplicá-la.

Numa entrevista no mês de maio com o Senhor Diretor dos Serviços Agrícolas em Agen, da qual participava o Sr. Clavier, também não fomos compreendidos.

Indo a Paris no mês de junho, coloquei a questão claramente.

Uma diligência precisava ser endereçada à Direção dos Serviços Agrícolas do Departamento. Como, no início de setembro, Agen ainda não tinha dado sinal de vida, mandei insistir junto ao Ministério por meio do Sr. Couvreur, na sua volta de Lauzun.

Assim que chegou a Paris, ele logo foi visitar o Senhor Diretor da Mão de Obra Agrícola. Foi combinado que o Sr. Peyrat faria um pedido oficial de prova ao Senhor Ministro. Este pedido devia ser transmitido pelo próprio Ministro ao Senhor Diretor dos Serviços Agrícolas de Agen. O que foi feito.

Enfim, pela metade de outubro, uma primeira carta solicitando informações oficiais em vista da prova chega às mãos do Sr. Peyrat. O negócio estava engatado. Fiquei em paz.

Conforme a lei, o Sr. Diretor dos Serviços Agrícolas solicitava do Sr. Peyrat o nome dos três proprietários entre os quais seria escolhido aquele que deveria compor o júri da prova, de indicar também três propriedades, sendo que uma delas deveria se prestar a servir de campo de experimento no qual se desenrolaria a prova.

Após aceitação dos interessados, os Srs. Clavier em Lauzun, Pouliquen em Agnac e Laforêt (Achille) em La Chapelle foram designados como suscetíveis de fazer parte do júri.

As propriedades colocadas à nossa disposição eram aquelas dos Srs. Alba, Étienne e Gorce, as mais próximas de Lauzun.

Outras explicações tendo sido fornecidas, o Sr. Peyrat recebeu a convocação oficial para o dia 19 de dezembro.

No dia combinado, nossos primeiros candidatos ao diploma, Paul Callewaert, Édouard Clavier, Yves Peyrat, acompanhados pelo Presidente da Seção Regional, do Sr. Pouliquen e de seus professores, encontram-se na hora e no lugar fixado.

O júri previsto pela lei está completo. Em equipe, dirige-se para a propriedade do Sr. Gorce.

A prova, ao mesmo tempo teórica e prática, demorou aproximadamente quarenta e dois minutos para cada aluno.

Responderam tão bem que, ao sair, o Senhor Diretor dos Serviços Agrícolas não se conteve ao dizer: “Realmente, não os achava tão bem formados!”

Alguns dias mais tarde, o Sr. Salères, Secretário-Geral da Câmara de Agricultura e membro do júri, escrevia:

“Se os aprendizes agrícolas que visitamos há pouco estão contentes com seus examinadores, estes estão encantados com seus alunos”.

Tudo fica certo, portanto, em relação a isto, bem como ao resto, assim como já lhe disse. Nossa colaboração continua e continuará a ser fecunda.

Agora que a lei nos foi aplicada uma primeira vez, tornar-se-á mais fácil no futuro obter seu funcionamento normal. Esta primeira prova oficial obteve uma grande repercussão na região.

No dia 7 de fevereiro de 1939, a seguinte carta foi enviada a cada um dos nossos candidatos:

O Diretor dos Serviços Agrícolas de Lot-et-Garonne Ao Senhor.....

“Senhor,

em decorrência da prova de 19 de dezembro último, informo-lhe que o Senhor Ministro da Agricultura assinou um decreto em data de 27 de janeiro 1939, conferindo-lhe o diploma de aprendizagem e aptidão profissional.

Os diplomas lhes serão endereçados ulteriormente.

Queira receber, Senhor, os meus mais distintos sentimentos.
G. Siloret.”

Visita do Senhor Reille-Soult, Deputado do Tarn

Será que a experiência de Lauzun permite preparar uma reforma de escola em função do mundo camponês?

É para se documentar pessoalmente que o Sr. Reille-Soult, Deputado do Tarn, esteve em Lauzun em 25 de fevereiro, acompanhado de sua esposa.

Em sua honra foi organizada uma grande jornada. O Sr. Salères representou a Câmara de Agricultura, o Conselheiro Geral, o Conselheiro Regional, o Prefeito estiveram presentes para recepcioná-los.

O Sr. Vilain, que agora faz parte da Casa Familiar, compareceu.

As diversas reuniões de estudo foram a oportunidade de apresentar o trabalho já realizado e verificar quanto legisladores atentos poderiam tirar da experiência de Lauzun.

Até os brindes serviram para expressar muito mais do que um simples agradecimento àqueles que, como o Sr. Salères, nos apoiaram na nossa ação.

Quando se faz coisas novas, quando se tem muitas preocupações, quando nem se sabe ainda como procurar ajuda para aliviar a tarefa, deixa-se às vezes a papelada administrativa um tanto largada.

O envio das declarações de aprendizagem nem sempre era regular. Todavia, esta declaração era peça-chave da Casa Familiar. Com amabilidade, o Sr. Salères recebia os envios... e quando chegavam, regularizava as inscrições e os mandava sempre de volta com todos os carimbos oficiais.

PRIMEIRA JORNADA-ENCONTRO COMUM (14 abril 1940)

Criação do Espírito da Casa Familiar.

Há coisas que só conseguimos dizer bem aos rapazes na frente das moças e vice-versa. Portanto, estas coisas se encontram na base da criação do Espírito da Casa Familiar.

Este Espírito só podia ser criado de acordo com nossos jovens. Estavam eles realmente prontos? Achava que sim.

Mas como engatar a questão?

Tínhamos, há dois anos, a jornada-encontro dos rapazes que representava “sua jornada”.

Foi na ceia familiar do segundo ano que os irmãos Joseph e Xavier Cicera passaram a compor a primeira canção da Casa Familiar e a cantaram sob a forma de brinde numa melodia catalã.

Por que não fazer desta jornada uma “jornada-encontro-comum” com reunião geral à noite para definir aí o Espírito da Casa Familiar?

A ideia me pareceu boa.

Todavia, em respeito às tradições e direitos adquiridos, aproveitei da reunião mensal de março para fazer aos rapazes uma simples pergunta:

“Estão pensando em organizar sua jornada-encontro deste ano como de costume ou vocês convidam as moças? Esta questão é sua. Discutem-na entre vocês. No fim da reunião, passarei para pegar a resposta.”

– Está entendido, convidamos as moças – dizem em coro quando volto - mas com uma condição.

– Qual?

– É que façam comida gostosa.

Precisa dizer que neste ano, as moças estudavam arte culinária em teoria, mas, principalmente na prática, resultando deliciosos cardápios com excelentes tortas, cremes etc. Levavam isto, depois, para casa.

Os irmãos estavam um tanto quanto com ciúme. Era uma oportunidade para se vingar.

Cumprindo a minha missão de mensageiro, vou ao encontro das moças:

– Os rapazes estão convidando vocês na sua jornada-encontro do dia 14 de abril. Aceitem?

- Oh! Sim (só esperavam por isto).
- Mas, tem uma condição.
- Qual?
- Precisa preparar-lhes boa comida!...
- Nós a faremos!...

Trinta moças ao redor de uma cozinha?...

Fez-se como de costume. Mas os brindes foram dobrados. Ficou em torno de quatro horas na mesa.

Lembro-me de uma moça, ainda não inscrita, muito feliz neste dia, ao escutar o brinde daquele que, esperava, seria seu noivo. Tinha-lhe dito: “Você, eu convidado”.

Vou poder ir, então?

Foi o tempo de tomar uma foto, os dois grupos reunidos e na sala de festas começava a reunião que, há cinco anos, tinha pacientemente preparado.

Com três páginas do Evangelho, entrecortadas por dois cantos jacistas, definimos juntos o espírito da Casa Familiar:

- 1º Viver de Jesus na luz da hóstia no seu tabernáculo;
- 2º Na união com Jesus, desenvolver sua personalidade e se preparar para suas funções sociais;
- 3º Sob o olhar de Jesus, se preparar para o casamento no respeito ao pudor da moça.

Às moças tinha dito após a terceira página do Evangelho: “Vocês são como flores. Tem flores ornamentais e flores de árvores frutíferas.”

As flores ornamentais são esplêndidas. Colocam-nas sobre a mesa dos príncipes. São orgulhosamente colocadas na lapela. Mas quando murcham? Parte-se para outras... É isto que querem?

As flores das árvores frutíferas também são bonitas... de longe. Não toque nelas porque arriscariam perder a colheita. Mas, se vocês souberam respeitá-las, que frutas bonitas poderão colher! Pois é. Escolham.”

As moças partiram entusiasmadas. Nossos rapazes ficaram bem mais hesitantes.

Um deles me declarou: “Tudo isto merece reflexão...”.

– Acho que refletirão...

No ano seguinte, recebi dois ecos desta jornada: o de um rapaz, que me disse: “Esta página de Evangelho que lemos, reencontrei-a e reli (Mateus XIX, 3-10). Outro, de uma moça: “Ah! Esta jornada do ano passado, tão reconfortante, principalmente por causa da reunião da noite!”.

Desde então, as jornadas-encontros comuns continuaram até a minha saída.

A de 1941 permitiu subir mais um degrau no tom geral da reunião da noite e sentia muito bem que eu não os surpreendia.

EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS DE COSTURA

Em 5 de maio de 1940 devia haver a primeira jornada-exposição dos trabalhos de costura de nossas moças. O Senhor Cônego Olgiowski tinha confirmado presidir a festa. Tudo estava correndo bem quando se anuncia um Congresso Eucarístico decidido pela Diocese de Périgueux no cantão vizinho: Eymet (Dordogne), a 7 km de Lauzun. “Tanto faz. Não há nada a fazer...”.

No dia 3 de maio, a Srta. Marie-Thérèse Duranton, nossa professora de corte e costura, tinha convocado várias moças para vir terminar os últimos trabalhos da exposição.

Na parte da tarde começa a chover torrencialmente e demorou. Impossível deixá-las partir deste jeito. Não se jogaria um gato fora. Felizmente, o “Cacarot” está aí. Depois do jantar, levo sucessivamente para casa cada uma das nossas moças.

Continua chovendo.

O rio “Calège”, supunha, devia ter transbordado.

Às 10 horas da noite, levando a última moça, evito um atalho mais baixo onde teria encontrado um metro de água e continuo na estrada distrital, sem pensar que aí também poderia haver água.

De repente, percebo uma mudança de cor que atribuo a outro tipo de asfalto e, com oitenta por hora, esbarro de cheio na água. Sem forças, o “Cacarot” para...escuto o barulho da água enchendo pouco a pouco o escapamento. Olho pela porta. Estou no meio de um verdadeiro lago. Precisa sair.

Consigo fazer andar o carro e, na meia-embreagem, na primeira, com toda força, consigo atravessar.

Uma vez entregue a moça, saio novamente, mas o carro não avança. Na primeira subida, o motor para. Procuo a origem da pane, mas não consigo encontrá-la. É perto de meia-noite. Onde estou? Não sei direito.

Então, esperando o dia raiar, como um caracol se recolhendo em sua casca, enrolo-me numa velha coberta, ajeito-me o melhor que posso e começo a dormir, feliz ao saber que todas as nossas moças estão em casa.

Tudo está bem para elas e para as suas famílias, pouco importa para mim. Símbolo do papel da Casa Familiar!

No dia seguinte, faço-me rebocar por um amigo que nem sabia estar tão próximo...

A jornada de 5 de maio se tornou um verdadeiro triunfo para a Casa Familiar, para suas alunas, para sua professora tão dedicada e competente.

Exposição dos trabalhos de costura: vestidos, corpetes, saias, aventais...

Diante de uma sala absolutamente cheia, que quase tinha dobrado sua capacidade normal, a Srta. Marie-Thérèse Duranthon, nossa professora e Marie Pouliquen, presidente das moças, o Senhor Cônego Olgiewski, Diretor diocesano das Obras Sociais, atestaram por sua vez o imenso valor da Casa Familiar, do bem que faz, das suas possibilidades de irradiação.

Enquanto o Senhor Cônego falava, o auditório inteiro vibrava de entusiasmo e de vida. A tribuna, reservada exclusivamente para as moças, estremeceu sob os aplausos.

Ao sair, as pessoas diziam: “Ainda bem que tinha um Congresso em Eymet [...]”. (do *Jornal “A Casa Familiar”*)

A VISITA DE MONSENHOR RODIÉ

Há dois anos, Sua Excelência Monsenhor Rodié é bispo de Agen. Ainda não veio visitar a Casa Familiar.

Sabemos porque.

A Igreja não deve comprometer-se com a iniciativa de seus filhos enquanto a experiência não tenha comprovado a sua potente vitalidade.

O giro para crismas, normalmente, traz Monsenhor em Lauzun. A visita na Casa Familiar está no programa.

Na segunda-feira, 10 de junho, depois da missa e da confirmação, Sua Excelência é recebida na sala de festas. Os rapazes, as moças, seus pais, vieram em grande número, apesar da urgência dos trabalhos na roça nesta época do ano, para apresentar ao seu bispo uma Casa bem viva.

No palanque onde o Senhor Cônego Bel, Vigário-Geral, o Pe. Découls, missionário diocesano, o Decano de Lauzun, o Sr. Diretor da Casa Familiar circundam o Bispo, dois jovens colocaram-se perto deles: Marie Pouliquen, presidente das moças e Yves Peyrat, presidente dos rapazes.

Após a apresentação do Pe. Granereau, eles vão dizer, cada um por sua vez, o bem imenso que a Casa Familiar lhes proporcionou, bem como a todos os jovens, criando um espírito novo de vida profunda, de amizade real, de ideal comum.

Monsenhor respondeu. Ele diz que foi de propósito que atrasou sua visita; queria ter certeza do valor da Casa Familiar. Agora, não tem mais dúvida, tem certeza, dá a sua benção, incentiva, “confirma” todos os esforços.

Conversa demoradamente com esses jovens de quem gosta tanto, que o escutam, a alma transbordando de alegria.

Enfim, o Chefe da diocese aprovou também a Casa Familiar! Poderia haver maior felicidade?

Em seguida, amavelmente, Sua Excelência deixa-se fotografar no meio dos jovens. Será uma bonita lembrança.

A QUEDA DA FRANÇA

Durante esse tempo, vivíamos as horas mais terríveis de nossa história. Nosso exército recuava desordenadamente diante das forças superiores.

O país corria o risco de ser completamente invadido... Como enfrentar um desastre ameaçador?

A questão é posta aos nossos jovens.

Estes respondem em 19 de maio lançando o *apelo* seguinte: “Para salvar a França, para obter, se for preciso, o ”milagre” da vitória, os jovens da Casa Familiar, após ter definido, em 14 de abril de 1940, “O Espírito Novo” que, pouco a pouco, impregnava suas vidas; após ter criado “o compromisso” sob palavra de honra, no dia 19 de maio de 1940, aprovados pelo seu Bispo, lançam a todos os jovens da França, rapazes e moças, o presente apelo para tomarem junto com eles o mesmo compromisso de viver doravante do mesmo espírito.”

Não se transforma, em apenas alguns dias, toda uma massa de jovens. As longas e penosas provações fazem parte integrante da redenção do mundo.

Ao menos, os rapazes e as moças da Casa Familiar provaram que sabiam compartilhar de forma conjunta os males da pátria e estavam preparados a tudo para remediá-los.

Mais tarde, numerosos cairão na clandestinidade ou no exército de libertação e vários doarão sua vida pela França.

Em 11 de junho, escrevia no meu diário: “Ao meio-dia, a Itália entrou na guerra pela culpa de Mussolini. Cego, pagará pelos crimes na Abissínia e na Albânia. A vitória não deveria estar muito longe [...]”.

.....

Foi a debandada. Os nossos soldados fugiam diante do invasor no meio dos civis que abarrotavam as estradas.

Belgas, franceses do Norte, do Leste, até mesmo do Centro, todos fugiam!

Eram colunas intermináveis de carros, caminhões que seguiam a toda velocidade para tentar abrigar-se. Mas aonde?

Quem não vivenciou estes dias de angústia terrível nunca
saberá o que significa a guerra!

NOVO ASPECTO DA CASA FAMILIAR

A Casa Familiar abriu suas portas a todos aqueles que passaram, civis ou militares, franceses ou estrangeiros. Lauzun virou o centro de concentração de amigos chegados de diversos cantos da França.

Chegaram sucessivamente com suas famílias:

Srs. Louis Le Goff, Secretário-Geral da União Nacional dos Camponeses da França, redator-chefe do “Camponês da França”;

Auguste Villain, que conhecíamos bem;

Charles Rémy, o animador das organizações cooperativas agrícolas de Luneville e do Leste;

Henri Lhoste, o primeiro fundador do Secretariado Central de Iniciativa Rural; Maurice Coquelin, redator parisiense na “Dépêche” de Toulouse;

O Sargento de Campo Marcel Couvreur, Secretário-Geral do S.C.I.R., com dois de seus canhoneiros e um oficial.

Sob novo aspecto, a Casa Familiar se tornava, mais uma vez, uma verdadeira Casa Familiar.

O ARMISTÍCIO

Enfim, chegamos até a catástrofe final.

Em 23 de junho, escrevia de novo: “Ontem à noite, a rádio alemã anunciava triunfalmente a assinatura do armistício. E, apesar disto, continua-se matando e destruindo para que Mussolini possa ter boa parte dos lucros”

O armistício será então assinado.

“Sobre as condições do armistício, não posso fazer nada! Mas, a partir do minuto que seguirá a assinatura definitiva, poderei, de minha parte, começar a trabalhar na restauração do país.

Eu não. Deus, se servindo de mim, sim!”

Sempre disse: é preciso que em outubro as nossas Casas Familiares abram.

Vai ser preciso no mínimo três meses para prepará-las. A situação atual dará a entender a necessidade.

Como todo bom Francês, ao dizer: nossas Casas Familiares abrirão em outubro, pedia a vitória da França.

Foi, desgraçadamente, a derrota. Razão de sobra, para mim, de me dedicar ativamente.

CAPÍTULO VII

A CASA FAMILIAR DE LAUZUN PRIMEIRA ESCOLA CAMPONESA INTEGRAL (1940 – 1941)

A função na vida sendo diferente, a preparação, desde a adolescência, deve ser necessariamente diferente. É por causa disto que, depois de ter criado a Casa Familiar dos rapazes, chegamos, naturalmente, à criação da Casa Familiar das moças.

A CASA FAMILIAR DAS MOÇAS

Fazia três anos, nossas moças tinham, com alegria, ocupado o espaço que tínhamos podido oferecer-lhes na nossa Casa Familiar dos rapazes.

A felicidade que lhes proporcionava este exíguo espaço, as levava a entender o que seria para elas uma Casa Familiar delas mesmas: a Casa Familiar das moças, como já existia, na realidade, a Casa Familiar dos rapazes.

Num domingo de junho, após a reunião mensal, elas vêm me encontrar:

- Gostaríamos, nós também, ter nossa Casa Familiar.
- Querem sua casa? Peçam-na aos seus pais.

A questão foi, portanto, para estudo. Em 21 de junho, primeira reunião do Conselho.

- Convém criar uma Casa Familiar para as moças?
- Sim.

- Precisa começar o trabalho de organizá-la?
- Se for possível, sim.

Apareceu uma casa disponível; parecia convir às nossas necessidades.

Recebi carta branca para efetuar as diligências úteis, enquanto esperava-se a próxima reunião do Conselho na qual seriam tomadas as decisões.

Uma Diretora?

Ao mesmo em que se procurava uma casa, preocupava-me muito mais com outra questão, a meu ver primordial, a questão da diretora.

Uma Casa Familiar de moças? É muito bonito decidir sobre isto, em princípio.

Mas quando se trata de entrar nos detalhes práticos...

Antes, precisa uma diretora que seja realmente uma educadora. Porque, se é suficiente colocar-se no meio de uma casa de rapazes para dirigi-la, é outro problema quando se trata de uma casa de moças.

Portanto, precisava-se antes de tudo de uma diretora. Onde encontrá-la?

É muito simples, Santana é a primeira educadora, ela que nos deu a virgem Maria. Então? Então, reza-se uma novena em sua intenção com a promessa de colocar sua estátua na igreja de Lauzun, se ela nos mandar uma casa e diretora... mas, principalmente, pedi-lhe com insistência a diretora.

No fim da novena apareceram várias candidatas. A escolha do Conselho recaiu sobre a Sra. Lhoste. Trazida pelo êxodo, a mulher do primeiro fundador do Secretariado Central de Iniciativa Rural se tornava a diretora da primeira Casa Familiar de moças do S.C.I.R.

Mais uma vez, a Providência nos demonstrou que sabe engerar de longe e preparar tudo sem que suspeitássemos disto.

A diretora tinha sido encontrada.

E Depois uma Casa?

Mas, e a casa?

Agora precisava dela. Porque aquela que eu tinha em vista não estava livre. Santana que se virasse. Ela ganhou seu pedestal, tinha declarado o Sr. Le Bourdonnec, como verdadeiro bretão que sabe aquilo que se pode obter de Santana. “Se ela quiser subir nele, basta nos mandar uma casa! [...]”.

Uma segunda novena acabou por nos fazer encontrar a casa. Não aquela que esperávamos mas, enfim, uma casa, a única que podíamos ter em Lauzun.

Era uma verdadeira antiguidade.

Na primeira visita das nossas moças, todo o seu entusiasmo desmoronou. A cabeça baixa, o dedo nos lábios, elas permaneciam pensativas, desapontadas.

– Enfim, Senhor Vigário, não vai mandar colocar em cima da porta “Casa Familiar das moças”?

– Não, antes de tê-la restaurada.

– Ah! Bem [...]

Dois meses mais tarde, na casa ajeitada tão bem quanto era possível, as moças me declararam: Oh! Agora preferimos a nossa Casa.

Tinha, para recebê-las, uma diretora que era uma verdadeira mãe-educadora, ajudada por uma adjunta cheia de vida e de animação, uma verdadeira irmã maior.

A atmosfera da casa transformava-se com isto.

Santana ganhou sua estátua na igreja de Lauzun. Ela foi comprada por subscrição, cada um tendo o direito de só dar um franco; conseguimos assim 600 subscrições.

Enfim, Alunas

A Casa Familiar das moças só pôde abrir em 17 de novembro.

O atraso e as dúvidas sobre a solidez do imóvel retardaram as inscrições. Finalmente, tivemos no primeiro ano:

- 7 alunas na primeira semana,
- 7 alunas na segunda semana,
- 5 alunas na terceira semana,
- 5 alunas em meia semana,
- 3 alunas só nas aulas da terça-feira,
- 4 jovens da cidade vindo assistir aulas de corte e costura e também as aulas comerciais,
- 2 de nossas egressas, vindo aprender cerzidura.

O Educador da Casa Familiar das Moças

De Educador-Diretor da Casa Familiar dos rapazes, me tornei o educador da Casa das moças, responsável diante dos pais.

A página do Evangelho era lida pela diretora, a missa era comum. Uma hora por dia, eu ia à sua Casa para a formação cristã e a direção espiritual.

Além disto, a diretora tinha recebido a recomendação de receber individualmente suas moças ao menos uma vez por mês.

Me ocupava na Casa Familiar da direção espiritual das moças. Era tão necessário, talvez mais necessário para elas do que para os rapazes, mas quanto mais difícil pelo mau espírito do mundo sempre levado a interpretar tudo do lado do mal!

Que uma moça fique meia-hora no confessionário, que venha passar uma hora na Casa paroquial!?...O que irá se falar?

A Casa Familiar trouxe a única solução possível a esta questão tão delicada. Sabia-se que eu todo dia ia para a Casa Familiar das moças para me desincumbir de minha tarefa e só. Não ia mais longe.

A Sra. Lhoste que tinha sofrido tanto na sua juventude pelas pequenas fofocas idiotas, repetia com frequência para suas moças: “Vocês estão felizes em ter sua Casa Familiar! Saibam aproveitá-la na sua direção espiritual!”.

No dia fixado, elas vinham me ver, cada uma por sua vez, com a folha de prova ou caderno espiritual. Se cinco minutos eram

suficientes para dizer tudo que precisava, tomava-se cinco minutos. Se, ao contrário, meia-hora era necessária, a meia-hora era dada e nunca nenhuma delas fez a mínima observação a respeito.

Dia 1º de Abril

Na Casa Familiar das moças, eu era o pai de família, assim como na Casa Familiar dos rapazes. Para desempenhar melhor esta função, ia almoçar uma vez por semana com as minhas filhas. Assim, num belo dia, tendo cometido a imprudência de marcar o almoço sem consultar o calendário, encontrei, como de costume, ao lado do meu prato, uma garrafa, sem dúvida cheia de um bom vinho para o meu tradicional “chabrot”¹⁹.

Como bom filho de camponês do Sudoeste, tenho o cuidado de não esquecer o “chabrot” após a sopa, cada vez que for possível.

Neste dia, a garrafa tinha uma cor preta escura que deveria ter despertado em mim alguma malícia... Mas, inocente como a criança que acaba de nascer, tendo terminado a minha sopa em primeiro, coloco uma boa dose de... água!

Era 1º de abril. E dizer que a Senhora Diretora e o Sr. Lhoste tinham participado do plano!

Respondi dando uma boa risada que veio reforçar a alegria do dia.

O SOCORRO NACIONAL

A Casa das moças precisava de um sério conserto, como já foi dito. Todavia, o nosso caixa já acusava déficit e a Casa dos rapazes reclamava com urgência algumas adaptações.

Feitas as contas, precisávamos:

10.000 francos para a Casa dos rapazes;
20.000 francos para a Casa das moças;
30.000 francos no total.

19 Mistura de caldo e vinho (NT).

Onde achá-los? Conversando sobre estas minhas preocupações com meu excelente amigo, o Pe. Lassort, este me disse: “Veja com o Socorro Nacional que tem por missão apoiar as obras de reconstrução da França. Reconstituído em 1939 e dirigido pelo Presidente Pichat, é representado na Região Sul pelo Robert Garric.”

Segui o seu conselho.

De acordo com o nosso presidente, redigi um pedido justificado que levei para ele assinar.

Quando esta carta chegou a Royat, causou a melhor das impressões:

“Isto é coisa sólida, disseram os diretores. Já que são as famílias que agem, vamos apoiá-las inteiramente.”

Os 30.000 francos foram mandados, provocando grande surpresa no delegado do Cantão que nunca imaginava nos concedessem tamanha quantia!

Graças, em parte, a essas subvenções, pude levar comigo um excelente propagandista, France-Pierre Couvreur e empreender com ele uma verdadeira campanha de propaganda para fundar outras Casas Familiares.

Pude realizar nossas primeiras sessões de quadros [dirigentes] e criar, enfim, a União Nacional das Casas Familiares da França, Fórmula de Lauzun.

Foi acordado, nos anos seguintes, que cada Casa Familiar fundada podia fazer um pedido como primeiro estabelecimento. O dossiê me era enviado e se eu o carimbava com “*parecer favorável*”, a subvenção era inteiramente liberada.

Foi assim que, apesar da guerra ter parado o primeiro impulso, o Movimento das Casas Familiares, antes concentrado numa parte restrita da França, pôde nascer e se desenvolver com menores dificuldades do que num período normal.

Em tempos normais, a questão da Escola Camponesa teria sido compreendida? Com o nome de “Casa Familiar”, era de fato a Escola Camponesa que estava em vias de ser criada em Lauzun, como veremos em breve.

Mas, só estamos em 1940.

Voltemos, pois, em Lauzun e, antes, na Casa Familiar dos rapazes.

RETORNO DO SENHOR CAMBON

Educador das duas Casas Familiares, ainda pároco de Sérignac-Péboudou, mais do que nunca preocupado com o desenvolvimento da ideia por meio da zona chamada livre²⁰, tento eu, de novo, mas em vão, de me livrar da paróquia.

Felizmente, a saúde voltou na família do Sr. Cambon, e este voltou com alegria a Lauzun na vaga de professor, definitivamente abandonada pelo Sr. Laurent que ia se dedicar, no seu distrito de origem, a implantar uma nova Casa Familiar.

Ao chegar, o Sr. Cambon encontrava um bocado de trabalho à sua espera, como se pode julgar através da nova organização da Casa Familiar dos rapazes.

- 1º Cursos superiores com os diplomados. Três estão inscritos na primeira meia semana.
- 2º Preparação ao diploma para aqueles que a guerra atrasou. Para estes: a segunda meia semana. São nove.
- 3º Três outros, por demais ocupados em casa, só seguirão as aulas noturnas.
- 4º A primeira semana é reservada aos moradores da cidade. Diante de sua formação intelectual, pensávamos que iriam mais ligeiro.
- 5º A segunda semana vai agrupar aqueles que, por causa da guerra, tiveram de interromper suas aulas e querem continuar. Seis dos doze as retomaram.
- 6º A terceira semana vai acolher novatos, uma dúzia inteira, de 13 a 14 anos.

No meio destes novatos, uma menção especial é reservada ao grupo de Monbahus que contava, só ele, seis alunos. O pároco tinha entendido e ajudado as famílias a entender.

20 Parte do território francês não ocupada pelas tropas alemãs, onde se situava Vichy, sede do governo francês. (N.T.)

A Opinião das Famílias

As famílias ficaram felizes em reencontrar um professor em que tinham plena confiança, como demonstra o fato seguinte: para a Casa Familiar de Vétraz-Monthoux, que ia abrir as portas em dezembro de 1940, tinha preparado um professor. Na hora de partir, a doença de seu pai o obrigou a não se afastar muito dele.

Tornou-se impossível ir para a Haute-Savoie.

Como fazer?

Após entendimento com os dois, estava disposto em mandar provisoriamente o Sr. Cambon para Vétraz-Monthoux e fazer vir outro em Lauzun.

Eis que numa manhã, os Srs. Clavier e Le Bourdonnec chegam à Casa Familiar:

- O Senhor quer mandar o Sr. Cambon na Haute-Savoie? Nós nos opomos formalmente a isto, em nome de todas as famílias.
- O problema não se põe desta maneira.
- No momento em que o Movimento arranca, trata-se de salvar a primeira realização, sem o que tudo pode ruir.
- Para salvar uma casa, não poderia arriscar perder duas! Conhecemos o Sr. Cambon, fazemos questão que fique.

Acabamos por nos entender e achar um acordo. O Sr. Cambon não precisou partir. Mas, fiquei feliz com este incidente que, à sua maneira, criou um verdadeiro plebiscito em favor de um auxiliar tão precioso.

Cursos Superiores

A presença do Sr. Cambon permitiu-me organizar, enfim, verdadeiros cursos superiores para aqueles que tinham obtido o diploma.

No programa:

- 1º alguns pontos de especialização em agricultura, pelo professor,

- 2º formação cívica e social, e
- 3º complemento de ensino geral, pelo diretor.

Um dia, depois da aula sobre o direito de propriedade, seguida com muita empolgação, um aluno declara:

- “Se os camponeses soubessem disto, não seriam comunistas”.
- “Você tem razão: ensinemos os camponeses e por eles mesmos não se deixarão induzir no erro”.

Este fato me oferece a oportunidade de narrar outro que demonstra a importância dos cursos profissionais na Casa Familiar:

Numa noite de inverno, um palestrante, encarregado de propaganda em favor dos adubos, veio dar uma conferência em Ségalas. Vários de nossos jovens se encontravam aí com os seus pais. Acompanhavam tão bem o conferencista, que finalizavam com voz meio encoberta cada uma de suas frases apenas começada.

Conseguiram, em seguida, participar da discussão, provocando a admiração de seus camaradas que não entendiam nada:

- “Como é que você sabe disto?”

OS DA CIDADE

A debandada tinha provocado a perturbação completa em todos os espíritos. O que iria acontecer com aqueles que só tinham colocações na cidade? A agricultura, esta agricultura tão menosprezada até então, tornar-se-ia, no naufrágio, uma verdadeira tábua de salvação?

Vários dos que já conheciam Lauzun ou que o êxodo tinha levado até lá, vieram me encontrar na Casa Familiar.

Para todos, respondi:

“Se quereis que seu filho seja capaz realmente de cultivar as suas terras mais tarde, confiemo-lo à Casa Familiar para seguirem aí os mesmos

métodos de aprendizagem agrícola dos filhos de camponeses. Seu filho será colocado, no primeiro ano, numa boa família camponesa cuidadosamente escolhida e sob o controle da Casa Familiar. O chefe de família se encarregará de formar na prática seu novo aprendiz. Fará com que siga os cursos profissionais dados na Casa Familiar e permaneça na responsabilidade sua.”

Tivemos assim um primeiro grupo de seis, cujos nomes formavam junto uma frase muitas vezes repetida: d’Armancourt, Bourguignon-Sauvage, Juge, Lhoste- Merlataux.

Na primeira semana, conseguiram se adaptar à disciplina da Casa Familiar. Mas, no início da segunda semana, catástrofe!

Diante do número de chegadas, tivemos de completar o grupo da cidade com jovens camponeses.

Desde o primeiro dia, ficou evidente que as aulas não poderiam ser em comum. Nossos jovens camponeses eram bem mais entendidos em agricultura do que os da cidade. Mas, de outro lado, a formação intelectual [geral] deixava a desejar demais.

Com o Sr. Cambon, tínhamos decidido ministrar duas aulas, quando, de noite, no dormitório, uma grande arruaça é organizada pelos da cidade, deixando estupefatos os camponeses.

Como tinha aplicado ventosas num deles, permaneci para evitar acidentes, sem fazer a mínima observação.

Uma vez retiradas as ventosas, saio do dormitório calado, convencido de que acabariam por parar.

Não era, todavia, uma solução. Como restabelecer a disciplina?

Na manhã seguinte, adiando para mais tarde a página do Evangelho, só faço levantar nossos alunos para a missa. Após o desjejum, digo ao Sr. Cambon: “Mande descer na sala da frente os camponeses e fique com eles enquanto comentarei a página do Evangelho para os da cidade”.

Tinha escolhido em São Mateus o capítulo XVIII-1-12: “O escândalo dos pequenos”.

Durante vinte minutos, colocando-os bem na frente de suas responsabilidades, repreendi-os com severidade, colocando-os sem firulas, os cidadãos, os socialmente grandes, em frente aos camponeses que são os pequenos, os desdenhados.

“Eles, os burgueses, têm tudo para instruir-se e disto abusaram deixando a França afundar, enquanto os camponeses só têm uma pobre escola primária [...]”. “Para estes pequenos da terra, criamos algo que é bom para eles. Quis que pudessem aproveitá-lo também, mas, vocês estão destruindo isto [...]”.

Em conclusão: “Vocês vieram para receber as aulas profissionais, vocês as terão. Inútil perder o meu tempo para dar-lhes uma formação espiritual porque vocês não entendem”.

Em seguida, vou dizer ao Sr. Cambon: “Agora, pode dar sua aula aos cidadãos”.

No primeiro recreio, um deles veio em nome dos outros apresentar-me suas desculpas, embora fazendo-me observar que eu tinha sido um pouco forte.

– Não foi bastante.

E ainda lhe disse algumas boas verdades. Acabaram por me entender. Demos um jeito.

Na semana seguinte, que só era uma meia semana e estavam sós, não conseguiram aguentar os três dias na disciplina da Casa Familiar.

– “Não vos levo a mal” disse-lhes na última noite. “Vocês são as vítimas de todo este factoide no qual vivem, crescendo entre as pedras da cidade, tendo como único horizonte o cinema ou a danceteria e, como ideal de aluno, a arruaça com os professores. Os camponeses, realizados em plena natureza, possuem uma concepção bem mais real da vida.”

Em seguida atendi a cada um deles de maneira a garantir-lhes as aulas prometidas às suas famílias e dar-lhes uma direção moral sem por isto perder uma semana para os nossos camponeses.

A passagem dos cidadãos foi, pelo menos para nós, a oportunidade para uma experiência muito útil.

Tivemos de agrupar numa mesma semana até dezesseis alunos. Era pesado demais para o professor, além de que a homogeneidade era mais difícil de se conseguir.

Segunda Prova Oficial do Diploma de Aprendizagem Rural

Em 10 de fevereiro de 1941, o Sr. Lignard, professor de Agricultura na D.S.A. e o Sr. Salères, representando o Centro de Aprendizagem Agrícola, vieram aplicar a prova do Diploma à nossa segunda série de candidatos.

Desta vez, foi fácil, pois os resultados da primeira prova tinham realmente convencido a Direção dos Serviços Agrícolas. Nossos três candidatos foram aprovados com as felicitações do júri.

Por isto, os Srs. examinadores aceitaram de bom grado o convite de nosso Presidente, o Sr. Peyrat, para vir à Casa Familiar tomar o aperitivo, aquecendo-se ao mesmo tempo.

Nesta simples intimidade, pode-se falar abertamente. Todos concordamos em constatar que o nosso ensino primário precisa ser retificado sob vários pontos.

Depois dessas provas, dois rapazes, que só seguiram as meias semanas, decidem preparar-se para a terceira série, 17 candidatos, todos aprovados também.

Nada de geminação na nossa escola, porque é contrária à verdadeira preparação para a vida, conforme observávamos no início deste capítulo. Mas, também, nada de “compartimentos estanques”. O que representaria uma contraverdade.

Para quebrar isto, já introduzimos lazeres comuns, em nossa fórmula escolar, dando assim uma feliz solução ao problema do Encontro entre rapazes e moças.

OS SERÕES COMUNS

Agora que tínhamos uma Casa Familiar de moças, ao lado da Casa Familiar de rapazes, não poderíamos, de vez em quando, organizar serões comuns? Isto se coadunaria num quadro familiar?

Não existia ali um meio muito simples de permitir aos jovens de conhecer-se melhor entre eles, na espera do verdadeiro encontro e facilitar a tarefa do educador?

Eu ruminava estes pensamentos na minha cabeça quando a visita do Pe. Perrichon veio proporcionar uma oportunidade.

O Pe. Perrichon devia tomar a direção da primeira Casa Familiar fundada a partir da fórmula integral de Lauzun, na Haute-Savoie, como contarei no capítulo seguinte.

Ele veio no final de novembro viver alguns dias comigo a fim de se inteirar melhor da sua nova função. Era, todavia, exatamente a semana de jovens da cidade.

Na quarta-feira 21 de novembro, conversando com ele na tarde, disse-lhe: “Na realidade você não conhece os nossos jovens. Gostaria que organizássemos um serão?”

– “Certo, ficarei mais um dia”.

Mas os nossos jovens estão espalhados num raio de até 10, 15, 25 km de bicicleta. Como avisá-los? E as moças, como fazê-las viajar de noite?

É claro que virão acompanhadas por seus irmãos ou então jantarão e dormirão em Lauzun.

Rapidamente, redijo uma circular para os Correios de Lauzun. Na manhã de quinta-feira, tocou quatro telefonemas e, de noite, aparecem uns quarenta jovens, entre rapazes e moças.

Falo para o padre: “Está vendo, não pude dar instruções. Entre na sala e observe como se comportam”.

Antes de começar, chamo reservadamente os presidentes dos grupos para que se responsabilizem pela organização de seu serão e determinem a hora da saída.

Muita animação, muita vida, muita alegria, apesar do imprevisto.

Quando todo mundo foi embora, o Padre me encara: “É interessante, nem um rapaz para paquerar as moças”.

– “Sim, eles se olham, eles brincam, se estudam, você vê como! O que eu consegui, qualquer um poderá conseguir com os mesmos métodos!...”.

Os serões continuaram a se realizar uma vez por semana entre os grupos presentes em cada Casa.

Duas ou três vezes também, no decorrer do inverno, organizamos serões com todos os grupos juntos, para a maior alegria de todos.

No encontro dos rapazes e das moças, existem alegrias sadias das quais não se deve ter medo, que precisa deixar acontecer em plena luz se quisermos evitar, escondidos dos olhares indiscretos, a procura das falsas alegrias.

Em setembro de 1941, na semana depois da fundação da União Nacional das Casas Familiares da França, tinha organizado uma sessão para padres-educadores.

Embora não fosse a época dos serões, todavia, decidi organizar um para permitir aos meus confrades de constatar por si mesmos o espírito dos nossos jovens.

Uns trinta responderam ao chamado.

Cinco moças dormiram depois na sua Casa Familiar. Tendo a oportunidade, se levantaram por conta própria no dia seguinte para assistir missa.

“Suas moças me distraíram e tive que fechar o meu breviário” declarou-me no café da manhã um padre do Pas-de-Calais, refugiado no Tarn-et-Garonne: “Tinha na minha frente cinco de suas moças. Sem livro, pude vê-las “viver” sua missa. Na hora da comunhão, quatro foram comungar! Distrair-se como nós o fizemos ontem à noite e, mesmo assim, de manhã, viver deste jeito sua religião, isto é coisa séria! Eu vim meio cético participar

de sua sessão; agora, convenci-me. Quando estarei de volta na minha diocese, tratarei de criar Casas Familiares...”

FÓRMULA DE LAUZUN 1940

Quando, na noite de 21 de novembro de 1935, após ter levado meus quatro primeiros alunos a observar tudo aquilo que estava faltando no mundo camponês, dizia-lhes: “Se vocês quiserem, começamos esta noite ‘alguma coisa’ que vai mudar tudo isto”, mas, não pensava, deveras, que iríamos tão depressa. Podia, de fato, esperar que cinco anos seriam suficientes para ter em Lauzun, no final de 1940, uma verdadeira *Escola Camponesa*?

Embora ainda no estado embrionário, esta escola, chamada *Casa Familiar*, possuía todos os elementos de estabilidade, já que tinha conseguido aguentar durante a guerra e conduzir seus alunos até a maioridade e à formação de seu lar.

É desta maneira que posso apresentar, de uma maneira esquemática, a **Fórmula de Lauzun 1940**

I. Responsabilidade geral.

Associação das famílias.

II. Ciclos.

Primeiro ciclo: Ciclo primário para os 6-12 anos; fase da infância, com escolaridade contínua.

Segundo ciclo: 12-16 anos. Fase da adolescência, com escolaridade alternada. Uma semana por mês, de novembro até abril. Uma a duas horas de estudo em casa nas semanas intercaladas.

Terceiro ciclo: 16-20 anos, fase da juventude (e acima), com escolaridade alternada. Uma meia semana por mês de dezembro até março. Uma a duas horas de estudo em casa nas semanas intercaladas.

III. Centros de formação.

a) *estabelecimentos escolares* para a instrução e a educação.

Primeiro ciclo: Escolas primárias ordinárias públicas ou privadas.

Segundo e terceiro ciclos: “Casa Familiar” no Centro Camponês de Lauzun, com agrupamento dos alunos de acordo com as famílias: Casa Familiar de moças e Casa Familiar de rapazes.

b) *Propriedades familiares:* para a formação prática. Centro experimental. Terreno de aplicação.

IV. *Quadros.*

a) *Docentes:* Casa de rapazes: 1 professor; Casa das moças: 1 diretora e 1 adjunta.

b) *Educador* para as duas casas: o Fundador.

V. *Lazeres comuns* aproveitando a Casa dos rapazes, melhor equipada.

CAPÍTULO VIII

DE LAUZUN O FUNDADOR LANÇA O MOVIMENTO NACIONAL DAS CASAS FAMILIARES DA FRANÇA

Como observei no início do capítulo VII, a guerra tinha bloqueado o nosso impulso de lançar o Movimento das “Casas Familiares” na França.

Mas, apenas assinado o armistício e instalado o novo Governo em Vichy, sem nenhuma preocupação de ação política, deixando para outros conduzir toda ação da resistência, unicamente preocupado em preparar um organismo indispensável para o reerguimento do nosso querido País, coloquei-me ao trabalho na que foi conveniado chamar “zona livre”, continuando a dirigir as Casas Familiares de Lauzun.

FUNDAÇÃO DA CASA FAMILIAR DE VETRAZ-MONTHOUX

Uma viagem de uns vinte dias na antiga província da Savoia, em junho-julho de 1939, tinha-me permitido, através de numerosas visitas a bispos, padres, leigos, de iniciar a criação de mais duas Casas Familiares.

Tinha, principalmente, conseguido encontrar um excelente agricultor e ardente militante sindical inteiramente pronto para me entender e colaborar ativamente comigo. Tendo se tornado um excelente amigo, Albert Chappuis, de Ville-la-Grand, é o verdadeiro fundador da Casa Familiar de Vétraz-Monthoux.

Uma reunião organizada por ele em 9 de julho de 1939, terminou num clima de entusiasmo.

O Senhor Cônego Bouvard, capelão das obras católicas da diocese de Annecy, convencido ele também, prometeu sua colaboração.

Apesar da guerra, prosseguindo com a sua ação, Albert Chappuis conseguiu preparar a Associação Familiar da região, fundamento indispensável para qualquer Casa Familiar.

Uma vez prontos, após o armistício, partimos, o Sr. Villain e eu, com o “Cacarot”, para uma longa viagem de informação, através do Lot, a Haute-Loire, chegando a Lyon e em Vichy a fim de ganhar para a nossa ação, o Sr. Caziot, ministro da Agricultura.

Este demonstra um evidente interesse para a minha história. Em seguida me faz a pergunta preliminar:

- O Senhor trabalha para fazer ‘cidadino’ voltar a terra?
- Não, trabalhamos para dar aos camponeses que lá se encontram os meios para permanecer nela.
- É pena!... Enfim, vamos ver o que poderemos fazer para lhe ajudar.

Uma vez terminadas nossas entrevistas oficiais em Vichy, partimos em 27 de setembro para Ville-la-Grand onde Albert Chappuis tinha organizado ativamente a reunião de fundação.

Não podemos esquecer que estamos na época dos ‘bônus’ para gasolina, da ocupação alemã tão próxima da Savoia!... Então, façam os seus cálculos... Portanto, as senhas de gasolina, gentilmente doadas a meu pedido pelo Senhor Ministro, tiradas de sua provisão pessoal, nos serviram grandemente.

Enfim, chegamos no dia 29 em Ville-la-Grand. Bastante cansados, mas estamos aí, é o principal.

Albert Chappuis preparou tudo. Na reunião da tarde, 200 pessoas se encontram na sala de festas. O Senhor Vigário Capítular preside.

Falo da Casa Familiar, o Sr. Villain expõe sua teoria sobre os adubos. Todos estão apaixonadamente interessados.

A reunião se encerra pela adoção dos estatutos do “Sindicato das Casas Familiares da Província de Savoia”.

Mas a casa? As duas primeiras possíveis não estão disponíveis. Uma terceira está sendo visitada no dia seguinte em Vétraz-Monthoux. Essa poderia realmente servir. Aliás, era a única. Consequentemente, foi adotada.

Voltando para Annecy, levo as últimas notícias ao Senhor Vigário Capitular e solicito um padre para se preparar passando alguns dias em Lauzun.

E agora, deixemos Albert Chappuis com a palavra:

“A fundação do Sindicato só foi efetivada mais de um mês depois, em 11 de novembro. Todos os elementos estavam prontos para o início. Registramos nossos estatutos no dia do armistício. Nosso pensamento ia para os mortos das duas guerras. Pensamos em levar um testemunho de nossa fidelidade, única resposta ao seu chamado, acrescentando algo ao seu sacrifício: uma pedra para a restauração francesa.”

“Uma vez tomada a decisão, a equipe não teve descanso. As visitas a domicílio se multiplicaram. Às vezes, palestras foram preparadas para um auditório de chefes de família, sempre com ardor, muitas vezes com brilho. Tratava-se de comunicar a nossa fé para esses homens de aparência rude, magoados, na sua maioria, por uma existência de meio século e que, apesar de tudo, conservam no mais profundo de si uma faísca debaixo das cinzas. Em Bons, falamos de pé sendo que também o auditório assim estava. Uma grande reserva acolhia a nossa fala.

Depois, as perguntas apareceram, as respostas vieram e acabavam sendo conquistados. Em todo lugar, a mesma compreensão, a mesma admiração pelo trabalho laborioso.”

“Passamos semanas nas estradas, no vento e na chuva, nas rajadas de neve e geadas. Ora de bicicleta, ora a pé, empurrando nossos veículos na neve fresca, fomos levar a boa palavra, solicitar os pais, tentar convencer os jovens da grandeza do papel que lhes cabe assumir. É preciso dizê-lo? Ignoramos a hora de dormir. Quase sempre, voltávamos a meia-noite, gelados. Comendo a qualquer hora, em qualquer lugar, só tínhamos um objetivo: chegar lá, construir a primeira Casa Familiar da Savoia”.

“Durante este período, diante dos resultados obtidos, uma grande alegria nos foi dada: o Bispado nomeava um padre, educador experimentado, cheio de zelo, ardentemente convencido da necessidade de empreender a formação de uma elite rural: o Pe. Perrichon”

(In: *“A Casa Família”*, março-abril-maio 1941).

Falamos dele na ocasião dos serões comuns da Casa Familiar de Lauzun.

O maior inconveniente foi a questão do professor, porque aquele que eu tinha preparado, não pôde partir. No momento em que foi encontrado, a Casa Familiar pôde abrir as portas com 48 alunos, recrutados pela ardente campanha de Albert Chappuis e de seus amigos.

O Comité de Patrocínio

A longa viagem que nos levou à fundação da Casa Familiar de Vétraz-Monthoux me afastou quase um mês de Lauzun

com os incidentes de carro que me aconteceram. Foi para mim uma grande lição. Ficava evidente que não podia mais permanecer sozinho num movimento que estava tomando uma envigadura destas.

Precisava, antes de tudo, um Comitê de Patrocínio. Passando por Lyon, com a poderosa organização do Sudeste, pude começar a lançar as suas bases. Permaneceu em estado de projeto.

De volta em Lauzun, retomei a direção de nossas duas Casas Familiares.

O PROPAGANDISTA: FRANCE-PIERRE COUVREUR

A fundação da Casa Familiar de Vétraz-Monthoux demonstrou também que, para mim, tinha chegada a hora de lançar o movimento das Casas Familiares na França.

De outro lado, a barreira implacável da linha de demarcação da “zona livre” restringia minha ação numa área relativamente restrita do país. Era preciso aproveitar isto e desenvolver antes a iniciativa nesta zona de semiliberdade.

Para isto, um propagandista era indispensável. Quem?

France-Pierre Couvreur, filho menor do meu caro amigo de sempre, Arsène Couvreur, vice-presidente do S.C.I.R. Tinha sido testemunho – na sua adolescência – de nossas lutas comuns em Paris nos ministérios e nas repartições na busca das soluções legais para a abertura da Casa Familiar de Sérignac-Péboudou.

Aluno na escola de Marc Sangnier (fundador do “Sillon”) nos movimentos de juventude que trabalhavam em prol da paz e de fraternidade universal, tinha passado pela dura provação da guerra e da debandada. Mas, ele guardava – tudo naturalmente – no fundo do coração, os recursos de um militante.

Combatente no l’Aisne, feito prisioneiro, tinha se evadido do trem que o levava para a Alemanha. Após alguns meses de recuperação moral e física na Basse-Normandie, decidiu respon-

der ao meu chamado. Na barba dos alemães, atravessou a linha proibida e veio a Lauzun.

Desde a sua chegada, minha primeira preocupação foi mergulhar France- Pierre nas realidades do dia a dia da Casa Familiar, para ser propagandista de uma ideia. Por melhor que seja, a primeira coisa a fazer é conhecê-la bem. Em Lauzun, tratava-se de vivê-la plenamente.

Confiei, portanto, ao nosso futuro encarregado da propaganda, durante algumas semanas, a aula de ensino geral da Casa Familiar dos rapazes. Sua formação literária e seu gosto para esta forma de ensino permitiram-lhe, de um lado, um contato seguido, direto e enriquecedor com os alunos e, de outro lado, de ser estreitamente associado aos problemas sempre renovados do professor de agricultura e do educador. Eu o envolvi, ao mesmo tempo e ao máximo possível, nas minhas preocupações de educar juntos, para a constituição de lares cristãos, rapazes e moças das nossas Casas Familiares, de aprendizagem agrícola e de educação do lar.

Uns quinze dias depois de sua chegada, para celebrar a mesma, reunia pela segunda vez, na grande sala de estudo da Casa Familiar dos rapazes, num ambiente alegre e simpático, todos os alunos das duas Casas Familiares de Lauzun.

Foi realmente uma noite magnífica e reconfortante, cheia de promessas.

Enfim, preparava “meu” propagandista para sua tarefa, fazendo-o partilhar, no dia a dia, a maioria das atividades relacionadas à irradiação da ideia através da França.

Muito rapidamente, France-Pierre Couvreur esteve no centro de nossa ação.

Desde os primeiros dias de fevereiro de 1941 tinha começado, com meios reduzidos, uma movimentada campanha de propaganda.

No final de março, uns 12.000 vigários paroquiais da zona livre tinham sido contatados por meio do material de propaganda produzido na época de Pentecostes 1940 e pelo número de janeiro-fevereiro de 1941 do nosso jornalzinho “A Casa Familiar”.

Isto foi possível graças à dedicação e boa vontade dos jovens da Casa Familiar que tinham colaborado na sua expedição.

Em março, France-Pierre Couvreur tinha feito uma primeira viagem em Vichy e tinha encontrado ali o Ministro da Agricultura, o Sr. Caziot e o Secretário de Estado da Família, que o tinham prontamente incentivado nos seus esforços.

Em abril, ele penetrava mais profundamente no Limousin, na região de Lyon, e se encontrou com as autoridades governamentais e episcopais. Visitou em Vétraz-Monthoux a primeira Casa Familiar da Savoia.

Em maio, foram publicados, numa imprensa escolhida, os primeiros artigos, fartamente documentados e precisos, sobre a fórmula de Lauzun. Na mesma época, nosso “propagandista” publicava um primeiro opúsculo, conciso e claro, sobre “*As Casas Familiares da França segundo a fórmula de Lauzun*”. Era um primeiro instrumento de trabalho.

Nosso jornal “*A Casa Familiar*”, o secretariado do qual lhe havia sido confiado pela redação, saía então regularmente de três em três meses e descrevia nossas viagens e nossos avanços.

Em junho, perto de 30 centros tinham respondido e trabalhavam na esperança de realizar, já naquele ano, para o outono e inverno de 1941, suas Casas Familiares. F.P. Couvreur ia visitá-los como podia, com os meios à disposição, e muitas vezes a bicicleta lhe prestou eminentes serviços.

Por ocasião da visita em Vétraz-Monthoux do Secretário Geral da Juventude, o Sr. Georges Lamirand, nosso propagandista, visitava e tomava contato com os futuros centros desta região e analisava as consequências de uma expansão inesperada das Casas Familiares.

Na primeira quinzena de setembro criaram-se, ainda, durante um tour do F.P. Couvreur, novos sindicatos regionais. No dia 7, em Viarose, no Tarn-et-Garonne, ele construiu a estrutura do sindicato dos Pais para a região da cultura da uva branca. No dia 12, decorrente da ação de um jovem camponês do Cantal, Pierre Delort, o Sindicato para a região de Aurillac era constituído.

Precisava com urgência organizar-se antes de nos multiplicar-nos rapidamente e mal. Era importante unificar as diversas ações no contexto das regiões e não dispersar os esforços enquanto o Movimento das Casas Familiares se tornava uma força que chamava a atenção dos poderes públicos.

E, em 14 de setembro de 1941, o trabalho de oito meses de propaganda intensa estava sendo coroado em Lauzun por intermédio da Assembleia Geral pela fundação da União Nacional dos Sindicatos das Casas Familiares da França segundo a fórmula de Lauzun.

Em outubro, uma boa visita de F.P. Couvreur a sua Exa. Monsenhor Pic, bispo de Valence, indulgente e paterno, prenuncia desde já a futura Escola de Quadros [orgânicos] de Pierrelatte.

Todo este trabalho deu seus frutos.

A imprensa dedica um espaço cada vez maior à “fórmula de Lauzun” e um correio, cada vez mais importante, chama sem cessar nosso delegado através da França livre.

É preciso dar uma resposta a isto.

Felizmente, no final de outubro, France-Pierre casa e sua esposa passa a colaborar também com a propaganda, datilografando as cartas.

Chega, enfim, a preparação do primeiro Conselho Nacional da União das Casas Familiares da França que acontece em Vichy em dezembro.²¹

F.P.Couvreur apresenta um relatório sobre a atividade do movimento, como era no final de 1940 e o que é agora, como exporei em algumas páginas mais adiante (primeiro Conselho Nacional das Casas Familiares da França).

21 É muito polêmica, até hoje, a avaliação sobre o Governo de Vichy na França. Para muitos, esse Governo foi colaboracionista com o inimigo, a Alemanha de Hitler. Na tradução deste livro, que cobre parte importante dessa época (1940-1945), não nos cabe julgar. Consideramos, todavia, necessário registrar essa polêmica para melhor contextualizar o leitor brasileiro. (N.T.).

No início de 1942, o desenvolvimento necessário das Casas Familiares parece chamar nosso propagandista para a zona Norte, enquanto outras exigências apresentam-se para o Fundador.

Em 20 de fevereiro do mesmo ano, deixaremos Lauzun juntos, cada um no seu próprio rumo. Ambos enriquecidos por um trabalho exaltante, inesquecível.

AS APROVAÇÕES OFICIAIS

A) O Alto Patrocínio do Secretariado de Estado para a Família.

As provas oficiais do Diploma de Aprendizagem Agrícola previstas pela lei de 18 de janeiro de 1929 tinham demonstrado de maneira evidente o valor da “Fórmula de Lauzun”.

As subvenções do Socorro Nacional, para ajudar no desenvolvimento da Ideia, chamaram a atenção dos Poderes Públicos sobre um Movimento que, por outro lado, não dependia de nenhuma lei nova.

Diante deste fato, em consequência da entrega de um relatório ao Chefe de Estado, informavam-nos, em maio de 1941, que o Secretariado de Estado para a Família seria doravante encarregado da defesa dos interesses das Casas Familiares junto aos Poderes Públicos.

Em 11 de junho, o Sr. Jacques Chevalier escrevia ao nosso Fundador:

“Concedo de bom grado o meu patrocínio às Casas Familiares das quais aprecio altamente toda ação educativa nos meios rurais.”

Em seguida, passando aos atos, despachava em Lauzun seu delegado regional, o Sr. Delmasure, no domingo 8 de junho, por ocasião da jornada-encontro anual de nossos jovens, para estudar aí mesmo em quais condições poderia oferecer o seu apoio positivo à propaganda e às realizações de uma obra que, embora de ordem particular, é de interesse nacional. Jornada muito emocional para todos, mais, talvez, para o pai de família que era o Sr. Delmasure.

Nesta oportunidade, em 9 de junho, reunião do Conselho de Famílias para receber oficialmente o delegado do Sr. Secretário de Estado para a Família.

O Sr. Delmasure fez numerosas perguntas a fim de estudar mais profundamente o funcionamento da Casa Familiar, o lugar que nelas ocupam as famílias e o resultado real para os jovens.

“Seu método é preferível à Escola de Agricultura comum?” pergunta o Sr. Delmasure.

– Bem superior, responde na hora o Sr. Clavier de Trevey.

“De fato, se meu filho for para a Escola de Agricultura, ele permanecerá aí durante um ano sem voltar. Ele vai aprender um monte de coisas que eu estou ignorando ou, pelo menos, que não conhecia da mesma maneira. Se ele me fala disto, não posso respondê-lo. Portanto, ele se acha superior a mim. Perco sobre ele toda a influência.”

“Ao contrário, vindo para a Casa Familiar uma semana por mês, ele não terá aprendido tantas coisas que, ao falar comigo sobre elas, não as conheço já ou que, no mínimo, possa aprendê-las ao mesmo tempo do que ele.”

“Jamais ele terá a impressão de saber mais do que eu e guardo sobre ele minha autoridade.”

B) Visita Oficial do Sr. Georges Lamirand, Secretário-Geral da Juventude.

2 de agosto de 1941. Chegado de manhã em Bergerac em avião especial, acompanhado do Doutor Macé de Lepinay e do Sr. Babonneix, seu secretário particular, tinha sido acolhido na descida do avião pelo Sr. Marc Henry, delegado regional e pelo Sr. Dastarac, prefeito do Lot-et-Garonne.

São estas personalidades que o Sr. Faget, o dedicado, ativo e simpático prefeito de Lauzun, acolheu, às 9h10, na chegada, em nome da municipalidade.

Ele estava acompanhado pelo Sr. Subprefeito de Marmande, pelo Sr. Martin representando o Socorro Nacional, pelo Sr. Decano de Lauzun. O Padre Granereau e o Sr. France-Pierre Couvreur, estavam aí em nome das Casas Familiares.

Após terem depositado um ramalhete de flores no Monumento aos Mortos, levados por duas charmosas meninhas da Escola Pública, o Secretário-Geral da Juventude se encaminhou logo para a Casa Familiar dos rapazes.

Dois jovens casais de noivos, alunos maiores de uma e outra Casa, lhe foram apresentados. Participou-lhes todos os seus votos e toda a sua alegria em ver que, nestas Casas verdadeiramente familiares, se elaboravam e edificavam novos e sólidos lares camponeses, esperança da França de amanhã.

O Sr. Jean Peyrat, presidente do nosso Sindicato, tomou a palavra em seguida em nome dos pais de alunos.

Sua voz clara ecoa para afirmar: “A Casa Familiar é deveras a escola da juventude; acrescento: da juventude camponesa.”

Marie Pouliquen, presidente do grupo das moças, ilustrou a unidade de formação que existe entre a Casa dos rapazes e a das moças que formam, na realidade, uma só Casa: “A Casa Familiar de Lauzun”.

Yves Peyrat, o nosso primeiro aluno, afirma por sua vez: “A Casa Familiar é realmente formadora de todos nós, rapazes e moças. Dela nascerão amanhã as verdadeiras famílias camponesas.”

Enfim, o Padre Granereau agradeceu o Secretário-Geral pela sua indulgente simpatia. Ele fez questão de lembrar em que bases foram fundadas as Casas Familiares de Lauzun: a abnegação total dos pais que não temeram, ao comprar a casa dos rapazes, em investir seus próprios recursos, sem saber quais seriam os resultados de tal iniciativa. Quiseram ter confiança na sua Ideia e a Providência os recompensou por isto.

Ao terminar, apontou os perigos que as Casas Familiares quiseram evitar: de um lado, a gemação escolar (escola mista), prejudicial, principalmente, acima de 12 anos, e, do outro, a formação no internato em “compartimentos estanques”.

Na sua resposta, o Sr. Lamirand insistiu particularmente, e com força, sobre a íntima convicção que tinha, e que é dito e repetido muitas vezes, que “*a França só será salva pela sua juventude e pelos camponeses*”.

Concluiu: “A fórmula de Lauzun é realmente um ‘protótipo’. Meu desejo é portanto que doravante as Casas Familiares pululem”.

OS CASAMENTOS

Ao Sr. Lamirand apresentou dois casais de noivos, para grande surpresa da multidão, no meio da qual muitos imaginavam que um padre só poderia trabalhar com moças para torná-las freiras; também não deixou de falar uma brava mulher de Lauzun.

Preparar jovens para o casamento, fazer da Casa Familiar um tipo de ‘noviciado’ do casamento, não era este o objetivo de toda a minha ação de educador? Não representava isso a verdadeira solução ao “problema do encontro”? Foi assim que tinha entendido um dos meus primeiros alunos.

Tendo encontrado a moça de que gostava – era seu direito – ele quis que fosse tão bem formada quanto ele, era sua obrigação.

Quando a Casa das moças abriu, sabendo muito bem que Lucienne não conseguiria dos pais o direito de frequentá-la, ele foi à casa deles para pedir sua inscrição. Não sabendo direito como abordar o assunto, foi só na saída, já no batente da casa, que desvendou o objetivo da visita. Após discussão, obteve para ela a “meia semana”.

E ele me contou mais tarde: “enquanto ela se prepara aí, eu me preparo aqui”. O primeiro de nossos casamentos foi o de Antoine Bibard e de Marie Brulon.

O Sr. Bibard era um amigo. Vindo de Charente em Lot-et-Garonne, militante ativo do S.C.I.R., tinha me contatado. Nos entendemos logo. No segundo ano de Sérignac, seu filho Antoine, embora com idade de 27 anos, não tinha hesitado em percorrer de bicicleta 65 km para participar da nossa tentativa de *Cursos Superiores*.

Havia tempo pensava em casamento, mas ainda não tinha encontrado no seu entorno ninguém de seu agrado. Quando Lauzun foi aberto para as moças, de acordo com os seus pais, ele me perguntou se não encontraria uma boa cristã para ele. Problema delicado, que foi estudado com muita discrição e, num belo dia, fim de fevereiro ou início de março, Antoine, seu pai e eu, fomos visitar a família Brulon. Estavam todos no trabalho, semeando aveia de primavera. A jovem conduzia os cavalos com uma segurança tal a ponto de chamar muito a atenção do rapaz. Ele foi conquistado e seu pai mais ainda.

Em 20 de setembro de 1938, abrindo uma tradição, Antoine Bibard e Marie Brulon convidavam todos os jovens da Casa Familiar a assistir missa do seu casamento, missa de comunhão. Uns quarenta jovens, entre rapazes e moças, puderam responder ao convite e se encontram na capelinha de Cadelech, paróquia de Saint-Aubin (Dordogne).

Piedade, cantos, violão, alegria profunda, raios de felicidade, nada faltava!

Foi para mim a oportunidade de demonstrar às minhas crianças a misericordiosa bondade de Deus, conduzindo, pouco a pouco, um para outro, estes dois jovens, vindos da Charente e da Bretanha para encontrar-se em Lot-et-Garonne.

Após a missa, foi servido um café a todos os convidados na casa da recém-casada. Aí teve início outra tradição. Os rapazes se cotizaram para oferecer um belo Cristo aos esposos.

Assim abria-se a série de casamentos dos filhos da Casa Familiar.

Na sequência, graças às festas comuns, graças aos lazeres comuns introduzidos na vida da Casa Familiar, os nossos jovens

se estudaram entre si e escolheram. Lares tão mais sérios se prepararam. Como educador, naturalmente, tornava-me o diretor espiritual dos noivos. Era a oportunidade para mim de fazê-los descobrir aquilo que mais tarde poderia se tornar um obstáculo à sua verdadeira felicidade.

Um dia, encerrando nossa entrevista espiritual, disse para um de nossos noivos:

- Cuidado, está se tornando ciumento.
- Ciumento? Não, eu a amo.
- Você a ama? Resolução para o mês: não ser ciumento.

E quando veio me ver de novo, no mês seguinte com o seu caderno espiritual: “É verdade, confessou-me, estava me tornando ciumento e não o percebia!”.

AS SESSÕES DE QUADROS (agosto-setembro 1941)

A propaganda ativa de France-Pierre Couvreur permitia vislumbrar a fundação de cerca de 30 Casas Familiares Rurais. Mas, precisava encontrar professores e educadores para elas. Entretanto, estávamos no mês de julho sem a escola de quadros [dirigentes-funcionários, i.é, orgânicos] e o nosso orçamento de propaganda estava esgotado. Fazer o quê?

Em 21 de julho, volto em Vichy, no Ministério da Família. São feitas promessas para ajudar na fundação das Casas Familiares.

No Comissariado para a Luta Contra o Desemprego, onde sou recebido com entusiasmo, promete-se me mandar candidatos e candidatas professores nas nossas sessões de quadros e de pagar os gastos.

O problema da compra do castelo de Lauzun para instalar aí nossas futuras escolas de quadros é seriamente considerado. Mas, como só estou me deparando com promessas e o tempo urge, junto ao meu propagandista que tinha encontrado em Vichy, vamos, em 23 de julho a Royat para ver o Sr. Garric, Comissário do Socorro Nacional, que nos recebe pela primeira vez com muita bondade.

Agradeço-o pela sua colaboração tão eficaz: 30.000 francos para as Casas de Lauzun, 30.000 francos para a propaganda.

Faço para ele uma exposição sobre a obra no seu início e sobre o seu desenvolvimento. Entusiasmado, ele garante sua mais ativa colaboração.

Digo-lhe então: “Temos três sessões de preparação de quadros a serem realizadas. Um sessão feminina, uma masculina; cada uma de quinze dias: uma outra de padres-educadores de oito dias.

Para ser mais independente em relação a eles, queria pagar a sua viagem. Quanto à alimentação, onde quer que estejam, precisam comer. Eles a pagarão. Estas viagens vão custar em torno de 20.000 francos.

De outro lado, o carro que tenho foi pago pela minha governanta. Gostaria poder reembolsá-la: 12.000 francos.”

– Bem, são 30.000 francos que está precisando. Eis aqui. Uma vez em casa, o Senhor me manda uma solicitação e um recibo ao mesmo tempo.

Na hora, assina um cheque.

“Realmente, a providencia está do nosso lado” me declara France-Pierre ao sair, “não tínhamos mais nada!”.

Concordava plenamente com ele e agradei a Deus do fundo do coração.

Deixando Royat, saio para Barde (Dordogne) a fim de estabelecer, em dois dias de recolhimento com o meu Diretor, o plano e o programa de nossas jornadas de quadros.

I. *Datas*: de 11 a 23 de agosto, sessão feminina;
de 25 de agosto a 4 de setembro, sessão masculina; de 15 a 20 de setembro, sessão dos padres-educadores.

II. *Direção*: para a sessão feminina, a Srta. Plagne, que se tornava minha colaboradora ativa para o ensino feminino.

Para a sessão masculina, nosso professor, o Sr. Cambon.
Para a sessão padres-educadores, o Padre Granereau.

III. *Programa*, para as duas sessões de candidatos professores:

1. *Plano geral* organizado segundo o plano de nossas jornadas da Casa Familiar, a fim de dar uma plena informação de nosso método. Revezando, um membro da sessão é responsável pelo dia.

2. *Aulas*: uma pela manhã, outra pela tarde. Cada um por sua vez, cada candidato ou candidata é professor e dá uma aula segundo o método de Lauzun, sobre um assunto escolhido por ele. Todos os demais são alunos e agem como alunos conscienciosos, fazendo perguntas, para ajudar o professor a precisar seu pensamento.

Uma vez terminada a aula, avaliação pelos alunos transformados em examinadores, com a colaboração do diretor das aulas.

3. *Tomada de consciência* sobre a Fórmula de Lauzun por meio de duas entrevistas em fim da manhã e da tarde com o fundador.

4. Antes de se separar à noite, *avaliação do dia*, indispensável nas Casas Familiares.

5. Claro, as refeições e longos momentos de relaxamento previstos no programa deviam permitir a todos conhecer-se e de entender melhor o objetivo perseguido.

Este plano de conjunto, necessariamente improvisado em tais circunstâncias, interessou profundamente nossos candidatos e permitiu-nos escolher os primeiros quadros docentes das primeiras Casas Familiares.

IV. *A sessão dos padres-educadores*, conservando a organização geral do dia, foi principalmente baseada na fórmula de Lauzun e no método de educação que já dava seus frutos.

A conclusão desta sessão foi feita pelo padre do Pas-de-Calais, que já o indicara ao terminar a narração de nossos serões no capítulo VII.

Tão logo de volta em Lauzun, providencio o envio de artigo para os jornais anunciando as nossas sessões, bem como a ex-

pedição de 30 circulares, a partir da lista de candidatos possíveis, comunicada em Vichy.

Sessão Feminina

A sessão feminina abre, como previsto, em 11 de agosto, sob a direção da Srta. Plagne. Dezesseis estão inscritas, vindo de doze departamentos: Allier, Aveyron, Charente, Creuse, Dordogne, Isère, Jura, Loire, Haute-Loire, Lozère, Rhône, Vaucluse. Mas, por causa de múltiplas dificuldades, apenas nove conseguirão chegar.

No decorrer da sessão, em 15 de agosto, festa da Assunção, romaria em Sérignac-Péboudou, o berço das Casas Familiares. Grande alegria para todas as participantes da sessão, felizes em verificar no próprio lugar o início de um Movimento que tanto as entusiasma!

No momento de sua volta, temos a certeza de poder abrir cinco Casas Familiares para moças. Além de que, teremos a diretora da nossa Escola de quadros femininos de Malause. Nossas duas primeiras alunas estão inscritas.

Sessão Masculina

A 25 de agosto é a vez dos nossos candidatos masculinos chegarem. São quinze, de 18 a 60 anos e mais.

Vem do Allier, do Aveyron, do Cantal, da Creuse, da Dordogne, da Haute-Garonne, da Gironde, da Loire, dos Hautes-Pyrénées, do Rhône, do Tarn e até mesmo do Luxemburgo, por meio de um refugiado no Lot.

Esta sessão permitiu recrutar sete professores para nossas Casas Familiares e um propagandista no Cantal, Pierre Delort.

Conclusões Gerais dessas Duas Sessões

No meu caderno espiritual nº 11, pude escrever à página 26:
“Sucessivamente, a quinzena das candidatas e candidatos se desenrolou segundo o plano estabelecido.”

“Conduzi tudo pelo Evangelho para determinar a Fórmula de Lauzun.”

“Nos dois grupos, disparidade de recrutamento no que diz respeito à idade, à origem de meio social, à formação e ao departamento.”

“Nos dois grupos, pouco a pouco, a unidade de espírito realizou-se. Um bom ambiente se criou.”

“Toda vez, todas e todos partiram felizes, unidos, quase lamentando.”

“Portanto, existe na Fórmula de Lauzun uma possibilidade real de vínculo que, na verdade, é o Cristo. É por sua influência pessoal sobre as almas que ela vai se desenvolver no país.”

FUNDAÇÃO DA UNIÃO NACIONAL DAS CASAS FAMILIARES RURAIS DA FRANÇA

Fundar Casas Familiares, muito bom. Mas deixá-las cada uma no seu isolamento, não seria perder o sentido da organização?

É por isto que, com o nosso propagandista, decidimos logo agrupar numa União Nacional todas as que estavam prontas para caminhar.

Os diversos fundadores são convidados a participar de uma Assembleia Geral em Lauzun, no dia 14 de setembro de 1941.

Tomo emprestado do nosso jornal o seu relato:

“Às 16h30, no quadro sempre acolhedor da Casa Familiar dos rapazes, o Sr. Jean Peyrat, Fundador-Presidente do Sindicato das Casas Familiares da França para a região de cultivo da ameixeira de Agen, acolhe os delegados das diversas regiões representadas”. É assistido pelo Sr. Pierre Clavier, Secretário-Geral.

A sessão é aberta.

O Sr. Albert Chappuis representa a província da Savoia.

Os Srs. André Feau e Marcel Souldadié são delegados da região do cultivo da uva branca.

Os chefes de família da região do Béarn, tendo em vista as dificuldades de transporte, confiaram nos padres Mauléon e Duris para representá-los.

O Sr. Jean Poignet, Presidente federal da Juventude Agrícola Cristã do Cantal, é delegado da região de Aurillac.

O R. Frei Noel Bouille, os padres Granereau e Perrichon, o Sr. F.P. Couvreur assistem a reunião.

O Pe. Granereau lembra, explica e precisa primeiro os diversos pontos da Fórmula de Lauzun. A posição de fato, o marco legal, a base fundamental, a denominação, o pessoal, as aulas, o orçamento das Casas Familiares estão sendo, cada um por sua vez, estudados, discutidos e aprovados pela Assembleia.

A posição de fato exige que as Casas Familiares sejam organismos de ordem privada, fundados no duplo plano, profissional e familiar; *o marco legal* é a lei de 18 de janeiro de 1929; *a base fundamental* é o Sindicato dos pais e chefes de família; *o pessoal* com o diretor-educador. Assim são indicados os pontos essenciais e indispensáveis para o bom funcionamento das Casas Familiares.

Na organização geral do Movimento existe, no centro, o sindicato regional tendo por objetivo essencial a ação e a propaganda em favor da criação das Casas Familiares. O Sindicato local abrange, se possível, duas casas:

- a Casa Familiar dos rapazes,
- a Casa Familiar das moças.

A União Nacional tem por objetivo agrupar todos os sindicatos regionais.

Em seguida, o Sr. Peyrat procede à leitura dos estatutos desta União que são discutidos e aprovados. O conselho é eleito. Seus membros são:

Presidente: Peyrat, Jean (Região da ameixeira de Agen).

Vice-presidentes: Chappuis Albert (Provincia da Saboia); Feau, André (Região da uva branca); Poignet, Jean (Região de Aurillac).

Secretário-Geral: Clavier, Pierre (Agen). Secretário Adjunto: Cambon, Jean (Agen). Tesoureiro: Callewaert, Alfred (Agen).

Conselheiros: Souldadié, Marcel (Região da uva branca); Verdonnet, François (Saboia); Dabat (Béarn); Pouliquen, Jean-Louis (Agen).

Coloca-se e discute-se, então, longamente, o problema das Escolas de Quadros. Reconhece-se que são indispensáveis para a expansão do Movimento. Tudo deverá ser feito a fim de concretizá-las para o ano de 1942, preferivelmente em Lauzun ou em outro lugar.”

(In: “A Casa Familiar”, 3.º ano, n.º 30-31.)

A ALDEIA FAMILIAR

É um parêntese que abro aqui, mas que entra, todavia, no desenvolvimento da minha ação para conseguir dar ao problema campesino uma solução consistente.

Há muito tempo, estava constatando as divisões que surgiam nas famílias camponesas à medida em que os filhos se tornavam homens e tomavam consciência de suas responsabilidades.

Aos 50 anos, o pai não está débil e deseja guardar a direção da propriedade.

Aos 25 anos, o filho casado ou o genro se sente na idade de participar desta direção, trazendo novas concepções que nem sempre são do agrado do pai, de onde surgem discussões, desavenças, separação, para infelicidade tanto dos jovens como dos mais velhos.

Onde encontrar a solução para este estado de fato realmente lamentável?

O agregar-se das famílias que acabavam de criar em torno da nossa escola, o diálogo que sua convivência começava por surgir necessariamente entre nossos alunos e seus pais, todo este conjunto fazia nascer no meu espírito um projeto de solução relativamente fácil numa região de policultura: *a Aldeia Familiar*.

Na realidade, o que queriam tanto os pais quanto os filhos maiores de idade?

Ter responsabilidades ao menos sobre um setor determinado e o direito de decidir por si mesmos no próprio setor, perma-

necendo, todavia, colaborando com os outros, a partir de princípios estabelecidos em comum, na condução da propriedade.

Isto exigia naturalmente moradias separadas mas, também, a necessidade de construir, ou seja, de desenvolver o artesanato, juntando-se a outros que, também, estariam criando a sua aldeia familiar.

No início de agosto, para uma família que eu conhecia bem, acreditei ser possível criar uma primeira “aldeia familiar”.

Empreendi diligências neste sentido, junto aos dirigentes do Socorro Nacional que ficaram relativamente surpresos e não entenderam o vínculo que poderia existir com o Movimento das Casas Familiares.

Mais uma vez, estava eu demasiadamente à frente do meu tempo. Precisei adiar para mais tarde a realização de uma ideia deste tipo.

Sob variadas formas, vinte e cinco anos mais tarde, ela foi implementada por outros.

Problema das Escolas de Quadros e Projeto de Compra do Castelo de Lauzun

Para um movimento que seguia adiante daquele jeito, não convinha contentar-se de agir no dia a dia, mas, projetar a criação de verdadeiras escolas de quadros, dentro do espírito que o caracterizava.

Ora, o castelo de Lauzun, com seus 110 hectares de terra, com uma segunda casa bem ampla, ia ser colocado à venda. Eis um centro maravilhoso para as nossas escolas de quadros.

O Movimento das Casas Familiares partia de Lauzun. Por que a formação dos professores masculinos e femininos não ocorreria em Lauzun? A compra do castelo faria de Lauzun o centro completo do Movimento das Casas Familiares.

O projeto tomava conta de minha mente no início de junho de 1941. Sem dúvida, precisaria de milhões, mas que importa?

Já que éramos compreendidos pelo Governo, por que não expor este projeto aos Ministérios competentes a fim de obter os créditos necessários?

Trabalhei com afinco nas minhas viagens em Vichy para fazer admitir esta concepção, principalmente, junto ao órgão que tratava da “Luta contra o desemprego”. Consegui levantar entusiasmo.

O nosso Conselho se dedicou com seriedade ao estudo e encarregou o Dr. Marès, notário de Lauzun, de discutir o preço com o proprietário, o Sr. Etienne.

Tínhamos chegado a uma quantia de 3.000.000 com os bosques ou 2.000.000 sem eles.

O Sr. Prefeito de Agen, a quem tinha exposto tudo numa audiência de 45 minutos, prometeu-me apoiar o pedido com todo o seu poder numa viagem que faria em 10 de outubro a Vichy.

Desde já estava estabelecendo meus planos para a dupla direção a ser criada: Direção das Casas Familiares, Direção das Escolas de Quadros.

Mas, antes que juntássemos a quantia necessária ao pagamento da propriedade, o Sr. Etienne me informava, em 16 de dezembro, que outro comprador oferecia-lhe mais de 6.000.000.

Só restava sairmos de baixo. E agora digo, felizmente! Porque, o que era possível em 1941 não podia continuar em 1942... e daí?

Por outro lado, o posfácio mostrará logo que minha saída de Lauzun era indispensável.

Já que, entretanto, conseguimos ter um início de escola de quadros femininos em Malause, só nos restava saber onde poderíamos fundar a escola de quadros masculinos.

A resposta veio da Drôme através de uma carta do Pe. Robin, dizendo-me, em 18 de dezembro, que Monsenhor Pic, Bispo de Valence, informado por P.F.Couvreur, oferecia-nos uma casa para fundar nossa Escola de Quadros. É, pois, aí que iría-

mos, com a esperança secreta de levar depois por lá a Escola de Quadros femininos.

A ESCOLA DE QUADROS FEMININOS DE MALAUSE

Durante o período em que procurávamos adquirir o castelo de Lauzun, recebemos uma proposta no Tarn-et-Garonne, em Lauzerte.

Um amplo imóvel, no meio de 50 hectares de terra. Tudo por 150.000 francos. No dia 7 de outubro, com o Sr. Cambon, partimos para visitar esta propriedade, pensando que, talvez, isto poderia nos permitir oferecer ao Sr. Etienne uma oportunidade de deixar seu castelo de Lauzun...

Nos encontramos diante de uma imensa construção arruinada e de um terreno baldio. Nada a fazer. Mas, já que estávamos perto de Viarose, vamos ver o padre Lallies, que preparava uma Casa Familiar na casa dele.

De lá, após o almoço, saímos para Malause visitar a Congregação das Irmãzinhas dos Campos que o Padre me fez conhecer como sendo muito compreensivas e em condições de receber nossa escola de quadros femininos em projeto.

Ao chegar, grande alegria. Parecia que éramos esperados.

Após a janta, longa conversa com a Madre Superiora. Tudo está sendo acertado ao mesmo tempo para a escola de quadros bem como para a Casa Familiar.

Tinha saído de Lauzun para procurar uma propriedade e achei uma Congregação!...

Faltava-me agora uma diretora, já que a Srta. Plagne, com quem contava, após a nossa sessão feminina, tinha ficado apavorada por causa dos vários obstáculos que surgiam no caminho e tinha abandonado.

Mas, antes de sua saída, a Srta. Colombet e Dr. Marty veem em Lauzun no dia 10 de outubro. Nova entrevista. Finalmente, a Srta. Plagne aceita partir para Malause.

Em 15 de outubro, uma primeira circular está sendo mandada, determinando as condições de admissão e o preço da

pensão, ou seja, 750 francos por mês. Terminava assim: “Se as diligências em curso forem positivas, este preço poderá ser até zerado. Mas ainda não podemos prometer nada.”

Depois, foi redigido um artigo para a imprensa.

Em 4 de novembro, estudando o nosso orçamento com a nossa Diretora, constatamos que precisava aguentar dois meses, esperando que o Conselho Nacional em Vichy conseguisse, como o esperamos, as verbas necessárias.

10.000 francos a investir! Mais uma vez, confiando na Providência, me responsabilizo pela quantia.

Nossa Escola de quadros de Malause abriu no final de novembro com quatro alunas.

Em 7 de dezembro, tinha anotado no meu caderno nº 12, página 18:

“Para começar, entramos integralmente nos métodos da Luta contra o Desemprego. Professores pagos a 2.500 francos por mês. Bolsa mensal para as alunas: 1050 francos, com sete alunas inscritas a partir de novembro.”

Tinha tido razão de contar com a Providência. E isto me ajudou em parte para acalmar a tempestade de Lauzun.

Organizei-me para passar aí alguns dias por mês, a fim de garantir a direção espiritual de nossas alunas.

O que Malause rendeu?

É a Srta. Andréé Roques, atualmente diretora da Escola de Pré-formação das Monitoras de Savigny, no Rhône, que escreveu para mim em 30 de novembro de 1966:

“Em junho de 1941, após meu fracasso no Concurso de entrada na Escola Normal de Professoras Primárias, desejei orientar-me à educação para o lar: carreira bem feminina que satisfazia ao mesmo tempo meu gosto pelo ensino e minha preparação em zelar bem de um lar se chegasse a casar.

Ainda era o início da educação para o lar. Naquele tempo existia:

- uma escola em Rennes; era longe demais;
- uma escola em Montpellier cujas aulas só se davam

três ou quatro dias por semana e precisava encontrar hospedagem e alimentação na cidade. Não era possível.

Eis que meu pai descobre um artigo num jornal informando a criação de uma Escola de Quadros em Malause no Tarn-et-Garonne. Esta escola devia preparar monitoras de educação para o lar (economia doméstica) cujas condições de vida e de salário seriam semelhantes às de uma professora primária. Minha mãe escreveu e algumas semanas mais tarde me acompanhava a Malause. Devia ser em outubro ou novembro de 1941.

Confesso que: primeiro, não me senti à vontade pela dupla razão de me encontrar numa casa de religiosas e de que só éramos quatro ou cinco, o que me parecia pouco sério.

Estava determinada em não mais voltar depois do Natal, mas minha mãe tinha encontrado outra moça da aldeia. Ficava difícil deixá-la partir sozinha mas, principalmente, encontrei, pela primeira vez, o padre Granereau antes da nossa saída de férias.

Depois de uma longa discussão, entrecortada, lembro-me, por demorados silêncios, decidia voltar e não devia me arrependeu disto depois.

Terminamos o ano, de janeiro até junho ou julho, em sete.

Nos entendíamos muito bem. O ambiente era acolhedor. Organizamos nossa vida de maneira agradável e estudiosa, independente do convento. No domingo, saímos no campo com Maryse, de bicicleta, à procura de ovos e de provisões que mandávamos para nossas famílias do Sul, muito racionadas e mal abastecidas nestes primeiros anos de guerra.

Tínhamos poucos contatos com as religiosas, fora duas jovens muito amáveis e compreensivas, que, aliás, nos davam algumas aulas de higiene, de alimentação e de agricultura. Depois, vieram a Srta. Plagne e a Srta. Gazin. Não sei o que aconteceu com elas.

Para mim, Malause não representa nem as irmãs, nem o ensino, mas é o início de uma orientação de vida, a entrada em contato com as Casas Familiares, a descoberta dos princípios que o Sr. já nos ensinava e que permanecem sempre atuais.

Malause só funcionou um ano: 1941-1942. No ano seguinte, abriu Pierrelatte com La Blchette.

Após a prova de fim de ano e ter nos dado algumas diretrizes, nos abençoou e nos dispersou no mundo.”

E encontro no Jornal “A Casa Familiar” de abril-maio-junho de 1942, na página 4, coluna 5, último minuto:

Malause. – A Escola de quadros femininos de Malause encerrou sua sessão com uma brilhante prova. A última das alunas obteve 86 pontos a mais do que a média necessária.

A TEMPESTADE DE LAUZUN

A atividade de nosso propagandista fez surgir novos problemas que ultrapassavam consideravelmente o quadro da Casa Familiar.

Embora continuando com as minhas funções de diretor em Lauzun, precisava me preocupar com todas as Casas Familiares que iam sendo fundadas em várias regiões da zona Sul.

E, antes de tudo, encontrar monitores e monitoras.

Foi o objetivo de nossas três sessões sucessivas de agosto e de setembro de 1941. Precisaria, em seguida, criar escolas de quadros masculinos e femininos.

Levado pela ideia cuja realização vivenciava com, no mínimo, dez anos de antecedência, nem sempre fiz a necessária distinção entre meus deveres de Diretor da Casa Familiar e as minhas funções novas de Fundador de um Movimento que, na realidade para mim, saía de Lauzun como o pássaro sai do seu ninho.

Esquecia, até, um de meus princípios essenciais: *construir sobre as famílias* e, portanto, mantê-las a par do novo trabalho empreendido, mostrar-lhes como ajudavam no desenvolvimento da ideia, dando simplesmente a hospitalidade de sua Casa a todos que se preparavam para entrar no Movimento.

Nada de tudo isto foi feito. Mais uma vez, deixava as línguas soltas e seguia a minha ideia...

Em setembro, no momento em que estudava a possível compra do castelo de Lauzun para futura escola de quadros, tive

a oportunidade de comprar 50 camas, colchões, travesseiros por um total de 20.000 francos.

Era um bom negócio. Mas, precisava de 20.000 francos.

A jovem União Nacional das Casas Familiares da França não tinha esta quantia.

Encontrei dois amigos em Lauzun que me emprestaram cada um 10.000 francos e cometi o erro de assinar os dois recibos como Diretor da Casa Familiar, o que comprometia as famílias de Lauzun.

Todavia, cansei. Isto acontece de vezes em quando na vida. Fui descansar em Malause (Tarn-et-Garonne) com as Irmãzinhas do Campo com as quais tinha de estudar um primeiro começo de realização para os quadros femininos.

A Casa Familiar dos rapazes, que tinha aberto em outubro para uma primeira semana, permaneceu fechada durante os treze dias de minha ausência.

Na minha volta, o Sr. Cambon me disse: “O Sr. Clavier veio me ver. Ele não está contente. Parece que as coisas não vão muito bem... E depois, comenta-se que o Senhor tem muitas dívidas”.

Escrevi logo ao nosso presidente: “O Senhor tem razão em se preocupar com a Casa Familiar. É seu dever de presidente. Convoque uma Assembleia Geral para esclarecer tudo”.

O Conselho foi primeiro convocado para a segunda quinzena de novembro. Quando fiz a prestação de contas financeira, o Sr. Le Bourdonnec declarou:

“Não aceito e solicito a nomeação de uma Comissão de inquérito”.

Aprovei tanto melhor esta solicitação porque representava a prova do sucesso de toda a minha ação.

Tinha desejado que as famílias tomassem as suas responsabilidades e estavam de fato fazendo isto.

Coloquei-me inteiramente à disposição da Comissão de inquérito. Dei todos os cadernos, todas as contas.

O que não foi aceito na conta da Casa Familiar, eu fiz passar na conta da União, mesmo que não se tratasse de uma

quantia de interesse geral, porque estimava que isto vinha como simples compensação dos serviços pessoais que Lauzun tinha prestado e prestava ao Movimento em sua fase de nascimento.

Desta maneira, conseguimos chegar a um acordo.

Quando a Comissão concluiu seus trabalhos, o Sr. Le Bourdonnec exigiu a convocação imediata da Assembleia Geral, mesmo antes da reunião do Conselho da União Nacional, reunião que, para mim, devia ter uma feliz repercussão para Lauzun, porque devia se realizar em Vichy.

Por que em Vichy?

Porque queria que os nossos camponeses pudessem se dar conta de que os Ministros são homens iguais a eles e que, quando realizações sólidas lhes são apresentadas, podendo servi-los, ficam muito felizes em apoiá-las.

Mas, diante da insistência por uma convocação imediata, declarei: “Neste caso, a convocação deve ser feito obedecendo à regra.”

Consultei os estatutos.

“Art. XXVIII. – A convocação será expedida com 15 dias de antecedência.”

Só restavam 12...

Depois de sua saída, o Sr. Cambon me fez observar que tinha tomado os Estatutos da União Nacional e não os da Seção local, segundo os quais bastavam 8 dias. Eles estavam uns ao lado dos outros e isso foi bem involuntário de minha parte!

Ao menos, pudemos partir, assim, em paz para Vichy, para o Conselho da União Nacional.

Aprovação do Meu Método pelos Jovens

Um detalhe inesperado desta tempestade de Lauzun me ofereceu a oportunidade de saber o que nossos jovens pensavam do meu método de educação.

No decorrer de uma reunião da Comissão de inquérito, dois pais de família me declararam: “Não confiamos no Senhor para a educação de nossos filhos. Com a sua direção espiritual,

o Senhor trabalha mais para formar monges do que cristãos comuns.” Como se o cristão comum normal não devesse ser alguém vivendo do Cristo, amando os outros como o Cristo queria!

Respondi simplesmente: “Vou saber disto”.

Na mesma noite, fiz uma pesquisa entre os jovens que estavam presentes na Casa Familiar. As moças eram 9, de 16 a 18 anos, entre as quais uma novata. Os rapazes eram 11, de 13 a 16 anos, entre os quais um novato.

Dos dois lados, lembrei aquilo que todos sabiam, que estava disposto a trabalhar na multiplicação das Casas Familiares e que, por isto mesmo, ia tomar a responsabilidade de dar as diretrizes para a educação dos jovens camponeses e camponesas da França. Pedia-lhes, portanto, de me escrever muito simplesmente seu pensamento, em plena independência e sem assinar, sobre meus métodos de educação que tinha utilizado com elas e com eles.

Perguntas e respostas são publicadas integralmente num documento intitulado “Método de Educação do Fundador”.

Das nove moças:

- Uma estava totalmente oposta a meus métodos, mas desejava a direção espiritual.
- As outras (8) aprovavam plenamente escritos, entrevistas particulares e direção espiritual.
- Uma concluía, dizendo: “Não se deve renunciar à direção espiritual, porque ela faz muito bem intelectual e moralmente”.

Dos onze rapazes:

- Três expressavam certas resistências, mas, menos contundentes do que aquelas da moça.
- Os outros (8) aprovavam plenamente meus métodos.
- Um deles até escreveu: “Sem as entrevistas particulares, teria sucumbido ao mal há muito tempo”.

Conclusão Geral

Meu método de educação estava, portanto, realmente concebido e realizado para “cristãos comuns”, sem nenhuma preocupação em fazer deles “monges” ou “freiras”.

Primeiro Conselho Nacional das Casas Familiares da França.

Vichy, dias 10, 11 e 12 de dezembro 1941.

(Extratos de “A Casa Familiar”, dezembro, 1941).

Nesta data, reunir um Conselho como este, nesta pequena capital de província, onde tudo estava completamente ocupado; encontrar aí quartos para dormir, salas para as reuniões, representava um verdadeiro desafio.

O desafio foi vencido, graças ao grupo “Searas Novas”, “jovens operários de cidade que deram seus locais e seu tempo de todo coração para que camponeses da França possam trabalhar”.

Estavam presentes, o Sr. Peyrat, presidente, assistido pelos Srs. Callewaert, Pouliquen, Cambon, delegados da região da ameixeira de Agen; o Sr. Albert Chappuis, o incansável presidente provincial da Savoia e um delegado; o Sr. Feau, presidente da região da uva branca e um delegado; o Sr. Pierre Delort, delegado da região de Aurillac; o Sr. de Dreux, da região da Chalosse e do Béarn; o Sr. Pierre Marc, da região Sarladense; o Pe Pons e dois delegados da região de Gourdon-Nord; o Pe Berthier, fundador da Casa Familiar de Saint-Pierre-d’Entremont etc. Enfim, dezesseis autênticos camponeses.

O Pe. Granereau e o Sr. Couvreur assistem à reunião, bem como a Sra. Pinchon e o Sr. Henri David, diretor de “Escola e Liberdade”.

Na parede, o lema das Casas Familiares da França: “*Amaivos uns aos outros como eu vos tenho amado*”.

Objetivo do Conselho

1. *Fazer o balanço.*

Em que ponto se encontra o Movimento?

Como vem sendo realizado e o que ainda falta? O Sr. Couvreur dá números:

Final de 1940: 3 Casas.

Final de 1941: 17 Casas (15 em zona livre, 2 em zona ocupada). Cada delegado esclarece sua ação.

2. Adotar um novo estatuto legal das Casas Familiares.

A lei de 4 de outubro de 1941 não admite mais a base atual: o sindicato.

Seguindo o conselho do Senhor Comissário Geral para a Família, adotamos a lei sobre as Associações, do 1º de julho de 1901.

Fora aquilo, a organização nacional do Movimento fica idêntica.

3. Estabelecer o orçamento da União Nacional e a remuneração dos professores.

- Subvenções prometidas.
- Criação de um Comitê de apoio para que o Estado conceda à aprendizagem dos jovens camponeses aquilo que concede à aprendizagem dos jovens operários.
- Remunerações previstas para 1942 e 1943, tomando por base os índices em vigor no Ensino público.
- Orientação aos professores para servirem de conselheiros técnicos agrícolas no demorado período de inatividade.

4. Definir as funções no Conselho.

“Albert Chappuis é nomeado Secretário-Geral. Vai representar a União Nacional em todos os atos da sua trajetória.

F.-P. Couvreur, Delegado Geral, mantém o domínio sobre os serviços de imprensa, de propaganda, de conferências.

O Pe. Granereau, o grande animador das Casas Familiares da França, recebe a missão de implementar as Escolas de quadros.”

5. Diversas visitas oficiais.

O General Campet, que nos recebe em nome do Chefe de Estado, aprova, incentiva e entrega 50.000 francos ao presidente para a União Nacional.

Em seguida, foi a vez do Vice-Presidente do Conselho, do Ministro da Agricultura, do Secretariado Geral para a Juventude, do Comissário Geral para a Família. “Sempre o mesmo ideal: Refazer uma França bonita porque cristã e camponesa.”

Às 20 horas, o Primeiro Conselho Nacional das “Casas Familiares” encerrava sua última sessão para o ano de 1941.

Um grande sopro de esperança inchava todos os peitos, fazia bater todos os corações, concentrando novamente todas as vontades para 1942.

Bardoux. C.

(In : “*A Casa Familiar*”, dezembro 1941.)

Assembleia Geral da Seção Regional do S.C.I.R. em Lauzun (21 de Dezembro 1941)

Depois do Conselho Nacional em Vichy, ficava fácil realizar a Assembleia Geral decidida pelo Conselho de novembro. Peyrat, Presidente, desempenhou bem o seu papel, mostrando o bom trabalho realizado em Vichy e quanto o Governo tem demonstrado interesse pelo Movimento das Casas Familiares.

Por fim, todas as decisões tomadas em nível nacional foram adotadas em nível local.

Todo mundo abraçou a ideia de uma Sociedade civil proprietária de nossos imóveis.

A Associação dos pais foi constituída no quadro do Movimento.

Todas as contas foram acertadas, depois que eu tivesse demonstrado o equilíbrio dos dois orçamentos de 1940-41 e 1941-42.

Em seguida, quando nosso Presidente levou ao conhecimento que o Conselho da União Nacional me tinha confiado a missão de criar as Escolas de quadros, anunciei a minha saída para a Drôme, já que era aí que encontramos uma casa.

Finalmente, foi num clima de união que todos se despediram.

A tempestade não tinha desenraizado a árvore porque, na realidade, trabalhava-se em prol de uma ideia e não por dinheiro.

“NÓS TAMBÉM SOMOS SEUS FILHOS”

Não posso terminar o meu livro sem contar uma anedota que demonstra a importância do movimento de opinião levantado até nas esferas governamentais pela “Fórmula de Lauzun”.

No decorrer de uma reunião organizada em Montignac-de-Lauzun por um de meus quatro primeiros alunos, o professor primário itinerante do cantão fez-me esta censura amável:

“Padre, o Senhor falou de suas ‘Casas Familiares’. Muito bem. Mas, não pode nos esquecer, porque *nós também somos seus filhos!*”

Foi na sequência de sua iniciativa que o Ministério da Educação Nacional criou, em 1941, o serviço dos *professores primários itinerantes* para trabalhar também na formação profissional dos jovens camponeses.

- Oh! Então, é com grande alegria que adoto vocês também como meus filhos.

A PARTIDA PARA A GRANDE AVENTURA

Tudo aquilo que eu disse até agora podia me fazer acreditar que, apesar das minhas inabilidades e das minhas múltiplas deficiências, tinha realizado em Lauzun este “algo que deveria mudar tudo aquilo”, como o tinha prometido aos meus quatro primeiros alunos na noite de 21 de novembro de 1935, se eles quisessem me seguir. E eles tinham me seguido.

Portanto, tinha muito na cabeça a preocupação com toda a ação, em nível nacional, para chegar a dar aos meus irmãos camponeses, a todos os meus irmãos camponeses, a *Escola* que eles não tinham e da qual eu sentia ter em mãos os elementos principais.

Não podia continuar a isolar-me num só canto da França, por mais que tivesse aí os meus vínculos, por mais doloroso que pudesse representar para mim a saída. Isto chegava ao ponto em que eu sentia muito bem de não mais ser só de Lauzun!

Meu dever consistia em partir para onde a nossa Escola de Quadros podia organizar-se, como o tinha anunciado na Assembleia Geral de 21 de dezembro.

Mas, precisava antes que Lauzun aguentasse. De pleno acordo com o nosso Conselho:

- vendi minha mobília pessoal à Casa Familiar a fim de não desorganizá-la;
- fiz admitir o Padre Donniou, pároco de Bourgougnague, para me substituir na minha função de educador;
- ao nosso professor, o Sr. Cambon, confiei minha função de Diretor da Casa Familiar dos rapazes;
- à Sra. Lhoste guardava, evidentemente, seu posto de Diretora da Casa Familiar das moças, que ela detinha.

Pessoalmente, consegui de meu bispo a permissão de partir com um “celebret” por seis meses (indispensável ao padre para rezar a missa em outra diocese).

Em seguida, fiz minha despedida de Lauzun, através de uma última “Jornada- Encontro” comum, em 8 de fevereiro de 1942.

Foi um verdadeiro triunfo.

90 jovens, entre rapazes e moças, responderam ao meu último apelo. A sala de estudos da Casa Familiar dos rapazes, transformada em refeitório, estava mais do que cheia.

Jornada cheia de emoções, que comprovava que um trabalho profundo tinha sido realmente realizado com todos estes jovens.

Alguns dias mais tarde, em 20 de fevereiro, com o “Cacarot” abarrotado por dentro, com quase o dobro do comprimento, acompanhado da fiel e dedicada Srta. Barré, tendo no bolso o dinheiro de minha mobília pessoal que tinha vendido para a Casa Familiar, partia para Drôme.

Num derradeiro abraço, o Sr. Cambon me disse: “Pode partir em paz, Lauzun vai aguentar”.

Graças a ele, principalmente, aguentou.

Para mim, a experiência de Lauzun estava encerrada.

A grande aventura começava!

POSFÁCIO²²

Ao terminar o meu livro, constato com profunda alegria, apesar de todas as minhas deficiências, os esplêndidos resultados que obtivemos em Lauzun, graças à nossa estreita colaboração: Fundador, Famílias, Professores:

- 1º Estabelecimento, pela experiência, dos princípios fundamentais da verdadeira escola do mundo camponês;
- 2º Introdução, desde a adolescência, do educador no funcionamento desta escola ao mesmo título dos quadros docentes.
- 3º Regulação do papel de cada um, em vista de uma compreensão perfeita.
- 4º Sob a responsabilidade do Educador, condução geral da escola confiada aos alunos aplicando o princípio de educação “confiança e não vigilância”.

E não posso deixar de voltar às minhas preocupações do novo pároco de Sérignac-Péboudou que, ao longo de cinco anos, viu, lamentavelmente, suas crianças sumirem após os 12 anos, inclusive os melhores, sem poder fazer nada por elas!...

Por quê?

Eu, ainda não sabia nada a respeito!

Ainda não tinha descoberto o problema, tão bonito e tão terrível ao mesmo tempo, da adolescência, que se colocava na minha frente, como acontece em torno dos 12 anos, para todos os responsáveis por crianças que entram na descoberta da vida.

22 Este posfácio é hoje indispensável para compreender porque a minha *Fórmula de Lauzun*, depois de todos os empurrões estudantis de maio de 1968, foi aprovada legalmente. Deixando cair todos os elementos especificamente confessionais católicos, presentes na minha Primeira Casa Familiar de Lauzun, essa fórmula contém os princípios universais admissíveis por todas as comunidades espirituais e, portanto, pelo Estado. (Trecho remanejado do sumário do livro original em francês N.R.).

Entretanto, é realizando a iniciativa escolar de Sérignac-Péboudou e de Lauzun que pude, às palpadelas, dar a este problema sua verdadeira solução:

A criação do *educador*, tão necessário no funcionamento da escola, desde a adolescência, quanto o do *docente*.

Foi também assim que, sem pensar nisto, ao criar a *Fórmula de Lauzun*, pude descobrir o *princípio da alternância*, tão indispensável para a Escola Camponesa, que foi codificado pelo Parlamento através da lei de 2 de agosto de 1960.

E eis que o desenvolvimento das atividades nos levou a dar, inclusive, ao *problema da juventude* sua solução natural, como seqüência normal da fase da adolescência.

É por isto que o meu *Livro de Lauzun* termina no verdadeiro sentido da vida ao abrir a página dos primeiros casamentos da “Casa Familiar”.

A Escola Camponesa estaria realmente completa se não chegasse até lá?

É porque sempre conduzi minha ação no sentido real da vida que pude chegar a fazer desabrochar o verdadeiro espírito cristão e puro da “Casa Familiar”. Fica fácil perceber isto por meio de todos os capítulos deste meu livro.

Então, Por Que Deixar Lauzun?

Disseram-me repetidas vezes: “O Senhor errou ao deixar Lauzun. Teria realizado aí um modelo perfeito que, em seguida, bastaria copiá-lo”.

Mas, todos nós sabemos que a perfeição não é deste mundo.

Além de que, a história da fundação das primeiras “Casas Familiares” vai demonstrar mais tarde que as dificuldades encontradas num canto da França se encontram mais ou menos iguais em muitos outros cantos.

A introdução imediata de um tipo (modelo), mesmo perfeito, não seria bem-sucedida. A opinião das famílias camponesas

deve ser formada antes de envolvê-las na ação. Pois, por natureza, o camponês é lento em decidir-se e é bom que seja assim. Desta maneira, a ideia tem o tempo para formar raízes.

É certo que deixar Lauzun, que me prendia tanto por tantos motivos, significou para mim uma dor bastante dilacerante.

Era, todavia, muito necessário, porque eu, que pensava ter atingido o objetivo inicialmente perseguido, iria perceber logo que só me encontrava nos primórdios de sua realização. Jamais teria me dado conta disto se não tivesse deixado Lauzun.

Tudo aquilo que pude realizar na minha primeira Casa Familiar, indo ao mais íntimo da alma dos meus alunos, era feito, na realidade, unicamente para católicos.

Entretanto, na França, não há só católicos no mundo camponês. Há também protestantes e israelitas, tem até os que se declaram “livres-pensadores” e que não fazem batizar seus filhos, marxistas ou outros. Depois, teria de pensar um dia nos muçulmanos, animistas...

Felizmente, chegando à Drôme, onde eu era desconhecido, para fundar aí a nossa Escola de quadros que queria oficial, só pude trazer comigo o valor da Ideia essencial definida na minha *Fórmula de Lauzun*.

Graças ao Sr. Bernoux, Inspetor da Luta contra o Desemprego, que entendeu plenamente a importância da minha ação, nossa Escola de Quadros em Pierrelatte foi oficialmente reconhecida e inteiramente financiada pela *Luta contra o Desemprego* e, finalmente, pelo *Ministério do Trabalho*.

Éramos, pois, oficiais.

Mas, tão logo nos confrontamos com a famosa luta escolar francesa, laica *versus* confessional, seríamos forçados a tomar partido para um ou outro campo?

Não haveria, ao contrário, uma posição intermediária possível de ser encontrada, ampliando a Fórmula de Lauzun a fim de adaptá-la às novas exigências?

E eis que seríamos confrontados com um novo problema:

Problema da Universalidade

Para resolvê-lo, cheguei a deixar de lado o que era demasiadamente cristão e a conservar só o que era verdadeiramente universal.

Quis que nas nossas relações escolares, os que não são católicos pudessem se sentir plenamente à vontade, sem que os católicos perdessem o que quer que seja daquilo que eu estimava ser de seu direito e que tencionava dar-lhes.

Ao me ver chegar de batina, os laicos me diziam: “O Senhor é confessional, não pode ser oficial.”

Respondia: “Não sou confessional, sou familiar. Construo sobre as famílias quaisquer que sejam”.

Ao me escutar falando que queria realizar a minha escola em terreno oficial, os católicos me declaravam: “O Senhor é neutro. Sendo sacerdote, não pode aceitá-lo”.

Respondia: “Não sou neutro, sou familiar, Faço assumir pelas famílias as suas responsabilidades”.

É assim que, partindo da preocupação da responsabilidade das famílias em relação aos seus filhos:

1º O mandamento novo do Cristo, principio fundamental da minha educação: *“Amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado”* escrito ao redor do crucifixo em Lauzun, e que é especificamente cristão, foi embasado neste principio de vida e de ação válido para todos, até para os católicos, mesmo sem o crucifixo: *“Amemo-nos uns aos outros”*.

“Isto não incomoda ninguém” me disseram muitas vezes até mesmo maçons e muçulmanos.

Melhor ainda: “Principalmente, não elimina o seu lema, representa o que fez de mais bonito”, disse-me um dia um oficial de grande categoria, enquanto certos católicos queriam que o abandonasse, achando-o demasiadamente embaraçoso.

2º O padre-educador que eu era em Lauzun para os únicos católicos tornou-se “o educador especializado” para comunidades espirituais, para ser o guia dos adolescentes na descoberta da vida.

Toda criança, ao entrar na adolescência, tem de fato o direito absoluto de encontrar na sua escola o guia da sua consciência, que o ajudará, entre outras coisas, a descobrir, por ele mesmo, a solução válida para todos os problemas psicológicos que irão aparecer sucessivamente para ele.

Qualquer que seja a “comunidade espiritual” de seus pais, da qual necessariamente a pessoa faz parte aos 11 ou 12 anos e que não se muda com esta idade, esses problemas, apesar de seus aspectos, às vezes tão diversos, são os mesmos para todos.

3º As duas horas reservadas a cada dia para a educação cristã na “Fórmula de Lauzun”, quando da sua criação, pela recuperação do tempo perdido nas estradas, graças ao internato da semana escolar, entram no programa geral da Escola Camponesa sob este capítulo: Vida pessoal do aluno sob a direção de seu “educador especializado” a fim de formar aos poucos nele (ou nela) seu valor como homem ou como mulher.

4º As famílias que permanecem todas unidas, em todos os degraus, na mesma organização de conjunto, para poder colaborar na responsabilidade da condução da Escola Camponesa com os poderes públicos, terão, além disto, de se organizar em “comunidades espirituais” para cuidar da preparação dos “educadores especializados” de seus adolescentes.

Com efeito, no caso de aceitar a ideia do mesmo educador especializado para todos os alunos, um problema mais grave ainda se colocaria: quem terá a responsabilidade de preparar estes “educadores”, os mesmos para todos, sem levar em conta as diferentes comunidades espirituais?

Querendo ou não, a questão da consciência entra aqui mais ainda do que na instrução propriamente dita.

Esse respeito das consciências tornará universal o princípio já mencionado no livro: *Instrução – Educação*. Instrução, pelos

mestres que ensinam. Educação, pelos “educadores especializados” para comunidades espirituais.

E, mais tarde, pude enfim definir melhor ainda os princípios fundamentais da Fórmula de Lauzun e *os direitos da criança*.

Imenso trabalho para fazer admitir essa ideia quer pela Igreja e as outras “comunidades espirituais”, quer pelo Estado.

Por isso, considerando que em 1945 percebera ser meu dever empreender essa nova batalha, sem comprometer a esplêndida realização das “Casas Familiares” que tínhamos e que já eram 85, as declarei ‘maiores’ na Assembleia Geral de 24 de novembro 1945, tendo, todavia, o imenso pesar de não poder dar-lhes o educador, indispensável ‘quadro’. Não tinha sido compreendido.

A nova direção fez com que adotassem no ano seguinte o título de:

– *Casas Familiares de Aprendizagem Rural*.

Com este título, maravilhosas realizações foram feitas na França e até mesmo fora da França. Quantos líderes camponeses e mulheres de líderes saíram das nossas “Casas Familiares”, cujo número, em 1968, era de 475 Casas de rapazes ou de moças, as quais, junto aos I.R.E.O., reuniam 32.366 alunos.

Desde 1946, novamente sozinho na luta, incompreendido pelos meus melhores amigos, com um orçamento cada vez menos equilibrado, mas sempre acompanhado pela minha dedicada governanta, fui em frente para enfrentar um longo e penoso trabalho de enraizamento sem o qual a árvore não existiria e as mais belas florestas desapareceriam num piscar de olho.

Apoiando-me no sucesso crescente das Casas Familiares, êxito que demonstrava que eu tinha construído solidamente, já que, mesmo saído o fundador, elas aguentavam e se desenvolviam cada vez mais, como acabei de dizê-lo, pude superar todas as ‘montanhas’ em qualquer canto que estivessem.

Em todas as curvas encontrei, aliás, providencialmente colocados, os homens dispostos em compreender-me e ajudar-me em transpor a montanha, sem eles intransponível, a tal ponto que, em 1964, estava pronto para entregar ao Governo o *Plano completo de Escola Camponesa*, para uma reforma integral do Ensino Público. Ele foi publicado no nº 11 de “*Escola Camponesa*”.

Desse plano, torna-se agora necessário realizar o quanto antes algumas experiências, se queremos poder entregar, sem delongas, a Fórmula integral de Lauzun no espaço oficial. Experiências conduzidas, aliás, sob o controle e com a colaboração dos Ministérios da Educação Nacional e da Agricultura como também das famílias organizadas.

Não poderia ser de outro jeito, já que, como tivemos a oportunidade de assinalá-lo no decurso do livro, tudo que foi feito oficialmente para a formação profissional agrícola na pós-escolaridade, tanto pelo Ministério da Agricultura em 1938 quanto pelo Ministério da Educação Nacional em 1941, tudo foi feito seguindo e imitando a iniciativa do Padre Granereau.

No decorrer dessas experiências, compreendidas tanto pelas comunidades espirituais quanto pelo Estado, apoiadas pelas famílias organizadas, abriram-se, com toda naturalidade, as escolas de quadros indispensáveis na preparação dos quadros docentes bem como dos quadros de educadores especializados.

Para que seja melhor aceito o espírito no qual devem ser feitas estas experiências e escolas de quadros, no respeito de todas as consciências, acrescentei ao meu *Livro de Lauzun* este **posfácio** que pode, se assim o quiserem, abrir a todos os meus irmãos camponeses a porta de uma Escola realmente adaptada ao seu estilo de vida.

Melhor ainda. Aqueles que, após as terríveis revoltas estudantis de maio de 1968, se debruçam mais atentamente sobre a “Fórmula de Lauzun”, perceberão que ao trabalhar no meu pensamento unicamente em favor do mundo camponês, preparei na verdade os principais elementos de uma reforma da escola tanto urbana quanto rural, tanto pública quanto particular.

De tal maneira que sua aplicação no futuro garantiria a paz escolar na França.

Assim completado, este livro será verdadeiramente meu testamento espiritual.

Padre Granereau

AGRADECIMENTOS

Muito obrigado aos tradutores: José Eustáquio Romão, responsável pelos capítulos I e II; Antônio João Mânfió e Padre Ático Fassini pelos capítulos III e IV e Thierry De Burghgrave pelos capítulos V, VI, VII, VIII e Posfácio. A tradução, iniciada em 2012, aguardava publicação. O empenho deles possibilitou disponibilizar, no Brasil, um livro essencial ao movimento da Pedagogia da Alternância e interessante para todos.

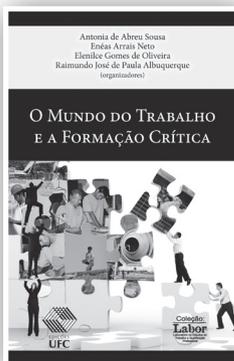
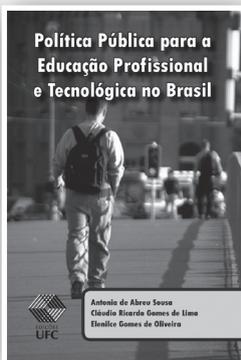
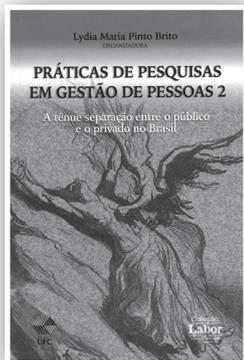
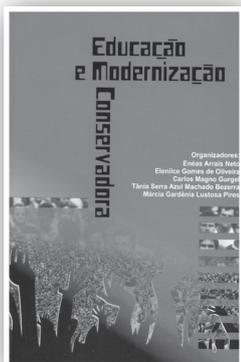
No dia 23 de novembro de 2019, por ocasião do VI Encontro do Laboratório de Estudos do Trabalho e Qualificação Profissional da UFC (LABOR), em Fortaleza, numa reunião informal sobre a Pedagogia da Alternância, o Prof. Nosella apresentou e disponibilizou o trabalho, pedindo apoio para publicação. Sob a liderança do prof. Enéas Arrais Neto, o fundamental apoio financeiro e técnico foi articulado pela Assembleia Legislativa do Estado do Ceará por intermédio do deputado Moisés Braz vinculado às lutas camponesas cearenses. Papel central nessa articulação teve o ex-deputado federal Antônio Eudes Xavier, militante das lutas dos trabalhadores rurais e dos operários urbanos. Muito obrigado a esses cearenses.

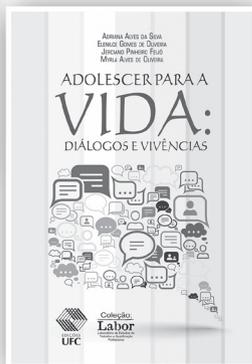
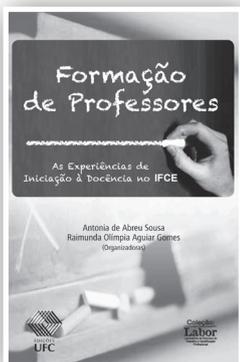
Produzir um livro é tarefa complexa. Precisou criar uma ‘força-tarefa’: Elenilce Gomes de Oliveira, representando a turma de Fortaleza, João Batista Begnami e Thierry De Burghgrave pelo movimento da Pedagogia da Alternância e Paolo Nosella. O trabalho ocorreu durante a crise da pandemia, cada um no seu computador. Foi escolhida a capa. Foram feitas a 1ª, 2ª e 3ª revisão do miolo. Foram redigidos os textos ‘Ao leitor’ com as notas atualizadas, a lista de siglas, as duas orelhas da capa, com diálogos constantes e sinérgicos entre os membros da ‘força-tarefa’ e interlocuções com o movimento CEFFA no Brasil. Finalmente, foi feita a 4ª revisão sobre o texto diagramado: todos opinaram e melhoraram. Muito obrigado a essa ‘força-tarefa’.

Finalmente, aos Centros Educativos Familiares de Formação por Alternância no Brasil (CEFFAs), causa final principal que dá sentido à publicação do livro, aos participantes do movimento CEFFA, educadores/monitores, agricultores familiares, jovens estudantes e egressos, dirigentes das Associações CEFFAs locais, Regionais, Estaduais e Nacional: muito obrigado pelo engajamento nos lançamentos e na distribuição do livro.

EDIÇÕES UFC
Fortaleza, julho de 2020

OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO LABOR





**“PARA MEUS IRMÃOS CAMPONESES,
ESCREVI ESTE LIVRO APÓS TÊ-LO VIVIDO”**

ABBÉ GRANEREAU



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

**Mesa Diretora
2019-2020**

**Deputado José Sarto
Presidente**

**Deputado Fernando Santana
1º Vice-Presidente**

**Deputado Danniell Oliveira
2º Vice-Presidente**

**Deputado Evandro Leitão
1º Secretário**

**Deputada Aderlânia Noronha
2ª Secretária**

**Deputada Patrícia Aguiar
3ª Secretária**

**Deputado Leonardo Pinheiro
4º Secretário**

ISBN 978-65-87371-01-6



9 786587 137101 6